



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**ENCONTRO DE TEMPOS NA ESCOLA: UM ESTUDO SOBRE GERAÇÕES DE
ESTUDANTES NO MEIO RURAL BAIANO**

Catarina Malheiros da Silva

Brasília-DF, Julho de 2014.

CATARINA MALHEIROS DA SILVA

**ENCONTRO DE TEMPOS NA ESCOLA: um estudo sobre gerações de
estudantes no meio rural baiano**

Tese apresentada como requisito
parcial para a obtenção do título de
Doutor em Educação pelo Programa
de Pós-Graduação em Educação da
Universidade de Brasília

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Wivian Weller

Brasília-DF, julho de 2014.

CATARINA MALHEIROS DA SILVA

ENCONTRO DE TEMPOS NA ESCOLA: UM ESTUDO SOBRE GERAÇÕES DE ESTUDANTES NO MEIO RURAL BAIANO

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Wivian Weller – Orientadora e presidente da banca
FE/UNB

Prof. Dr. Benedito Gonçalves Eugênio – membro da banca
DFCH/UESB

Profa. Dra. Ellen Fensterseifer Woortmann – membro da banca
DAN/UnB

Prof. Dr. Breitner Luiz Tavares – membro da banca
FCE/UnB

Profa. Dra. Leila Chalub Martins – membro da banca
FE/UnB

Profa. Dra. Magda de Lima Lúcio – suplente
ADM/UNB

Aos jovens e adultos do Distrito Espirado e fazendas pelo convívio, partilha e amizade durante a pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Do município de Palmas de Monte Alto na Bahia, passando pelo Distrito Espirado até Brasília, no Distrito Federal, a caminhada que fiz não foi solitária. Muitas pessoas queridas estiveram presentes nessas andanças.

Em especial, agradeço a meus amados pais Eleuza e Fagundo por apoiarem a minha travessia, desde sempre. Sou grata ainda pelo apoio decisivo durante o trabalho de campo, desde as ajudas com a “mudança” para o distrito, até a recepção calorosa a cada retorno meu para a sede do município.

Aos queridos irmãos Cristina, Vinícius, Vicente e Virgílio pela alegria compartilhada quando estamos juntos “lá em casa”. À tia Isabel por me acolher em sua casa, espaço afetivo inestimável. Aos tios/as, primos/as, afilhados/as, avós, padrinho e madrinha pela torcida e incentivo diante das conquistas alcançadas durante esse percurso.

Agradeço à Wivian por apresentar-me à pesquisa qualitativa, especialmente à etnografia, e junto comigo construir um percurso etnográfico marcado por aprendizados, descobertas e novas leituras sobre os jovens do meio rural. Gratidão pela amizade, apoio e recepção generosa durante esses anos em Brasília.

Sou muito grata ainda por inserir-me no Geraju, grupo que possibilitou-me estabelecer um diálogo inspirador sobre a juventude, pesquisa qualitativa e gerações. Durante esses 8 anos de convívio construí amizades amorosas, além de contar com apoio e companheirismo durante minha estadia em Brasília. Gratidão aos colegas: Sinara Zardo, Cláudia Denis, Denise Giselle, Silvia Rodrigues, Halline Berttone, Anderson Nascimento, Cleverson Domingos, Danielle Valverde, Éricka Barbosa, Iraci Silva, Breitner Tavares, Janete Otte, Ana Paula, Nora de Hoff, Nicolle Pfaff, Lucélia Bassalo, Éricka Ferreira, Frederico Viana, Dirce - *in memoriam*, Nivaldo Moreira.

À CAPES por ter financiado meus estudos no doutorado.

Ao Decanato de Pós-Graduação da Universidade de Brasília, pelo apoio concedido à pesquisa de campo.

Nos períodos de março a julho de 2008 e outubro a dezembro de 2011 desenvolvi um trabalho de campo no sertão baiano, no Distrito Espraiado do município de Palmas de Monte Alto, e Distrito Vesperina do município de Riacho de Santana além das fazendas locais. Gratidão:

À toda comunidade local dos Distritos Espraiado e Vesperina, agradeço pela acolhida carinhosa e festiva em suas casas. À família de Dona Dalva por me dar “pouso” em sua casa e mostrar-me um outro “modo de vida”, em 2008. À família de Enilúcia por disponibilizar uma “morada” para mim e pela convivência amável, no período em que permaneci no distrito, em 2011.

Aos/às jovens e adultos do Distrito Espraiado e fazendas, pela disponibilidade para participar das entrevistas e pela companhia agradável nos espaços de circulação social.

Aos professores/as, alunos/as, às equipes diretiva, pedagógica e administrativa do Colégio Municipal Wilson Lins pela colaboração durante o trabalho de campo no Distrito Espraiado.

Às professoras Geovana Araújo e Ana Paula pela companhia durante as visitas às famílias, viagens às fazendas, e pela “escuta” entre uma viagem e outra.

Aos motoristas do transporte escolar Gileno, Dêgo, Paulo e João pelas “caronas” no Distrito. Ao motorista Valdir, por transportar-me do distrito Espraiado até a sede do município. Aos jovens Juquinha, Delson, André e Vandinho por transportar-me para o distrito Vesperina e para as fazendas Curral Novo, Cedro, Mari e Caraíbas.

Agradeço ainda aos professores e professoras que chegaram em Espraiado nos anos 1990, pelas informações prestadas sobre a história da escolarização do Distrito. Grata a Elizabete Trindade, Áurea Rocha, Glória Lima, Maria Selma, Almir Queiroz, Maria do Rosário, Maria Carmem Magalhães, Quésia Maia, Ivan, José Neto, Darlan, Selma Teixeira, Eva Gláucia, Celcídio, Marcos de Souza e todos/as pela partilha. A Jaime Bonfim, Sueli e Ana Paula pelo apoio e amizade durante a minha estadia no Distrito.

Entre os anos de 2012 e 2013 realizei Estágio Doutoral na Università Degli Studi di Milano-Bicocca, em Milão. Sou grata ao PDSE/CAPES por financiar meu estágio no exterior. Agradeço à professora Carmen Leccardi do Dipartimento di Sociologia e Ricerca Sociale pela receptividade e atenção, garantindo as condições adequadas para o meu estágio, bem como pelo aprofundamento do estudo no campo das teorias da juventude, dos estudos de gênero e de geração. Agradeço ainda aos funcionários daquele Dipartimento Annalisa Fumegalli, Doriana e Danielle Cherubini, e aos colegas Anna Uboldi, Roberto, Stefania, Alessandro, Riccardo, Michela e Zineb.

Aos queridos Abdel Martinez, Eva Bosh, Linus, Maria Le Flech e Noushin pela acolhida fraterna durante a minha estadia em Milão. A Isabel Corgosinho e Cláudia Denis pela amizade e companheirismo no durante o estágio no exterior.

A Benedito Gonçalves pelo diálogo inicial sobre as diversas juventudes que frequentam o espaço escolar, na Bahia. Aos amigos e amigas das cidades baianas de Palmas de Monte Alto, Guanambi, Vitória da Conquista, Salvador, pelos incentivos e acolhida.

À Secretaria Municipal de Educação de Palmas de Monte Alto pelo apoio institucional.

Agradeço a minha irmã Cristina pela digitação cuidadosa do diário de campo. A Rodrigo, primo desenhista, pela sensibilidade dos desenhos que ilustram o caderno de imagens da pesquisa.

Agradeço à professora Ellen F. Woortmann pelas considerações na qualificação.

Ao povo brasileiro, que com seus impostos permitiu que eu construísse toda a minha trajetória educacional em instituições públicas, e aos que direta e indiretamente contribuíram, para a realização deste estudo.

RESUMO

O rural não é construído apenas a partir da utilização do espaço, mas através da vida que é gestada cotidianamente no coletivo. É na família e no grupo de vizinhança que os/as jovens vivenciam as rotinas da vida rural, trocando e partilhando experiências, conflitos e projetos. Além dos grupos comunitários e familiares, a escola figura como espaço formativo relevante para a população rural, em virtude do histórico de negação do acesso à educação pública. O estudo tem como objetivo compreender e analisar as relações intergeracionais construídas no meio rural, considerando as mudanças relacionadas a elevação do nível de escolaridade da população jovem e adulta, bem como o impacto dos processos migratórios. No que concerne ao percurso metodológico do presente estudo, realizou-se uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, no distrito rural Espreado localizado no município de Palmas de Monte Alto-BA, entre os meses de outubro a dezembro de 2011. A observação participante, os registros visuais, os grupos de discussão e a entrevista narrativa constituíram-se nos principais instrumentos de coleta de dados, com jovens e adultos estudantes, a partir do seguinte critério: estar cursando o ensino médio, ter concluído o ensino médio ou ter desistido do ensino médio. Os resultados apresentados aqui referem-se à análise de cinco grupos de discussão, cujos membros são oriundos do referido distrito e de fazendas distintas. Quanto ao processo de análise dos grupos de discussão, foi realizado com base no método documentário desenvolvido por Karl Mannheim e adaptado para a pesquisa social empírica por Ralf Bohnsack (BOHNSACK, 2007; WELLER, 2011). Os resultados da pesquisa desenvolvida apontam que as relações estabelecidas entre jovens e adultos estudantes são permeadas pela partilha, diálogo e solidariedade, tanto no âmbito da família como da escola. Isso implica considerar outras especificidades dos contextos sociais dos/as jovens que vivem nas áreas rurais de pequenos municípios brasileiros, a exemplo das relações intergeracionais, do acesso e permanência no ensino superior, da condição juvenil e dos percursos migratórios.

Palavras-chaves: ensino médio, juventude rural, geração, políticas públicas, pesquisa qualitativa, grupos de discussão, método documentário.

ABSTRACT

The rural one isn't built barely from the utilization of the space, but through the life that is governed routine in the collective. It is in the family and in the group of neighborhood that the rural youths experience the routine of the rural life, changing and sharing experiences, conflicts and projects. Beyond the family and communal groups, the school figures like prominent formative space, for the rural population, because of the transcript of denial of the access to the public education. The study has like objective understand and analyze the relations interaction between generations built in the rural environment considering the chances related the elevations of the level of schooling of the adult on young population, as well like the impact of the migratory trials. In what concerne to the methodological journey of the present study, carried out a qualitative research of ethnographic stamp, in the rural district. Extended located in the Hill Palms town, High-BA, between the months of october to december of 2011. The observation, the visual records, the groups of argument and the narrative interview contituted in the main instruments of fact-gathering, with youths and adults students, from the following criterion: to be studying the high school, have concluded the high school or to have given up of the high school. The results presented here refer to the analysis of five groups of argument, whose members are arising from of him referred district and of distinct farms. As regards the trial of analysis of the groups of argument, was carried out on the basics of the documentary approach developed by Karl Mannheim and adapted for the empirical social research by Ralf Bohnsack (BOHNSACK, 2007; WELLER, 2011). The results of the research developed aim that the relations established between youths and adult students are penetrated by the share, dialogue and solitariness, so much in the scope of the family as of the school. That is going to consider other specificities of the social contexts the youths that live in the rural areas of small Brazilian towns, following the example of the relations interaction between generations, of the access and permanence in the higher education, of the youthful condition and of the migratory journeys.

Key Words: high school, rural youth, generation, public policies, qualitative research, discussion groups, documentary method.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Grupo de discussão com jovens do sexo feminino	97
Quadro 2 -	Grupo de discussão com jovens do sexo masculino	97
Quadro 3 -	Grupo de discussão com jovens do sexo masculino e feminino	98
Quadro 4 -	Grupo de discussão com adultos	98
Quadro 5 -	Divisão temática do Gd Os/as jovens que vivem no distrito	102
Quadro 6 -	Divisão temática do Gd Jovens mulheres que concluíram o ensino médio	117
Quadro 7 -	Divisão temática do Gd Jovens homens que interromperam o ensino médio	139
Quadro 8 -	Divisão temática do Gd Estudantes do ensino médio: convívio entre três gerações	163
Quadro 9-	Divisão temática do GD Estudantes da Eja	179

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Mapa da região Serra Geral - Bahia	53
Figura 2 -	Colégio Municipal Wilson Lins	64
Figura 3 -	Família de Senhor Eurípedes – Fazenda Mari	70
Figura 4 –	Pé de Quixabeira – Fazenda Mari	76
Figura 5-	Pracinha do Distrito Espriado	82

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA	Associação Brasileira de Antropologia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
NEAD	Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural
PETI	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPIGRE	Programa de Promoção da Igualdade de Gênero, Raça e Etnia

PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
RELAJUR	Red Latinoamericana de Juventudes Rurales
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
TOPA	Programa Todos pela Alfabetização

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. JUVENTUDE, TEMPO E LUGARES	22
1.1 Juventude: aproximações conceituais	22
1.2 Juventude e tempo	25
1.3 Juventude rural: aspectos históricos, sociais e culturais	30
1.3.1 Juventude rural como construto social e cultural.....	30
1.3.2 Juventude, gênero e gerações em contextos rurais.....	33
1.3.3 Juventude rural e percursos migratórios.....	37
2. A ETNOGRAFIA NA RECONSTRUÇÃO DE TEMPOS E LUGARES: NOTAS BIBLIOGRÁFICAS E REGISTROS DAS OBSERVAÇÕES DE CAMPO.....	44
2.1 Desenvolvimento histórico da etnografia e da observação participante.....	45
2.2 De Palmas de Monte Alto ao Distrito Espiraiado.....	52
2.2.1 Características sócio-econômicas, históricas e educacionais do município de Palmas de Monte Alto.....	52
2.2.2 A reconstrução do percurso etnográfico.....	64
2.2.2.1 Fase 1 (2008) A pesquisa no distrito Espiraiado e o envolvimento com a comunidade.....	66
2.2.2.2 Fase 2 (2010) O retorno ao distrito Espiraiado: sobre a apresentação da pesquisa no colégio.....	71
2.2.2.3 Fase 3 (2011) A imersão no distrito Espiraiado: a apresentação da pesquisa.....	73
2.3 Reflexões sobre alguns registros etnográficos no distrito Espiraiado.....	75
2.3.1 Memórias de escola do Senhor Benedito: pedindo lição um e outro”.....	75
2.3.2 Circulando em Espiraiado com Daniela e Gerson.....	80
3. GRUPOS DE DISCUSSÃO E MÉTODO DOCUMENTÁRIO: APORTES TEÓRICOS E APRESENTAÇÃO DA PESQUISA.....	86

3.1 Grupos de discussão: origem, utilização e bases teóricas.....	86
3.2 O método documentário como instrumento de análise dos grupos de discussão.....	90
3.3 Sobre a realização dos grupos de discussão: algumas notas de campo.....	94
4. FAMÍLIA, ESCOLA E JUVENTUDE NA PERSPECTIVA DOS JOVENS DO DISTRITO ESPRAIADO.....	99
4.1 Os/as jovens que vivem no distrito.....	100
4.2 Jovens mulheres que concluíram o ensino médio.....	116
4.3 Jovens homens que interromperam o ensino médio e “saíram pelo meio do mundo”	137
4.4 Análise comparativa dos grupos de jovens que cursam o ensino médio, jovens que interromperam o ensino médio e jovens mulheres que concluíram o ensino médio.....	154
5. SIGNIFICADOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA PARA ADULTOS DO DISTRITO ESPRAIADO QUE VOLTARAM PARA A ESCOLA.....	161
5.1 Estudantes do ensino médio: convívio entre três gerações.....	161
5.2 Estudantes da Eja.....	178
5.3 Análise comparativa dos grupos de estudantes adultos do distrito espriado que voltaram para a escola.....	198
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	202
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	207
APÊNDICES.....	220

INTRODUÇÃO

O presente estudo desenvolveu-se no âmbito do grupo de pesquisa GERAJU: Gerações e Juventude e da linha de pesquisa Políticas Públicas e Gestão da Educação, do programa de pós-graduação em educação. O estudo “Encontro de tempos na escola: um estudo sobre gerações de estudantes no meio rural baiano”, é um desdobramento da minha pesquisa de mestrado¹, que entre outros aspectos, constatou que o processo de escolarização, sobretudo no meio rural, onde os indivíduos sempre foram tratados como ignorantes e iletrados, se configura como uma experiência relevante para os/as jovens e adultos, promovendo o reconhecimento social destes indivíduos e de suas famílias. O pouco “tempo de escola” para muitos homens e mulheres está inscrito na memória coletiva da comunidade, e as estratégias de permanência na escola, por parte dos pais e filhos/as certamente se constroem nas relações entre as gerações e se sustentam nos sentidos que cada uma delas atribuem às suas próprias histórias escolares.

As questões relativas à juventude rural há alguns anos vêm ocupando um espaço importante em minha vida, já que em meu trajeto formativo e profissional os/as jovens do sertão baiano sempre estiveram presentes. Como coordenadora pedagógica no período de 2001 a 2004 nas escolas do ensino fundamental, localizadas em áreas rurais, convivi com jovens estudantes e trabalhadores, que vivenciam experiências nos espaços que frequentam para além da escola. Esse convívio instigou-me a buscar o estudo sobre eles, numa perspectiva que reconhecesse suas vozes como possibilidade.

Considerando que as áreas rurais do estado da Bahia, especialmente o distrito Espirado, passou por rápidas transformações, em função da

¹A pesquisa “Escola, saberes, cotidiano no meio rural: um estudo sobre os/as jovens do Sertão da Bahia” foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília_UnB, no âmbito do GERAJU:Gerações e Juventude, sob a orientação da Prof^a Dra. Wivian Weller, entre os anos de 2007 a 2008, e contou com o financiamento da FAPESB:Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

chegada de energia elétrica nas localidades, proporcionando acesso a informações através da televisão, telefone celular e *lan houses*; da chegada de escolas de ensino médio aos distritos e organização de transporte escolar para os/as jovens de localidades distantes; e do fluxo migratório caracterizado por migrações sazonais, algumas indagações se propuseram a orientar o presente estudo: Quem são os/as jovens e pessoas adultas que freqüentam a escola de nível médio, no meio rural? como os/as jovens vêm a ampliação da escolaridade (acesso ao ensino médio)? Como a ampliação da escolaridade interfere nas possibilidades de migração dos/das jovens? O que está motivando o “retorno” dos adultos à escola e interesse pelo ensino médio/ou EJA? Quais são as expectativas dos pais em relação aos filhos “estudados” na comunidade? O retorno dos pais e avós à escola tem modificado o diálogo intergeracional? Como as diferentes gerações vêm, pensam e experienciam o espaço escolar?

O entendimento destas questões passa pela necessidade de compreender a interlocução intergeracional e de gênero numa perspectiva de aproximação, diálogo e negociação entre os sujeitos. Assim, pensar as relações entre os/as jovens e adultos residentes em áreas rurais de pequenos municípios implica garantir a construção da alteridade, do reconhecimento da diferença, e a valorização das distintas experiências geracionais. A compreensão dos significados das instituições formativas para a juventude, a exemplo da família, no contexto atual, está atrelada ao reconhecimento das novas formas com que as famílias reconstróem as relações com seus filhos.

Leccardi (2010) enfatiza que as mudanças ocorridas nas últimas décadas, a exemplo da ampliação da escolaridade, das transformações nos modelos de gênero e família, bem como da crise no mundo do trabalho, favoreceram o redimensionamento das relações intergeracionais. As relações entre os jovens e suas famílias são sustentadas por uma nova árvore familiar, que “en el ‘nebuloso paisaje’ en el que se encuentran inmersos los jóvenes, este árbol es esencial para no perder el norte, para que pese a sus muchas exploraciones y zig zags, puedan obtener alimento

material y simbólico” (p.37), ou seja, a dependência dos filhos na família, nessa perspectiva, não se constitui como razão para o surgimento dos conflitos intergeracionais.

No que concerne aos estudos sobre o rural na América Latina, centravam-se no campesino ou na família, como unidade básica de produção e reprodução econômica. Esta invisibilidade está associada a idéia que vigorava sobre o rural, como lugar arcaico que seria superado através do desenvolvimento modernizante. A partir dos anos 1980, apesar da predominância do caráter metropolitano e urbanizante das pesquisas, observam-se mudanças significativas nos estudos sobre a juventude rural² (CANGAS, 2003).

Caputo (2006) informa que nos últimos 15 anos, ocorreu uma preocupação com a situação da juventude rural, embora tanto na esfera pública quanto acadêmica, a juventude rural latino-americana, ainda permaneça desconhecida. Ressalta ainda que a produção incipiente, descontínua e fragmentada acerca da juventude rural, dificulta a consolidação de um campo de estudo.

No que diz respeito ao Brasil, Castro (2009) atribui a pouca visibilidade desse segmento, ao fato de que a juventude rural se constitui em minoria da população jovem do país. Para a autora, trata-se de oito milhões de jovens, que embora sejam apresentados como ‘minorias’, desafiam os pesquisadores a reconhecê-los, para além de um recorte de população específica.

As pesquisas sobre jovens que residem nas áreas rurais brasileiras têm destacado a importância da dimensão geracional para a compreensão das desigualdades de gênero, do desenvolvimento educacional, dos

²Sobre esse aspecto, instituições como o IICA (Instituto interamericano de cooperação para a agricultura), através da RELAJUR (Red latinoamericana de juventudes rurales) tem promovido diversas ações e estudos, relacionadas a programas de fomento e desenvolvimento organizacional juvenil no mundo rural. Também a CEPAL tem buscado dar visibilidade pública a juventude rural (CANGAS, 2003; CAPUTO, 2006).

processos migratórios, numa perspectiva que considere as vivências de jovens homens e de jovens mulheres, no momento presente. Os princípios que estruturam o convívio entre os/as jovens, suas famílias e a escola, bem como os membros da comunidade em que residem, podem ser questionados pelos/as jovens, especialmente pelo caráter unilateral das relações estabelecidas no meio rural.

Nesse sentido, no contexto atual, as pesquisas a serem desenvolvidas, devem reconhecer os princípios que regem as relações intergeracionais e de gênero, bem como os sentidos atribuídos à ampliação da escolaridade e aos projetos de saída do meio rural, já que estes são fundantes para o entendimento da organização dos contextos de sociabilidade no meio rural. Scott (2010) acrescenta ainda, a pertinência dos dados agregados para o entendimento das novas configurações do mundo rural, mas destaca que estes não são suficientes para retratar as especificidades que circundam os locais de estudo.

Para Castro (2009) e Weisheimer (2005), a discussão sobre os jovens no meio rural no Brasil está atrelada à problemas da migração rural/urbana, à conflitos acerca da herança e da sucessão, ao trabalho agrícola, à vida sustentável no campo, e aos assentamentos rurais. Dessa forma, permanecem desconhecidos quanto à sua participação nas demais esferas da vida social, especialmente no que diz respeito à sua inserção na escola pública, às experiências cotidianas, às culturas juvenis, às relações intergeracionais, à inserção nos movimentos sociais rurais, entre outros.

Quanto às análises das políticas públicas direcionadas à juventude rural a partir dos anos 2000, os movimentos sociais rurais reconhecem a juventude como segmento bastante presente, dada a sua participação propositiva nas mobilizações e espaços específicos do debate ocorridos nos últimos anos. Também valorizam as demandas que articulam aspectos estruturais e específicos, a exemplo das mudanças a serem impulsionadas na reforma agrária, bem como as concernentes à educação, trabalho e renda. Estes movimentos constituem-se em espaços de visibilidade para

novas organizações da juventude como ator político. Os anos de 2000 a 2007 figuram como período representativo no que tange à formalização de espaços organizativos, ao aumento de organizações de juventude e de ações com a juventude rural (CASTRO, 2009).

No que tange a escolarização em algumas áreas rurais brasileiras, as projeções feitas pelos/as jovens em torno da continuidade dos estudos estão associadas à idéia de migração e de mobilidade social. Esse cenário possibilita o entendimento do ser jovem no meio rural, uma vez que a ampliação da escolaridade favorece o prolongamento da juventude, mediante a existência da dependência e coabitação com a família de origem (Abramovay *et al*, 2004). O estudo dos processos migratórios tem dedicado atenção aos novos sujeitos que empreendem estes projetos de saída do meio rural, homens e mulheres jovens. Buscam entender o que motiva a saída destes, bem como a compreensão das elaborações construídas acerca das saídas da casa paterna. Se a migração dos jovens se constitui em assunto bastante estudado, é preciso atentar para as novas configurações migratórias, a exemplo dos jovens que migram para os cortes de cana, e que tem mais de dez anos de estudo.

Nesta tese apresentam-se os resultados de uma pesquisa realizada com jovens e adultos estudantes do ensino médio de uma escola rural localizada no Distrito Espirado, no município baiano de Palmas de Monte Alto. O estudo se propôs a compreender e analisar as relações intergeracionais construídas no meio rural, considerando as mudanças relacionadas à elevação do nível de escolaridade da população jovem e adulta, bem como o impacto dos processos migratórios. Está concebido em torno dos seguintes objetivos: compreender a constituição do vínculo intergeracional no meio rural, a partir das vivências dos jovens e dos adultos; conhecer as formas de interação entre as diferentes gerações no meio rural; reconstruir os sentidos atribuídos pelos pais/avós, bem como pelos filhos e netos às suas experiências migratórias; identificar as relações existentes entre a migração de moças e rapazes e a longevidade escolar; compreender

os sentidos atribuídos pelos pais/avós à longevidade escolar de seus filhos e netos.

A presente tese está dividida em cinco capítulos. No primeiro capítulo apresenta-se a caracterização da juventude contemporânea, apontando os fatores que determinam a sua condição juvenil, a exemplo da dimensão de gênero e geração em contextos rurais, dos percursos migratórios de jovens homens e mulheres, bem como um breve mapeamento das pesquisas realizadas sobre juventude.

No segundo capítulo, inicialmente apresenta-se as bases teóricas da etnografia e observação participante e em seguida realiza-se a reconstrução do percurso etnográfico, a partir da análise dos registros e observações no campo, desenvolvidos entre os anos de 2008, 2010 e 2011. Trata-se da apresentação dos caminhos trilhados até a chegada ao local de estudo, o distrito Espreado, da realização do trabalho de campo, em especial a inserção na escola, o acesso aos jovens, aos adultos e moradores da comunidade, bem como as dificuldades encontradas no campo. Nesse capítulo, faz-se presente a reconstituição da história do Distrito, do processo de escolarização e do cotidiano, a partir do olhar dos moradores locais.

O terceiro capítulo apresenta a origem, utilização e bases teóricas do grupo de discussão, método de pesquisa empregado com jovens e adultos, que constituiu-se como principal instrumento de coleta de dados. O capítulo apresenta ainda algumas notas sobre os grupos de discussão realizados. No total, foram realizados 18 grupos de discussão com jovens e adultos estudantes, a partir do seguinte critério: estar cursando o ensino médio, ter concluído o ensino médio ou ter desistido do ensino médio. Também foram entrevistados pais, avós e moradores do referido distrito. Quanto ao processo de análise dos referidos grupos de discussão, foi realizado com base no método documentário desenvolvido por Karl Mannheim e adaptado para a pesquisa social empírica por Ralf Bohnsack (cf. WELLER, 2011b; 2006; BOHNSACK E WELLER, 2011b).

O quarto capítulo traz a análise dos grupos de discussão “Os/as jovens que vivem no distrito”, “Jovens mulheres que concluíram o ensino médio” e “Jovens homens que interromperam o ensino médio e saíram pelo meio do mundo”, a partir dos seguintes eixos: educação escolar, relações familiares, percursos migratórios e ser jovem. No primeiro momento, apresenta-se uma breve caracterização de cada grupo, acrescentando o perfil dos participantes, o processo de realização da entrevista e a divisão temática. Na sequência, realiza-se a análise comparativa dos grupos de discussão, evidenciando as possíveis aproximações e divergências presentes nos grupos.

O quinto capítulo traz a análise dos grupos de discussão “Estudantes do ensino médio: convívio entre três gerações” e “Estudantes da Eja” a partir dos eixos: educação escolar, convívio com os jovens na sala de aula e relações familiares. Apresenta-se, inicialmente, uma breve caracterização de cada grupo, acrescentando o perfil dos participantes, o processo de realização da entrevista e a divisão temática. Em seguida, procede-se com a análise comparativa dos grupos de discussão, evidenciando as possíveis aproximações e divergências presentes nos grupos.

Nas considerações finais, apresentam-se os principais resultados da pesquisa concernentes às orientações coletivas dos grupos analisados, considerando as dimensões de escolaridade, geração e migração. Os resultados podem oferecer subsídios para o processo de redimensionamento das políticas públicas para a educação básica no meio rural, além de apresentar as relações estabelecidas entre jovens e adultos que vivem em áreas rurais de pequenos municípios brasileiros.

1. JUVENTUDE, TEMPO E LUGARES

1.1 Juventude: aproximações conceituais

A referência à juventude como uma fase da vida constitui-se em compreensão bastante presente, conservadora e persistente, além de ter marcado especialmente os discursos das ciências sociais e médicas durante décadas. Trata-se de uma perspectiva que concebe a juventude como uma fase de instabilidade e de maturação psicológica destinada à preparação para a idade adulta, portanto, associada a problemas sociais. Partindo deste ponto, constata-se que o social é pensado a partir da ótica do adulto em detrimento dos significados atribuídos pelos jovens.

O processo de transição dos jovens para a vida adulta também é compreendido a partir da noção de tempo vigente. Para Dayrell (2005, p. 28) “a noção de juventude construída na modernidade, e da qual somos herdeiros, é fruto de uma determinada classe, a burguesia, e de uma determinada noção de tempo”. A concepção de tempo dominante, considera as experiências do presente como uma preparação para o futuro, o que situa a juventude como um vir a ser, em prol de uma fase posterior, a vida adulta.

Nesse sentido, os ritos que representam a passagem para o mundo adulto de forma linear, a exemplo do término dos estudos, da inserção estável no mundo do trabalho, da constituição de uma família, são bastante valorizados pelas instituições educativas escolar e familiar, no ocidente (PAIS, 2003; MARGULIS, 2001).

Sobre esse aspecto, Leccardi enfatiza (2010, p. 35)

Considerar la juventud como una fase de transición permitía concebir la relación entre la identidad individual y la social entre dos dimensiones que no solo eran complementarias sino casi coincidentes. Se conseguía la autonomía interna a través de una progresiva transición a estadios de mayor independencia. El proceso era posible por la relación con instituciones sociales suficientemente creíbles y no fragmentadas.

O conceito de juventude como fase de vida não encontra ancoragem segura no contexto atual, já que conforme destaca Pais (2003, p. 42) “por um lado, porque os contornos da *fase de vida* têm sistematicamente flutuado, como vimos, ao longo do tempo; por outro lado, porque a imagem da juventude associada a um processo de transição entre conhecidos e seguros estádios está cada vez mais a tornar-se obsoleta”.

Considerando que as vertentes geracional e classista, dada a polarização que as caracteriza, não são suficientes para compreender os distintos modos de vida dos jovens brasileiros, Dayrell (2005) propõe uma noção de juventude, ancorada na diversidade. Conceber a juventude, na perspectiva da diversidade demanda o reconhecimento das diversas formas, que cada sociedade vivencia este momento, considerando o contexto histórico, bem como os marcadores sociais, culturais, de gênero e regionais.

Margulis e Urresti (1996) destacam a possibilidade que jovens de determinadas classes sociais, têm de protelar a inserção no mercado de trabalho e a constituição da própria família, dedicando-se à possibilidade da ampliação do nível educacional. A estes jovens é concedida uma “moratória”, que constitui-se em período destinado a determinada classe de jovens para ampliar o período de aprendizagem, alcançar a maturidade social e econômica, sem sofrer as exigências que pesam sobre as pessoas adultas. Vale ressaltar que a moratória é uma etapa vivenciada pelas classes média e alta, além de ter referências sociais e históricas, haja vista que a partir da segunda metade do século XIX, garante-se aos jovens de classes média e alta, especialmente aos homens, o prolongamento educacional.

Para Dayrell (2005), o conceito de moratória não reconhece os distintos modos de ser jovem, de uma parcela significativa da juventude brasileira, já que além de não dispor das condições socioeconômicas que garantem a postergação das “experiências da vida adulta”, também não ostentam a imagem, veiculada nos meios de comunicação, marcada pelo porte dos símbolos de juventude “bella, alegre, despreocupada, deportiva y saludable, vistiendo las ropas a la moda y viviendo romances y aventuras

amorosas, ajena a la falta de dinero, al rigor cotidiano del trabajo o las exigências del hogar “ (MARGULIS, 2001, p. 44).

También para Margulis (2001, p. 42)

No existe una única juventud: en la ciudad moderna las juventudes son múltiples, variando en relación con características de clase, el lugar donde viven y la generación a que pertenecen y, además, la diversidad, el pluralismo, el estallido cultural de los últimos años se manifiestan privilegiadamente entre los jóvenes que ofrecen un panorama sumamente variado y móvil que abarca sus comportamientos, referencias identitarias, lenguajes y formas de sociabilidad.

É importante ressaltar que embora existam diferentes formas de ser jovem, ainda prevalece na sociedade a crença em ‘modelos’ socialmente construídos, a partir dos jovens das classes média e alta, anulando assim as experiências construídas pelos jovens das camadas populares (Dayrell, 2005). É importante ressaltar que novos aspectos marcam a contemporaneidade e possibilitam desconstruir esse conceito de juventude, destacando que a condição juvenil não é uma experiência exclusiva apenas das classes favorecidas. Para Margulis (2001, p. 45):

Todas las clases sociales tienen jóvenes, que se diversifican en variados agrupamientos en tanto portadores de códigos culturales distintos expresados en su apariencia y comportamientos, y también en las posibilidades e condiciones de vida que emanan de su situación socioeconómica, lo que incide en sus consumos, sus expectativas, sus proyectos y sus esperanzas.

Margulis destaca ainda neste texto, a influência das dimensões de geração, classe, gênero no prolongamento da juventude oriunda de setores baixos, médios e altos. Aborda também os códigos culturais implícitos no conceito de juventude, apontando o monopólio de um determinado padrão

cultural, que não expressa a condição juvenil de todos os jovens. Informa que os meios de comunicação de massa têm papel marcante nessa construção. Conforme explicita Quapper (2001, p. 59), a referência à juventude nas sociedades é marcada por uma compreensão homogênea e linear acerca da condição juvenil.

Este cenário é vivido de forma diferenciada pelos jovens. Os significados que os jovens pobres atribuem ao trabalho estão atrelados à sobrevivência, dada a dificuldade de conferir ao trabalho precário, significados para além da renda. Também a escola não se constitui em referência de valores para sua formação como sujeito. Embora tenham aumentado as taxas de escolarização, persiste a desigualdade no acesso e principalmente na permanência escolar dos jovens pobres.

1.2 Juventude e tempo

Pensar a juventude considerando-a como fase biográfica de preparação destaca a experiência de “viver o presente em função do futuro” como necessária para garantir o êxito da transição para a vida adulta. Conforme destaca Leccardi (2009, p. 73):

Graças à relação com o presente construída em razão do porvir que isso prefigura, o tempo de vida juvenil pode ser representado como um tempo de ‘espera ativa’ da idade adulta.

Nessa perspectiva, o futuro é concebido como espaço destinado à construção de um ‘projeto de vida’, mas também para a definição di si. Tal concepção demanda uma crença em horizontes temporais alongados, ritmos de vida projetados e programados, e capacidade de controle. Vale destacar que o tempo cotidiano assume uma centralidade importante na realização dos projetos. Trata-se de um tempo que passa a ser programado e seu uso racionalizado.

Para Leccardi (2009, p. 79):

La conclusione della fase giovanile di vita viene sempre più spesso a dipendere, in tal senso, da fattori squisitamente soggettivi (ad esempio, da eventi dirompenti sotto il profilo dell'esperienza: la nascita di un figlio o, piuttosto, la perdita di una persona cara, capace di ridefinire le priorità e gli orizzonti esistenziale) piuttosto che dalla conclusione dalle canoniche 'tappe', segnate dei tempi istituzionali quali la formazione scolastica, il lavoro per il mercato, la vita di coppia e così via.

Conforme destaca Leccardi (2005) a aceleração social, a contração dos horizontes temporais, e o clima de incerteza advindos tendem a tornar obsoletos os projetos a longo prazo. O rompimento do nexo entre as diversas dimensões do tempo biográfico, entre memória do passado, escolha do presente e expectativas em relação ao futuro trazem desafios tanto no âmbito individual como social. No plano individual, buscam-se novas formas de ancoragem no tempo presente e no plano social constata-se a desconexão entre trajetória de vida, papéis sociais e vínculo com o universo das instituições.

As instituições sociais, a exemplo da escola, do trabalho e a constituição de uma nova família cada vez menos promovem uma relação positiva com o futuro, sobretudo para os jovens, que não as concebem como espaços de segurança para o ingresso na vida adulta.

L'incapacità delle istituzioni sociali di garantire l'ingresso nel mondo adulto sulla base di un percorso prevedibile, nonostante l'eventuale relazione positiva dei giovani con i loro tempi, è oggi realtà a tutti ben visibile. I suoi riflessi sul tempo biográfico - le discontinuità esistenziali che essa può produrre, in grado di ridefinire in modo radicale i modi e le forme della narrazione biográfico - appaiono profondi (Leccardi, 2009, p. 80).

As transformações ocorridas na relação com o tempo, marco da nossa época, instituem rotas nem sempre seguras e estáveis, especialmente para os jovens. No entanto, não apenas os aspectos negativos de redução das ações e das possibilidades, decorrentes dos processos contemporâneos

de redefinição temporal devem ser ressaltados. Conforme demonstra um estudo desenvolvido por Leccardi (2005; 2009) com jovens na Itália, os jovens e a sociedade não se limitam à 'absolutização do presente imediato', à glorificação do 'aqui e agora', mas "parecem comprometidos com a busca de novas formas de relação entre o processo de produção e criação pessoal que ao futuro é associado, e as condições de incerteza em que este é vivido" (2005, p. 55).

Nesse sentido, os jovens com maiores recursos reflexivos elaboram respostas para confrontar com as incertezas e o temor do futuro. Vale destacar no entanto, que os jovens que compartilham dessa estratégia temporal, dispõem de recursos culturais, sociais e econômicos suficientes para garantir o êxito, enquanto aqueles que possuem escassos recursos sociais e culturais parecem padecer da 'perda do futuro' progressivo e da ideia de projeto tradicional, impetradas pela primeira modernidade.

Diante das transformações ocorridas nas últimas décadas, observa-se cada vez mais a impossibilidade de identificar a juventude como um conjunto de etapas, socialmente reguladas, destinadas a preparar progressivamente para o ingresso na vida adulta (CAVALLI; GALLAND, 1996).

Assim como o presente não é vivido e representado principalmente como dimensão preparatória para o futuro, do mesmo modo a fase existencial que se vive não é pensada exclusivamente como preliminar à idade adulta. A atmosfera de incerteza que caracteriza a transição para a idade adulta traz no seu bojo alguns aspectos que valem a pena destacar: primeiramente, a ampliação temporal da transição se expande e se fragmenta. Torna-se adulto cada vez mais tarde e as etapas que caracterizam este ingresso (conclusão da formação escolar, saída da casa dos pais, ingresso no mundo 'estável' do trabalho e construção de um núcleo familiar autônomo) tendem a dessincronizar-se, a não suceder de forma ordenada (CAVALLI; DE LILLO, 2002).

Em seguida, não apenas se alonga a idade média de ingresso na vida adulta, mas no decorrer do processo se identifica 'suspensão, lentidão e espera', alongando a transição (CAVALLI e GALLAND, 1996).

Se por um lado o presente não é vivido e representado como dimensão preparatória para o futuro, por outro surge a dimensão do 'presentismo' que pode configurar-se como uma escolha, uma recusa em estabelecer confronto com a incerteza, daí a concentração no 'giorno dopo giorno', mas também pode significar uma certa 'inadequação'. Esta configura-se como dificuldade de confrontar-se positivamente com as contrações dos horizontes temporais.

O momento em que vivemos impõe a busca de soluções biográficas adequadas ao contexto atual, o que sugere uma ênfase sobre a auto-determinação, a autonomia e a escolha. Num outro *continuum* localizam-se os jovens que se refugiam nos projetos breves em resposta às atuais situações sociais marcadas por riscos e inseguranças.

In alcuni casi essa sembra configurarsi essenzialmente come reazione all'inquietudine che l'idea stessa del futuro evoca; in altri, assume la caratteristica di forma progettuali improntate alla concretezza – per lo più legate al portare positivamente a termine le attività già avviate – capace di dare risposta sia al bisogno di padronanza sul tempo biográfico in un ambiente veloce e incerto sia alla pressione sociale per risultati a breve termine (Leccardi, 2005, p.60).

No momento atual, se por um lado os jovens vivem em um contexto, onde podem usufruir de uma condição sempre mais aberta, rica de oportunidades e favoráveis à experimentação, por outro são expostos à privação de horizontes temporais estendidos, à situações de insegurança e a ausência de regras referentes à relação com o futuro (LECCARDI, 2005, p. 64).

Um aspecto referente a esse contexto, conforme estudo desenvolvido por Leccardi (2005), diz respeito ao fato de que os jovens contam com amplas possibilidades à disposição, ao contrário dos avós e genitores. O campo do 'possível' aparece aberto, tanto para rapazes como para moças. No que se refere às moças, a possibilidade de protelar o matrimônio, concebido não mais como 'destino' e sim como escolha, aparece como traço relevante nas diferenças entre estas e as gerações precedentes.

É interessante destacar que para as jovens mulheres, a ampliação do campo de possibilidades e de ações está vinculada com o aumento da escolaridade. É graças a ampliação dos níveis de instrução que se alargam o grau de controle sobre o tempo de vida, a capacidade de intervenção no mundo e o exercício da autonomia. A ampliação educacional oportuniza maior possibilidade de ser protagonista da própria existência, aumentando o campo de ação. No entanto, observa-se a existência de pouca disponibilidade de tempo para transformar o 'virtual em real' (LECCARDI, 2005).

Ou seja, se por um lado os jovens assumem que usufruem de maiores oportunidades que as gerações precedentes, por outro reconhecem os riscos (com o medo de se perder, de não encontrar pontos de referência para as escolhas, de 'perder tempo') inerentes à ampla disponibilidade de 'opções'.

Conforme destaca Leccardi (2005, p. 70) "A impressão é que as gerações anteriores viveram ritmos sociais mais lentos, cuja transição para a vida adulta era mais veloz; já os jovens se encontram diante de uma realidade polar: tempos sociais acelerados e uma transição lenta". Neste contexto, são os modelos biográficos mais distantes das trajetórias lineares de vida que alcançam maior relevância. Estes são marcados por uma forte individualização e de traços de 'risco', em razão da necessidade de afrontar um contexto social incerto.

É necessário destacar que os marcos do modelo de transição para a vida adulta enfatizam as habilidades do indivíduo no confronto com as mudanças de rota decorrentes das transformações das circunstâncias, inclusive interiores. O destaque ao poder individual diante das transformações ocorridas em escala global, não reconhece as diferenças existentes entre os jovens, que não portam os mesmos recursos sociais e culturais para um confronto positivo com a incerteza.

Sobre esse aspecto Leccardi (2009) destaca ainda o fato de que "l'assunzione personale di responsabilità" é uma marca do nosso tempo, que se conecta com a escassa existência de pontos de referência coletiva que

promovam a conexão entre os tempos individuais e os tempos extra-individuais.

1.3 Juventude rural: aspectos históricos, sociais e culturais

1.3.1 Juventude rural como construto social e cultural

Os processos de internacionalização da modernização da agricultura implementados nos países da América Latina após a segunda guerra mundial, impulsionaram a construção social da juventude rural latino-americana, reconhecendo os jovens rurais como sujeitos do desenvolvimento.

A idéia de juventude rural como constructo social e cultural, surge nas últimas décadas do século XIX e tem o seu ápice no século XX, nas sociedades industrializadas. Nesse contexto, a construção social desse segmento deveria estar inserida nas instituições de desenvolvimento da sociedade industrial. O entendimento da juventude rural nesta perspectiva favoreceu a construção de uma identidade juvenil, aportada na perspectiva dos adultos (MARIN, 2010; CANGAS, 2003).

No que concerne à juventude rural norte-americana, a formação profissional dos jovens ganha visibilidade na sociedade, ao final do século XIX, no contexto do desenvolvimento das relações capitalistas no espaço rural norte-americano. A introdução de disciplinas e assuntos relativos à valorização da vida rural e seus atrativos nas escolas, constitui-se em referência para a implementação de programas direcionados para a educação dos jovens rurais (MARIN, 2010).

Na América Latina, ao final da década de 1940, os programas educativos destinados aos jovens foram implantados a partir do entendimento da juventude rural como uma categoria social que demandava

políticas públicas. A inserção da juventude rural nos processos de desenvolvimento econômico, tecnológico e social também foi assegurada pelas organizações internacionais, que tinham como marco de atuação a proposição de programas educativos formais e informais, considerando as dimensões de faixa etária e de gênero (MARIN, 2010; ORELLANA, 2008).

A formação profissional da juventude rural aparece sob a responsabilidade das instituições públicas e privadas consistindo na aquisição de novos conhecimentos e tecnologias, do aprimoramento da produção agrícola e a melhoria da vida no meio rural. Nesse sentido, o Estado institucionaliza leis e políticas de educação direcionadas aos jovens que viviam no meio rural. Estas políticas educativas organizadas a partir do ensino agrícola e da formação de clubes, tinham o intuito de qualificar os jovens para acompanhar o progresso científico e tecnológico (MARIN, 2010).

A escola passa a figurar como instituição primordial na formação da juventude rural, juntamente com outras instituições como os serviços de extensão rural, a pesquisa agropecuária e o crédito rural, que se empenharam em inserir os jovens no desenvolvimento rural vigente (MARIN, 2010).

No tocante aos processos de socialização dos jovens rurais, Marin (2010, p.3) ressalta

Na construção social da juventude rural integrada nos planos de desenvolvimento das diferentes nações, as escolas e os clubes rurais tornaram-se instituições fundamentais na definição do papel social e da identidade que a juventude rural deveria assumir na sociedade industrial.

Os clubes de jovens rurais instituídos na América Latina a partir do final da década de 1940, se propunham a fomentar a ampliação dos conhecimentos sobre agricultura, saúde pública, higiene pessoal e alimentação humana. Também propiciavam a inserção em programas de desenvolvimento rural, além de se constituírem em espaços de socialização.

Considerando as variações relativas ao idioma e à cultura de cada país latino-americano, estes grupos adotaram o trevo de quatro folhas com cores verde e branco, além de letras que reverenciavam temas como racionalidade tecnológica, progresso e desenvolvimento, valorização do trabalho e da saúde física e mental da juventude rural, além do sentimento de servir ao país (MARIN, 2010; ORELLANA, 2008).

A metodologia do trabalho com os jovens estava atrelada ao lema “aprender fazendo” e os projetos podiam ser individuais ou grupais. Aos rapazes destinavam-se as atividades de criação e cultivo; às moças atividades como corte e costura, artesanato, processamento de alimentos, dentre outras. Ainda sobre as políticas instituídas para a formação da juventude rural latino-americana, têm-se a escola agrícola, cujo projeto pedagógico concebia disciplinas com conteúdo teórico e prático relacionados às questões agropecuárias, que objetivavam formar técnicos em agropecuária num período de três anos.

A inclusão dos jovens rurais em planos nacionais de alfabetização funcional e de educação continuada de adultos, implantados pelos governos latino-americanos na década de 1960, figura como ação estratégica devido ao caráter desenvolvimentista da educação vigente. No Brasil, foi instituído o Plano Nacional contra o Analfabetismo para a alfabetização funcional e educação de base, dirigido às pessoas na faixa etária entre os 13 e 30 anos, considerada a mais vital e útil à comunidade e ao desenvolvimento do país. Como a população jovem, em sua grande maioria, residia no meio rural, o plano buscou o engajamento dos extensionistas, dos líderes voluntários e dos jovens rurais (MARIN, 2010; ORELLANA, 2008).

A mobilização dos jovens rurais em programas de desenvolvimento rural, instituídos no pós-guerra, ancorava-se na esperança de acelerar as mudanças da mentalidade da população rural, como condicionante da promoção das transformações nas bases tecnológicas no campo.

A agregação dos jovens nas escolas e clubes agrícolas tinha importância não apenas na preparação dos futuros agricultores, capacitando-os para obterem maior rendimento nas atividades agrícolas pelo aperfeiçoamento dos métodos de produção, mas principalmente pela possibilidade de influenciar na mudança de mentalidade dos adultos e na melhoria das condições de vida da família rural (Marin, 2010, p. 17).

Nesse sentido, o trabalho educativo com a juventude rural visava adequá-la ao desenvolvimento da agricultura, na expectativa de atingir a família por meio da juventude ou os pais por meio dos filhos.

1.3.2 Juventude, gênero e geração em contextos rurais

Os estudos de gênero e geração³ no universo rural, alcançam destaque nos anos 80 e 90 do século passado, quando várias pesquisadoras se dedicam às pesquisas, buscando a consolidação desse campo de estudo, tanto no meio acadêmico como no âmbito das políticas públicas. Os estudos buscavam evidenciar questões referentes à condição da mulher, no universo rural, a exemplo dos papéis desempenhados, das percepções conforme as gerações, e da participação destas no âmbito da produção. Evidenciou ainda, através dos projetos desenvolvidos, a pertinência das metodologias participativas para o reconhecimento das mulheres como sujeitos propositivos (WOORTMANN, 2010).

No momento atual, questões relativas às especificidades dos contextos vivenciais de jovens, adultos e idosos, são tratadas considerando o surgimento dos novos espaços e contextos sociais e simbólicos. As peculiaridades dos projetos de migração, dos grupos de idade, das novas formas econômicas de sustentação, a exemplo das aposentadorias e dos programas de transferência de renda, da reordenação das relações

³ Muitos estudos foram desenvolvidos numa perspectiva multidisciplinar, a partir da participação de profissionais da antropologia, comunicação e sociologia, e contaram com o financiamento do PNUD.

familiares, chamam a atenção para novos estudos sobre o rural (WOORTMANN, 2010; SCOTT, 2010).

Woortmann (2010) enfatiza que embora os estudos de gênero e geração no universo rural, ainda não tenham se consolidado, é preciso ressaltar que algumas iniciativas⁴ são fundamentais para a visibilização dessas pesquisas, tanto para a consolidação de um campo de estudo, como para o reconhecimento do empoderamento das mulheres rurais. Para Scott (2010), a crescente participação das mulheres rurais nos movimentos sociais tem demandado o entendimento dos processos e das lógicas gestados nos distintos contextos, do universo rural, cada vez mais complexos. Trata-se de um rural marcado por complexas teias de poder e de significação.

No que concerne aos padrões instituídos no universo rural, Scott (2010) enfatiza que a conformação aos modelos pode ocorrer de forma parcial. Para o autor:

As hierarquias sugeridas nas categorias de gênero e geração estão em constante jogo nas redefinições, nas relações de poder entre homens e mulheres, ou entre mais velhos e mais novos, sejam estas relações construídas em referência à família (em todas as suas acepções), à comunidade, à articulação entre espaços diversos de convivência, ou às adesões institucionais que agenciam o pertencimento a uma ou outra destas categorias (p.25).

O estudo desenvolvido por Castro (2006) sobre jovens rurais, em área de assentamento, é ilustrativo para o entendimento desta questão. Ao abordar o conflito entre gerações, a autora constata que a experiência de ser jovem em algumas áreas rurais pode estar atrelada a relações de submissão, dada a hierarquização que marca as relações tanto no espaço doméstico como nos espaços de decisão do assentamento.

⁴ Criação do Prêmio Margarida Alves de estudos rurais e de gênero, pelo MDA/NEAD, em convênio com o PPIGRE, a ABA, e outras associações, em 2005/2007. A organização da coletânea "gênero e geração", cujas temáticas são abordadas a partir de novos olhares bem como de olhares (re) construídos.

As jovens lidam com a desvalorização das atividades femininas e continuam restritas ao espaço doméstico e às pequenas lidas, o que ratifica sua invisibilidade. Segundo Castro (2006), estas jovens passam por um duplo controle social, pela exclusão dos processos de produção agropecuária, da divisão de bens de herança e pela exclusão dos espaços de decisão no seio da família e das organizações, como assentamentos e grupos comunitários, por exemplo. Nas relações de gênero no meio rural está colocado o paradoxo entre a internalização das probabilidades objetivas e o fato das jovens já não se contentarem com o papel feminino que tiveram suas mães.

Nesse sentido, a discussão sobre a noção de “ajuda” no meio rural, é bastante pertinente para compreender como as relações de gênero operam em distintos contextos. Se por um lado, a compreensão do trabalho feminino na roça, bem como em atividades que auferem renda, se sustenta mediante a persistência da noção de “ajuda” (Aguiar e Stropasolas, 2010; Wiesheimer, 2006; Castro, 2006; Brumer, 2007); por outro, constatam-se mudanças que ressignificam o trabalho das mulheres. Conforme destaca Scott (2010), a identificação de espaços de agência feminina (Carneiro, 2005; Wanderley, 2006; Abramovay, 1998) possibilita o entendimento das práticas femininas no meio rural, para além de uma caracterização simplória de “ajuda”, o que “contribui para uma abordagem de gênero como relações de poder em constante negociação entre mulheres e homens em domínios de poder diversos” (SCOTT, 2010, p.26).

Além dos conflitos de gênero, Castro (2006) destaca os conflitos que envolvem a autoridade paterna/adulta e os jovens, que reivindicam maior espaço de expressão e de influência na tomada de decisão. A exacerbação da autoridade adulta se materializa, para o jovem, na fragmentação entre o fazer, o pensar e o decidir. Tendo o trabalho como obrigação desde pequenos, em algumas regiões do país, o jovem participa da vida produtiva familiar com intensidade. Além da participação na produção da família, a escolha de migrar ou não envolve também o valor simbólico da terra e da conquista da propriedade. Brumer (2007) coloca ainda que a maioria dos

programas sociais não considera mecanismos de expansão do núcleo familiar, o que obriga as famílias a pensarem alternativas à permanência de todos os filhos na propriedade, o que intensifica o êxodo rural ou reabre o ciclo de luta pela terra.

Um outro aspecto concernente às relações de gênero no meio rural, diz respeito à diferenciação observada na procura de aprimoramento educacional. A clivagem de gênero no que diz respeito ao investimento educacional, evidencia o significado da educação para moças e rapazes. O acesso ao estudo para as moças vai muito além da conquista da independência familiar e da possibilidade de emprego na cidade, uma vez que a formação educacional fortalece seus planos futuros "...com amplitudes que se estendem até outras dimensões do campo profissional e da vida, vendo no acesso aos estudos a possibilidade de questionar padrões, conceitos e comportamentos, sobretudo aqueles que restringem a sua liberdade no espaço rural" (STROPASOLAS, 2006, p. 306).

A posição dos jovens homens no processo sucessório no interior da família, a penosidade da atividade agrícola e a não participação das jovens nas discussões sobre o futuro da propriedade têm sido apontados como fatores que, por um lado, afastam as jovens da atividade agrícola, favorecendo a migração para o meio urbano e, conseqüentemente, a ampliação do nível educacional e, por outro, contribuem para a masculinização da população rural. Entretanto, atualmente, há uma tendência em rever o valor atribuído à formação escolar, em virtude da constatação da precariedade na formação dos filhos dos agricultores, sobretudo dos rapazes (ABRAMOVAY *et al*, 2004).

Os/as jovens rurais têm atualmente maiores chances de continuar os estudos, ao contrário das gerações anteriores (Abramovay *et al*, 2004; Stropasolas, 2006). Assim, a instituição escolar pode ser vista pelos jovens como espaço relevante para a superação das condições existentes, sobretudo no que se refere à relação estabelecida com o trabalho agrícola.

1.3.3 Juventude rural e percursos migratórios

Os movimentos de migração interna, ocorridos especialmente na primeira década do século XX, constituíram-se em fenômeno determinante para a constituição das grandes cidades, fomentando o desenvolvimento do capitalismo industrial e agrícola no Brasil. A integração de trabalhadores rurais nas cidades, não impulsiona apenas o desenvolvimento do processo de urbanização, mas constitui-se como processo que afeta tanto a cidade como o campo. A industrialização corrobora para a crise da sociedade rural, que culmina com a expulsão do trabalhador do campo para a cidade (DURHAN, 1973; MENEZES, 1986).

No que se refere às razões que motivam a saída dos trabalhadores rurais, Durhan (1973), em estudo desenvolvido com migrantes rurais, constatou que as motivações estão atreladas à constatação da impossibilidade de “melhorar de vida”, ou seja, o abandono da terra de origem passa a ser vislumbrado quando o trabalhador percebe que “a sua miséria é uma condição permanente”. Tal constatação está inscrita num projeto coletivo de melhoria de vida da família.

A década de 50 do século passado, figura como o período de maior migração inter-regional, sobretudo na região nordeste, onde um expressivo contingente populacional deixou as áreas rurais. Alguns aspectos como a construção da Belém-Brasília, da nova capital federal, as migrações para as áreas metropolitanas e rurais, bem como as grandes secas no nordeste, certamente contribuem para explicar o fenômeno da intensa migração nesse período (CAMARANO e ABRAMOVAY, 1998).

No que concerne aos anos 60, a intensificação do fluxo migratório ocorreu na região sudeste, configurando-se como a única década em que a maior parte dos migrantes rurais brasileiros não tiveram origem no nordeste. O menor nível migratório do nordeste nesta década pode ser compreendido, a partir da consideração de fatores como os ajustes fiscais adotados pela

SUDENE, a redução das secas, a diminuição das oportunidades de trabalho atrelada ao menor crescimento econômico nacional, bem como a inexistência de grandes obras como as da década de 50.

Nos anos 70, as regiões nordeste e sudeste continuaram fornecendo migrantes rurais ao Brasil, mas é a região sul quem fornece o maior contingente populacional de migrantes rurais, especialmente para a região norte, destino dos “gaúchos”, fundamentais para a ocupação da transamazônica e para a revitalização desta região. Nesse período, constata-se a continuidade e intensificação dos movimentos anteriores, com o acréscimo da migração sazonal (CAMARANO e ABRAMOVAY, 1998; MENEZES, 1986).

Nos anos 80, constata-se um intenso esvaziamento demográfico nas áreas rurais da região centro-oeste, em razão dos princípios que nortearam a expansão da fronteira agrícola em direção ao centro-oeste. Trata-se de um meio rural caracterizado pelo desenvolvimento de atividades econômicas que demandavam pouca mão-de-obra. Tal cenário intensificou a migração de parte significativa da população rural do centro-oeste (CAMARANO e ABRAMOVAY, 1998).

Na região nordeste, o fluxo migratório oriundo das áreas rurais manteve-se intenso, mas concentrou-se mais nas cidades de pequeno e médio porte. Nos anos 1990, as regiões nordeste e centro-oeste configuraram-se como regiões que mais se desruralizam, o que torna o êxodo rural ainda muito significativo. Nesta década, sobressaem-se as mudanças na composição etária e por sexo do êxodo rural.

Silva (2008) destaca que no final da década de 90, a cartografia migratória é reconfigurada, em virtude das mudanças ocorridas no perfil de origem dos migrantes, essencialmente do sexo masculino, e provenientes do Maranhão e Piauí, estados que no passado, tiveram pouca participação nesse processo. Uma das razões que explicam essa mudança diz respeito à crescente intensificação do ritmo do trabalho nos canaviais. Este novo

cenário demandou a ida de outros migrantes, para repor, através da oferta de maior força de trabalho, o consumo exigido pelos capitais. Outra explicação está atrelada ao processo histórico de expropriação do campesinato dessa região, que fomentou a produção destes migrantes.

No que concerne aos processos migratórios rurais na atualidade, observa-se que os fluxos não ocorrem apenas das regiões pobres em direção às ricas. Tal constatação rompe com a idéia ainda vigente, que aponta a migração, como um fenômeno que impulsiona a exportação da pobreza para regiões de maior poder e dinamismo econômico. Sobre a migração interregional, especialmente a do nordeste para o sudeste, além dos fluxos serem marcados por um elevado percentual de jovens, constata-se ainda que os migrantes usufruem de melhores condições, no tocante à formalização do trabalho (IPEA, 2010).

No que tange à discussão acerca dos processos migratórios nos diversos contextos rurais, Scott (2010, p. 23), chama a atenção para os significados do êxodo, especialmente para aqueles que empreendem os projetos de saída:

Muitos “êxodos” se revestem de nuances que informam as oportunidades e pressões aos quais as diferentes categorias de membros de família e de comunidades do meio rural estão submetidas na busca de uma articulação, eficiente ou não, com oportunidades nas cidades, em outras regiões, e em outros locais.

Silva (2008) aponta alguns aspectos que figuram como essenciais para o entendimento das situações concretas e particulares que circundam o migrante. Primeiramente, trata-se de um trabalhador, que está inserido em determinadas relações sociais, resultantes de processos de violência e expropriação. Em seguida, o migrante integra uma realidade social, definida por laços sociais, que o situam como pertencente a um determinado espaço social e cultural. Sobre esta questão, Durhan (1973) destaca as relações de trabalho e a organização da vida social como aspectos que configuram o

equipamento cultural da maioria dos migrantes rurais, independente da região de procedência, das variações de tempo de permanência e de origem.

A autora ressalta ainda que

O grupo de relações primárias, especialmente a unidade doméstica e o grupo de parentes mais próximos constitui ainda, mesmo no universo urbano, a unidade fundamental de vida social, pois é a única na qual a participação continua a envolver, necessariamente, a totalidade da pessoa (1973, p. 189).

Nesse sentido, os fatores econômicos não são os únicos a serem considerados na análise dos processos migratórios rurais, bem como dos sujeitos envolvidos. A ressignificação social dos migrantes nos espaços de origem e de destino, chama a atenção para o entendimento destes, não como pontos isolados, ainda que distantes geograficamente, mas como espaços que favorecem a vivência de experiências que são comuns aos migrantes.

A migração de trabalhadores do meio rural, oriundos de estados do nordeste, em direção às áreas canavieiras da região nordeste, tem-se intensificado nas últimas décadas. Trata-se de uma migração temporária, já que em geral, as viagens são feitas, nos primeiros meses do ano, março ou abril, e o retorno aos municípios de origem, ocorre no período de novembro a dezembro. Estudos recentes identificam a consolidação de um novo fenômeno, a migração permanentemente temporária, que constitui-se em eterno processo de “partidas” e “retornos” daqueles que migram (SILVA, 1999, 2008; MENEZES E SILVA, 2010).

No que concerne às implicações sociais e laborais das migrações temporárias, especialmente dos jovens rapazes, a compreensão desse fenômeno, a partir da ótica dos sujeitos envolvidos, traduz-se em desafio para as pesquisas desenvolvidas no meio rural. A atividade laboral do corte de cana seleciona por si mesma, os trabalhadores: homens jovens, com

idade entre dezoito e trinta anos, sadios e dotados de força física para suportar os altos índices de produtividade exigidos. A ocorrência de mortes pelo excesso de esforço constitui-se em ameaça constante nos canaviais (SILVA, 2008).

Se tradicionalmente, as migrações temporárias representaram um empreendimento de jovens e adultos solteiros ou casados, a participação das mulheres nesse processo constitui-se, recentemente, em um fenômeno cada vez mais recorrente. Embora a migração temporária, e as condições de trabalho nos canaviais, tenham sido objeto de diversos estudos, a posição das mulheres nesse tipo de migração, foi pouco explorada até o momento.

Percursos migratórios de rapazes e moças do meio rural

Na América Latina, as investigações empreendidas sobre a migração de jovens rurais, estavam atreladas ao impacto desta para o desenvolvimento da região. Cangas (2003) informa que a obra *Młode Pokolenie Chłopów* (a jovem geração de agricultores) de Josef Chalasinski publicada em 1938, constitui-se em referência importante para o entendimento do processo de migração campo-cidade dos jovens e do papel destes na organização da família camponesa.

No que tange ao fluxo migratório dos jovens rurais nas últimas décadas, vários estudos no Brasil e em outros países atestam a tendência da saída destes em direção às cidades (Camarano e Abramovay, 1998; Carneiro, 1998; Abramovay, 1998). Este fenômeno vem sendo analisado a partir das dificuldades enfrentadas pelos jovens rurais, especialmente no que diz respeito ao acesso à escola e ao trabalho, bem como a possível atração exercida pelo meio urbano sobre os jovens, especificamente seu estilo de vida (CASTRO, 2006; CARNEIRO, 1998, 2005).

Para Durston (1994), os fluxos migratórios com a presença de rapazes e moças se dão em estágios distintos, sendo que num primeiro

momento prevalece a emigração, em geral temporária, de jovens rapazes pouco qualificados que buscam suplementar a escassa renda da família. Num estágio posterior, a aquisição de mais anos de educação formal pelas moças pode significar maiores possibilidades de acesso a trabalhos qualificados.

No âmbito internacional, a implementação de políticas públicas na Europa e nos Estados Unidos em prol do povoamento do meio rural, reflete a preocupação com o esvaziamento social do campo. Embora as migrações de retorno de populações aposentadas tenham se intensificado, o que garante a possibilidade de revalorização do meio rural, constata-se que a ausência de jovens e a desproporção entre os sexos dificultam as chances de retomada (ABRAMOVAY e CAMARANO, 1998).

Levando em consideração que os processos migratórios no Brasil são constituídos por uma população cada vez mais jovem tanto de homens como de mulheres, cabe indagar sobre as razões que motivam a migração feminina bem como as disparidades regionais e históricas. Para Abramovay *et al* (2004) o contexto intra-familiar ao qual a jovem está inserida, pode impulsionar os projetos de saída. A exposição ao trabalho pesado na unidade de produção familiar, a não participação nas discussões sobre o futuro da propriedade atrelada à ausência de melhores condições de permanência no meio rural, figuram como possíveis razões.

Um outro aspecto concernente à mobilização dos jovens rurais para a cidade diz respeito à relação estabelecida entre os jovens e a atividade agrícola. O trabalho como agricultor vincula-se à valorização que o jovem e sua família atribuem a esta atividade. Diversas pesquisas demonstram que a atividade agrícola é considerada relevante para as famílias rurais (WANDERLEY, 2006; CARNEIRO, 2005; BRUMER, 2007).

A migração para a cidade pode significar também uma estratégia, tanto da família, quanto dos jovens de construir novas possibilidades de vida no campo, a partir do desenvolvimento de outras atividades econômicas, tornando a migração temporária. A migração não se constitui na única forma

de vinculação dos jovens com o mundo urbano. A existência de atividades não agrícolas em áreas próximas ao meio rural, a exemplo do que acontece em várias cidades brasileiras, permite que os jovens rurais permaneçam em suas localidades (CARNEIRO,1998).

Nesse sentido, Castro (2009, p. 192), considera relevante

Repensar a idéia de 'sair e ficar' como movimentos definitivos dos jovens, e observá-los, a partir das múltiplas formas em que se apresentam, podendo significar estratégias familiares de manutenção da terra, ou mesmo formas de se afastar da ação da autoridade paterna. Deve-se também analisar a 'escolha' entre permanecer ou sair a partir das condições de reprodução social da família e de autonomia do jovem.

Outro aspecto a ser ressaltado é que para muitos jovens rurais, a ausência de espaços de lazer e a inexistência de um projeto de educação para a juventude rural contribuem para a avaliação negativa do campo em relação à cidade e pelo desejo de migração. Pensar a juventude rural implica reconhecer seu potencial para a proposição de políticas públicas, que promovam tanto a concessão de terra e crédito para a inserção produtiva como o desenvolvimento das práticas de sociabilidade e interação social, numa dimensão que desmistifique a visão de juventude como problema e reconheça os jovens como senhores de suas diferenças e sujeitos de direitos.

2. A ETNOGRAFIA NA RECONSTRUÇÃO DE TEMPOS E LUGARES: NOTAS BIBLIOGRÁFICAS E REGISTROS DAS OBSERVAÇÕES NO CAMPO

Os novos contextos e perspectivas sociais apresentam particularidades locais e temporais específicas, nas quais as expressões e atividades humanas clamam por reconhecimento e transformação. Essas novas configurações trazem desafios no que diz respeito aos procedimentos teórico-metodológicos a serem adotados nas pesquisas, uma vez que os estudos quantitativos não dão conta de compreender esses processos em suas particularidades. Atualmente as abordagens qualitativas abarcam uma multiplicidade de métodos, o estudo do uso e a coleta de uma diversidade de materiais empíricos que apresentem situações e sentidos concernentes à vida diária dos indivíduos. A utilização de diversas práticas interpretativas objetiva compreender de forma mais consistente o assunto estudado (WELLER e SILVA, 2011c).

No que concerne à retomada da pesquisa qualitativa, é preciso refletir sobre os problemas que dizem respeito à qualidade de muitos estudos e pesquisas acadêmicas realizadas, cujas análises permanecem muitas vezes dentro dos limites do que é estabelecido pelo senso comum. Analisando o estado da arte das abordagens qualitativas em geral, há especialmente dois problemas, que dizem respeito à metodologia e à prática de pesquisa. No contexto brasileiro, observa-se uma profusão de estudos de abordagem qualitativa, embora nem sempre apresentem uma discussão teórico-metodológica adequada (cf. ZAGO, VILELA e CARVALHO, 2011).

Para a pesquisa educacional, a utilização de dados qualitativos possibilita a apreensão do caráter complexo e multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural, estabelecendo relação com o contexto cultural mais amplo. Para Denzin e Lincoln “a competência da pesquisa qualitativa é, portanto, o mundo da experiência vivida, pois é nele que a crença individual e a ação e a cultura entrecruzam-se” (p. 22). É a preocupação com o entendimento dos contextos em que estão inseridos os

sujeitos, especialmente as singularidades das ações e interações, que motivam os pesquisadores a frequentar os locais de estudo. Essa dimensão interpretativa da pesquisa qualitativa possibilita ao pesquisador conhecer os significados que os sujeitos atribuem aos fenômenos que marcam sua condição no mundo.

Para a abordagem qualitativa, a comunicação do pesquisador com o campo constitui-se em aspecto inerente à produção do conhecimento. A subjetividade do pesquisador e dos sujeitos envolvidos fazem parte do processo de pesquisa. É importante considerar as reflexões realizadas durante o registro das ações e observações no campo, bem como os sentimentos de insegurança, dúvidas e conquistas, como elementos importantes para a interpretação (cf. PFAFF, 2011b).

Na tentativa de reconhecer as especificidades que caracterizam os contextos locais do meio rural, esta pesquisa qualitativa de cunho etnográfico se propõe a compreender as relações intergeracionais e de gênero no meio rural, considerando a diversidade dos espaços sócio-culturais, a ampliação da escolaridade e os percursos migratórios.

Nesse sentido, optamos por realizar uma pesquisa etnográfica na qual a observação participante, os grupos de discussão e as entrevistas narrativas se constituíram como principal instrumento de coleta de dados. Faremos a seguir algumas considerações sobre a pesquisa etnográfica em educação, sobre o desenvolvimento e utilização dos grupos de discussão e do método documentário nas pesquisas sobre juventude.

2.1 Desenvolvimento histórico da etnografia e da observação participante

A etnografia constitui-se em uma abordagem de pesquisa aportada nos princípios da antropologia cultural, representada por Bronislaw Malinowski. Considerado o primeiro antropólogo cultural profissional a passar longos períodos de tempo junto a uma aldeia nativa, foi também o primeiro a descrever os caminhos percorridos para a obtenção dos dados e

a experiência do trabalho de campo, o que lhe confere papel importante no desenvolvimento das técnicas de trabalho de campo (Bogdan e Biklen, 1994). A partir dos anos 20 do século passado, Malinowski reconhece a observação participante como única alternativa possível para conhecer o outro em profundidade, a fim de superar os postulados do evolucionismo e do etnocentrismo. Assim, a etnografia passa a ser pensada como pesquisa intensa e duradoura e caberia ao pesquisador apreender a totalidade da vida dos grupos observados, desde o aprendizado do idioma até às especificidades da constituição da vida social, do espírito do nativo e do cotidiano (MATTOS, 2006).

Com o surgimento de outros paradigmas de estudo, a exemplo da hermenêutica, surge a necessidade de dar voz ao participante, uma vez que a interpretação da cultura não deve partir apenas de um único olhar, sobretudo aquele ao qual o estatuto da ciência confere maior autoridade. Esse paradigma vai além da abordagem observacional, uma vez que reconhece a multiplicidade das vozes dos sujeitos como importantes para compreender a cultura (MATTOS, 2006).

Nesse sentido, a emergência de estudos etnográficos tanto sobre os contextos interativos das escolas como sobre os ambientes sociais não-estigmatizados contribuem para o reconhecimento de diversos sujeitos, que fazem parte da cena contemporânea. Assim, ouvir a voz dos sujeitos, sobretudo para além da sua condição de classe, é fundamental para compreender os significados que estes constroem sobre os ritos da vida cotidiana, por exemplo. Tal postura se constitui em avanço, já que tradicionalmente essa abordagem tem sido associada a áreas de exclusão social, onde as narrativas de vida são concebidas sob a perspectiva da violência, entre outros aspectos negativos.

Sobre as origens antropológicas da pesquisa em educação, Bogdan e Biklen (1994) destacam que estão ligadas aos trabalhos desenvolvidos por Franz Boas, expoente da antropologia interpretativa e o primeiro a escrever sobre antropologia e educação, no final do século XIX. Também figura como um dos primeiros a residir nos contextos naturais dos sujeitos, ainda que por

pouco tempo, além de ter reconhecido o papel relevante dos informantes. Ao contrário de outros antropólogos, acreditava na abordagem indutiva das culturas, afirmando que o estudo deveria se propor a conhecer a visão que cada membro tinha de sua cultura.

Para Bogdan e Biklen (1994) a abordagem da educação como objeto privilegiado da antropologia no interior da escola data dos anos 1930, com os estudos desenvolvidos pela antropóloga Margaret Mead nos Estados Unidos. Estes se propunham a compreender os aspectos referentes às formas de transmissão, à formação da personalidade e aos modos de aprendizagem das crianças na escola. Mead apontou, ainda, a importância de os professores estudarem os contextos de socialização dos alunos, objetivando uma melhor atuação em sala de aula. Pfaff (2011b) ressalta que os primeiros estudos etnográficos realizados no campo da educação tratavam da comparação da organização escolar e da vida escolar, em várias regiões da Europa, desde o século XIX.

Somente a partir dos anos 1970 é que o interesse por outros assuntos concernentes à escola amplia-se consideravelmente. Conforme destaca André (1995) e Pfaff (2011b), pesquisas sobre as questões relacionadas à integração na sala de aula, como a interação professor-aluno, bem como os métodos de avaliação educacional, figuram como temas recorrentes nos estudos etnográficos em educação neste período. Também surgem com muita força os estudos etnográficos diagnósticos, os etnohistoriográficos e os etnomatemáticos.

Ainda segundo André (1995), os anos 1980 representam um marco na popularização da pesquisa de tipo etnográfico. Trabalhos como teses, dissertações e pesquisas realizadas por docentes sobre o espaço da sala de aula e as representações dos sujeitos escolares estiveram concentrados especialmente nos programas de pós-graduação em educação do Brasil. Nos anos 1990, as pesquisas etnográficas foram mais consistentes e regulares, além de trazer novos objetivos, fundamentos e procedimentos, o que possibilitou realizar uma avaliação crítica destes trabalhos, tanto para identificar contribuições como para refletir sobre as principais lacunas.

Nesse sentido, Mattos (2006) e André (1995) elencam alguns aspectos que carecem de reflexão para que a abordagem de pesquisa etnográfica no Brasil seja melhor aplicada, a saber: a falta de clareza sobre o papel da teoria na pesquisa, a utilização indiscriminada e individualizada dos instrumentos e o desconhecimento dos pesquisadores sobre os princípios básicos da etnografia. Chamam a atenção, ainda, para o processo de análise que desconsidera a voz ou a presença do participante na pesquisa e no relato final do trabalho. O lugar da experiência dos sujeitos deve ser reconhecido como aspecto primordial da abordagem etnográfica. O pesquisador não deve apenas falar sobre o pesquisado e sim com ele.

A caracterização de um trabalho etnográfico em educação torna-se possível quando este faz uso de técnicas usadas na etnografia, como a observação participante, a entrevista narrativa, a história de vida, os grupos de discussão, a análise de documentos, dentre outros. No entanto, embora estes sejam usados em pesquisas educacionais desde a década de 80 do século XX, muitos estudos utilizam os instrumentos de forma aleatória, o que contribui para o descrédito da abordagem etnográfica (André, 1995). Também o reconhecimento do papel da teoria na pesquisa etnográfica é fundamental, já que, em muitos estudos que se autodenominam como qualitativos, o referencial teórico apresentado no início do trabalho nem sempre dialoga com o processo de coleta de dados e com a análise posterior.

A descrição densa e a indução figuram como princípios importantes da pesquisa etnográfica. O pesquisador reconstrói por escrito ou por transcrições literais a grande quantidade de dados que ele acessa no decorrer do trabalho de campo. Essas descrições devem garantir a especificidade do particular, ao mesmo tempo em que retorna à totalidade do evento observado. As interações e ações dos sujeitos devem ser reconstruídas pelo pesquisador, admitindo outras formas de entender, conceber e recriar o mundo. Também a ênfase no processo constitui-se em característica importante dessa abordagem, afinal são os acontecimentos e não os resultados finais que devem ser enfatizados.

2.1.1 Observação participante

A observação participante como orientação teórico-metodológica esteve presente desde os estudos de grupos nativos realizados por Malinowski e as investigações de campo sobre as comunidades urbanas realizadas pelos sociólogos da Escola de Chicago (Pfaff, 2011b). Para muitas abordagens de pesquisa, as práticas são acessadas através da observação, que permite ao observador tomar conhecimento das ocorrências de um determinado meio.

A observação participante fundamenta-se na localização das situações ocorridas no aqui e agora e nos ambientes da vida humana, além de se constituir como habilidade diária metodologicamente sistematizada (Flick, 2004, p. 152-158). Nesse sentido, é necessário que não haja a intenção de modificar o ambiente, afinal os lugares, as pessoas e situações observadas em sua manifestação natural são importantes para interpretar e compreender os fenômenos que marcam a existência dos sujeitos.

No que se refere à utilização da observação André (1995) e Pfaff (2011b) afirmam que as questões referentes ao início e à duração do contato com os sujeitos constitui-se em preocupação para o pesquisador. As informações iniciais a que o pesquisador tem acesso, bem como a relação estabelecida com os informantes-chave devem ser consideradas nesse primeiro momento. O tempo destinado ao contato com a situação estudada pode variar em função de alguns aspectos: as especificidades do trabalho, o tempo disponível do pesquisador, sua aceitação pelo grupo, sua experiência em trabalho de campo e o número de pessoas envolvidas na coleta de dados.

A inserção do pesquisador no campo como participante e o acesso às pessoas caracterizam a observação participante como um processo que deve ser cuidadosamente planejado para que se compreenda os aspectos essenciais das questões de pesquisa. A adoção de critérios para a realização da observação também é importante para garantir a confiabilidade do processo de coleta de dados. Nesse sentido, Spradley

(1998 *apud* Flick, 2004, p.153) apresenta as fases da observação participante da seguinte forma: primeiramente, a observação descritiva, que é realizada no início e tem como objetivo auxiliar o pesquisador no campo em estudo. Esta oferece descrições não-específicas, além de propiciar o desenvolvimento de questões de pesquisa e linhas de visão mais concretas. Em seguida, a observação focal possibilita centrar a atenção nos processos e problemas mais cruciais para as questões de pesquisa; e, por fim, a observação seletiva que ocorre mais ao final da coleta de dados e busca encontrar elementos relacionados aos tipos de práticas e processos descobertos na fase anterior.

O registro das observações figura como elemento fundamental para a análise a ser realizada posteriormente. Faz-se necessário, portanto, adotar um procedimento criterioso para a produção das notas de campo. Estas devem ser registradas após a saída do local, no final do período de observação, já que em alguns casos não é recomendável tomar nota diante dos sujeitos. O pesquisador deve ter cuidado com as anotações, pois estas apresentam informações sobre os sujeitos observados, além de reflexões pessoais. O registro de idéias, estratégias e dos padrões que emergem é importante para a reflexão dos dados de um estudo qualitativo (Pfaff, 2011b). As notas de campo caracterizam-se pela descrição (registro objetivo dos detalhes que ocorrem no campo) e pela reflexão (apreensão do ponto de vista do observador, de suas idéias e preocupações). É importante considerar que toda descrição representa, ainda, escolhas e juízos. O pesquisador deve buscar ser o mais descritivo possível, dentro dos parâmetros dos objetivos do estudo.

Para Adler e Adler (1998 *apud* Flick, 2004, p.151), a expressividade dos dados reunidos pode ser garantida com o uso da triangulação de observações com outras fontes de dados, além da inserção de diferentes observadores. Cabe destacar a relevância do reconhecimento das diferenças de gênero, pois as observações em locais públicos trazem restrições às mulheres, especialmente no que se refere ao acesso e à

movimentação⁵. Daí a importância de garantir a utilização de equipes com componentes de ambos os sexos nas pesquisas que envolvem a observação participante em espaços públicos.

O pesquisador deve adotar uma postura apropriada, estando atento às consequências da posição assumida para o desenvolvimento da pesquisa, para não incorrer em observações equivocadas. Na observação participante, o “pesquisador [a] tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado” (André, 1995, p.28). Ao reconhecer o significado dos sujeitos, bem como de seus relatos, também é importante considerar que o pesquisador é alguém que vive, sente e cria. É alguém que atua no mundo, se relaciona e se transforma. Por isso, em todos os momentos, deve haver um esforço do pesquisador em tomar consciência da sua subjetividade.

Ainda que a postura adotada pelo pesquisador contribua para o êxito da pesquisa, Flick (2004) destaca que nem todos os fenômenos importantes para o estudo podem ser observados nas situações em que eles acontecem. O conhecimento do pesquisador na observação participante apóia-se na observação parcial das ações. Daí a importância de integrar outros métodos de pesquisa que garantam a enunciação verbal como elemento importante para compreender relações e fatos.

⁵ Um exemplo dessa restrição diz respeito por exemplo à frequentação de bares e festas por pesquisadores/as do sexo feminino, sobretudo no meio rural. O critério também é recorrente, por exemplo, à dificuldade que um pesquisador do sexo masculino encontra para assistir a uma reunião de mulheres.

2.2 De Palmas de Monte Alto ao distrito Espreado

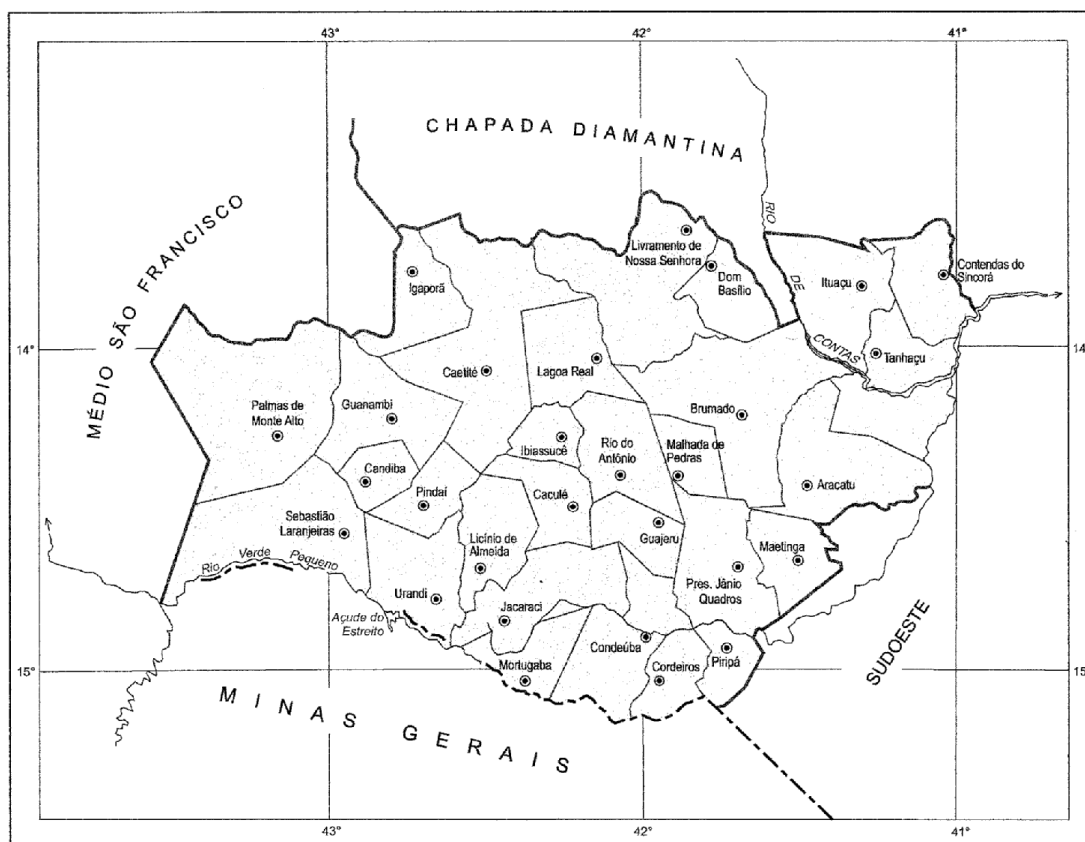
2.2.1 Características sócio-econômicas, históricas e educacionais do município de Palmas de Monte Alto

O município de Palmas de Monte Alto localiza-se na região sul-sudoeste da Bahia e sua origem remonta ao ano de 1742, quando o alferes português Francisco Pereira de Barros construiu uma capela dedicada a Nossa Senhora Mãe de Deus e dos Homens, em terras de sua propriedade, adquiridas por compra a dona Isabel Guedes de Brito e que se estenderam do morro do chapéu às nascentes do rio das velhas. Surge assim a primeira povoação denominada praia das Palmas de Monte Alto, que originou o município de Palmas de Monte Alto. A capela foi elevada à categoria de freguesia com o nome de “Nossa Senhora Mãe de Deus e dos Homens de Monte Alto”, pela lei provincial nº 124, de 19 de maio de 1840, que também elevou a povoação à categoria de vila e criou o município com o nome de Monte Alto, e 1918 foi elevada à categoria de cidade (ARAÚJO; MARTINS, 2003).

Limita-se ao norte com Riacho de Santana e Matina, ao sul com Sebastião Laranjeiras, ao leste com Guanambi⁶ e ao oeste com Iuiu e Malhada. Dista de Salvador em 840km. Sua população está estimada em 20.775 habitantes, sendo formada por pequenos agricultores, juntando-se a estes numa relação de complementaridade, comerciantes, funcionários públicos, professores, auxiliares de serviços gerais, profissionais liberais, entre outros.

⁶Guanambi dista 42 Km de Palmas de Monte Alto, e é considerada uma cidade referência entre os municípios vizinhos. Sua população está estimada em 80.000 hab., e atualmente conta com a existência do Departamento de Educação/Campus XII da Universidade do Estado da Bahia, cujos cursos oferecidos são Pedagogia, Enfermagem, Educação Física e Administração; da Faculdade de Guanambi_FG que oferta os cursos de Psicologia, Direito, Enfermagem, Fisioterapia, Nutrição, Ciências Contábeis e Biomedicina; além do Instituto Federal Baiano_IFbaiano, que oferta cursos nos níveis médio e superior.

Figura 1
Mapa da região Serra Geral da Bahia



Fonte: www.sei.ba.gov.br

A maioria da população ativa concentra-se no meio rural. Tem como principais produtos agrícolas feijão, algodão, mandioca, sorgo, mamona, milho e arroz. O clima é do tipo quente e seco, apresenta uma temperatura média anual de 22° C, a precipitação anual é de 700/900 mm e seu período chuvoso vai de novembro a março. O risco de seca é considerado médio, o que favorece a agricultura de subsistência, inclusive pela sua extensão em área de 2.524,9 km² (IBGE, 2010). O município é formado pelos distritos rurais de Espreado, dista 48km da sede; Barra do Riacho, dista 25km; Pinga Fogo, dista 15km e Rancho das Mães, dista 13km.

O município conta ainda com um patrimônio arqueológico, localizado na Serra de Monte Alto. Registrou-se seis sítios com pinturas rupestres, três

estruturas de pedra denominadas localmente como “Curral de Pedra”, um sítio arqueoastronômico na forma de alinhamento de menires e uma estrutura-habitação de pedra denominada “Casa de Pedra” (SILVA; SOARES FILHO, 2007).

No que se refere à educação básica, o município oferta a educação infantil, os níveis de ensino fundamental e médio, além de classes de educação de jovens e adultos e creches. Existem também duas escolas privadas que ofertam a I etapa do ensino fundamental. As escolas estão distribuídas na sede do município, em distritos rurais e fazendas, atendendo a um público de 6.078 alunos (INEP, 2011). Estes são oriundos da sede do município e da zona rural, sendo que a maioria reside no meio rural e conta com o auxílio do transporte escolar rural para freqüentar as escolas localizadas na sede, nos referidos distritos e em outras localidades rurais⁷.

A maioria destes alunos provêm das classes populares e são filhos e filhas de trabalhadores que desempenham atividades no meio rural, nos serviços públicos e no mercado informal. A faixa etária da população que está inserida na escola é variada, em virtude da garantia da ampliação do direito à educação escolar, instituída pela Lei de Diretrizes e Bases n. 9394/96. Os agentes educativos responsáveis pelo trabalho pedagógico e técnico nas referidas escolas assumem funções docente, gestora, administrativa e pedagógica. O município dispõe de professores com formação em nível superior, além de coordenadores e diretores. O sistema municipal de ensino conta ainda com o trabalho de secretários, merendeiras, zeladores, agente administrativo, porteiros, motoristas, entre outros.

⁷ No capítulo III apresento o percurso escolar feito pelos jovens, que residem nas fazendas próximas ao distrito Espreado (cf. SILVA, 2009).

*Características históricas do distrito Espraiado*⁸

O nome bonito, isso se procedeu porque localizaram aqui à margem do rio como você já verificou a beleza desse rio que nós temos aqui, o Rio das Rãs. Ali abaixo tinha um lugar aberto em forma de uma esplanada. E ali ficava assim a aparência de uma praia as pessoas procuravam para pescar, lavar roupa, tomar banho e aí devido à esplanada eles acharam por bem colocar o nome Espraiado. Por causa da esplanada quer dizer espraiado, lugar aberto que se espraia ou se espalha, em vez de pôr espalhado colocaram Espraiado no termo vulgar. A própria população que denominou esse nome de Espraiado por causa da praia, em forma de praia (*Entrevista sobre a origem do nome Espraiado feita com senhor Eujácio⁹, 70 anos, em 18/03/2008*).

O início do povoamento do distrito Espraiado ocorreu em meados de 1910, quando muitos moradores das cidades baianas de Riacho de Santana, Igaporã, Brotas de Macaúbas, entre outras, adquiriram terras que naquela época eram consideradas “baratas”. Os fazendeiros chegaram por volta da década de 1970 e compraram terras dos moradores, aumentando o tamanho das fazendas. Inicialmente, o local era chamado de Cocho¹⁰, permanecendo o nome fazenda Cocho. Os casamentos aconteciam entre as pessoas da localidade, mas também com famílias de “fora” que vinham de outros lugares.

Aqui como fazenda teve o seu início em 1910 com a chegada das famílias de Possidônio Pereira dos Santos e de Bernardino Cristóvão e Francisco Cristóvão. E aqui eles permaneceram aumentando os membros das famílias, quando foi por volta de 1964 ele, houve um membro dessa família, que vindo de São Paulo criou um desejo de abrir aqui um espaço, uma formação no povoado, uma feira livre, porque era muito distante daqui a sede. Então ele dirigiu ao

⁸ As informações referentes à formação histórico-social do distrito Espraiado foram prestadas pelos moradores adultos, especialmente do sexo masculino, em entrevistas realizadas nos meses de março e de julho de 2008.

⁹ Senhor Eujácio foi professor no distrito, entre os anos de 1962 a 1992. No período de 1971 a 2005 atuou como vereador, representando o distrito. Concluiu o ensino médio no distrito Espraiado.

¹⁰ “Cocho”: nome utilizado para denominar o poço onde as pessoas pegavam água.

prefeito e ofereceu uma área de 100 m² para que o prefeito pudesse instalar a feira ou a implantação da feira e doou os loteamentos para as pessoas que aqui quisesse chegar como isso ocorreu a partir de 1966 criou a feira e aí veio o surgimento do povoado daí para cá. Quando foi em 1971 já tinha escola e até o crescimento normal de hoje que no correr desse período as pessoas foram mudando para aqui colocando seus filhos na escola, também com o favorecimento de abertura de estradas daqui para a sede e surgindo o comércio (*Entrevista sobre o povoamento do distrito Espraiado feita com senhor Eujácio, 70 anos, em 18/03/2008*).

No local onde se originou o povoado, existiam apenas três casas de enchimento. Em seguida, outras pessoas iniciaram a construção de suas casas. A partir de 1966, realizou-se a primeira feira livre embaixo de um pé de quixabeira. Havia movimentação intensa de vários comerciantes da sede do município no povoado de Espraiado. No entanto, a comunidade também frequentava a feira da Urtiga¹¹, localizada no município baiano de Riacho de Santana.

Além da feira, foi construída uma escola que recebeu o nome escola municipal Wilson Lins e uma igreja católica em 1972, tendo como padroeiro Nosso Senhor do Bonfim.¹² Ao rememorem sobre o surgimento da escola no distrito e fazendas, os moradores narram suas experiências escolares. A história da escolarização no distrito funde-se com o percurso escolar de cada um.

¹¹ Urtiga é o nome anterior do distrito Vesperina, que pertence ao município baiano de Riacho de Santana. O distrito está localizado a 3 km da sede do distrito Espraiado. A feira da Urtiga existe desde a década de 1950, funciona aos domingos, é uma das mais antigas da região e sempre foi referenciada como um acontecimento especial. Os “barraqueiros” são oriundos das cidades baianas de Palmas de Monte Alto, Guanambi e Riacho de Santana, e participam da feira há muitos anos, com suas barracas de roupas, verduras, frutas, calçados, etc.

¹² Os moradores contam que a “saudosa” Raquel Magalhães, devota de Senhor do Bonfim, prometeu e doou a imagem para a igreja. Acompanhou todas as festas “enquanto ela pôde acompanhar”.

Tinha uma escola num lugar chamado Tabatinga, em uma fazenda chamada Tabatinga, não tem Tabatinga aí? A escola era lá. Nós saía daqui para estudar lá em 65, eu saía daqui pra estudar lá. Ia de pé. Eu, meus irmãos mais velho estudou lá em 63 e eu como era o mais novo, eu estudei lá em 65 e 67 e até 68 eu ainda estudei na Tabatinga, porque veio ter escola aqui no Espraiado foi a partir de 71. Só que o estudo daquele tempo tinha muita diferença de hoje, era rígido no regime militar a coisa era mais complicada, os alunos tinha mais respeito mais temor pelo professor (...) aí a gente já recebia ele cantando umas musiquinha que ele ensinava né? Todos os dias a gente no período do intervalo nos tinha que marchar, cantar Hino da Bandeira, Hino Nacional, cantando e marchando ainda (*Entrevista sobre as experiências escolares no distrito Espraiado feita com senhor Silvani*¹³, 53 anos, em 22/07/2008).

Para senhor Benedito, o pouco tempo de permanência na escola, em virtude do vencimento do contrato de três meses do professor, não o impediu de continuar aprendendo. Era aos “sabidos” que recorria para entender a lição do livro:

Toda pessoa que chegava que eu via que era desenvolvido eu saía com o livro, aquela dúvida que eu tinha no livro que eu não entendia o que que era eu pedia a ele pra me explicar o que era aquilo. Aí ele dizia, isso aqui é isso, aí eu gravava. Outra hora queria fazer uma lição pedia ele pra fazer uma lição pra mim ele fazia, explicava e tudo, e tudo que ele me explicava eu decorava. Aí eu desenvolvi, eu desenvolvi só pedindo a lição pras pessoas, eu não tinha acanhamento de pedir pra me ensinar o que eu não sabia, não acanhava. Já tava estudando por conta própria assim, pedindo lição um e outro (*Entrevista sobre as experiências escolares na fazenda Mari feita com senhor Benedito*¹⁴, 75 anos, em 26/07/2008).

¹³ Senhor Silvani é lavrador e estuda no TOPA: Programa Todos pela Alfabetização, criado pelo governo do Estado da Bahia, em 2007. Atualmente é presidente da Associação de Trabalhadores Rurais de Espraiado e participa da igreja Assembléia de Deus, ocupando a função de 2º dirigente.

¹⁴ Senhor Benedito é agricultor aposentado. Frequentou a escola durante três meses, no ano de 1947.

A igreja católica foi construída em 1972, tendo como padroeiro Nosso Senhor do Bonfim. As festas desse santo eram movimentadas e ocorriam no mês de agosto com a realização de novenas, preparação de batizados e casamentos. As maiores festas eram religiosas e além da festa de Senhor do Bonfim, festejava-se o sábado de aleluia com a queimada do Judas, a Festa de Reis, que era cantada nas casas dos moradores, o 2 de julho com cavalhada, além do São João, que ainda hoje é comemorado no distrito. As igrejas Assembléia de Deus e Congregação Cristã do Brasil foram construídas nos anos 1990. Os membros da Bethel do Brasil se reúnem em residência, pois ainda não tem o templo edificado.

A festa do padroeiro Senhor do Bonfim ela deve ter começado aqui nessa faixa de 67, logo, logo começou o povoado tá entendendo? Eles já fazia festa da igreja, mas só que eles fazia uma latada ali ó onde tinha rezava a via sacra, aí fazia um oratóriozinho de madeira com o santo dentro, fazia as missa aí, o padre celebrava as missas aí. Depois passou a celebrar as missas primeiro celebrou no terreiro da casa de meu pai teve casamento, aquele Luís Lima casou aí, uma prima minha chamada Zolinda casou várias pessoas casou aí nessa missa no terreiro da casa de meu pai. Depois passou a celebrar aqui começaram a levantar a igreja, mas não cabaram de levantar ficou com uma parede sempre alta certos mês né e aí tinha um cruzeiro na frente da igreja e aí sempre rezava fazia semana santa, rezava via sacra e sempre fazia missa aí (*Entrevista sobre as festas religiosas no distrito Espirado feita com senhor Silvani, 53 anos, em 22/07/2008*).

Em Espirado, sempre existiram muitos “curandeiros” bastante conhecidos em todo o município. Conforme explica senhor Eujácio,

Espirado, aqui até hoje ainda se dedica as credices. Os curandeiros primeiro a começar. Eu mesmo fiz muita paz quando novo de procurar curar quando os problemas chegava em vez de eu buscar a presença de Deus que resolvia o problema procurava o curandeiro Andreino, daqui a cinco léguas, inclusive a minha esposa foi média lá fazia

parte do templo espírita. E hoje nós ainda temos aqui perto Chico de Joana como curandeiro tem pessoas que busca e encontra saída mas continua a região muito voltada para essas crenças principalmente de curandeiro. Nos centros espíritas fazia as olhadas, aí indicava as pessoas que estavam sofrendo e passava os remédios caseiros que eram composição de raízes, sementes e folhas para banho. O centro se reunia nas sextas e trabalhava na linha de canto, de roda para expulsar os males das pessoas (*Entrevista sobre as “crendices” no distrito Espiraiado feita com senhor Eujácio, 70 anos, em 18/03/2008*).

Os moradores de Espiraiado também buscavam tratamentos na sede do município até meados de 1970, além de fazerem uso de remédios caseiros como chás, banhos e defumadores. Nessa época existiram muitas parteiras, “agora que cruzaram os braços.” O posto de saúde foi construído nos anos 1980, contando com atendimento médico.

A viagem até a sede do município até meados dos anos 1970 era feita a cavalo e “aqueles menos favorecidos” iam a pé. A partir dos anos 1980 veio o jipe, a picape e o caminhão.

Quando nós pôs essa vendinha ia buscar de carga de animal, trazia tudo naqueles caxozão botava nos animal, depois viajava com carro de boi saia daqui quatro horas da manhã ia dormir em Zé Cardoso ali no, naquela curva que tem. Saia daí ia dormir lá em Monte Alto o ponto nosso era o senhor Abdias, aí no outro dia carregava ni Helvécio saco de açúcar, carne enchia de coisa aí via por dentro pela ladeira, saia ali por Bomfim por ali descia saia cá na esquina, ia dormir de novo no Zé Cardoso aí saia de Zé Cardoso meia noite, uma hora da manhã pra chegar aqui escurecendo no carro de boi, vinha descansando de vez em quando tirava o boi do carro botava pra comer dava água já tinha os ponto pra parar (*Entrevista sobre as viagens até a sede do município feita com senhor Carlinhos¹⁵, 61 anos, em 25/08/2008*).

¹⁵ Senhor Carlinhos estuda a EJA no distrito e foi o primeiro presidente da Associação de Trabalhadores Rurais do distrito na década de 1990.

Atualmente, os moradores utilizam os micro-ônibus para ir à sede de Palmas de Monte Alto e à cidade de Guanambi. São quatro veículos tipo micro-ônibus que fazem a viagem diariamente.

Características sócio-econômicas e educacionais do distrito

A escola foi um desenvolvimento muito grande pra sociedade, porque tantos jovens que não sabia nem assinar o nome, todos eles sabem assinar o nome, o crescimento, o desenvolvimento todo mundo tendo o conhecimento do que passa no mundo, do que passa no Brasil, do que passa no mundo, que através dos livro, da leitura você busca tudo, e aonde hoje que nem eu vi o Espraiado já tem computador, você já vê parte do mundo, a energia é outro passo fundamental, porque a televisão mostra tudo que passa no mundo, então a partir daí pode ser a pessoa velha ele passa a ter conhecimento das coisas, né? É uma escola, a televisão é que nem uma escola, ela vê, ela ensina a gente viver, e a escola também e os livros tá ensinando como é que se veve (*Entrevista sobre a importância da educação no distrito Espraiado feita com senhor Carlinhos, 61 anos, em 25/08/2008*).

O distrito Espraiado está localizado à margem esquerda do rio das rãs, faz divisa com o município de Riacho de Santana-BA e foi reconhecido como distrito em 08 de junho de 2004, antes era denominado de povoado. Conta atualmente com cerca de 2.000 habitantes. Dista 48 km da sede do município de Palmas de Monte Alto. É formado pelas fazendas Alagadiço, Angico, Baldo, Caetano, Caraíbas, Cedro, Covão, Curral Novo, Jurema, Lagoa do Couro, Malhada Grande, Mari, Muquém, Papaconha, Passagem Funda, Pedra de Fogo, Pindoba, Quixaba, Santa Maria, Sertão do Mari, Sítio Canjirana, Tabatinga, entre outras. Na maioria destas fazendas, existe um prédio escolar com uma classe multisseriada, uma turma de educação de jovens e adultos, além de uma igreja católica e associação dos trabalhadores rurais.

No distrito existem comércios como mercearias, lojas de roupa e móveis, salão de beleza unissex, sorveteria, bares, açougue e locais que prestam serviços como borracharias, oficinas de moto e de carro¹⁶. Espaços como a escola, as igrejas, a casa de farinha, a quadra poliesportiva, o posto de saúde, a *lan house* e as associações de trabalhadores rurais, são representativos para a vida social local. Os moradores vivem da agricultura de subsistência e da criação de animais. O preparo da terra é feito entre os meses de agosto e setembro e o plantio ocorre entre os meses de outubro e novembro. O início das chuvas ocorre em novembro e se prolonga até março. O volume pluviométrico é de 600mm por período de chuva. A produção é predominantemente para consumo próprio, embora uma parte seja vendida nas sedes dos municípios baianos de Palmas de Monte Alto, Guanambi e na própria localidade. Os produtos cultivados são feijão, farinha, sorgo, mandioca, milho, algodão, entre outros. A área de cada família varia de 25 a 120 hectares. A maioria das famílias trabalha na própria propriedade. Alguns também trabalham para fazendeiros locais, na colheita de produtos como o algodão e feijão.

Muitos moradores jovens, especialmente do sexo masculino, migram para os canaviais localizados nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Paraná. Embora os jovens do distrito circulem com frequência entre os estados acima citados, os espaços de destino não são definitivos, mas temporários. No final da colheita (que dura em média oito meses), retornam para o distrito.

A sobrevivência também é garantida por meio de auxílio dos programas de transferência de renda do governo federal, a exemplo do Bolsa Família, Bolsa Escola, Projovem Adolescente e PETI. Também é

¹⁶ Os moradores do distrito Espirado e fazendas se deslocam até a sede do município para receber dinheiro da aposentadoria, dos programas de transferência de renda, além de efetuar pagamentos. Não existem correios ou lotérica para saque de dinheiro no distrito.

ofertado no distrito o programa educacional TOPA¹⁷ para a população adulta e idosa.

O colégio municipal Wilson Lins

O colégio municipal Wilson Lins está localizado à entrada da sede do distrito Espreado. À sua frente estão comércios e residências, além de uma praça com muitas árvores. Também tem um telefone público, que é bastante utilizado pela comunidade local para receber notícias dos parentes que estão “fora”. O espaço físico é precário:¹⁸ conta com cinco salas de aula, dois banheiros para alunos, um banheiro para professores, uma sala para professores, uma sala para direção, uma sala para secretaria, uma cantina, além de uma sala na área externa do colégio¹⁹.

O colégio oferta o ensino fundamental e funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno. O turno matutino é frequentado por crianças oriundas da sede do distrito, que cursam a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental. Os jovens provenientes das fazendas e sede do distrito freqüentam os anos finais (6º ao 9º ano) no turno vespertino. No noturno funcionam duas turmas de educação de jovens e adultos (EJA) e três turmas de ensino médio²⁰, composta por adultos e jovens.

¹⁷ TOPA- Programa Todos pela Alfabetização, criado pelo governo do Estado da Bahia, em 2007.

¹⁸ A reforma do colégio é uma promessa ‘antiga’ da administração do município. A construção do prédio atual ocorreu em 1992 e desde essa época conta com a mesma estrutura. Ao final do trabalho de campo fui informada sobre o início da reforma, com previsão de término para fevereiro de 2012. Para maiores informações sobre o histórico da construção do colégio (cf. SILVA, 2009).

¹⁹ A sala foi construída em 2010 para serem realizadas aulas de informática. À época do trabalho de campo (outubro a dezembro de 2011) encontrava-se fechada, sendo utilizada apenas no turno matutino por uma classe de alfabetização. Em alguns grupos de discussão realizados com adultos, ficou clara a insatisfação dos mesmos, em razão da não ocorrência dessas aulas. A realização de alguns grupos de discussão ocorreu nesta sala, no noturno.

²⁰ As turmas de ensino médio funcionam desde 2005 e atualmente constituem-se como extensão do colégio estadual Anísio Teixeira, localizado na sede do município de Palmas de Monte Alto-BA. Segundo informação das professoras, o colégio é considerado como escola do campo, em razão da maioria dos/das jovens estudantes residirem no meio rural. A equipe diretiva da escola destaca as dificuldades enfrentadas, especialmente no âmbito administrativo, já que a escola não conta com suporte técnico-pedagógico para o

O colégio conta com professores que ingressaram na escola através de concurso público municipal e com professores com contratos temporários. Trabalham ainda na instituição, auxiliares de secretaria e serviços gerais, motoristas do transporte escolar, porteiro e membros da equipe diretiva.

Muitos jovens que estudam à tarde e à noite no colégio provêm do distrito Vesperina²¹, bem como da sede do distrito Espraiado e das fazendas²² Alagadiço, Angico, Barrocas, Baldo, Caetano, Caraíbas, Cedro, Covão, Curral Novo, Juá, Jurema, Lagoa do Couro, Malhada Grande, Mari, Muquém, Papaconha, Passagem Funda, Paus Pretos, Pedra de Fogo, Pindoba, Quixaba, Santa Maria, Sertão do Mari, Sítio Canjirana, Tabatinga, Vargem da Cheia. Nestas localidades, existem classes multisseriadas para os anos iniciais do ensino fundamental. Cerca de 250 alunos se deslocam das fazendas no transporte escolar rural²³ para dar continuidade aos estudos.

funcionamento das turmas de ensino médio, no distrito. Em anos anteriores, os alunos se deslocavam para a sede do município no transporte escolar rural (notas de campo, 2011).

²¹ Muitos jovens do distrito Vesperina cursam o ensino médio no colégio municipal Wilson Lins. Este distrito oferta apenas o ensino fundamental. Recentemente, o município de Riacho de Santana aderiu ao programa estadual Ensino médio em campo. O programa atende a 364 localidades e oferece a alunos da população do campo, que não têm escolas próximas à residência, a oportunidade de ter aulas do ensino médio através dos meios tecnológicos. cl. www.iat.educacao.ba.gov.br.

²² Em épocas passadas, com a chegada dos compradores de terra, os moradores do “lugar” residiam em fazendas, mantidas pelos fazendeiros. Atualmente, embora o nome fazenda tenha sido preservado, residem em pequenos povoados, em terreno próprio (informações prestadas por senhor Silvani, em entrevista no mês de julho de 2008).

²³ O transporte dos/das estudantes dos ensinos fundamental e médio e da EJA, realiza-se através de dois ônibus. Fazem as rotas: Espraiado-Cedro e Espraiado-Pindoba (cf. Apêndice E), nos turnos vespertino e noturno.



Figura 2
Colégio municipal Wilson Lins- Distrito Espraiado

2.2.2 A reconstrução do percurso etnográfico no doutorado

O momento de preparação para a realização do trabalho de campo, concernente à pesquisa do doutorado constitui-se em experiência relevante, em razão da minha expectativa para retornar ao distrito Espraiado²⁴, mas também pelos sentimentos de inquietação, insegurança e receios. A “entrada no distrito” configura-se como uma etapa marcante, já que o fato de ter permanecido durante três meses na comunidade no ano de 2008, traz desafios para a construção do percurso etnográfico da pesquisa do doutorado.

Nesse sentido, algumas questões perpassam minha preparação, tais como: quem são os/as jovens e pessoas adultas que freqüentam a escola de nível médio, no meio rural? como a ampliação da escolaridade interfere nas possibilidades de migração dos/das jovens? o que está motivando o “retorno” dos adultos à escola e interesse pelo ensino médio/ou EJA? O

²⁴ O trabalho de campo da pesquisa do mestrado foi realizado nos meses de janeiro a março e julho de 2008. Após 1 ano e 10 meses retornei em maio de 2010 para apresentar à comunidade local e escolar os resultados da pesquisa.

retorno dos pais e avós à escola tem contribuído para um efetivo diálogo intergeracional? Estudos etnográficos desenvolvidos por Weller (2011a; 2011b), Whyte (2005), Dayrell (2005), Comerford (2003), entre outros, têm me ajudado a lidar com a ansiedade inerente a este processo de construção.

Gostaria de ressaltar que retorno apoiada em algumas lições aprendidas durante o período em que permaneci na comunidade. No que concerne aos/às jovens entrevistados, reconhecer os “tempos e intensidades de fala” de cada um foi um aprendizado que permeou a minha inserção no distrito. A situação de “angústia” que vivenciei durante a realização dos primeiros grupos de discussão foi necessária para compreender que “aguardar outras oportunidades” ajuda a maturar através da reflexão, o processo de aplicação dos instrumentos, mas também a entender o contexto da situação. Ou seja, é preciso refletir também sobre o que a experiência de participar de um grupo de discussão, sob a coordenação de uma pessoa estranha, significava para aqueles jovens, naquele momento.

Outro aspecto interessante, foi a disponibilidade dos/das moradores/as para falar sobre suas vidas e sobre o distrito. Esses relatos não ficaram circunscritos ao momento das entrevistas realizadas, mas perpassaram o fim de tarde nos comércios, as viagens no ônibus escolar, os encontros nas praças. Estar aberta e sensível à escuta desses fatos mundanos tão importantes para o cotidiano local, foi fundamental para o desenvolvimento do estudo. Considerar a disponibilidade dos sujeitos para conceder entrevistas foi fundamental para acessar os “modos de vida” dos moradores/as. Saber sobre o melhor momento para ir à casa de uma família, implica conhecer as rotinas, a relação estabelecida com o tempo, o trabalho dos moradores, as necessidades, etc.

O reconhecimento da singularidade da linguagem dos moradores/as, expressa através das expressões locais, gestos, pausas e silêncios possibilitou “escutas” mais atentas, bem como o entendimento da linguagem como uma “cosmovisão particular” dos sujeitos. Outra vivência relevante diz respeito à resignificação dos obstáculos enfrentados. A dificuldade em encontrar um local para realizar os grupos de discussão com os/as jovens,

por exemplo, vai além da mera identificação de um obstáculo para o estudo. Tal situação possibilita o entendimento acerca da organização e oferta dos espaços públicos e privados na comunidade, entre outros fatores.

2.2.2.1 Fase 1 (2008) A pesquisa no distrito Espraiado e o envolvimento com a comunidade

Os trechos do diário de campo apresentados a seguir apresentam o meu percurso etnográfico no distrito, em especial o acesso inicial aos/às jovens estudantes e às famílias, bem como a organização das relações sócio-culturais, os modos de vida e os significados da educação escolar.

Primeiras aproximações com os/as jovens estudantes e os moradores do Distrito Espraiado

Ao saber que os/as jovens eram alunos viajantes, decidi conhecer o trajeto que fazem de casa até a escola. Isso possibilitaria saber sobre as condições de acesso ao transporte escolar, as relações estabelecidas com os colegas, bem como o significado desse “tempo de viagem” para cada um. Estávamos em março e as aulas já haviam iniciado. Antes de entrar, fotografo o ônibus e os alunos. No decorrer do trajeto, o ônibus pára tanto no início das localidades como próximo às casas. Assim como no intervalo escolar, os/as alunos/as sentam-se juntos conforme o sexo.

Os rapazes se aglomeram em grandes ou pequenos grupos e conversam sobre a partida de futebol ocorrida na noite anterior. Fazem análises, riem juntos, silenciam e recomeçam. Enquanto isso, outros ficam com as cabeças para fora da janela do ônibus. Algumas meninas cantam trechos da música tema do filme “Tropa de Elite”, ao mesmo tempo em que outros alunos/as consultam o caderno, olhando as aulas do dia. À medida que o ônibus vai enchendo, alguns alunos, que estão no fundo, começam a assoviar. Na frente, alguns grupos dão gargalhadas. Observo que, nesse momento, os rapazes estão mais falantes que as moças. Falam ao celular, fazem comentários

sobre as pessoas que passam na estrada etc. Chegamos às 12:25 e Osniir estaciona o ônibus próximo à escola (*Diário de campo, viagem no transporte escolar. Itinerário Fazenda Cedro/Distrito Espirado, março de 2008*).

O trecho acima traz à tona, as experiências vivenciadas pelos/as jovens, no trajeto que fazem de casa para a escola. Trata-se da vivência de momentos que certamente fortalecem os vínculos entre os/as jovens, já que apresentam outras possibilidades de relação entre os pares, para além das estabelecidas no espaço escolar. O diálogo interativo sobre as experiências do dia a dia, carregadas de prazer, parece confirmar o valor que atribuem à existência de um espaço/tempo para a partilha.

O entendimento sobre o cotidiano juvenil supõe o reconhecimento da existência de espaços distintos, a exemplo da casa, da vizinhança e da cidade, onde os/as jovens vivenciam cotidianamente experiências individuais e coletivas. Nesses espaços, os jovens constroem relações com amigos, vivenciam o lazer, estabelecem relações com os meios de comunicação de massa, participam de manifestações culturais e religiosas, expressando um sentimento de pertencimento, tanto à comunidade como a grupos de jovens. Nesse sentido, as experiências cotidianas dos jovens dependem da intensidade e da riqueza da vida social existentes no meio rural (WANDERLEY, 2006).

É importante destacar ainda, que para muitas abordagens de pesquisa, as práticas são acessadas através da observação, que permite ao/à observador/a tomar conhecimento das ocorrências de um determinado meio. A observação participante fundamenta-se na localização das situações ocorridas no aqui e agora e nos ambientes da vida cotidiana, além de se constituir como habilidade diária metodologicamente sistematizada (Flick, 2004).

Embora não tivesse a pretensão de realizar um estudo sobre a comunidade, pois a pesquisa se propunha a compreender os significados das experiências escolares e cotidianas para os/as jovens rurais, a convivência com os moradores foi se tornando estreita e contínua, tal como

consta no trecho abaixo. Nos dias que se seguiram à minha chegada, as pessoas de Espraiado demonstravam interesse em saber o que eu estava fazendo no “lugar”, quem eu era e se era parente de algum morador do local. Entendi que a comunidade queria me situar, inicialmente a partir deles próprios. Afinal, em princípio quem circula na localidade ou é morador ou é parente de morador.

Após o término do culto em frente à igreja católica, conversei com um professor do Distrito e uma jovem que havia celebrado o culto naquela noite. Falei de minha pesquisa com os jovens e do meu interesse em saber da história do Distrito. Aos poucos disseram quem eu deveria procurar para saber sobre o Distrito. Ainda em frente à igreja, apontavam com as mãos as moradias dos moradores. Pedi ao professor para que me acompanhasse até as casas. Este se dispôs então a me levar até a casa dos moradores. No dia seguinte, saímos em direção à casa do primeiro morador. As minúcias da história de vida de cada um eram confidenciais, ao mesmo tempo em que interrompiam os relatos para pegar algum objeto de recordação, guardado em outros cômodos da casa. Foi assim que conheci as fotografias antigas dos moradores, que mostravam os “parentes queridos”, que moram “fora” há algum tempo. Essa referência é muito recorrente na fala dos moradores, sobretudo a partir da apresentação das fotografias. Disseram que podia levá-las para minha casa e trazer quando pudesse. Assim o fiz. A história deles se fundia com a história do lugar (*Diário de campo, sobre contato com moradores do Distrito, mês de julho de 2008*).

Conhecer os modos de vida, a história social, e o processo de escolarização foi fundamental para entender as orientações coletivas dos/das jovens de Espraiado e das fazendas. O relato das observações realizadas na comunidade respalda-se na relevância do reconhecimento dos espaços de vida das pessoas, a visita às casas, a feira, a praça, a conversa sobre os fatos mundanos da vida cotidiana, como aspecto fundante para o entendimento da organização dos contextos de sociabilidade no meio rural. Os estudos sobre comunidade podem possibilitar a compreensão da história dos movimentos migratórios e da escolarização pública no meio rural, já que estão entremeados pela história pessoal de cada um. O acesso à história

desses sujeitos possibilitou-me conhecer uma outra lógica de existência, mas também o receio de incorrer em engano, de interpretar, romantizar a vida deles.

Visita às famílias da fazenda Mari

Pusemos o pé na estrada num sábado do mês de julho. Saímos de Espiraiado às 8 horas da manhã. Iniciamos a caminhada e, aos poucos, ia reconhecendo o lugar. À medida que passávamos em frente às casas, as crianças se aproximavam, acompanhando-nos até as casas dos moradores. Quando chegamos na casa de Dona Cibele e de Senhor Ramiro, já eram doze horas. Conversamos sobre as famílias, as origens e as escolas na região. Dona Cibele confia nas dificuldades enfrentadas por uma família, que mora próximo à sua casa. Solicita que eu visite esta família para prestar-lhe solidariedade. No decorrer da conversa, um jovem se dirige aos donos da casa pedindo a benção, pois estava indo para o Espiraiado.

Os avós concedem a benção e fazem recomendações ao jovem que ia retornar de moto. Em seguida, Dona Cibele anunciou o almoço. As histórias que o Senhor Ramiro contava foram interrompidas. A dona da casa ofereceu-me a cama para que tirasse um “cochilo,” após o almoço. Aceitei, pois sentia-me cansada e sabia que o costume de oferecer “pouso” aos estranhos que chegam faz parte da boa educação local. Após uma sessão de fotografias, seguimos adiante (*Diário de campo, Visita às famílias da fazenda Mari, sábado à tarde, julho de 2008*).



Figura 3
Família de Sr. Eurípedes - Fazenda Mari

As diversas fazendas que fazem parte do distrito Espraiado se constituem como “moradas” de muitos jovens estudantes que participaram da pesquisa. Na tentativa de conhecer o cotidiano dessas localidades, bem como os significados que atribuem ao “rural” em que vivem, não resisti ao convite da professora Ana²⁵, para visitarmos as famílias da fazenda Mari²⁶.

O trecho do diário é representativo para a compreensão de que o fortalecimento dos vínculos da vida local é garantido quando todos se disponibilizam a ajudar aqueles que precisam de apoio. Em muitas localidades rurais, os moradores enfrentaram catástrofes naturais como longas estiagens e enchentes. Portanto, faz parte das normas que regem o “lugar” socorrer aos que precisam, ainda que não façam parte do núcleo familiar.

Outro aspecto a ser destacado é a presença do/a jovem estudante na casa dos avós. Tal situação pode revelar que a convivência entre membros

²⁵ Ana lecionou numa classe multisseriada nessa fazenda e queria visitar as famílias dos/as alunos, que já não via há algum tempo.

²⁶ A fazenda Mari está localizada a 52 km da sede do município de Palmas de Monte Alto. Muitos jovens desta fazenda estudam no Colégio de Espraiado e deslocam-se no transporte escolar.

de gerações distintas fortalece os valores que são relevantes para o grupo, historicamente. As recordações dos “velhos do lugar” sobre o “tempo antigo” na fazenda, bem como os princípios da boa convivência provavelmente influenciam o processo de socialização desses jovens.

2.2.2.2 Fase 2 (2010) O retorno ao distrito Espirado: sobre a apresentação da pesquisa do mestrado no colégio²⁷, terça-feira, 11 de maio de 2010

O dia na terça-feira foi bastante intenso para mim. Encomendei bolos e refrigerantes para dona Lourdes, ainda na segunda-feira, à noite. Os funcionários da escola, sem que eu solicitasse, gentilmente arrumaram mesas, hastearam as bandeiras do Brasil, da Bahia e do município, além de instalar o aparelho de som na área livre e externa da escola. Estenderam toalhas de cetim vermelha nas mesas e puseram jarros nas mesas. A partir das 19 h, os alunos/as do noturno sentaram-se nas cadeiras juntamente com alunos/as do turno vespertino (que foram convidados pela direção para participar) e moradores do distrito. Também compareceram alunos/as da EJA, convidados no dia anterior. Senhor Teotônio, um dos moradores que entrevistei, cursa o ensino fundamental no noturno, no mesmo colégio e horário do seu filho. Nessa mesma noite, entreguei ao mesmo a sua fotografia restaurada (tirada aos 21 anos, quando chegou em São Paulo). Compareceram ainda senhor Eduardo (morador que disponibilizou-me algumas fotografias “antigas”), dona Branca (a primeira professora da fazenda Mari), senhor Eujácio, senhor Silvani e outros moradores/as. Da sede do município vieram as professoras Elizabete Trindade e Glória Lima (primeiras professoras a ensinar no distrito, no início dos anos 90). Após os agradecimentos, inicio a apresentação do trabalho. Em diversos momentos, os alunos/as demonstraram satisfação ao apreciar as fotografias apresentadas (destaquei tanto os momentos do cotidiano escolar como os

²⁷ O retorno ao distrito Espirado estava programado para o mês de março de 2010, ocasião em que seria apresentado à comunidade o resultado da pesquisa de mestrado desenvolvida no ano de 2008, com jovens estudantes e moradores locais. Mas somente no mês de maio foi possível deslocar-me até o distrito.

momentos cotidianos na comunidade). Percebi ainda que a apresentação das fotografias dos moradores “antigos” entrevistados (especialmente da fazenda Mari) causou bastante entusiasmo na platéia. Muitos destes raramente vêm à sede do distrito e embora sejam conhecidos dos adultos e também dos jovens, permanecem nas fazendas. Talvez por isso, mas também por outras razões tenham reagido de forma efusiva ao apreciá-las. Alguns moradores como senhor Eujácio e senhor Silvani, e professores como Glória e Jaime, além da diretora Selma e da professora Rosário, entre outros, pronunciaram-se após a finalização da minha apresentação (*Diário de campo, Apresentação da pesquisa após 1 ano e 10 meses, terça-feira, 11 de maio de 2010*).

Esta iniciativa da equipe escolar em arrumar o espaço físico para a apresentação dos resultados da pesquisa, chamou-me a atenção e possibilitou reflexões acerca dos significados da pesquisa para o grupo. A vivência coletiva dos eventos, reuniões, palestras é referenciada positivamente pela comunidade local e escolar, pois se constitui numa prática que assegura o valor de estarem juntos.

A colaboração da comunidade para a organização de eventos na escola, constitui-se em prática muito comum nas localidades rurais, sendo que a união em torno da organização desse momento envolve todos os moradores, o que aponta a dimensão coletiva como aspecto que move os eventos realizados na comunidade. Estar juntos em comunhão nesses momentos reforça o sentimento de pertença ao meio que estão inseridos.

Nas falas dos adultos (profissionais da educação, alunos/as da EJA, pais, avós) prevaleciam o entusiasmo por terem sido sujeitos da pesquisa e pelo distrito ter sido objeto de estudo. Referiam-se aos alunos jovens presentes, destacando o papel destes na preservação da memória do distrito. Eram falas que conclamavam os jovens a assumirem uma postura positiva frente ao local em que residem, além de chamar-lhes a atenção para o desenvolvimento educacional.

2.2.2.3 Fase 3 (2011) A imersão no distrito Espraiado: a apresentação da pesquisa

A realização do trabalho de campo no distrito Espraiado trouxe-me um problema. Onde iria ficar nesse período? Queria permanecer no distrito sem a preocupação de estar retornando para a sede do município. Conviver com as pessoas de lá possibilitaria conhecer o dia a dia na comunidade, o convívio com os jovens e adultos, freqüentar os espaços sociais, conhecer os assuntos que os interessavam. Foi então que recorri à professora Luíza²⁸, e pedi que alugasse uma casa para eu morar, entre os meses de outubro a dezembro de 2011.

A ida até o distrito Espraiado ocorreu numa manhã de segunda-feira, no dia 18 de outubro de 2011. O conserto das estradas das áreas rurais do município tornou a viagem rápida, já que nos anos anteriores o tempo destinado até o Espraiado eram de duas horas²⁹. Ao chegarmos no distrito, nos dirigimos até o colégio e encontro Susana, coordenadora da escola, à minha espera. Luíza encarregou-a para explicar-me a localização da casa em que iria morar.

A apresentação da pesquisa foi feita inicialmente no colégio Wilson Lins. No dia 20 de outubro de 2011 apresentei-me aos professores e funcionários, apresentei a proposta de estudo etnográfico que pretendia desenvolver no distrito com os jovens e adultos estudantes, a partir do seguinte critério: estar cursando o ensino médio, ter concluído o ensino médio, e ter desistido do ensino médio. Informei que também seriam entrevistados pais, avós e moradores do referido distrito, durante minha permanência no local. Não houve muitos questionamentos por parte dos professores e funcionários, apenas algumas curiosidades sobre a pesquisa.

²⁸ Luíza é professora da fazenda Curral Novo desde o ano de 2010. Quando estive no município, em meados de junho de 2011, solicitei a Luíza que alugasse uma casa em Espraiado, para que eu pudesse morar entre os meses de outubro a dezembro de 2011. Após informar-se na comunidade, Luíza foi até a casa dos moradores Osnir e Mabel e alugou uma casa do casal, que estava fechada há algum tempo.

²⁹ cf. Silva, 2009.

Ainda nesta tarde entreguei à direção escolar minha carta de apresentação (cf. Apêndice F) à escola, bem como o resumo do projeto de pesquisa.

Inicialmente, realizei observações que foram importantes para levantar informações que contribuíssem com a problemática da pesquisa, além de possibilitar a interação com os/as jovens e adultos do distrito. Consistiam em atividades como: observação e registro do intervalo escolar, dos eventos realizados na escola, das práticas esportivas, do processo eletivo para escolha do diretor, entre outras.

A minha inserção na escola e posteriormente na comunidade, possibilitou a convivência com os/as jovens e suas famílias, bem como com os demais moradores do distrito. No que diz respeito à apresentação da pesquisa para a comunidade local, espaços como as igrejas e as casas dos moradores constituíram-se no meu lócus de acesso.

No decorrer da minha permanência no distrito, freqüentei distintos espaços e contextos sociais como praças, campos de futebol, bares, cerimônias de casamento, encontro de jovens das igrejas católica e evangélica, reuniões de associações rurais, feiras, comércios, entre outros locais. Também foram realizadas visitas no distrito Vesperina e nas fazendas Curral Novo, Cedro, Angico, Caraíbas e Mari, com o intuito de realizar entrevistas, observações e registros fotográficos, bem como conhecer os espaços de circulação social.

As notas de campo dessas observações foram construídas diariamente no período diurno e noturno, sempre após a observação das situações. Posteriormente, essas anotações foram digitadas, representando um total de 50 páginas com registro das observações de campo.

2.3 Reflexões sobre alguns registros etnográficos no distrito Espreado

2.3.1 Memórias de escola do Senhor Benedito: “pedindo lição um e outro”

Numa manhã de sábado do mês de julho de 2008, visitei o senhor Benedito em sua casa. Aos 75 anos, narrou sua trajetória escolar na casa do avô, na fazenda Malhada Grande. Muitos moradores do distrito frequentaram a escola apenas por alguns meses. Senhor Benedito narra com entusiasmo as aulas que teve na casa do avô nos idos de 1947, durante os meses de maio, junho e julho, na fazenda Malhada Grande. Seu avô, “velho muito respeitado” por resolver as confusões na região, era inspetor no município de Palmas de Monte Alto. Sob os ensinamentos de professores homens, aprendeu a ler e a escrever.

Naquele tempo, a escola era particular. Os pais contratavam um professor por três meses para ensinar aos filhos homens. Os pais pagavam cinco mil réis por mês e não tinham condições de pagar por mais tempo. Após o vencimento do contrato, o professor pegava outra “empreitada” em outras regiões. Eram professores viajantes que iam de fazenda em fazenda para ensinar a ler e escrever. Senhor Benedito relembra as aulas dadas pelo professor:

Ele dava aula debaixo de um pé de, um pé de árvore também acho que um pé de Umbuzeiro que tinha na casa do meu avô, depois o pé de árvore caiu as folhas, quando é no mês de agosto em diante os paus caía as folhas aí eles fizeram uma latada cobriram de palha. Tudo sentado em cepo, aquele cepinho de pau não tinha cadeira, nada não *(Entrevista sobre a história da escolarização do distrito Espreado feita com senhor Benedito, 75 anos, em 26/07/2008)*.

Quando pergunto sobre os colegas daquela época, o senhor Benedito fala o nome e o “paradeiro” de cada um. Tem o cuidado de informar-me a origem dos colegas, ao mesmo tempo em que me pergunta se conheço as famílias de que fala. A memória aos poucos vai desvelando o tempo em que

“fazia frequência em escola”. Os 18 colegas, lembrados com ênfase, são descritos como “crianças e rapazinhos”. Pergunto então sobre as mulheres e senhor Benedito relata o costume daquela época: “tinha uma tradição que os pais não gostava que as mulher estudava isso pra não escrever pros namorados. Só homem, nessa escola não conheci uma menina mulhé, uma mocinha mulhé não, era só homem.”

Em seguida explica que da “década de 50 pra cá começou a desenvolver” pois foi nessa época que as mulheres começaram a estudar na zona rural. Numa tentativa de destacar o nível educacional das mulheres, que décadas atrás foram impedidas de estudar, enfatiza com entusiasmo que “hoje as mulher tá o conhecimento tá acima dos homens”.

É a observação de quem cresceu ouvindo “os velhos falar que não deixava as filhas aprender não,” além de não ter conhecido “uma menina que estudava”. Informa que foi também a partir dos anos de 1950 que “o governo criou a escola pública aí a gente caminhava pra estudar, já vinha aqueles livros didáticos. Os pais não podiam também tá pagando por mês, o Estado é quem pagava”.



Figura 4
Pé de Quixabeira – Fazenda Mari. Local onde D. Josefa lecionou nos anos 1970

Era preciso levantar cedo, escovar os dentes, tomar um cafezinho e entrar na escola às 6 horas. As aulas encerravam-se às 18 horas e eram muito “apertadas”. Aos sábados tinha o “grumento”³⁰. Ao meio dia, os alunos pediam licença ao professor, dirigiam-se até suas casas para almoçar e retornavam após o “repouso da comida”.

O senhor Benedito lembra que a “latada” ficava cheia de estudantes. Havia um quadro de pedra pequeno na parede e escrevia-se com giz. Ensinava-se o “alfabetismo, o ABC, o B e o A = BA, até a pessoa desenvolver, saber ler e escrever, só”. Os ensinamentos sobre a higiene corporal faziam parte da rotina escolar. Andar com as mãos limpas, unha cortada, dentes escovados, ensinava-se tudo.

A escola: 1960 a 1990

Mas eu brigo pra ver esse lugar crescer, pra não ser atrasado como eu conheci. O atraso que eu conheci. Pra ver aqui todo mundo desenvolvido. Hoje eu tô vendo o povo tudo sabido, todo mundo sabe ler e escrever. Menino "desse tamanho" sabe ler melhor do que eu. Tem uma força. Tem um modo de viver. Já sabe saí no mundo e já sabe como que se vira. Não é como eu saí daqui, cego. Sabia pouco. Com o pouco saber que eu tenho eu busquei muita coisa, fiz muito curso (*Entrevista sobre a história da escolarização do distrito Espirado feita com senhor Carlinhos*³¹, 61 anos, em 25/08/2008).

Numa casa de enchimento localizada na fazenda Tabatinga³² foram dadas as primeiras aulas a muitos moradores de Espirado e das fazendas vizinhas, como Caraíbas, Sertão do Mari e Malhada Grande. No período de 1963 a 1968, os alunos saíam de suas localidades e iam a pé para a fazenda Tabatinga. As aulas eram ministradas pelo senhor Eujácio de Souza Neto. A escola funcionava de 8 às 12, às vezes até mais tarde devido ao

³⁰ Grumento: argumento, sabatina com uso da palmatória.

³¹ Senhor Carlinhos estuda a EJA no distrito e foi o primeiro presidente da Associação de Trabalhadores Rurais do distrito na década de 1990.

³² Os moradores informaram que a casa “não existe mais só existe lá o lugar”.

interesse dos professores e dos alunos. Quando “aumentava” os alunos, as aulas aconteciam na área da casa de farinha. Não haviam bancos, cada aluno providenciava o seu. Não havia caderneta nem quadro negro. O professor escrevia o alfabeto completo no caderno. Quem podia comprava o tinteiro, ia cobrindo as letras.

Na fazenda Mari também existiu uma escola nos anos 1970. A professora era Dona Josefa da Silva Rodrigues, conhecida por Branca, uma das primeiras mulheres a estudar na região, aos 17 anos. Ensinou durante oito anos embaixo do Pé de Quixabeira e somente nos dias de chuva ensinava em sua casa. As aulas aconteciam no período de março a novembro e eram supervisionadas por técnicos da Secretaria de Educação do município. A professora preparava a merenda e fazia a limpeza. Os alunos vinham de várias fazendas. O quadro negro era fixado no tronco da Quixabeira.

O estudo daquele tempo é descrito como

Rígido já que no regime militar a coisa era meio complicada. Os alunos tinham mais respeito, mais temor pelo professor. Primeiramente o ABC. Somente depois é que se entendia as letras e soletrava. Depois estudava no livro intitulado “Cartilha do Povo” ou “Cartilha da Roça” além do livro “Infância Brasileira.” Cobrava-se as quatro operações e não era aquele negócio de levar calculadorinha não, tinha que ser bom de ideia (*Entrevista sobre a história da escolarização do distrito Espirado feita com senhor Benedito, 75 anos, em 26/07/2008*).

Nos finais de semana tinha o “grumento”. A partir da década de 70 do século XX, a merenda chega às escolas. Era preparada pelos alunos e professores. Muitos alunos desse período ainda moram “aqui dentro” enquanto alguns faleceram e outros moram em São Paulo.

O professor pra nós era quase como se fosse um pai, além de ser um mestre e ensinar a gente estudar. Mas a gente tinha um respeito por ele como se fosse um pai (*Entrevista sobre a história da escolarização do distrito Espraiado feita com senhor Benedito, 75 anos, em 26/07/2008*).

Nas avaliações escritas, pedia aos alunos para separar sílabas, escrever nomes de pessoas e lugares, aumentativo e diminutivo e desenhos. Não existia caderneta escolar e os dados da criança eram anotados em cadernos. Somente em 1974 a caderneta escolar é introduzida. Em 1971 passou a “ter escola” em Espraiado, funcionando em uma casa. Com o aumento do número de alunos, não foi possível permanecer na casa. As aulas passaram a ser ministradas em um barracão coberto de telhas francesas. Em 1972 foi “levantada” a primeira sala de aula, no primeiro grupo escolar.

Para os moradores antigos, a escola trouxe o desenvolvimento para o Espraiado. Eram os anos 1980, início da construção dos prédios escolares nas áreas rurais do município.

Instalou escola para todo lugar, aquilo foi o crescimento do lugar, foi a partir do conhecimento que o povo passou a ler, passou a ter conhecimento, o povo passou a ter sabedoria, aí começou a desenvolver o lugar (*Entrevista sobre a história da escolarização do distrito Espraiado feita com senhor Carlinhos, 61 anos, em 25/08/2008*).

Cronologia da Escolarização no distrito Espraiado e fazendas

- Nos anos 1940, as aulas eram dadas embaixo de árvores ou de latadas. Somente professores homens, como Elizeu Magalhães e Deoclídio, ensinavam durante 3 meses.
- Nos anos 1950, os professores Hermes Magalhães e Paulino Magalhães ensinaram na fazenda Tabatinga. Senhor Eujácio de Souza Neto foi “discípulo deles.”

- Nos anos 1960, o professor Eujácio ensina na Tabatinga. Em seguida, desloca-se com a turma para Espraiado.
- Em 1971, Dona Josefa da Silva Rodrigues, “discípula” do professor Eujácio, começa a ensinar o primário nos turnos matutino e vespertino embaixo do Pé de Quixabeira, na fazenda Mari, durante 8 anos.
- Em 1981, inicia-se a construção do prédio escolar na fazenda Mari, que recebeu o nome de Pe. Manoel da Nóbrega. As aulas iniciaram-se em 1982. Era o início das classes multisseriadas.
- Em 1991, chega a 1ª professora "formada" (com ensino médio completo) em Espraiado.
- 1992 – início da construção do Colégio em Espraiado. Seriam formadas turmas do 6º ao 9º ano. Era uma extensão do Colégio municipal Eliza T. de Moura, localizado na sede do município. Os/as professores (as) que vieram da sede do município para o Distrito inicialmente ficaram instalados numa sala de aula no colégio. Tempos depois, inicia-se a construção da "casa dos professores".

As informações acima foram prestadas por moradores do Distrito Espraiado e fazendas, durante entrevistas realizadas nos meses de março e julho de 2008.

2.3.2 Circulando em Espraiado com Daniela e Gerson

A inserção da pesquisadora no campo, possibilita o contato com situações, a vivência de experiências, além da circulação em espaços sociais, o que garante um contato direto e intenso. A pesquisadora tem o desafio de apreender e retratar esses significados. Que sentidos são atribuídos pelos sujeitos às suas vidas, ao cotidiano, ao mundo que os cerca? Que percepções os sujeitos têm de si mesmos?

Considerando a relevância dessas indagações para o estudo desenvolvido, apresento em seguida, alguns excertos das minhas notas de campo produzidas nos anos 2008 e 2011, quando residi no distrito Espraiado, para a realização do trabalho de campo, das pesquisas de mestrado e doutorado, respectivamente. Inicialmente, considero pertinente apresentar a jovem Daniela³³ e o jovem Gerson³⁴, estudantes moradores do distrito, que acompanharam-me em várias ocasiões sociais, no distrito.

Daniela tem 18 anos, solteira, branca, católica, natural de Palmas de Monte Alto, vive no distrito Espraiado há 15 anos com os pais. Cursa o 3º ano do ensino médio no noturno. Tem cinco irmãos. Cursou a educação infantil e ensino fundamental no distrito. Cursou ainda um curso de informática durante seis meses. No decorrer da entrevista, Daniela destacou que “ama a informática”. Desloca-se para a escola a pé. Trabalha 40h semanais em uma lanchonete como atendente de vendas, vende revistas de cosméticos e conta com ajuda dos pais. Daniela não participa de grupos, gosta de jogar futebol, acessar a internet e diz que “adora as tecnologias”. Namora Júlio, morador do distrito Vesperina.

Gerson tem 26 anos, solteiro, branco, natural de Palmas de Monte Alto, cursa o 3º ano do ensino médio no noturno, mora com os pais. Tem cinco irmãos. Trabalha como entregador de mercadorias e gás em casas e comércios do distrito. Gerson trabalha no comércio do cunhado com o transporte de uma professora até a fazenda Curral Novo, em veículo motorizado de duas rodas. Estudou a primeira etapa do ensino fundamental no distrito e a segunda etapa na sede do município. Torcedor do Corinthians desde os oito anos de idade, conhece as cidades de Icém e São José do Rio Preto. Trabalhou no corte de cana no ano de 2007. Participou em 2009 do curso de aperfeiçoamento Alfa, na cidade de Guanambi-BA e utiliza a internet constantemente, especialmente as redes sociais Facebook, Twitter e Orkut, além do MSN. Seu lazer preferido é freqüentar o Pitel bar. Namora

³³ Daniela participou de dois GDs, realizados em março de 2008 e outubro de 2011. Também concedeu uma entrevista narrativa em novembro de 2011.

³⁴ Gerson participou de um GD em julho de 2008 e concedeu uma entrevista narrativa em novembro de 2011.

Meire, que mora na sede do município. Pretende se casar, ter uma filha, cujo nome será Monalisa e “criar” em Espriado.



Figura 5
Pracinha do Distrito Espriado, construída em 2005.

Lugares para freqüentar: parte I, em 30 de março de 2008.

Após a realização do grupo de discussão, perguntei sobre o fim de semana no distrito. As jovens estudantes Danuza e Daniela dispuseram-se a acompanhar-me no fim de semana. Achei ótima a idéia de sair com as jovens, afinal tínhamos contato diário e conversávamos sobre vários assuntos. Ao sugerir a “entrada” em alguns locais, fui advertida de que alguns lugares no distrito não são adequados para freqüentar. Não imaginava que teríamos de ser seletivas quanto aos locais a serem freqüentados. Fiquei sabendo que alguns espaços não são adequados para pessoas de “bem”, pois são freqüentados por “pessoas faladas”, “pessoas de outro grupo”.

Na tentativa de compreender os princípios que regem as interações sociais neste meio, decidi acompanhá-las em outros momentos e contextos sociais. Assim, pude partilhar a sensação de sentar à praça num sábado à

noite, de ir aos cultos das igrejas católica e evangélica, ao restaurante para conversar e comer churrasco, bem como ir ao rio durante a semana.

A condição de jovem moça no distrito pode ser vivenciada de distintas formas, já que as conformações sócio-espaciais são pautadas por princípios e normas de convivência. O lugar ocupado por moças e rapazes certamente é visto como diferente, especialmente nos espaços públicos de socialização. Como as jovens são cerceadas pelo controle não só do núcleo familiar, mas também da comunidade, percebe-se que estas atribuem significados aos locais existentes no distrito, conforme a conveniência que rege a vida local. Nesse sentido, a ressalva de Daniela sobre o “cuidado” que se deve ter para circular no distrito, é expressiva para o entendimento da estruturação das relações de gênero no local.

Durante a realização da pesquisa em 2008, um aspecto marcante nas minhas interações, diz respeito à forma como os moradores se autodenominam. A idéia de que existem aqueles que são “direitos”, enquanto outros são “inconvenientes”, permeou todo o meu trabalho de campo. Tal abordagem era feita tanto pelos/as jovens como pelos moradores adultos. É o receita da fofoca que se espalha na comunidade, que institui um padrão de comportamento.

O convite de Gerson: parte II, em 25 de julho de 2008.

Antes de iniciar o grupo de discussão³⁵ disse o que iria abordar na entrevista para que ficassem mais à vontade. No decorrer da entrevista, ao perguntar sobre o fim de semana, Gerson disse-me que nos fins de semana em Espirado costuma ir ao *Pitel bar*. Nesse momento, pergunta se já fui, quando digo que não, pergunta-me se sou evangélica. Digo que não e então convida-me para ir conhecer. Esse espaço é freqüentado por moças e

³⁵ Em julho de 2008 realizei um Grupo de discussão com jovens homens estudantes que trabalharam nos canaviais da região sudeste.

rapazes tanto no fim de semana quanto durante a semana. Costumam colocar mesas no passeio do bar e sempre o som está alto.

O fato de estar residindo no distrito, para realizar uma pesquisa com jovens, despertou em Gerson a curiosidade para saber o porquê da minha ausência no *Pitel bar*. A referência ao meu pertencimento religioso, certamente poderia ser uma explicação, já que a minha condição de pesquisadora no distrito, poderia ser um atenuante para possíveis especulações.

As interações estabelecidas entre moças e rapazes são observadas e julgadas conforme o sexo. A condição de jovem rapaz, certamente liberta Gerson da vigília da comunidade, o que faz com que se sinta à vontade para circular entre os bares. Considerei este convite pertinente, pois nos meses de fevereiro a março, algumas jovens se referiram ao bar como lugar inadequado, de “mulheres faladas”.

*A ida ao *Pitel bar* com Daniela e Gerson: parte III, em 29 de outubro de 2011.*

Às vinte horas, Daniela e Danuza passam em casa para irmos até a pracinha do distrito. Ao chegar à praça, encontramos dona Cássia sentada na porta de sua casa com a filha e as netas. Nos sentamos e conversamos um pouco. Gerson se aproxima de nós, e dona Cássia o convida para sentar-se. Em seguida, fomos até à casa onde seu genro Juvenal trabalha como artesão. Juvenal trabalhava na queima do carvão e no momento atual constrói cadeiras de pneu para os moradores do distrito e da região. Nos dirigimos então, para a pracinha e Gerson nos acompanha até o Pitel bar.

O Pitel bar é bastante freqüentado por jovens, durante toda a semana. Funciona desde 2002, e alguns dos cantores mais solicitados são Silvano Sales, Quarto de empregada e Caçulas do forró. Gerson apresenta-me para Renato, dono do bar, e em seguida vamos até o salão onde os jovens

dançam. Gerson e Daniela dançam uma coreografia e dizem que nesta noite o movimento está fraco. Conversamos um pouco, enquanto registro o interior do estabelecimento. Renato fala sobre a dificuldade para promover festas no bar, pois sente-se inseguro em razão da inexistência de policiais no distrito. Informa que quando realiza, arca com o pagamento dos policiais e seguranças.

Falamos ainda sobre as bebidas e músicas mais solicitadas no bar, enquanto fotografo sua prateleira. Saímos em direção aos bancos da praça. Continuamos a falar sobre os bares do distrito e Gerson informa que no Pitel bar “toda alma entra”. Em seguida, aponta para os “bares de família”, explicando-me que este nome advém do fato de que o bar é uma extensão da casa, e que em espaços assim não é possível “falar tudo que se quer”.

A referência aos bares é algo muito comum no distrito, tanto pelos jovens como pelos adultos. Trata-se de espaços, em geral destinados à freqüência dos jovens, que são vistos no distrito de forma diferenciada. Existem aqueles que podem freqüentar e aqueles que não podem freqüentar determinados bares no distrito.

O *Pitel bar* é referenciado como um local inadequado para se freqüentar, além de não ser bem visto pela comunidade. Esse padrão encontra ancoragem nas manifestações de controle e cerceamento presentes nos espaços de circulação social. No entanto, esse bar é bastante freqüentado pelos jovens homens, mas também por Daniela e suas colegas. A ida aos bares com Daniela e Gerson, bem como com outros jovens, constituiu-se em experiência relevante no decorrer da pesquisa, já que eles freqüentam a noite do distrito, além de serem estudantes e participar de outros espaços sociais.

3. GRUPOS DE DISCUSSÃO E MÉTODO DOCUMENTÁRIO: APORTES TEÓRICOS E APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

3.1 Grupos de discussão: origem, utilização e bases teóricas

A utilização dos grupos de discussão acontece inicialmente na Alemanha, na década de 50 do século XX, em estudos com diferentes classes sociais, desenvolvidos por integrantes da Escola de Frankfurt. Nesses estudos, os grupos de discussão ainda não eram utilizados para a exploração de opiniões individuais, sendo que a opinião do grupo era vista como soma de opiniões (cf. WELLER, 2011b).

Somente no final da década de 1970, com as contribuições do arcabouço teórico do interacionismo simbólico, da fenomenologia social e da etnometodologia, os grupos de discussão passaram a ser reconhecidos como um método de pesquisa e não apenas como uma técnica de coleta de opiniões. Para adquirir a propriedade de método, é preciso “que os processos interativos, discursivos e coletivos que estão por detrás das opiniões, das representações e dos significados elaborados pelos sujeitos sejam metodologicamente reconhecidos e analisados à luz de um modelo teórico” (BOHNSACK, 2007 *apud* WELLER, 2011b, p.56).

Os grupos de discussão como método constituem uma ferramenta importante para a reconstrução dos contextos sociais e dos modelos que orientam as ações dos sujeitos. Mangold, citado por Weller (2011b), propôs, com suas reflexões, um aspecto a ser pesquisado por meio dos grupos de discussão: as opiniões de grupo. Estas expressam as orientações coletivas ou visões de mundo provenientes do contexto social dos indivíduos que participam em uma pesquisa. A partir desse momento, os participantes passaram a ser vistos como representantes de um meio social, e não mais apenas como detentores de opiniões. Havia o interesse pelas vivências

coletivas e posições comuns dos sujeitos pertencentes à diferentes classes sociais. Nesse sentido, as opiniões de grupo não são apenas atualizadas no decorrer da discussão, lembrando que as manifestações individuais acerca do tema proposto são produto da interação mútua.

A partir da década de 1980, muitos estudos sobre juventude passaram a utilizar os grupos de discussão como método de pesquisa, dada a possibilidade que oferecem ao pesquisador de conhecer as experiências típicas da fase juvenil. Embora este método seja bastante difundido nos estudos sobre juventude, tem sido aplicado em pesquisas com crianças, professores e professoras, portadores de necessidades especiais e com adultos de distintas gerações, especialmente na Alemanha. No Brasil, o método tem sido utilizado no âmbito das dissertações de mestrado e teses de doutorado, nos estudos sobre juventude, educação e culturas juvenis (cf. WELLER, 2011b).

Os grupos de discussão apresentam vantagens que transcendem a justificativa da economia de tempo na coleta de informações. Ainda sobre esse aspecto, o pesquisador deve ficar atento com a preparação do trabalho de campo, pois, em alguns contextos, a realização do grupo se estende até três ou quatro horas.

Existem vantagens que podem ser obtidas com a utilização desse método especialmente nas pesquisas com jovens. São elas: a) Estando em grupo e pertencendo ao mesmo meio social, os jovens demonstram espontaneidade para expressar sua linguagem, o que permite captar aspectos da vida cotidiana; b) O diálogo entre membros de um mesmo meio social possibilita conhecer as singularidades das vivências tecidas neste espaço; c) Os membros do grupo protagonizam um diálogo bastante interativo, próximo ao experienciado em outros espaços da vida cotidiana. Nesse sentido, a presença do pesquisador e do gravador não constrangem o grupo, sobretudo porque o pesquisador assume o papel de ouvinte minimizando a sua interferência; d) Devido à densidade presente nas discussões em grupo, é possível que os jovens façam reflexões mais

consistentes e profundas sobre determinados temas; no grupo é possível corrigir fatos distorcidos, distantes da realidade que partilham, o que torna mais difícil os jovens produzirem narrativas a partir de histórias inventadas. Os colegas tendem a se pronunciar questionando a veracidade dos fatos. Dessa forma, é possível atribuir maior confiabilidade às produções coletivas narradas (WELLER, 2011b, p.61).

É fundamental ressaltar que a realização de grupos de discussão traz alguns desafios para o pesquisador, afinal, existem critérios para a condução dos grupos que devem ser considerados para que esse método tenha êxito. A elaboração de um tópico-guia contendo as questões que servirão de estímulo para a discussão entre os jovens deve ser feita com base na revisão bibliográfica bem como nos estudos exploratórios do campo de pesquisa. O tópico-guia não se constitui em um roteiro que deve ser seguido à risca, mas ele é um instrumento importante para o pesquisador conduzir a discussão, já que os temas estão bem encadeados. Weller (*op.cit.*) destaca a importância da pergunta inicial ser a mesma para todos os grupos, pois, num momento posterior, estes serão analisados comparativamente.

Bonhsack (2007 *apud* Weller, 2011b) destaca a relevância do momento inicial da pesquisa, representado aqui pela relação estabelecida com o grupo. O contato com os membros do grupo deve estar pautado numa base de confiança mútua para que se sintam seguros e à vontade. O início da discussão deve ser feito com uma pergunta mais vaga e geral, visando estimular a participação interativa dos membros. As perguntas devem gerar narrativas, daí a necessidade de priorizar aquelas que perguntam pelo *como*, pois estas promovem relatos mais consistentes e detalhados. É importante que as perguntas sejam dirigidas a todo o grupo e, portanto, o pesquisador não deve direcionar o olhar para um único membro ao realizar a pergunta.

Outro aspecto importante a ser garantido pelo pesquisador é a autonomia do grupo para organizar ou ordenar as falas, escolher a forma e os temas do debate, incentivando o grupo a dirigir a discussão. Nesse

sentido, o pesquisador atua em momentos específicos, quando solicitado, ou diante da necessidade de propor outra pergunta, para garantir a integração do grupo. Quando o grupo sinalizar o esgotamento da discussão, o pesquisador poderá realizar perguntas iminentes com o intuito de aprofundar os temas discutidos e esclarecer as dúvidas referentes às produções discursivas do grupo. Após esta etapa, o pesquisador poderá realizar perguntas exmanentes ao grupo, ou seja, sobre temas que ainda não tenham sido discutidos pelo grupo, mas que contribuem com a pesquisa.

Quanto à seleção dos grupos, o critério definido por Anselm Strauss (*theoretical sampling*) como amostra teórica é bastante pertinente para o desenvolvimento do método. Este critério se orienta pela construção de um *corpus* que se sustenta no conhecimento e na experiência dos entrevistados sobre o tema. Dessa forma, a amostra teórica não é definida previamente, mas no decorrer do processo de pesquisa. À medida que se realizam os grupos de discussão, o pesquisador terá condições de escolher os próximos entrevistados com base nas informações acessadas na entrevista anterior (Weller, 2005 e 2011b). Esse procedimento possibilita a comparação constante dos dados no decorrer da coleta destes e visa a formulação de teorias fundamentadas nos dados empíricos (cf. STRAUSS e CORBIN, 2008).

Para Weller (2011b), o pesquisador deve se orientar pelo princípio da saturação para determinar o número de grupos de discussão necessários à pesquisa, pois, a partir de um ponto, as informações começam a se repetir, tornando desnecessária a realização de mais grupos. Também é importante construir um relatório apresentando a situação do grupo de discussão, os entrevistados e o local, com o intuito de explicar como se deu o processo de interação entre o entrevistador e entre os entrevistados. Ainda com o objetivo de obter informações adicionais sobre os entrevistados, recomenda-se a aplicação de um formulário ao final da realização do grupo.

3.2 O método documentário como instrumento de análise dos grupos de discussão

O Método Documentário está aportado nas raízes teóricas da sociologia do conhecimento de Karl Mannheim, além de contar com a influência da fenomenologia social, da etnometodologia e da escola de Chicago. Apesar da intensa adaptação e aplicação do referido método para a análise de fotografias e imagens (cf. Bohnsack, 2011b; Liebel, 2011b; Baltruschat, 2011b), o método documentário também é amplamente utilizado na análise de grupos de discussão e entrevistas narrativas. Esse método é o instrumento teórico-metodológico utilizado para analisar as distintas visões de mundo, que, por sua vez, estão ancoradas em experiências ligadas a determinada estrutura, constituindo-se em base comum das vivências que marcam a existência dos sujeitos. Essas visões de mundo são construídas a partir das ações práticas e fazem parte do campo definido por Mannheim como ateórico. No entanto, a compreensão da visão de mundo e da orientação dos grupos só é possível a partir da conceitualização e explicação teórica das práticas desse conhecimento ateórico (cf. WELLER *et al*, 2002; BOHNSACK e WELLER, 2011b).

O objetivo desse procedimento teórico-metodológico de análise de dados, introduzido pela sociologia do conhecimento de Karl Mannheim, é superar o dilema dicotômico entre objetividade e subjetividade, já que o conhecimento ateórico, silencioso ou implícito, como definido por Polanyi, rege a ação (cf. Bohnsack, 2011b). O método documentário permite o acesso à estrutura de tal ação, que, por sua vez, possibilita a reconstrução da perspectiva dos atores. Essa estrutura é representada pelas pessoas como um saber comum que todos dispõem e isso implica dizer que não é somente o observador-pesquisador que terá acesso privilegiado, já que os entrevistados detêm um saber que desconhecem (WELLER *et al*, 2002).

Uma outra característica da interpretação segundo este método refere-se a uma mudança na postura de análise, visto que ela deixa de estar orientada para o *que* e passa a orientar-se pelo *como*. Assim, a tarefa do pesquisador não é explicar a realidade das pessoas que participam da pesquisa, mas analisar *como* é constituída a realidade na qual elas estão inseridas (Bohnsack, 2011b). Nesse sentido, a pergunta pelo *como* nos remete à identificação do *habitus* elementar da prática³⁶. Essa compreensão funcional ou interpretação genética é o que define a funcionalidade da ação nesse modo de interpretação. Já a interpretação imanente da realidade social é aquela que apercebe-se de forma intuitiva e que é devolvida ao cotidiano.

Para Mannheim, citado em Weller *et al* (2002), existem três tipos de sentidos que podem ser identificados em uma ação cotidiana como exemplo, o gesto de dar uma esmola. Um nível de sentido *imanente* ou objetivo que é dado, ou seja, que pode ser interpretado imediatamente; outro refere-se ao nível de sentido *expressivo* e constitui-se naquele transmitido através das palavras ou ações e que exige um conhecimento dos atores envolvidos para que possa ser interpretado; por último o nível *documentário* que documenta a ação prática e exige que o processo de interpretação também envolva a posição daquele que está interpretando.

A compreensão deste último nível dá-se somente por meio da postura genética. Essa postura, viabilizada através da pergunta pelo *como*, é fundamental para a compreensão do sentido documentário das visões de mundo ou dos sentidos das ações de determinados grupos. O acesso a esse sentido documentário dá-se somente através da interpretação; para isso, faz-se necessária uma via de acesso ao conteúdo subjetivo do outro, bem como uma análise da inserção do pesquisador no contexto social do grupo pesquisado para que se possa conhecer as experiências e representações coletivas dos sujeitos da pesquisa (BOHNSACK e WELLER, 2011b).

³⁶ O conceito de *habitus* aqui utilizado está em consonância com os estudos de Bourdieu. Para maiores informações sobre o conceito ver. NOGUEIRA E NOGUEIRA, Bourdieu e a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Após essas etapas, faz-se necessária a reconstrução detalhada das referências verbalizadas e o modo como estão relacionadas entre si, já que a interpretação documentária não parte de metodologias ou teorias pré-concebidas: estas são desenvolvidas e incorporadas de forma reflexiva durante o processo de pesquisa. Para isso, a análise processual deve levar em conta a dramaturgia dos discursos; estes, por sua vez, são identificados como metáforas de foco. As metáforas de foco referem-se aos centros de convivência que são comuns aos membros do grupo pesquisado.

Tais centros foram denominados por Mannheim como espaço de experiências conjuntivas e dizem respeito àquelas experiências biográficas e de socialização que são semelhantes e que por isso dispõem de um espaço experiencial comum: Estes interesses comuns podem resultar das experiências associadas à geração, ao meio social, ao gênero, à fase de desenvolvimento, entre outras (WELLER, 2006).

A partir dos três níveis de sentidos apresentados por Mannheim, o método documentário foi atualizado e adaptado para a análise de dados empíricos por Ralf Bohnsack. Dessa forma, ao “invés da reconstrução do *decurso* de uma ação (nível objetivo ou imanente), passaremos a analisar e reconstruir o *sentido* dessa ação no contexto social em que está inserida (nível documentário)” (Weller, 2005, p.268). Assim, o método documentário tem se constituído em uma importante abordagem teórico-metodológica na análise dos grupos de discussão, entrevistas narrativas, fotografias, charges e filmes.

A análise se inicia com a etapa denominada interpretação formulada. Nessa fase, “busca-se compreender o sentido imanente das discussões e decodificar o vocabulário coloquial” (Weller, 2006, p.251). Primeiramente, é realizada uma divisão em temas e subtemas, sendo importante o reconhecimento da autoria da fala inicial, por exemplo, se partiu do pesquisador ou dos membros do grupo. Em seguida, seleciona-se as passagens centrais do grupo ou as metáforas de foco. Também deve-se fazer a seleção das passagens relevantes para a pesquisa, considerando os objetivos do estudo e a interação existente entre os membros do grupo. Não

é necessário transcrever todo o grupo de discussão, mas deve-se transcrever a passagem inicial, as passagens ou metáforas de foco, bem como os trechos importantes para a pesquisa.

A análise inicia-se com a passagem inicial, em seguida as passagens de foco e, ainda, as que discutem as questões concernentes ao tema da pesquisa. Deve-se reescrever o que foi dito pelos membros do grupo, trazendo o conteúdo das falas para uma linguagem que poderá ser compreendida pelos leitores que não pertençam ao mesmo meio social dos participantes. Nessa fase, não são feitas comparações, tampouco são apontadas referências ao campo ou à literatura, pois nesse momento busca-se analisar a estrutura básica do texto.

A segunda fase, denominada interpretação refletida, implica uma observação de segunda ordem, em que o pesquisador se propõe a realizar a análise, podendo se pautar no conhecimento teórico e empírico construído nos contextos estudados. Para Weller, a interpretação refletida “busca analisar tanto o conteúdo de uma entrevista como o ‘quadro de referência’ que orienta a discussão, as ações do indivíduo ou grupo pesquisado e as motivações que estão por detrás dessas ações” (Weller, 2006, p.251).

Essa interpretação tem por objetivo a reconstrução desse “quadro de orientação”. Essa segunda fase é subdividida em outras duas. Na primeira, dedica-se à reconstrução da organização do discurso e à análise da interação entre os participantes do grupo. O pesquisador busca analisar não somente questões temáticas relevantes, mas padrões semelhantes ou aspectos típicos do meio social. O próximo consiste na análise de uma outra passagem do mesmo grupo de discussão com o intuito de se estabelecer uma comparação interna, ou seja, como os mesmos jovens se posicionam diante de um outro tema.

Em seguida o pesquisador escolhe um segundo grupo. Após a análise da passagem inicial, dá-se seguimento à comparação externa, ou seja, como os jovens de outro grupo se posicionaram em relação a um mesmo tema, que também foi discutido pelo outro grupo, e assim sucessivamente. A interpretação dos dados só ganha forma e conteúdo

quando fundamentada na comparação interna e externa (BOHNSACK e WELLER, 2011b).

3.3 Sobre a realização dos grupos de discussão: algumas notas de campo

No que se refere à formação dos grupos de discussão com jovens e adultos, o acesso ocorreu a partir da minha aproximação junto aos jovens estudantes conhecidos³⁷, especialmente no intervalo escolar, na entrada na escola, no decorrer da realização do evento “um dia na escola³⁸” e durante o fim de semana no distrito. Também foram realizadas entrevistas narrativas durante as visitas feitas aos moradores do distrito e fazendas. As salas de aula também se constituíram em espaços de acesso aos jovens e adultos. As turmas de ensino médio são formadas tanto por jovens quanto por adultos. Um fato que marcou o meu contato com os adultos na escola, foram os constantes questionamentos feitos sobre as possíveis contribuições da pesquisa para a melhoria do distrito.

Os/as jovens e adultos estudantes estavam sempre em grupos, especialmente em momentos como o intervalo escolar, as “aulas vagas” e a realização de eventos na escola. Ao serem interpelados, alguns jovens e adultos demonstravam receptividade com a pesquisa; outros simplesmente se recusavam a participar sem apresentar justificativas. Algumas situações dificultaram a realização dos grupos de discussão, a exemplo do período de provas da IV unidade (segunda quinzena de novembro), as chuvas, a

³⁷ Muitos jovens estudantes do 2º e 3º anos do ensino médio, na ocasião da pesquisa do mestrado, cursavam as séries finais do ensino fundamental. Nesse sentido, alguns jovens já foram entrevistados anteriormente.

³⁸ Este evento é realizado anualmente no colégio do distrito. Os alunos demonstram satisfação ao participar deste evento, já que permanecem durante todo o dia participando de atividades culturais e esportivas. Para maiores informações sobre este evento (cf. SILVA, 2009).

constante queda de energia no distrito, as “aulas vagas” na escola³⁹, bem como a definição do local⁴⁰ para realizar as entrevistas.

No momento da realização das gravações, apresentou-se inicialmente, o contexto da pesquisa aos entrevistados e o termo de consentimento para a gravação da entrevista. Os grupos de discussão e as entrevistas narrativas foram realizados seguindo um roteiro-guia (cf. Apêndice A) que trazia os temas de interesse da pesquisa. A interação entre os membros variava de um grupo para outro, sendo mais dinâmica quando se tratava de assuntos como família, retorno para a escola, migração para os cortes de cana ou ser mulher no distrito. Algumas entrevistas foram marcadas por longas pausas e silêncios. Em alguns grupos, a discussão se restringiu aos temas apresentados pela pesquisadora, mas em outros surgiram temas considerados importantes pelos mesmos.

Durante a realização das gravações, aspectos como o barulho das motos e as músicas vindas do interior das casas, estiveram presentes. Como foram gravadas em um gravador digital *stereo*, as interferências externas não comprometeram a transcrição das falas. Ao término de cada entrevista, com o objetivo de obter informações adicionais, cada participante preencheu um formulário⁴¹ (cf. Apêndice B) com informações relativas a dados sócio-econômicos e familiares. Em seguida, foi construído o relatório da entrevista, sintetizando os comentários informais ocorridos durante o encontro. Foram registrados aspectos como expressões verbais e corporais, confidências relatadas, além de curiosidades sobre a pesquisadora, externadas especialmente quando se desligava o gravador.

³⁹ Nos últimos meses, as turmas de ensino médio não assistiram aulas das disciplinas física, química e matemática. Desde meados da III unidade, quando a professora “entregou as turmas”, os alunos estão com “aulas vagas”.

⁴⁰ As entrevistas foram realizadas em diversos espaços como a sala de aula do colégio, a casa em que morei, o prédio escolar de uma fazenda e as casas dos moradores. Como algumas entrevistas foram realizadas no fim de semana, os espaços para realização das mesmas foram bastante diversificados.

⁴¹ Nas entrevistas realizadas com moradores idosos e adultos analfabetos, o preenchimento do formulário foi feito pela pesquisadora.

Com o término da realização dos grupos de discussão e das entrevistas narrativas, iniciou-se no mês de janeiro de 2012, a transcrição e divisão temática⁴² dos grupos de discussão e entrevistas narrativas, realizados com os jovens e adultos. Quanto ao processo de análise (Cf. Apêndice H) dos referidos grupos de discussão, foi realizado com base no método documentário desenvolvido por Karl Mannheim e adaptado para a pesquisa social empírica por Ralf Bohnsack (cf. WELLER, 2006; 2011b; BOHNSACK e WELLER, 2011b).

Na tentativa de reconhecer as especificidades que caracterizam os contextos sociais no distrito, a observação, os registros fotográficos, os grupos de discussão e a entrevista narrativa constituíram-se nos principais instrumentos de coleta de dados. Foram realizados 18 grupos de discussão e 18 entrevistas narrativas com jovens e adultos estudantes, pais e avós. Foram feitos 435 registros fotográficos⁴³ dos espaços e contextos sócio-culturais do distrito e fazendas, além de acesso a letras de músicas religiosas e a DVDs disponibilizados por jovens trabalhadores nos cortes de cana.

⁴² Os códigos utilizados na transcrição das entrevistas foram desenvolvidos pelos pesquisadores do grupo coordenado por Ralf Bohnsack, na Alemanha (cf. Apêndice C). Weller (2011a) considera relevante numerar as linhas do texto transcrito, bem como criar códigos para apresentar a entonação da voz e as expressões produzidas pelos participantes. Também assinala a importância de apresentar nomes fictícios para os membros, garantindo assim o anonimato destes.

⁴³ Os registros fotográficos realizados pela pesquisadora no decorrer do trabalho de campo, encontram-se organizados no caderno de imagens.

Grupos de discussão realizados com jovens e adultos

QUADRO 1

Grupos de Discussão realizados com jovens do sexo feminino⁴⁴
Ensino Médio em andamento

GD	Membros	Critério	Duração	Data	Local
A	Roberta, Carla, Patrícia e Letícia	Jovens ensino médio andamento	00:42:30	25/10/2011	Sala de aula
B	Daniela, Geane, Cristina e Gisele	Jovens ensino médio andamento	00:41:10	26/10/2011	Sala de aula
H	Sônia, Nádia, Cátia e Milena	Jovens ensino médio andamento	00:20:22	10/11/2011	Casa entrevistadora
J	Valdo, Ursula, Bete, Tânia e Aprígio	Jovens ensino médio andamento	00:17:50	11/11/2011	Sala de aula
D	Lúcia, Nicolau e Julieta	Jovens ensino médio andamento	00:25:10	27/10/2011	Sala de aula
N	Maira, Natália, Cíntia, Manuela e Danuza	Jovens ensino médio andamento	00:57:32	02/12/2011	Escola Caraíbas

Fonte: Pesquisa em tela

QUADRO 2

Grupos de Discussão realizados com jovens do sexo masculino
Ensino Médio em andamento

GD	Membros	Critério	Duração	Data	Local
S	Gerson, Milton, Julio e Delson	Jovens ensino médio andamento	01:19:55	25/07/2008	Casa dos professores
I	Kelly ,Yasmim, Wesley e João	Jovens ensino médio andamento	01:22:25	10/11/2011	Sala de aula
L	Francisco, Luiz, Angelina e Marcos	Jovens ensino médio andamento	01:24:42	11/11/2011	Sala de aula
M	João, Paulo, Pedro e Elson	Jovens ensino médio andamento	01:14:23	15/11/2011	Sala de aula

Fonte: Pesquisa em tela

⁴⁴ Os grupos de discussão e as entrevistas em negrito foram transcritas no mês de janeiro de 2012.

QUADRO 3

Grupos de Discussão realizados com jovens do sexo masculino e feminino
Ensino Médio concluído e Ensino Médio desistente

GD	Membros	Critério	Duração	Data	Local
G	Vilma, Tiana e Milta	Jovens ensino médio concluído	01:03:22	05/11/2011	Casa da entrevistadora
P	Flávia, Vitória e Michele	Jovens ensino médio concluído	01:22:42	06/12/2011	Casa da entrevistadora
Q	Ney, Ueliton e Pedro	Jovens ensino médio desistente	00:57:45	07/12/2011	Casa da entrevistadora
R	Ticiane, Antônio, Amanda e Rogério	Jovens ensino médio concluído	00:29:18	09/12/2011	Bar de senhor Sérgio

Fonte: Pesquisa em tela

QUADRO 4

Grupos de Discussão realizados com Adultos
Ensino Médio e Educação de jovens e adultos

GD	Membros	Critério	Duração	Data	Local
C	Raquel, Alessandro Teotônio e Miro	Adultos EJA_7ª e 8ª em andamento	02:54:02	25/10/2011	Casa de Raquel
E	Tiago, Roberto, Carlos, Naldo, Jonas e Osmar	Adultos EJA_5ª e 6ª em andamento	03:11:37	03/11/2011	Sala de aula
F	Márcia, Robson, Mauro, Joaquim e Cláudio	Adultos ensino médio andamento	01:37:36	04/11/2011	Sala de aula
O	Osni, Felícia e Elma	Adultos ensino médio andamento	00:51:35	05/12/2011	Casa da entrevistadora

Fonte: Pesquisa em tela

4. FAMÍLIA, ESCOLA E JUVENTUDE NA PERSPECTIVA DOS JOVENS DO DISTRITO DE ESPRAIADO

Como já mencionado, o presente estudo contou com a realização de 18 grupos de discussão com jovens e adultos estudantes do ensino médio, moradores do Distrito rural Espraiado e fazendas vizinhas, localizados no município de Palmas de Monte Alto, sertão baiano. Foram realizadas ainda 18 entrevistas narrativas com moradores do distrito e fazendas vizinhas com o intuito de aprofundar o percurso biográfico e escolar dos adultos. Embora a realização dos grupos de discussão contemple a abordagem de temáticas como: trabalho, perspectivas de futuro, convivência e participação na comunidade, entre outras, os segmentos apresentados a seguir discutem somente alguns temas.

Este capítulo dedica-se à descrição do processo de realização e análise de três grupos de discussão⁴⁵ “Os/as jovens que vivem no distrito”, “Jovens mulheres que concluíram o ensino médio” e “Jovens homens que interromperam o ensino médio e saíram pelo meio do mundo”. Apresenta-se o perfil dos entrevistados/as, a divisão temática do grupo e a análise de alguns segmentos, que tratam dos eixos: Educação escolar, Relações familiares, Experiências migratórias, Ser jovem. Primeiramente, os grupos se reportam ao ensino médio no meio rural, especialmente no que se refere aos significados deste nível de ensino, à desistência, bem como à ampliação da escolaridade.

A saída ou não do meio rural e, as relações estabelecidas com a educação escolar e o trabalho marcam as formulações elaboradas pelos jovens, especialmente quando concluem o ensino médio. Em seguida, os grupos discorrem sobre as relações familiares e sobre ser jovem no distrito, a partir da discussão dos aspectos: convivência entre jovens, pais e avós, experiências migratórias, sentidos atribuídos às vivências juvenis no distrito.

⁴⁵ Apesar de selecionar apenas três grupos para a análise em profundidade neste capítulo e dois grupos no capítulo cinco, os outros grupos contribuíram de forma decisiva para a compreensão mais profunda dos significados da educação escolar, das relações familiares e da condição juvenil no meio rural.

4.1 Os/as jovens que vivem no distrito

O encontro com os/as jovens

No dia 31 de outubro de 2011 conversei com Luiz, aluno do 2º ano do ensino médio, sobre a possibilidade de participar do encontro, realizado no sábado, do grupo de jovens “mocidade unidos na fé” da igreja Assembleia de Deus, do qual fazia parte. O grupo foi formado em 2009 e contava com nove jovens. Luiz disse-me que seria possível, mas que deveria conversar antes com o pastor da igreja. No dia 03 de novembro à noite, quando realizava uma entrevista com adultos na escola, Luiz abordou-me dizendo que havia conversado com o pastor, e que eu poderia participar do encontro, a ser realizado no sábado, a partir das 19:30.

No sábado, dia 06 de novembro, fui à igreja e ao adentrar, encontro os/as jovens ajoelhados orando em silêncio, com a cabeça encostada nos bancos. Todos portavam uma bíblia, além de livros de hinos. Permaneceram assim por alguns minutos. Em seguida, um senhor, que também estava ajoelhado junto aos jovens, se dirigiu ao altar, cumprimentou os/as jovens, iniciou a leitura da bíblia, e posteriormente fez reflexões dirigidas aos jovens. Nesse momento, os/as jovens mantiveram-se atentos à fala do dirigente, que ao concluir a reflexão, destacou a minha presença cumprimentando-me.

Em seguida perguntou-me se gostaria de falar algo. Informei o objetivo da minha presença no grupo e o mesmo disse estar informado sobre minha pesquisa no distrito, e que poderia ficar à vontade. Após a minha fala ao grupo, cada jovem presente lê versículos bíblicos e em seguida, um de cada vez, dirige-se ao altar e entoia hinos. Após a leitura, os/as jovens iniciam o ensaio de vários hinos, que seriam apresentados no encontro de jovens, que ocorreria no dia 20/11/2011 no distrito, com a presença dos jovens evangélicos da sede do município. Foi um momento onde os/as jovens cantaram, riram bastante e conversaram sobre outros assuntos. Apreciei o ensaio e ao final aproximei-me dos/das jovens.

Conversamos um pouco e os mesmos convidaram-me para participar do encontro do dia 20/11/2011. Agradei o convite e informei que nesta data estaria na cidade de Brasília⁴⁶. Perguntei se gostariam de participar de um grupo de discussão e os/as jovens consentiram. Informei que na semana seguinte poderíamos marcar a entrevista. Despedi-me de todos e regressei para a casa em que estava residindo.

A realização do grupo de discussão

Sala de aula do colégio municipal Wilson Lins, 11 de novembro de 2011.

Os/as jovens evangélicos residem em Espirado, exceto Marcos que mora na fazenda Caraíbas. Pensei em entrevistá-los no fim de semana, dada a facilidade de reuni-los. Como faltou um ônibus escolar e houve ausência de vários alunos nesse dia decidi reuni-los na escola. Dirigi-me às salas do 1º e 2º anos do ensino médio, e solicitei aos professores que os dispensassem. Seguimos para uma sala de aula que estava desocupada e explanei brevemente minha pesquisa. Ao apresentar a pergunta inicial, os/as jovens ficaram reticentes e discutiram de forma breve. No bloco sobre o ensino médio os/as jovens interagiram mais, trazendo para a discussão a experiência da discriminação vivenciada na sala de aula. Temas como a educação de moças e rapazes, a condição de jovem evangélico no distrito, a sede do município e a saída para as cidades foram discutidos com mais ênfase e participação do grupo.

⁴⁶ Ao retornar de Brasília, encontrei-me com Luiz na escola e perguntei sobre o encontro com os jovens evangélicos. Ele informou-me que o encontro não aconteceu, em virtude da queda de energia ocorrida no referido dia.

Em um determinado momento, uma colega bateu à porta e entregou cadernos e livros dos colegas que estavam participando da entrevista. Ao final do grupo de discussão, os jovens falaram sobre os desafios a serem enfrentados para viverem a “fé”, evocando pedidos a Deus para prepará-los para o futuro. O quadro a seguir apresenta os temas discutidos no grupo de discussão e o tempo de duração

QUADRO 5

Divisão temática: GD Os/as jovens que vivem no distrito

Tempo geral do GD: 01:24:42

	Controle do tempo	Tempo	Temas	Passagem ⁴⁷
1.	00:00:45-00:02:04		Significados da educação escolar	Passagem inicial
2.	00:02:05-00:06:24 00:06:25-00:10:22 00:10:24-00:13:02 00:13:03-00:15:20	13min	O ensino médio como uma nova etapa O dia a dia na escola: discriminação e desrespeito Discriminação religiosa (tema trazido pelo grupo) Ausência de recursos na escola	Ensino médio em Espirado
3.	00:15:21-00:19:17 00:19:18-00:21:00	5min	Estudar e ir para os cortes de cana (tema trazido) Trabalhar e cursar uma faculdade	Desistência do ensino médio
4.	00:21:01-00:27:45	7min	“Os adultos são a experiência da sala”	Ensino médio para adultos
5.	00:27:46- 00:30:14 00:30:15- 00:34:30 00:34:32- 00:37:49	10min	Os ‘conselhos’ da família O trabalho e a experiência dos pais Diálogo com os pais e irmãos/ãs	Família
6.	00:37:50-00:43:41	5min	Educação de meninos e meninas na infância (tema trazido)	Desigualdades de gênero
7.	00:43:42- 00:46:34 00:46:36- 00:49:00 00:49:01- 00:51:41	8min	Falta opção de trabalho e diversão “A mulher não tem direito a nada” Namorar e ser evangélico	Ser jovem em Espirado

⁴⁷ As **passagens** em negrito foram transcritas.

8.	00:51:42- 00:57:20 00:57:21- 01:00:43 01:00:45- 01:05:08	14min	O “atraso” da sede do município Os eventos no distrito Amizades e religiosidade	Comunidade
9.	01:05:09- 01:11:56 01:11:57- 01:14:53 01:14:54- 01:16:50	11min	Sair para estudar e trabalhar Apoio dos pais para sair do distrito As conquistas no corte de cana	Migração
10.	01:16:51- 01:20:18 01:20:19- 01:23:08	7min	Dificuldades para estudar e trabalhar Os projetos para o futuro	Trabalho e futuro
	01:23:09- 01:24:42		Reflexão dos jovens sobre os desafios para viver na comunidade	

Fonte: Pesquisa em tela

Perfil dos entrevistados/as

Francisco

Francisco (Fm) tem 18 anos, negro, solteiro, evangélico, natural de Riacho de Santana-BA. Mora no distrito Espriado há 14 anos, na companhia dos pais. Tem dois irmãos/ãs. Seus pais nasceram em Riacho de Santana-BA, são lavradores, têm a primeira etapa do ensino fundamental completo e participam da associação de trabalhadores rurais e da igreja. Não informou a renda dos pais. Os avós maternos e paternos são lavradores e não frequentaram a escola. Francisco estudou o ensino fundamental no colégio municipal Wilson Lins, localizado no distrito. No momento atual, cursa o 1º ano do ensino médio e desloca-se para a escola, a pé. Seu lazer preferido é jogar futebol e participa do grupo religioso “mocidade unidos na fé”, aos sábados. Utiliza internet cerca de três horas por dia.

Angelina

Angelina (Af) tem 18 anos, parda, solteira, evangélica, natural de Palmas de Monte Alto-BA. Mora no distrito Espriado há 11 anos, na companhia dos pais. Tem seis irmãos/ãs. Sua mãe nasceu em Lagoa Real-BA, lavradora, tem a primeira etapa do ensino fundamental completo. Seu pai nasceu em

Igaporã-BA, lavrador, tem a primeira etapa do ensino fundamental completo. Não informou a renda dos pais. Ambos participam da igreja e da associação de trabalhadores rurais. Os avós maternos e paternos são lavradores e têm o ensino fundamental incompleto. Angelina estudou o ensino fundamental no colégio municipal Wilson Lins, localizado no distrito. No momento atual, cursa o 2º ano do ensino médio e desloca-se para a escola, a pé. Trabalha como doméstica e tem renda mensal de R\$ 150,00. Gasta com material escolar e conta com ajuda dos pais. Participa do grupo religioso “mocidade unidos na fé”, e pretende viajar no período de férias 2011/2012. Não informou o lazer e não utiliza internet.

Luiz

Luiz (Lm) tem 18 anos, pardo, solteiro, evangélico, natural de Palmas de Monte Alto-BA. Mora no distrito Espriado há 10 anos, na companhia dos pais. Tem três irmãos/ãs. Sua mãe nasceu em Luiu-BA, professora, tem o ensino médio completo, renda mensal de R\$ 540,00. Seu pai nasceu em Guanambi-BA, professor, tem o ensino médio completo. Não informou a renda do pai. Ambos participam da igreja e do sindicato. Os avós paternos são lavradores e são alfabetizados. A avó materna tem o ensino médio (magisterio) e é administradora. O avô materno, “alfabetizado”, é lavrador. Luiz estudou o ensino fundamental na sede do município de Palmas de Monte Alto. No momento atual, cursa o 2º ano do ensino médio no distrito e desloca-se para a escola, a pé. Recebe ajuda dos pais e seu lazer preferido é jogar video game. Participa do grupo religioso “mocidade unidos na fé”, desde 2009, aos sábados. Pretende viajar no período de férias 2011/2012. Utiliza internet cerca de três horas por dia.

Marcos

Marcos (Mm) tem 18 anos, pardo, solteiro, evangélico, natural de Palmas de Monte Alto-BA. Mora na fazenda Caraíbas desde que nasceu, na companhia dos pais. Tem dois irmãos/ãs. Seus pais nasceram em Palmas de Monte Alto-BA, são lavradores, cursaram a primeira etapa do ensino fundamental,

renda mensal de R\$ 550,00. Ambos participam da igreja. Os avós paternos e maternos são lavradores e “alfabetizados”. Marcos estudou a primeira etapa do ensino fundamental na fazenda Caraíbas e a segunda etapa no colégio Wilson Lins, localizado no distrito. No momento atual, cursa o 1º ano do ensino médio no distrito e desloca-se para a escola, no transporte escolar. Trabalha como agricultor, durante 8h por dia e ganha R\$ 20,00 por dia. Gasta com roupas, combustível, entre outras despesas. Seu lazer preferido é estudar. Participa do grupo religioso “mocidade unidos na fé”, aos sábados, na igreja. Informa que neste grupo busca nova vida para Cristo. Pretende divertir-se e estudar no período de férias 2011/2012. Utiliza internet 30 minutos por dia.

Experiência escolar no distrito Espraiado

Estudar para ser bem tratado

A ampliação da escolaridade dos jovens possibilita a elaboração de novos significados para a educação escolar, haja vista que a oferta de outros níveis de ensino no distrito redimensionou a trajetória escolar dos jovens (Passagem Educação escolar, linhas 1-20):

- | | | |
|----|-----|---|
| 1 | Y: | Vocês poderiam falar sobre o significado da |
| 2 | | educação escolar? Como é que vocês vêem a |
| 3 | | educação escolar na vida de vocês? |
| 4 | Mm: | É de grande importância porque é uma base que |
| 5 | | nós que no dia a dia para que nós aprendemos |
| 6 | | para ter a conduta de vida seja com todos igual |
| 7 | | igualmente eh e ela retrata um <u>ato de educação</u> |
| 8 | | porque a escola eh ensina-nos a educar seja |
| 9 | | dentro do lar eh na sociedade entre outras coisas. |
| 10 | Lm: | Prá mim é muito importante porque com a escola |
| 11 | | com os estudos a gente pode procurar algo |
| 12 | | melhor, um curso se profissionalizar em alguma |
| 13 | | área para ter uma melhor condição de vida. |
| 14 | Af: | Eu diria que é um fato né que desenvolvemos |
| 15 | | cada dia e que em qualquer lugar que a gente |
| 16 | | chegar se a gente tiver educação a gente é tratado |

- 17 super bem.
 18 Fm: Ela me ajuda em poucas coisas porque eu venho
 19 no colégio e não presto muito atenção
 20 Af: ☺(1) ☺

A pergunta feita pela entrevistadora objetiva saber quais os significados da educação escolar para os jovens mas também propõe uma possível relação entre a educação ofertada pela escola e a vida dos jovens. Os jovens fazem uma breve discussão sobre os significados que atribuem à educação escolar, destacando a sua importância para as vivências diárias, bem como para a apropriação de uma determinada postura na vida. Conforme a proposição feita por Marcos “nós que vivemos no dia a dia para que nós aprendemos, para ter a conduta de vida”, a educação escolar é importante para a circulação em diversos espaços sociais.

Os jovens atribuem um significado positivo à sua condição de estudante, uma vez que a escola garante a cada dia, a possibilidade de desenvolver-se e ser tratado bem, tal como complementa Angelina “qualquer lugar que a gente chegar, se a gente tiver educação a gente é tratado super bem”. A importância atribuída à educação escolar parece não se restringir à apropriação do conhecimento científico, mas à sua capacidade de prepará-los para serem educados, e conseqüentemente bem tratados, o que faz com que a definam como um “ato de educação”. A condição de jovem estudado certamente os distingue daqueles que não contam com essa credencial, especialmente pela possibilidade de serem vistos como pessoas educadas.

Um fim, mas o começo de outra coisa: elaborações sobre o ensino médio

A oferta do nível médio nas áreas rurais do sudoeste baiano constitui-se em fenômeno recente, o que instiga a entrevistadora a dirigir aos jovens uma pergunta sobre a experiência de ser jovem estudante do ensino médio (Passagem Educação escolar, linhas 22-39):

- 22 Y: Como é pra vocês ser estudante do ensino
 23 médio? Vocês poderiam falar um pouco sobre
 24 essa experiência no ensino médio?
 25 Af: Eu acho assim muito bom porque:: já é um:: um
 26 assim um fim mas um começo de outra coisa né
 27 que a gente vai continuar estudando e também a
 28 gente se sente vitorioso porque ter já:: terminado
 29 o ensino fundamental, já tá no ensino médio e já
 30 tá vencendo outra etapa isso aí é vitorioso.
 31 Mm: Pra mim eh significa assim que é uma conclusão
 32 do ensino que nós desde criança vimos estudando
 33 para eh grandes coisas importantes para que no
 34 dia de amanhã que fazemos faculdade um curso
 35 tenha um bom entendimento na hora da decisão.
 36 Lm: É bem legal né prá mim é como se fosse o fim de
 37 uma carreira de uma batalha prá começar a iniciar
 38 outra né uma faculdade uma outra coisa
 39 Fm: Eu também acho a mesma coisa.

Embora a entrevistadora apresente uma pergunta concernente à experiência de ser jovem estudante do ensino médio, os jovens direcionam a discussão sobre os significados do início e término deste nível de ensino, a exemplo da proposição feita por Angelina “um fim, mas um começo de outra coisa”.

A orientação coletiva construída pelos participantes do grupo sobre o ensino médio está ancorada na possibilidade de conclusão deste nível de ensino, traduzida pelos jovens como vitória de uma batalha. Se em épocas anteriores o percurso escolar no meio rural limitava-se a alguns anos de estudo, a conclusão do ensino fundamental, bem como o ingresso, a permanência e o término do ensino médio, passam a ser centrais no contexto atual. Nesse momento, os jovens experimentam a ampliação da escolaridade como vitória sobre uma batalha que a geração anterior não pode travar.

A referência ao ensino médio como etapa possível de ser concluída, tal como valida Luís “pra mim é como se fosse o fim de uma carreira, de uma batalha”, vem acompanhada da elaboração sobre o momento posterior à conclusão. A imagem do porvir é apresentada de maneira vaga pelos jovens, haja vista que concebem a possibilidade do “começo de outra coisa”, mas não conseguem nomeá-lo de forma segura. Trata-se de uma “outra coisa”,

aqui apresentada como o possível ingresso na faculdade, que é ressignificado pelos jovens como uma ‘batalha’ a ser iniciada. Embora os jovens vislumbrem a continuidade dos estudos, as dificuldades concernentes ao acesso e permanência na faculdade fazem com que a ampliação da escolaridade constitua-se em experiência árdua, difícil e pesante, como um projeto que se inicia mas sem a garantia de êxito. A metáfora da “batalha” reforça a distância existente entre a recente expansão da educação superior no interior do Brasil e as condições concretas necessárias para o acesso e permanência dos jovens que vivem no meio rural.

O que pensam os/as jovens estudantes sobre a desistência escolar

Considerando que os participantes do grupo de discussão vislumbram a conclusão do ensino médio como uma possibilidade segura, torna-se relevante saber o que eles pensam sobre aqueles jovens que desistem do ensino médio (Passagem Desistência do ensino médio, linhas 247-300):

- 247 Y: Como é que vocês vêm a desistência dos jovens
 248 no ensino médio, daqueles jovens que desistem
 249 do ensino médio, como é que vocês vêm isso?
 250 Fm: Moça eu vejo que é a pior besteira que eles tá
 251 fazendo
 252 Mm: É eu na minha opinião eles começou batalhar mas
 253 não terminou aí vai ser uma grande derrota para
 254 eles porque no mundo que vivemos eh
 255 precisamos ter um bom estudo para que arrume
 256 emprego e para que tenha eh o exemplo assim de
 257 conviver na sociedade para qualquer trabalho que
 258 você sai em qualquer lugar eh para que porque
 259 sem o estudo nós não conseguimos nada porque
 260 é a base do convívio da pessoa seja em qualquer
 261 sociedade
 262 Lm: Muitos tem a ideia de que prá parar de estudar prá
 263 trabalhar prá conseguir um carro uma casa né
 264 mas é justamente o contrário, eles não vê que
 265 com o estudo eles vão poder ir mais longe, vão
 266 poder ter uma profissão mais adequada
 267 Af: Eu fico muito triste né quando eu vejo esses
 268 jovens novo desistindo da escola do ensino médio

269 só prá ir pro corte de cana morrer rebentado lá
 270 trabalha o ano inteiro a morrer levantando quatro
 271 horas da manhã chegando cinco horas da tarde e
 272 só prá chegar ao fim do ano aqui com uma moto,
 273 acho isso um pouco de falta de ideia porque
 274 mesmo nós aqui nós tá sem dinheiro eu sei que
 275 aqui não gera serviço e nós tá sem dinheiro mas
 276 nós tá preparando o nosso futuro prá amanhã
 277 porque talvez o amanhã esse corte de cana
 278 acabou e se ele tivesse com o diploma dele ele
 279 podia arrumar serviço em qualquer lugar que ele
 280 chegasse, por isso eu acho uma besteira o que
 281 eles tão fazendo

282 Lm: Isso é verdade, e estudando o cara que estuda tá
 283 fazendo a melhor coisa da vida dele, tá garantindo
 284 o futuro, não tem outra, parar de estudar prá
 285 poder trabalhar como falam por aí é burrice.

286 Fm: Mas tem muitos que sai aqui prá fora que sai pro
 287 trabalho do corte de cana que tem a vida melhor
 288 do que os que estuda aqui, tem pessoas que
 289 estuda aqui que sai lá prá fora não arruma
 290 emprego bom, corta cana que nem certos amigos
 291 que certos vizinho meu tem eh o irmão dele é
 292 professor e ele não é e foi formado tudo junto e
 293 ele corta cana

294 Af: Mas a gente tem que garantir o futuro, porque
 295 como já tá passando né tendo reportagem que o
 296 corte de cana vai acabar, e quando acabar eles
 297 vão viver de que?

298 Fm: Mas foi isso que ele fez, foi tentar garantir o futuro
 299 dele, ele tentou aqui estudou e não arrumou
 300 emprego.

O grupo destaca a decisão dos jovens em interromper o ensino médio como uma ação negativa, tal como propõe Francisco “é a pior besteira que eles ta fazendo”. A desistência configura-se como interrupção de uma batalha iniciada e não concluída, cuja consequência será uma “grande derrota”, conforme complementa Marcos. A referência à desistência dos jovens como a derrota de uma batalha apenas iniciada, ancora-se na crença de que no mundo em que se vive, o acesso a um emprego mas também o convívio na sociedade prescindem de um “bom estudo”.

A complementação de Luís “parar de estudar pra trabalhar, pra conseguir um carro, uma casa” certamente estimulou Angelina a apresentar os possíveis motivos da desistência escolar dos jovens. Na explicação “eu fico muito triste quando eu vejo esses jovens novo desistindo da escola, do

ensino médio, só pra ir pro corte de cana”, a jovem revela um sentimento de tristeza ao constatar que o motivo da desistência dos rapazes é a ida para o corte de cana. A interrupção do vínculo com a escola e com o ensino médio para trabalhar impede a preparação do futuro, ideia que é validada por Luís ao complementar “o cara que estuda, tá fazendo a melhor coisa da vida dele, tá garantindo o futuro dele”.

A afirmativa de que a continuidade do estudo é necessária para a preparação e garantia do futuro, partilhada por Luís e Angelina é questionada por Francisco que diverge da opinião dos colegas “aqui tem pessoas que estuda aqui, que sai lá pra fora e não arruma emprego bom”. A discussão feita pelo grupo destaca o trabalho no corte de cana como motivo da desistência dos jovens rapazes, o que sugere que a desistência da escola e do ensino médio no distrito também é marcada pela dimensão de gênero.

O empreendimento de desistir da escola para trabalhar, feito pelos jovens cortadores de cana, estimula o grupo a apresentar a preparação do futuro como justificativa para a permanência. No entanto, essa segurança passa a ser perturbada, quando os jovens se deparam com as trajetórias profissionais de pessoas conhecidas que estudaram, e constatam que as promessas de “arrumar um emprego bom”, fortalecidas quando se permanece na escola, não se cumpriram. A inserção cada vez mais frequente de jovens “estudados” no corte de cana parece provocar uma crise em torno da relação estudo como garantia de bom salário e emprego estável.

Um bom exemplo: significados atribuídos pelos jovens à presença dos adultos no ensino médio

Os significados atribuídos pelos jovens ao retorno dos adultos para a escola podem ser compreendidos a partir da pergunta da entrevistadora

sobre a presença dos pais e avós nas turmas do ensino médio (Passagem Ensino médio para adultos, linhas 357-408):

- 357 Y: E como é que vocês vêem a presença de pais e
 358 avós no ensino médio, segundo ano e o primeiro
 359 são duas turmas que tem presença de adultos né?
 360 De pais e adultos, como é que vocês vêem isso?
- 361 Fm: Moça eu vejo um exemplo prá nós porque nós
 362 tamo estudando e eles não estudou porque às
 363 vezes não encontrou escola perto prá poder
 364 estudar e já nós tem tudo na porta de casa e as
 365 vezes vai lá e só vai lá prá poder ficar rodando na
 366 rua, vai pro colégio e fica lá bagunçando e eles lá
 367 no fundo querendo aprender
- 368 Mm: Na minha opinião é um bom exemplo né, porque
 369 antigamente eles não tinham um:: eles não tinham
 370 uma adequação muito preparado assim a escola
 371 perto igual o amigo aí falou perto da escola eh e
 372 isso fez que eles perdessem o estudo que deveria
 373 no futuro igual atualmente estar melhor ter um
 374 bom emprego eh por isso hoje muitas juventude
 375 não se interessa só quer viver em baderna viver a
 376 vida e não é bem assim porque para vivermos no
 377 dia a dia precisamos ter um trabalho digno e
 378 honesto né. A pessoa deve estar dando um bom
 379 exemplo para que a sociedade venha a se
 380 desenvolver melhor, ter uma característica bem eh
 381 adequada no sentido que todos aprenda a viver
 382 eh a viver a com base através do estudo e do
 383 trabalho.
- 384 Lm: Eu:: acho isso bom porque muitos eh começando
 385 os estudos mas pararam abandonaram por causa
 386 de filhos, marido, tinha que trabalhar, e agora
 387 essa oportunidade surgiu de novo prá eles e
 388 muitos estão agarrando ela como suas ultimas
 389 chances de ter alguma educação melhor de ter
 390 alguma coisa a mais.
- 391 Af: Eu eh eu acho isso um exemplo muito bom prá
 392 nós jovens né porque muitos tá desistindo ah eu
 393 tenho 20 anos tenho 23 anos eu tô velho demais
 394 prá estudar prá concluir, tô velho demais, e a
 395 gente tem visto exemplo de senhores né de avós
 396 pais terminando e entrando em uma faculdade,
 397 igual mesmo a professora Maura trouxe uma foto
 398 prá gente ver de um parente dela lá já bem
 399 velhinho assim já idoso e com o seu diploma na
 400 mão! E isso é muito interessante e me deu
 401 bastante força né prá continuar a jornada,
 402 continuar lutando que quem quer é só lutar que
 403 vai conseguir.
- 404 Lm: Isso prova que nunca se é velho demais prá poder
 405 aprender né
- 406 Af: Nunca é tarde para o estudo assim sempre
 407 qualquer idade você ter. Se você quer é só buscar
 408 que você vai conseguir.

A proposição feita por Francisco “eu vejo um exemplo pra nós” direciona a discussão do grupo, haja vista que os jovens compartilham da ideia de que a presença dos adultos na sala constitui-se em “exemplo” para os mesmos. A percepção dos adultos como “exemplo” se apoia no destaque dados pelos jovens às dificuldades enfrentadas pelos pais e avós para estudar, estabelecendo uma comparação entre as oportunidades escassas ofertadas aos adultos no passado e àquelas destinadas a si mesmos, no presente.

A inserção e permanência dos adultos nas turmas do ensino médio, constituída por jovens que constroem um percurso linear, ao contrário dos adultos que retornaram para os bancos da escola, parece se constituir em fonte de apoio e incentivo para os jovens. É possível que a condição de estudante do ensino médio seja marcada pela vivência de situações de desânimo, que podem ser redimensionadas com a presença dos adultos na escola.

A explicação de Angelina “me deu bastante força pra continuar a jornada”, ao se referir aos adultos que concluíram a faculdade, reafirma a força dessas experiências para o fortalecimento da jornada que os jovens enfrentam. Nesse sentido, os adultos representam um “exemplo” de ancoragem segura para a permanência e continuidade no ensino médio, aqui destacada como uma jornada de luta que demanda força. A presença diária de adultos nas turmas de ensino médio configura-se como exemplo de força inspiradora para os jovens, uma vez que a condição de estudante do ensino médio parece reivindicar a assunção de uma postura _“continuar lutando”_ que garanta o êxito da jornada.

Relações Familiares no distrito

Os conselhos dados pela família

Saber como os jovens elaboram as relações estabelecidas com a família permite compreender os princípios que estruturam a convivência dos

jovens com os pais e avós no distrito Espreado (Passagem Família, linhas 468-514):

- 468 Y: Falando um pouquinho sobre a família de vocês,
 469 eh vocês poderiam falar sobre a família e de como
 470 que é a relação com os pais, com os avós?
 471 Mm: Eh na minha família eles ajudam muito, às vezes
 472 a gente tem até preguiça de ler um livro eles falam
 473 filho filho estuda porque o dia de amanhã eh você
 474 vai precisar do estudo, você deve estudar para
 475 aprender novas coisas para que num curso você
 476 tenha uma boa nota, eles falam às vezes a gente
 477 até ri assim mas é sério nós devemos seguir os
 478 exemplos que a minha família a sua ou de
 479 qualquer pessoa fala porque um=um exemplo que
 480 ajuda a pessoa a seguir em frente.
 481 Lm: É uma relação muito=muito boa assim sabe,
 482 porque são conselhos às vezes a gente tá
 483 principalmente os outros irmãos meus lá falam
 484 que tem que estudar e não sei o que, tem que
 485 aprender isso eh fala prá gente que a gente tem
 486 que trabalhar, construir algum futuro, procurar
 487 alguma coisa a mais porque só aqui a gente não
 488 vai achar nada então são bons=bons conselheiros
 489 Af: Eh assim a relação entre eu e a minha família é
 490 boa eh eles me aconselham a não fazer coisas
 491 erradas, graças a Deus se hoje estou até aqui
 492 nessa situação foi eles que me ajudou em
 493 conselhos porque muitas amigas minhas né
 494 colega de quarta série hoje tá tudo aí, não é que o
 495 filho é coisa ruim, mas na juventude é, então se
 496 eles não tivessem me aconselhado hoje mesmo
 497 eu podia estar com filho aí e isso não é bom para
 498 mim sou muito jovem ainda eu não consegui nada
 499 na minha vida, então eu agradeço muito porque
 500 eles me aconselhou e eles me aconselham muito
 501 prá mim continuar os estudos e prosseguir prá
 502 frente
 503 Fm: Isso aí é verdade dão bastante conselho prá
 504 gente, prá gente não entrar em coisa errada,
 505 porque eu mesmo sou um dos que parece que
 506 quando tem alguma coisa errada aí
 507 Lm: L Você tá metido dentro
 508 Fm: L Parece que puxa
 509 assim, aí dá conselho mas tem hora que a gente
 510 fica até meio bravo e ainda responde né
 511 Lm: L Mas eles
 512 tem sempre a razão né
 513 Fm: Tem sempre razão
 514 Lm: Família é muito importante

A atribuição de um significado positivo à família está atrelada à disponibilidade para “ajudar” os jovens a continuar os estudos através dos incentivos, conforme propõe Marcos “eles fala filho, filho, estuda porque o

dia de amanhã você vai precisar do estudo”. A disposição da família para “ajudar” os jovens é validada por Luís, que traduz a ajuda em conselho “é uma relação muito boa porque são conselhos”, e positiva a relação com a família.

A posituação dos conselhos dados pelos pais constitui-se em aspecto relevante para compreender a relação estabelecida entre os jovens e a família no distrito. Trata-se de uma relação marcada pela assunção de uma postura por parte dos jovens, a da escuta dos conselhos, o que sugere pensar que os princípios que garantem a disponibilidade da escuta são reconhecidos como importantes pelos jovens. A família está autorizada não apenas para aconselhá-los como também para participar dos espaços destinados à circulação dos jovens, especialmente a escola. Por se tratar de um grupo de jovens pertencentes à igreja evangélica, é possível que essa orientação também esteja relacionada ao papel da família partilhado neste espaço.

Ser jovem no distrito Espraiado

Ser jovem aqui é complicado

Considerando que os jovens estudantes tendem a prolongar o período de permanência no distrito, em razão da oferta do ensino médio, a entrevistadora apresenta uma questão que possibilita a elaboração de significados sobre ser jovem e viver em Espraiado (Passagem Ser jovem em Espraiado, linhas 771-818):

771 Y: E vocês poderiam falar sobre ser jovem voltando
772 o assunto agora pra questão de ser jovem aqui
773 em Espraiado como é que é pra vocês ser jovem

após um determinado horário do dia, assistir televisão ou recolher-se no quarto de dormir aparecem como o “melhor” a se fazer. Neste contexto, em que a permanência no espaço privado ocupa grande parte do tempo dos jovens, “estudar” adquiri um novo sentido, passando a ser visto como a única possibilidade para um jovem no distrito.

A pouca remuneração pelo trabalho prestado é destacada como outro aspecto que “complica” a experiência de ser jovem no distrito, como proposto por Angelina “o que a gente ganha aqui não dá pra nada, então ser jovem aqui é complicado”. Para os jovens, a possibilidade de acessar um trabalho que não “pague mal” configura-se como necessária para positivar a experiência de ser jovem no distrito. Somente o trabalho possibilita a aquisição de roupas, calçados e a ida a locais específicos como uma “churrascaria”. Esses aspectos são vistos como necessários para compor o status de jovem.

4.2 Jovens mulheres que concluíram o ensino médio

Casa da entrevistadora, às 19:50h, em 06 de dezembro de 2011.

O grupo de discussão foi marcado para as 19h, mas somente as jovens Flávia e Vitória compareceram nesse horário. Enquanto aguardávamos Michele, servi um café e conversamos sobre os programas televisivos. Às 19:40 Michele chegou e iniciamos a entrevista. Apresentei a pergunta inicial, e a discussão foi iniciada por Michele. Em seguida, Vitória se manifestou e por fim Flávia. Durante o grupo de discussão, as jovens seguiram essa ordem de falas. Um aspecto marcante na entrevista diz respeito à forma como as jovens iniciaram suas falas, utilizando a expressão “como minhas colegas já falaram”. As jovens interagiram bastante ao discutir

os assuntos referentes à escola, especialmente quando rememoraram o ensino médio.

Ressaltaram ainda o fato de que na família são as que obtiveram mais anos de estudo. Assuntos como relações familiares, ser jovem e morar em Espiraiado, migração figuram como temas relevantes para as jovens. É importante destacar que após a discussão sobre ser jovem e morar em Espiraiado, as jovens demonstraram ansiedade em razão do horário. Diante desta ansiedade, antecipei alguns temas, pois imaginei que as jovens quisessem ir embora.

QUADRO 6

Divisão temática: GD Jovens mulheres que concluíram o ensino médio
Tempo geral do GD: 01:22:42

	Controle do tempo	Tempo	Temas	Passagem ⁴⁸
1.	00:00:26- 00:03:17		Significados da conclusão do ensino médio	Passagem inicial
2.	00:03:18- 00:09:31 00:09:33- 00:15:37	12min	As dificuldades para cursar o ensino médio Intrigas e discriminações entre alunos e professores	Memórias do ensino médio
3.	00:15:39- 00:20:55	5min	Discussão de temas nas instituições: escola, família, igreja	Temas importantes
4.	00:20:57- 00:23:31 00:23:35- 00:30:25	10min	Em busca do sonho: ingresso na faculdade Desistir para trabalhar no corte de cana	Continuidade dos estudos
5.	00:30:27- 00:37:02	7min	Sentimento de alegria pelo retorno dos adultos à escola	Adultos no ensino médio
6.	00:37:05- 00:42:57	6min	Relação de diálogo com os pais e avós	Família
7.	00:42:56- 00:49:19	7min	Experiência de vida dos pais: luta e sofrimento	Experiência dos pais
8.	00:49:22- 00:53:49 00:53:51- 00:57:26 00:57:27- 01:00:55	10min	Conversa com os pais: ausência de intimidade Convivência com os irmãos Tratamento dos filhos e filhas: proteção dos pais	Convivência familiar

⁴⁸ As **passagens** em negrito foram transcritas.

9.	01:00:56- 01:06:46	7min	“Espreado é bom, mas falta oportunidades para o/a jovem”	Morar em Espreado
10.	01:06:49- 01:12:13	7min	É complicado ser mulher em Espreado	Ser jovem e mulher
11.	01:12:15- 01:14:09 01:14:10- 01:16:38 01:16:39- 01:18:47	6min	Sair, construir um alicerce e voltar Na cidade a vida é corrida Os pais não apóiam a saída dos filhos	Migração
12.	01:18:48- 01:20:47 01:20:48- 01:22:42	5min	Estudar e trabalhar Sem planos para casar	Trabalho e projetos para o futuro

Fonte: Pesquisa em tela

Perfil das entrevistadas

Flávia

Flávia (Ff) tem 26 anos, preta, separada, evangélica, natural de Palmas de Monte Alto-BA. Mora no distrito Espreado há nove anos, na companhia do pai. Sua mãe faleceu em 2010. Flávia cursou o ensino fundamental em São Paulo, onde também iniciou o ensino médio. Concluiu o ensino médio em Espreado. Não tem irmãos, sendo que a mãe perdeu seis filhos no parto. Ambos nasceram no município de Palmas de Monte Alto-BA. Seu pai é lavrador e frequenta a EJA. Não soube informar a renda do pai. Os avós maternos e paternos são lavradores e não frequentaram a escola. Informou que está “parada”, não participa de grupo e seu lazer preferido é “reunir com os amigos”. Utiliza internet, no período de uma hora.

Michele

Michele (Mf) tem 20 anos, parda, separada, católica, natural de Palmas de Monte Alto-BA. Mora no distrito Espreado há dez anos, na companhia dos pais. Foi casada durante cinco anos. Michele cursou o ensino fundamental na fazenda Caraíbas, o ensino médio no distrito Espreado, entre os anos de 2007 a 2009 e atualmente estuda o 4º período da faculdade de biologia, modalidade à distância. Informou que pretende cursar medicina. Tem um

irmão, sendo que sua mãe perdeu três filhos no parto. Seu irmão mora fora do distrito, tem ensino médio completo, curso técnico de eletricista e atualmente cursa faculdade de tecnologia. Seus pais nasceram no município de Palmas de Monte Alto-BA, são lavradores e retornaram para a escola. Frequentam o programa TOPA⁴⁹. Não informou a renda dos pais. Os avós maternos e paternos são lavradores e não frequentaram a escola. Michele trabalhou como professora no programa TOPA em 2011, e também “ajuda” no bar da família, localizado no distrito. Informou que está desempregada e conta com ajuda dos pais. Não participa de grupo e seu lazer preferido é “passear bastante”. Utiliza internet em casa para trabalhos escolares.

Vitória

Vitória (Vf) tem 24 anos, preta, solteira, católica, natural de Riacho de Santana-BA. Mora no distrito Espraiado há 16 anos, na companhia da mãe e da irmã. O pai faleceu quando tinha três anos. Cursou o ensino fundamental nos distritos de Vesperina (primeira etapa) e Espraiado (segunda etapa). Cursou o 1º e 2º anos do ensino médio, entre os anos de 2005 e 2006, na sede do município de Palmas de Monte Alto, e o 3º ano no distrito Espraiado, em 2007. O deslocamento até a sede era feito através de ônibus, diariamente. Tem um irmão e uma irmã, sendo que os primeiros irmãos morreram no parto. Seu irmão concluiu o ensino fundamental e atualmente trabalha nos cortes de cana. Tem amigos e primos que trabalham nos cortes de cana, e muitos não concluíram o ensino fundamental. Morou seis meses em São Paulo. Seus pais nasceram no estado da Bahia, mas Vitória não soube informar o município. São lavradores e não frequentaram a escola. Não informou a renda da mãe. Os avós maternos e paternos são lavradores e “não estudaram”. Informou que trabalhou no TOPA, mas atualmente está desempregada e conta com a ajuda da mãe. Participa do grupo de jovens da igreja católica há seis anos e desempenha a função de vice-presidente. Encontram-se na igreja aos sábados, onde debatem sobre temas atuais.

⁴⁹ TOPA: Programa Todos pela Alfabetização, criado pelo governo do Estado da Bahia, em 2007.

Também atua na catequese da igreja católica, cujo objetivo é a preparação para a primeira eucaristia. Não informou o lazer e não utiliza internet.

Significados da conclusão do ensino médio

Um começo de uma carreira escolar

A conclusão do ensino médio pode configurar-se como uma experiência marcante para as jovens do distrito, que a partir do término desta etapa projetam a continuidade dos estudos. Com o intuito de conhecer os significados atribuídos pelas jovens, a entrevistadora propõe a discussão acerca da experiência de ter concluído o ensino médio (Passagem Educação escolar, linhas 1-49):

- 1 Y: Vocês poderiam falar sobre a experiência de ter
2 concluído o ensino médio? O que significa essa
3 experiência de já ter concluído o ensino médio prá
4 vocês?
- 5 Mf: Eh:: na minha opinião ter concluído o ensino
6 médio foi:: eh:: uma etapa assim de um começo
7 de uma carreira escolar porque:: perante o ensino
8 médio a gente sabe que a gente não vai assim
9 não vai tá já completamente terminado os estudos
10 da gente né gente sabe que vai ter mais etapa
11 mais a frente como faculdade e outras coisas a
12 mais né então prá mim teve muitas vantagens
13 assim na maioria das vezes não foi assim:: um
14 conhecimento assim no ensino médio muito
15 grande mas um pouco que a gente pode ter
16 aprendido foi- teve bastante vantagem na minha
17 opinião
18 (6)
- 19 Vf: Pra mim foi uma experiência muito grande e além
20 de ser uma experiência muito grande foi eh um
21 conhecimento a adquirido porque assim na=na
22 minha casa é quem tem um grau mais elevado de
23 leitura sou eu né que meu irmão eh parou na
24 oitava série minha mãe ela não teve a
25 oportunidade de estudar quando ela era nova
26 minha irmã também quando a gente chegou aqui
27 teve a oportunidade porém ela não quis ir devido a
28 cor dela então assim prá mim eh:: foi uma

29 experiência que ninguém da minha casa pode ter
 30 e hoje graças a Deus eu sei que o ensino médio
 31 não é tudo mas já é um bom começo é através
 32 dele que a gente vai conseguir outros meios né?
 33 Ah por exemplo como a colega já citou a
 34 faculdade e tudo prá gente chegar em outras
 35 portas eh precisa primeiro a gente ter o ensino
 36 médio então prá mim foi um prazer muito grande
 37 (7)
 38 Ff: É como as minhas amigas já falaram né não é::
 39 assim o final:: de (.) de uma carreira mas sim o
 40 início mas para a gente prosseguir nós eh
 41 passamos né através do ensino médio também
 42 minha família também não teve a oportunidade de
 43 concluir e eu concluí atualmente estou parada né
 44 mas assim no momento que eu tiver disponível eu
 45 vou prosseguir que eu sei que o meio caminho eu
 46 já andei né e sei também que no mundo que nós
 47 tá isso só também não basta a gente tem que
 48 procurar se:: eh (1) profissionalizar mais cada dia
 49 né e (.) e é isso aí

A proposição de Michele “ter concluído o ensino médio foi (...) um começo de uma carreira escolar” direciona a discussão do grupo que concebe o término desta etapa de ensino como experiência que permite o acesso a outras experiências educativas, a exemplo do ingresso na faculdade, antes pouco prováveis nas áreas rurais. Embora as jovens não discutam sobre as reais possibilidades existentes para a concretização da continuidade dos estudos, reconhecem o acesso ao ensino médio como nível de ensino que possibilita a projeção de uma “carreira escolar”.

A positivação do ensino médio também está atrelada à história escolar das famílias das jovens, conforme elabora Vitória “na minha casa quem tem um grau mais elevado de leitura sou eu”. Considerando a interrupção dos estudos de alguns parentes, bem como a ausência da escola de ensino médio no distrito por longos anos⁵⁰, quem tem mais anos de estudo assume um lugar distinto na casa. Tal condição certamente fortalece a crença de que será possível galgar outros níveis de ensino a partir da conclusão do ensino médio, tal como explica Vitória “já é um bom começo, é através dele que a gente vai conseguir outros meios né?”

⁵⁰ O ensino médio só foi introduzido no distrito no ano de 2005.

A oferta do ensino médio demarca uma nova fase no processo de escolarização do distrito, uma vez que não apenas concretiza o acesso e garante a permanência dos jovens nesta etapa de ensino como também permite que a configuração familiar, agora composta pelos “estudados”, seja redimensionada.

Elaborações sobre os que desistem da escola

Saber o que pensam as jovens que concluíram o ensino médio sobre a interrupção dos estudos, é necessário para compreender como concebem esta etapa de ensino, bem como conhecer os aspectos que fortaleceram o percurso escolar de cada uma (Passagem Educação escolar, linhas 433-552):

- 433 Y: Como é que vocês vêem hoje a desistência dos
 434 jovens do ensino médio aqueles jovens que
 435 iniciam e aí interrompem. Como é que vocês
 436 vêem isso?
- 437 Mf: Ah:: assim aqui mesmo na nossa localidade é
 438 muito grande né é muito difícil você ver assim
 439 pessoas terminando assim tô concluindo o terceiro
 440 ano é muito difícil hoje as pessoas quando tá na
 441 oitava série que tiver já com 18 anos ou nem seja
 442 que esteja na oitava série ou na quarta ou na
 443 quinta primeira coisa que fala quando eu tiver os
 444 meus 18 anos eu vou pro corte de cana
- 445 Ff: ☹(.) ☹
- 446 Mf: É o que você vê ou eh eu não quero mais estudar
 447 porque prá quem estuda é muitas das vezes
 448 assim não é que eu falo que isso é=é bobagem é
 449 mentira não, isso é verdade também conta
 450 também o meu caso também que não sou rica sou
 451 pobre a minha família é uma família humilde eh::
 452 mas quando você quer algo você vai até o fim
 453 você luta prá conseguir né então assim eh o que
 454 eu vejo assim muitas pessoas falando assim
 455 estudo não vai me dá nada dá prá quem tem
 456 alguma coisa não chega a ser esse ponto também
 457 não você sabe que você tem que persistir naquilo
 458 que você quer então se às vezes eles falam não
 459 me dá nada então vou pro corte de cana porque lá

460 eu vou ganhar dinheiro quando chegar final de
461 ano aqui eu vou comprar uma moto eu vou andar
462 de moto eu vou comprar um carro ou não sei que
463 eu vou poder comprar as minhas roupas e vou
464 poder comprar sapato muitas das vezes fala
465 assim vou fazer uma casa né porque tem muitas
466 pessoas que tem sonho de ter a sua própria casa
467 isso=isso não é mentira porque:: eu vejo muitas
468 pessoas falando e é normal né todo mundo quer
469 eh:: eu vejo muito o jovem desistir assim do
470 ensino médio prá sair prá fora prá ir prá São Paulo
471 ou prá ir prá qualquer um outro lugar ou aqui
472 mesmo na nossa região sair prá roça e não ir no
473 estudo

474 Ff: Essa é a nossa triste realidade hoje né quantas
475 vezes eu não vejo esses meninos falando ah:: prá
476 que que eu vou formar eu vou pegar um diploma
477 prá ir cortar cana e não sei o que? Só que eles
478 não sabem que a partir do momento que eles
479 concluem o ensino médio apesar que eles tem
480 que continuar né o ensino médio tipo assim eles
481 pode ir pro corte de cana depois que eles concluir
482 aí eles começa cortando cana e mais adiante ele
483 acha um emprego melhor que ele não vai achar
484 de:: administrativo sendo que:: sem o:: até
485 terminar o ensino médio né fazer os outros cursos
486 a própria faculdade mesmo não eles acham que
487 não precisam estudar eu vou pro corte de cana
488 porque tem muito dinheiro e prá que diploma e
489 não sei o que só que eles esquecem chega lá eles
490 podem buscar um serviço melhor basta ele ter a
491 qualificação como é que eles quer achar um
492 emprego melhor sem a qualificação não é? E aí
493 fica difícil muitos jovens hoje tá desistindo

494 Vf: Eh:: como as minhas colegas já disseram essa é a
495 nossa realidade. Eu já começo assim pelo meu
496 irmão né ☺(1)☺ que ☺nós chegamos☺ nem
497 chegou a terminar o ensino fundamental ele só
498 tem a oitava série e todo ano ele desiste aí
499 quando vai falar prá ele estudar já fala assim mas
500 e você que já concluiu

501 Mf: ☺(.)☺

502 Vf: ☺E não faz nada ☺ eu vou concluir prá que então
503 eu vou pro corte de cana vou trabalhar que eu
504 ganho o meu dinheiro e eu vou ter as coisas
505 quando eu querer comprar então mas o que a
506 gente vê assim no início do ano eh eu tenho vários
507 amigos e também tenho um primo que tá no corte
508 de cana no início do ano passado eu tava
509 conversando com eles e meu primo falou bem
510 assim que se brincasse ele não sabia nem
511 escrever mais um bilhete porque ele não chegou
512 nem a concluir o ensino fundamental né aí foi
513 quando completou 18 anos foi lá prá esse corte de
514 cana e ele achou assim que lá ele ia ganhar o
515 dinheiro que não preocupava com negócio de
516 escola que a escola não ia precisar e aí assim a
517 gente vê a dificuldade assim onde cada dia mais

através do estudo é alcançado por aqueles que dispõem de uma condição sócio-econômica compatível.

Para as jovens, os rapazes que interrompem os estudos e buscam trabalho nos canaviais se espelham no exemplo dos familiares “formados” que estão sem trabalho, conforme complementa Vitória “e você que já concluiu ☺ e não faz nada ☺, eu vou concluir pra quê?” ao destacar o questionamento do irmão que trabalha no corte de cana. Embora o jovem a interpele destacando a sua condição de desempregada, Vitória ressignifica a experiência laboral nos canaviais, a partir dos anos de estudo. Ter o ensino médio concluído constitui-se em condição necessária para acessar outros trabalhos no canavial, para além do corte de cana. O trabalho no corte de cana não é compreendido como negativo pelas jovens, desde que seja uma inserção qualificada, mediante a conclusão do ensino médio alcançada pelos jovens.

Tem até aquele ditado, nunca é tarde para aprender

Considerando que as jovens mulheres alcançaram níveis mais elevados de estudo no distrito, a entrevistadora se dirige ao grupo para saber como as jovens elaboram o retorno dos pais e avós para a escola (Passagem Educação escolar, linhas 575-681):

575	Y:	Como é que vocês vêem hoje essa presença dos
576		adultos no ensino médio, como é que é prá vocês
577		essa presença de pais e avós hoje no ensino
578		médio, como vocês vêem isso?
579	Mf:	Ah assim eu mesma assim eu fico alegre porque
580		antigamente muito=muito caso mesmo como eu
581		dou aula prá o Topa eh (1) eu vejo assim quando
582		eu chego assim e converso com eles e tem assim
583		algum tipo de discussão na escola assim sobre
584		temas entendeu e pergunto o motivo deles não ter
585		estudado aí eles falam ah naquele tempo eh:: a
586		gente ia prá escola:: quando a gente era pequeno
587		a gente ia prá escola a escola era não sei::: onde
588		a gente ia de pé aí a gente chegava cansado na
589		escola a gente ia sentava a professora falava e

590 tava cansado ali algumas vezes a gente chegava
591 a se sentir mal e não sei o que porque era muito
592 longe e muitas vezes a gente não tinha comido e
593 não sei o que sabe essas coisas? hoje eu fico
594 muito feliz assim por saber que quando a gente
595 pergunta em que série a pessoa muitas vezes::
596 aquele velhinho lá tinha 70 ou 80, setenta:: e seis
597 anos né parece aquele lá da Ortiga aquele lá
598 parece que 76 se não me engano

599 Ff: L Seu Durval

600 Mf: É e quantos anos o senhor tem? 76 você tá
601 cursando que série? oitava série você vê que
602 aquele esforço, não vinha no carro ele tinha um
603 carro aí colocava gasolina prá trazer ele prá
604 escola e muitas das vezes nem ouvia porque tinha
605 problema de audição mas ele vinha e tem o meu
606 pai mesmo o meu pai começou a estudar mas ele
607 é ele é praticamente o braço forte da casa e não
608 pôde terminar mas a gente fica triste e ao mesmo
609 tempo a gente fica alegre né mas hoje já
610 aprendeu alguma coisinha nesse decorrer que ele
611 foi então eu fico alegre quando eu vejo assim um
612 senhor de idade sentado numa cadeira eh
613 estudando o que eles não pôde fazer aquele
614 tempo atrás tá fazendo hoje eu fico muito feliz
615 muito contente e acho que tem muitas vantagens
616 né que nem o caso mesmo eu cortando a nossa
617 conversa a minha tia é::: falou bem assim ah mas
618 ela não agüentou porque já tá bastante velhinha
619 não é velhinha mas tá bastante assim 😊 usada😊
620 como se diz aí ela falou eu quero ser professo::ra
621 quando eu puder eu vou formar e vou ser
622 professora vou fazer uma faculdade vou formar e
623 vou ser professora ai 😊(1) 😊 eu ficava eu olhava e
624 falava assim ê tia é esforço mesmo é vontade
625 mesmo vamos dizer assim muitas vezes a gente
626 tem até aquela vontade que muitas pessoas
627 muitos jovens vão prá escola eh eles tem eles tem
628 essa vontade sabe eu fico muito alegre

629 Ff: Eu também fico assim muito feliz né até porque
630 quando eles eram mais novos às vezes muitos
631 não tinham oportunidade tem até aquele ditado
632 nunca é tarde prá aprender né? Tem hora que
633 bem que é né mas ao mesmo tempo não é eu
634 tenho o meu pai ali mesmo ele agora tá com 72
635 anos ele uns anos atrás na época que a minha
636 mãe era viva eles até começou freqüentou um
637 bom tempo o EJA né e ele:: ele nunca tinha ido na
638 escola o pouco que ele conseguiu assim assinar o
639 nome foi o irmão dele que ia na escola e chegava
640 e ensinava prá ele assim aí ele começou a
641 freqüentar aí ele deu prá desandar mais na leitura
642 porque lá em casa tudo era eu já tem coisa que
643 ele nem me pergunta ele mesmo já lê ele já
644 resolve, então ajudou muito né? Pena que ele
645 desistiu ia prá quinta série e aí ficou com medo 😊
646 (1) 😊

647 Vf: Eh pra mim foi um prazer muito grande porque eu

648 tive a oportunidade de estudar com pessoas
649 adultas eh na oitava série e também no ensino
650 médio então o que a gente vê é assim porque eh
651 eles tem aquela força de vontade como a colega
652 já disse é mais do que às vezes um jovem né?
653 Ff: L Muito mais
654 Vf: E o que a gente vê é assim é além de ser um
655 prazer prá nós que somos jovens estar estudando
656 com aquelas pessoas eh já mais velha do que a
657 gente eles mostram prá aquelas pessoas novas
658 que desistiu da escola a importância da escola
659 porque eles estão necessitando de uma coisa
660 agora que eles não tiveram a oportunidade de ter
661 na infância deles então assim que a gente vê
662 muitas pessoas que eu também já trabalhei com
663 Topa tive a oportunidade de ver uma senhora que
664 ela falava assim que o sonho dela que ela tinha
665 um sonho e não sabia que ia ser realizado mas
666 que tava tendo a oportunidade de realizar em ver
667 que ela não ia morrer sem pegar num lápis prá
668 aprender a escrever o nome dela sozinha então a
669 gente vê assim é uma coisa que eles tão tendo a
670 oportunidade de fazer agora o que eles não
671 tiveram a oportunidade de fazer quando era novo
672 e deixando assim também uma lição prá essas
673 pessoas novas que se agora eles estão desistindo
674 mas com o tempo quando eles tiver de idade eles
675 vão ter que correr atrás da escola porque a gente
676 vê assim hoje a gente sabe que existe esse corte
677 de cana mas ninguém sabe futuramente né?
678 Então eh eles traz uma grande lição e é um prazer
679 muito grande eh ter que compartilhar assim
680 trabalho experiências com essas pessoas idosas
681 né que estuda junto com a gente.

As jovens destacam a presença dos adultos nas salas de ensino médio como algo que as deixa felizes, alegres, haja vista que podem compartilhar de uma conquista alcançada pelos adultos, após anos de exclusão da escola. Para as jovens, a rememoração das razões que os impediram de estudar parece figurar como aspecto importante para ser narrado, tal como propõe Michele “pergunto o motivo deles não ter estudado”. Como pertencem a uma geração que pode acessar a educação básica, a impossibilidade dos adultos de acessá-la no “seu tempo” motivam as jovens para a escuta das dificuldades enfrentadas pelos adultos. A rememoração da experiência escolar narrada pelos adultos figura como aspecto que é valorizado pelas jovens, o que sugere pensar que a

experiência, ancorada no passado, tem status de saber significativo, cuja escuta é desejada e positivada.

O retorno dos adultos aos bancos escolares é fortalecido pelo entendimento de que “nunca é tarde para aprender”, a exemplo da elaboração de Flávia. Nesse sentido, a ausência da oportunidade para estudar pode ser compensada a partir da compreensão de que a aprendizagem é uma experiência atemporal, o que torna a experiência escolar de pais e avós positiva e possível. Para as jovens, as conquistas alcançadas pelos pais “desandar mais na leitura” figuram como metáforas que simbolizam o rompimento da condição de analfabetos dependentes dos filhos para a condição de quem tem pouca leitura “ele mesmo já lê, ele já resolve” e alcançou autonomia frente aos desafios do dia a dia.

A satisfação por estudar na companhia dos adultos é validada como “um prazer muito grande, uma oportunidade”, tal como complementa Vitória. As jovens sentem-se privilegiadas por terem partilhado a experiência escolar com pessoas que são a representação da “força de vontade”, e exemplo para aqueles que pensam em desistir da escola. O retorno dos adultos é também positivado pelas jovens porque corporifica a relevância da escola em qualquer tempo da vida. Ao contrário dos adultos que não contaram com a oportunidade de estudar no seu tempo, os mais jovens podem evitar as possíveis punições aventadas pela desistência.

Relações familiares

Minha relação com minha família é boa, é ótima

As jovens mulheres convivem com a família e partilham o cotidiano no distrito, o que instiga a entrevistadora a questionar sobre os significados da família e como é construída a relação entre as jovens “estudadas” e seus pais e avós (Passagem Família, linhas 702- 780):

- 702 Y: Falando um pouco dos adultos vocês poderiam
703 falar sobre a família de vocês e de como que é a
704 relação com os pais e avós?
- 705 Mf: Ah a minha relação lá em casa graças a Deus é
706 assim muita gente fala assim ah:: fulana sua
707 família é:: é muito boa a sua mãe é muito boa
708 vocês conversa você dialogam qualquer problema
709 que tem vem chega senta conversa a não ser
710 porque tem hora também que tem desavenças né
711 não vou falar que toda família é perfeita porque
712 não é tem hora que a minha mãe fala alguma
713 coisa assim e eu vejo que eu tô errada aí começo
714 a ficar nervosa com ela mas eu assim tenho muito
715 prazer um prazer muito grande graças a Deus a
716 minha relação com a minha família é boa é ótima
717 é excelente em vista de problemas que
718 acontecem com famílias que assim eu vejo chegar
719 porque eu tenho amigos que me contam ah:: se
720 eu tivesse uma mãe que nem você e tal coisa pra
721 mim era bom demais mas:: fazer o que né eu falo
722 você tem que ter paciência prá saber dialogar tem
723 que ter diálogo na família todo problema que você
724 tem que dialogar prá saber como começou e
725 como vai terminar né então o que eu tenho prá
726 falar graças a Deus é isso com a família não tem
727 nenhum problema não
- 728 Ff: A minha também foi:: foi é excelente né graças a
729 Deus meu pai minha mãe sempre me apoiaram
730 desde a minha infância os meus estudos com tudo
731 pena que já vai fazer dois anos que eu perdi
732 minha mãe mas graças a Deus meu pai tá aí
733 continua me apoiando no que eu preciso nunca fui
734 de responder eles eles também nunca precisou
735 assim bater né porque antigamente os pais batiam
736 muito nos filhos dizer que minha mãe me bateu
737 uma vez eu tô mentindo graças a Deus meu pai
738 também nunca foi hoje ele já convive com outra
739 mulher mas também pouco tempo também ele tá
740 convivendo junto tá:: nós estamos se dando muito
741 bem graças a Deus espero que continue assim
742 né?
- 743 Vf: Eh:: já comigo é diferente das minhas colegas né
744 porque eu não tive a oportunidade de conhecer
745 meu pai quando meu pai faleceu minha mãe
746 estava grávida de mim de quatro meses então foi
747 aquela coisa que hoje eh é o pai que eu conheço
748 é a minha mãe né as vezes qual é a família que
749 não tem desavença como já foi dito? Tem né mas
750 sempre a gente tenta dialogar se tem algum
751 problema que tá acontecendo a gente senta e
752 todo mundo vai discutir às vezes tem um que fica
753 mais nervoso mas com o passar do tempo ele vê
754 que ele não tem aquele motivo prá tá nervoso
755 sempre acaba dando tudo certo no final e eu
756 convivo com a minha mãe e os meus dois irmãos
757 prá gente assim eh prá mim ela é tudo porque se
758 hoje eu concluí o ensino médio é graças a ela, na
759 época mesmo que era prá ir pra Monte Alto por

760 mim eu não iria desistia né mas ela falou não você
 761 vai porque a única pessoa daqui de casa que
 762 sabe ler é você você vai ficar igual eu que não sei
 763 nada então sempre me incentivou assim nas
 764 coisas que eu não quero nem ir ela coloca prá ir
 765 por exemplo na prova do Enem ☺ eu não queria ir
 766 aí ela ☺ colocou eu prá ir eu acabei indo mas é
 767 aquela coisa assim então é muito bom assim
 768 porque a minha família eu acho assim que a gente
 769 vê muitas pessoas que daria tudo prá ter uma
 770 família hoje em dia e não tem né então eu acho
 771 que a nossa família é tudo porque é a base o
 772 alicerce se a gente tem é aquela questão eh que
 773 muitos pais fala ah meu filho entra na escola é mal
 774 educado mas a educação não começa na escola
 775 começa em casa se aquele aluno o filho não tem
 776 uma boa educação uma boa convivência em casa
 777 na escola ele também não vai ter né então a
 778 família acho que é
 779 Mf: A base
 780 Vf: A base de tudo né?

O grupo inicia a discussão destacando a relação estabelecida com a família, e conforme propõe Michele trata-se de uma relação positiva, que também é reconhecida pelos conhecidos do distrito que atestam “sua família é muito boa, sua mãe é muito boa, vocês conversam, vocês dialogam”. A relevância da família é apresentada a partir da relação que é estabelecida entre os membros que a compõem. A disponibilidade da mãe para sentar e conversar com os filhos sugere a existência do diálogo, experiência que nem todos os jovens podem contar, numa perspectiva horizontal entre os membros da casa. A possibilidade de dialogar com a família sobre os problemas e conseqüentemente buscar uma solução juntos demanda a escuta de todos, o que certamente constitui-se em apoio para as jovens.

Embora as jovens não detalhem sobre o tipo de diálogo estabelecido com a família, o apoio aos estudos dos filhos desde a infância, figura como princípio valorizado pelas famílias. A centralização da mãe, a partir dos incentivos para continuar os estudos “se hoje eu conclui o ensino médio é graças a ela”, figurou como aspecto fortalecedor do percurso escolar das jovens.

A configuração da família tem a sua ancoragem na garantia do estudo dos filhos, através das exortações, dos incentivos diários, em prol do

rompimento da condição de analfabetos, que os perseguem desde sempre. A experiência de pertencer a uma família que dialoga sobre os problemas e assume o estudo dos filhos como um empreendimento também da família, é destacada pelas jovens como privilégio, já que nem todos sequer têm uma família.

Elaborações sobre a conversa com os pais

Com o intuito de compreender a experiência do diálogo estabelecido entre as jovens e suas famílias, a entrevistadora apresenta uma pergunta sobre os assuntos que as jovens gostariam de conversar (Passagem Família, linhas 930-1019):

- 930 Y: Que assuntos vocês gostariam de conversar com
 931 seus pais? Com os pais e avós? Que tipo de
 932 conversa vocês gostariam de ter?
 933 (7)
- 934 Mf: A gente fica até meio assim ☺(1)☺ que tem
 935 tantas coisas né que a gente assim muitas vezes
 936 não tá aqui em mente agora mas eh:: (2)
- 937 Ff: Coisas tipo assim que a gente não tem coragem
 938 né no dia a dia ou:?
- 939 Y: Eh assuntos que vocês gostariam de conversar
 940 com eles assim que talvez não conversou ainda
 941 ou que também já conversa ou gostaria de
 942 continuar conversando
- 943 Mf: A minha mãe conversa bastante comigo meu pai
 944 bastante eles falam assim porque quer dar quer
 945 ver eu assim sempre prá frente entendeu quer ver
 946 a minha:: a minha carreira de estudante quer ver
 947 assim eu tipo assim ser uma:: uma pessoa um dia
 948 assim como no meu caso o meu sonho é ser uma
 949 doutora eles falam assim que quer que eu estude
 950 quer que muitas vezes eu assim não venha assim
 951 mais pro lado assim de porque tem certo tipo de
 952 amizade sabemos que hoje muitas vezes tem
 953 amizade que quando tá com você é uma coisa
 954 elas viram as costas prá você e já é outra né
 955 coloca você muitas vezes em maus caminhos que
 956 ninguém faz o que a gente não quer porque o que
 957 a gente faz é porque a gente tem algum
 958 pensamento né? As vezes pode até uma hora
 959 assim falhar mas eu acho que sei lá eu pensar
 960 assim é muito difícil então assim o que eu
 961 converso e que sempre a gente conversa é que
 962 eu quero pra mim e o que eles desejam que eu

963 seja entendeu pra mim o que eu penso assim é o
 964 que eu converso bastante com eles assim e fora
 965 outras coisas porque tem várias outras coisas que
 966 a gente conversa e que a gente muitas vezes
 967 porque o que eu penso assim se eu sentir
 968 qualquer problema eu posso sentir um problema
 969 assim muitas vezes que eu nem é prá mim mas eu
 970 converso com a minha família entendeu? Entende
 971 de conversa eu converso bastante então assim eu
 972 converso muitas ☺ coisas ☺ muitas das coisas
 973 que a gente fica até em dúvida assim ou seja o
 974 pensamento não tá nem tanto sintonizado naquilo
 975 mas a gente conversa muita coisa
 976 Ff: Assim eu dou muito bem com o meu pai mas
 977 assim sobre dialogar eu acho que era mais com a
 978 minha mãe assim muitas dúvidas né na vida
 979 sentimental sobre a sexualidade e tal com o pai às
 980 vezes eu só converso assim se ele às vezes ele
 981 que me pergunta assim aí eu consigo mas não
 982 tem assim aquela intimidade eu fico assim meio
 983 receada prá falar a verdade assim ainda mais que
 984 ele é daquele tempo antigo né sabe que
 985 antigamente mas::: até que ultimamente a gente
 986 conversa bastante ele assim né ainda mais nesse
 987 período sobre trabalho eh:: até sobre né a
 988 sexualidade mesmo a vida a dois que ele sempre
 989 me aconselha muito sobre isso né às vezes se eu
 990 chegar a pessoa e algum companheiro ele sempre
 991 dá uma experiência de vida né dele né ele sempre
 992 passa o que é muito bom tem hora que muitos
 993 filhos não=não escutam não dá ouvido aos pais e
 994 sempre quebra a cara na hora a gente acha que
 995 tem razão mas depois vem as conseqüências né
 996 com certeza que encontra
 997 Vf: Eu acho assim na minha questão como a colega
 998 já disse eh a gente conversa só que porém falta
 999 aquela intimidade assim com a minha mãe nesses
 1000 assuntos assim eu converso mais sentimental
 1001 assim eu converso mais com a minha irmã só que
 1002 às vezes a gente conversa questão assim de
 1003 namoro eh prá mim namorar com alguém por mais
 1004 assim que eu possa namorar mas primeiro tem
 1005 que pedir opinião prá ela e tal mas nem todas as
 1006 vezes a gente fica com ☺ vergonha ☺ né chegar e
 1007 falar assim ah fulano tá a fim de mim posso
 1008 namorar?
 1009 Tds: ☺(.)☺
 1010 Vf: Então às vezes falo disso mais assim com a
 1011 minha irmã por mais que eu sei que ela não vai
 1012 me impedir mas eu digo com vergonha assim de
 1013 falar às vezes quando eu vou falar ☺(1)☺ já tô
 1014 namorando aí eu falo vou namorar com fulano
 1015 posso? mas já tô namorando então eu acho que
 1016 prá mim assim no meu caso falta mais
 1017 oportunidade entre eu e a minha mãe né porque
 1018 assim eu fico ainda com aquele receio de tá
 1019 conversando diretamente isso aí.

O grupo demonstra hesitação no início da discussão “a gente fica até meio assim ☺(1)☺ que tem tantas coisas né”, tal como propõe Michele, haja vista que certamente são muitos os assuntos que gostariam de conversar com os pais e avós. Em seguida, Flávia questiona se as possíveis “coisas” propostas por Michele seriam aquelas que “a gente não tem coragem no dia a dia”. Com o intuito de deixar as jovens à vontade, a entrevistadora direciona a discussão ao propor que falem tanto sobre os assuntos que não conversaram ainda com a família como aqueles que já conversam.

A partir daí o grupo inicia a discussão destacando que os pais conversam bastante, especialmente sobre a importância de persistir no estudo “quer ver eu sempre pra frente, quer ver a minha carreira de estudante”, conforme propõe Michele. Os pais se sentem à vontade para incentivar os filhos para alcançar os sonhos, atingir os objetivos relativos à profissão, ao que desejam ser. Existe uma atmosfera familiar que positiva a conversa tanto sobre assuntos específicos como a continuidade dos estudos, como sobre os problemas diários que envolvem pais e filhos.

Também os assuntos concernentes às dúvidas sobre a vida sentimental e a sexualidade demarcam as conversas na família, numa perspectiva onde a escuta por parte dos filhos é valorizada, a exemplo da complementação de Flávia “sobre a sexualidade, a vida a dois, que ele sempre me aconselha”. A conversa estabelecida entre pais e filhos é desejada pelos filhos, que positivam a experiência de vida dos pais. As jovens apresentam os pais como referências importantes e acessíveis para auxiliá-las no posicionamento frente aos desafios interpostos pelo estudo, a vida sentimental e o trabalho.

Ser jovem em Espriado

Espriado é um lugar muito bom, mas não oferece o que a gente procura

Considerando que as jovens residem no distrito e estabelecem relações com a comunidade, a entrevistadora propõe a discussão sobre a

condição de jovem, bem como a experiência de viver em Espraiado (Passagem Ser jovem, linhas 1016-1115):

1016 Y: E vocês poderiam falar sobre ser jovem e viver
 1017 em Espraiado? Como é que é viver pra vocês ser
 1018 jovem e viver aqui?
 1019 Mf: Oh a minha a minha juventude foi boa a não ser
 1020 uns probleminhas que teve mas ☺ foi boa ☺ viver
 1021 aqui em Espraiado Espraiado é um lugar muito
 1022 bom mas não oferece o que a gente procura
 1023 como estudo trabalho diversão::
 1024 Vf: Nada
 1025 Mf: Entendeu o Espraiado nesse ponto é uma
 1026 negação mas em o:: assim prá viver não sei se é
 1027 porque cada um tem a sua casa é muito velho eh
 1028 eu assim não tenho esse problema em termo
 1029 assim de querer assim sabe o que a gente prefere
 1030 como aqui não tem emprego no fim de semana se
 1031 a gente quiser por exemplo num dia de Sábado
 1032 quiser ir na praça prá que que eu vou na praça?
 1033 tipo assim uma lanchonete na beira não tem
 1034 um=um assim que oferece um churrasquinho
 1035 alguma coisa assim uma sorveteria assim sabe?
 1036 Prá dialogar conversar com as amigas não tem
 1037 assim toda=toda vez que a gente vai a gente vê
 1038 aquela mesma coisa ou muitas vezes a gente vê
 1039 briga fulano falar de cicrano beltrano fulano não
 1040 presta é isso fulano tá fazendo isso fulano tá
 1041 fazendo aquilo e assim a gente fica sem opção e
 1042 em termo de estudo aqui é assim é
 1043 complicadíssimo eu sei que as minhas colegas
 1044 vão citar assim mu::ito complicado muito
 1045 complicado mesmo que a gente ficando aqui
 1046 quem for terminar os estudos e querer ficar aqui
 1047 em Espraiado praticamente não vai conseguir
 1048 nada porque aqui não oferece nada em termos de
 1049 serviço aqui muitas vezes de serviço aqui é prá
 1050 quem tem um padrinho ou muitas vezes quem
 1051 tem uma pessoa ali que:: eh:: amiguinho ou
 1052 coleguinha e não sei o que fulano é parente fulano
 1053 é aderente eh caso contrário quem não tiver isso
 1054 e querer votar prá esse negócio de democracia
 1055 também quem votar pra cicrano e beltrano ganhar
 1056 ah não deixa fulano entrar aqui não porque fulano
 1057 não é do outro partido ah é aquela maior confusão
 1058 então é assim em termo de morar é um lugar
 1059 ótimo sossegado todo mundo quer vir quem tá
 1060 fora lá quem tá cansado da capital cansado de
 1061 trabalhar cansado de estudar e querer dar um
 1062 descanso é bom mas outro termo Espraiado não
 1063 oferece muita coisa boa prá os jovens não e prá
 1064 quem quer né porque também tem muitas
 1065 pessoas idosas que tem que quer estudar e não
 1066 pode porque como aqui não oferece
 1067 Ff: É aqui é bem tranquilo, prá quem quer sossego::

1068 apesar que ultimamente não tá nem tanto assim
 1069 né mas aqui já foi um lugar muito bom de você
 1070 morar o ruim daqui é só a falta de emprego
 1071 mesmo porque a gente termina o estudo e fica
 1072 parado se você não vai prá fora ou tiver sorte de
 1073 seis em seis anos aparecer um concurso né foi o
 1074 caso desse ano fizeram um concurso em 2000 e
 1075 veio foi fazer outro agora ou senão por contrato
 1076 mas aí sim por contrato fica igual a colega falou
 1077 entra a política, se votou você fica se não votou
 1078 você sai, fica aquela coisa insegura né

1079 Mf: L Politicagem
 1080 Ff: L Fica

1081 aquela coisa e só tem né serviço só tem serviço
 1082 de auxiliar e mais nada então o ruim você tem que
 1083 sair você tem só tem roça muita gente não tá nem
 1084 querendo ir prá roça tem hora que não tá nem
 1085 dando tanto aquele grande progresso na roça né,
 1086 se matar prá não ganhar nem um dia né então:: o
 1087 ruim daqui é a falta de emprego mesmo

1088 Vf: Eh eu vou só resumir porque as colegas já
 1089 disseram tudo aqui é muito bom porém assim falta
 1090 emprego né porque a gente sabe né que vai mais
 1091 prá aquela questão de se tiver alguém ali que lidar
 1092 com essas lideranças de política né que coloca lá
 1093 dentro então é aquela coisa assim que a gente vê
 1094 que é uma decepção e tanto porque se minha
 1095 colega concluiu o ensino médio eu concluí eh ela
 1096 concluiu o ensino médio e tem outras pessoas
 1097 que concluiu junto com a gente se ele não pode
 1098 colocar a gente lá dentro colocou fulano então a
 1099 gente pensa será que fulano é melhor do que
 1100 eu? O ensino que ele concluiu eu não concluí?
 1101 Então é aquela coisa mas assim em questão de
 1102 dizer assim

1103 Mf: De morar
 1104 Vf: De morar porque cada um na sua casa você tá lá
 1105 na casa sua e eu tô na minha então dá prá ir
 1106 levando agora a questão assim de diversão a
 1107 gente vê se for um caso de você ir na igreja vai se
 1108 não for você fica dentro de casa assistindo algum
 1109 programa que tiver dia de sábado ou domingo
 1110 então é aquela coisa se você não quiser ir prá
 1111 praça vai ter que ficar dentro de casa então eu
 1112 acho que assim essa questão é o ponto fraco e
 1113 assim antigamente era muito bom aqui mas hoje
 1114 de uns meses pra cá a gente vê que a coisa foi
 1115 ficando cada vez mais pior né

A proposição de Michele “a minha juventude foi boa a não ser uns probleminhas que teve, ☺ mas foi boa ☺” ao iniciar a discussão sobre ser jovem em Espirado, sugere pensar que a jovem não se reconhece como ‘jovem’. Tal aspecto certamente é destacado pela jovem, em função da sua

condição de “mulher separada”⁵¹. Em seguida, a jovem direciona a discussão positivando a vida no distrito ao mesmo tempo que destaca as ausências, “Espreado é um lugar muito bom mas não oferece o que a gente procura como estudo, trabalho e diversão”.

O grupo reconhece a vida sossegada no distrito, marcada pela tranquilidade tão desejada pelos conhecidos que estão fora, e que também é positivada pelas jovens. Mas a ausência de lugares que garantam a diversão e promovam o encontro com os amigos constitui-se aspecto que incomoda as jovens, uma vez que tal contexto gera o confinamento das jovens, cada vez mais frequente em função da ausência de espaços de lazer.

Aqueles que permanecem no distrito são desafiados a enfrentar os dissabores da não oferta de trabalho, ainda que alcancem os níveis mais elevados de ensino. A existência de relações de apadrinhamento que garantem acesso a um emprego “serviço aqui é para quem tem um padrinho” tornam a permanência no distrito uma “decepção”. As jovens repudiam essas relações, instituídas e mantidas pelo clientelismo local, dado o ciclo de dependência que estas perpetuam no distrito.

A conclusão do ensino médio institui uma nova configuração entre os jovens estudados que permanecem no distrito. Trata-se de um grupo formado pela primeira geração de estudados sem perspectivas de trabalho, a exemplo das jovens, e que passam a formular a “saída” como uma possibilidade concreta. A dimensão do trabalho surge como central para as jovens, quando elaboram sobre a vida no distrito.

Se em outras etapas da escolarização, a exemplo do ensino fundamental⁵², as jovens representavam a vida no distrito a partir da oferta ou não de equipamentos de lazer, nesse momento as jovens destacam não

⁵¹ É possível que a afirmação “a minha juventude foi boa” esteja relacionada ao fato de já ter sido casada durante 5 anos. Em entrevista realizada com uma “jovem casada” do distrito, a mesma revelou-me que integra o grupo de senhoras na congregação do qual faz parte, embora haja o grupo de jovem na mesma. A condição de mulher separada no meio rural, certamente figura como aspecto que redimensiona o conceito de juventude.

⁵² No grupo de discussão “As meninas que sonham”, as jovens estudantes do ensino fundamental elaboraram a vida no distrito a partir das dimensões de lazer, convivência na comunidade e ser jovem moça. Nesse momento não trouxeram a dimensão do trabalho na discussão (Cf. SILVA, 2009).

apenas a ausência de diversão no distrito, mas o ingresso no mundo do trabalho como aspectos que as instigam a assumir um posicionamento sobre a permanência ou saída do distrito.

4.3 Jovens homens que interromperam o ensino médio e “saíram pelo meio do mundo”

Do distrito Espraiado à aventura de sair pelo meio do mundo

As pessoas que residem em Espraiado e nas fazendas próximas deslocam-se de segunda a sábado, sobretudo, para a sede dos municípios de Palmas de Monte Alto e Guanambi. Numa manhã do mês de fevereiro de 2008, desloquei-me para a sede do município no micro-ônibus de um morador local. A viagem iniciou-se às 5 horas da manhã, com destino a essas cidades, e o retorno estava previsto para 13 horas. O valor da passagem de ida e volta fica em torno de 10 reais. As pessoas esperavam no caminho, em frente às suas casas ou porteiras.

Os viajantes (velhos, crianças, jovens...) conversavam, especialmente sobre os motivos da viagem até a cidade. Era preciso ir ao cartório, ao hospital, ao banco, à prefeitura e outros serviços que não são oferecidos em Espraiado. Já não se frequenta tanto o comércio da sede para fazer a feira do mês, pois nas mercearias de Espraiado encontra-se “de tudo”. As estradas, abatidas pelas chuvas, tornavam a viagem demorada e cansativa. Por fim, o ônibus parou na Brasília, próximo ao mercado municipal. Aqueles que iam ficar na sede do município desceram e se dispersaram nas ruas. Outros seguiram viagem até Guanambi.

Ao descer do micro-ônibus, presenciei a saída de vários ônibus com destino aos Estados de Minas Gerais e São Paulo. Os viajantes são jovens da zona rural do município de Palmas de Monte Alto que se deslocam anualmente para os cortes de cana nesses Estados. Foi essa cena que me

fez refletir sobre a migração temporária protagonizada por esses jovens. Ao retornar para Espirado no dia 25 de julho de 2008 localizei alguns rapazes que trabalharam em canaviais, nos anos de 2005 a 2007, e os convidei para participar de um grupo de discussão, realizado somente em dezembro de 2011.

A entrevista com o grupo “Jovens homens que interromperam o ensino médio e saíram pelo meio do mundo”

O encontro com os jovens

Casa da entrevistadora, às 20:30, em 07 de dezembro de 2011.

O grupo de discussão foi marcado na última semana do mês de novembro de 2011, através de Pedro. Fui até a sua casa para marcar um grupo de discussão com jovens que haviam desistido do ensino médio e que estavam trabalhando no corte de cana. Pedro informou-me que tem um primo e um irmão que poderiam participar e se dispôs a convidá-los. Marquei então para o dia 07/12/2011, às 19h, na casa em que estava residindo durante o trabalho de campo.

Os jovens atrasaram e iniciamos a entrevista, às 20:30. Servi refrigerante aos jovens, e em seguida falei sobre a pesquisa que estava desenvolvendo no distrito. Os jovens falaram abertamente sobre os temas, interagindo bastante. É importante ressaltar que Ueliton estudou até o 1º ano do ensino médio em Espirado, em 2011. Pedro e Ney não estudaram neste ano. Ao concluir a entrevista, preencheram o formulário e em seguida, realizei um registro fotográfico dos jovens.

Ao encerrar a gravação, continuamos a conversar. Neste momento, após o grupo de discussão pergunto ainda o ano e o nome das cidades em que trabalharam. Num determinado momento, Pedro _ de forma

envergonhada e sorrindo _ diz que gostaria de fazer algumas perguntas. Digo que poderia fazê-las. Pergunta-me então, se não tenho medo de morar sozinha na casa, bem como de andar sozinha na região. Informo que não, e ele ressalta que está fazendo a pergunta não pelo fato de existir “malandragem” no distrito, e sim pelo fato de eu ser mulher. Em seguida, pergunta-me se sou casada ou solteira. Digo-lhe que sou solteira, e ele diz que se fosse casada certamente meu marido poderia não permitir que realizasse entrevistas sozinha, ou seja, não iria ter tanta liberdade para desenvolver a pesquisa.

Os jovens falam com naturalidade sobre essas interdições. Aproveito o ensejo e digo que me sinto segura e tranquila no distrito. Os jovens falam então, sobre a imagem “ruim” do distrito nas redondezas e demonstram interesse em saber o que penso sobre isso. Peço a Pedro para falar sobre sua afirmação de que em Espraiado não há lugares adequados para freqüentar com a família. Diz então, que não considera apropriado ir ao bar com a mulher e o filho. Conversamos mais um pouco, e ao final agradeço aos jovens.

QUADRO 7

Divisão temática: GD Jovens homens que interromperam o ensino médio

Tempo geral do GD: 00:57:45

	Controle do tempo	Tempo	Temas	Passagem ⁵³
1.	00:00:33- 00:07:00	7min	Estudar para conseguir melhores empregos nas usinas	Passagem inicial
2.	00:07:02- 00:13:50 00:13:51- 00:20:08	13min	Diferenças entre estudar em SP e em Espraiado Conteúdos importantes para acessar trabalho	Ensino médio
3.	00:20:10- 00:28:01 00:28:02- 00:30:43	10min	Carteira assinada e salário para projetar o futuro Incentivo dos pais e avós para sair	O trabalho no corte de cana

⁵³ As **passagens** em negrito foram transcritas.

4.	00:30:44- 00:33:40 00:33:41- 00:38:45	8min	Ser jovem é trabalhar e construir um futuro “Serviço” de homem e “serviço” de mulher	Ser jovem e trabalhar no corte de cana
5.	00:38:46- 00:45:15	7min	Convivência e amizades em SP e Espiraiado	Convivência nas cidades
6.	00:45:16- 00:52:57	7min	A busca por um emprego melhor	Trabalho
7.	00:52:59- 00:57:45	5min	Ajuda mútua entre pais e filhos	Família

Fonte: Pesquisa em tela

Perfil dos entrevistados

Ueliton

Ueliton (Um) tem 28 anos, negro, solteiro, católico, natural do distrito Espiraiado, tem uma filha e sete irmãos/ãs. Sua mãe (*in memorian*) nasceu na fazenda Muquém, era lavradora e não frequentou escola. Seu pai (*in memorian*) nasceu na fazenda Covão, lavrador e não frequentou escola. Não informou a renda do pai. Os avós maternos e paternos são lavradores e não frequentaram a escola. Ueliton cursou o ensino fundamental no distrito Espiraiado. Mora com a avó no distrito, cursa o 1º ano do ensino médio e desloca-se para a escola, a pé. Trabalha como lavrador 8 h por dia. Não informou a renda. Nos anos de 2006 e 2007 trabalhou no corte de cana, em Icém-SP. Permaneceu em Espiraiado no ano de 2008. Em 2009 e 2010 retornou para o corte de cana, em Icém-SP. Seu lazer preferido é jogar futebol, não participa de nenhum grupo e não utiliza internet. Afirmou que pretende retornar para o corte de cana no ano de 2012.

Ney

Ney (Nm) tem 19 anos, negro, solteiro, católico, natural da fazenda Muquém, tem dois irmãos/ãs. Mora em Icém-SP desde 2005 com a mãe. Seu pai (*in memorian*) nasceu em Palmas de Monte Alto-BA, era lavrador e não

freqüentou a escola. Sua mãe nasceu em Palmas de Monte Alto, lavradora e não freqüentou a escola. Não informou a renda da mãe. Não soube informar a escolaridade dos avós maternos e paternos, que são lavradores. Estudou o ensino fundamental no distrito Espraiado. Coursou a 8ª série, o 1º e 2º anos do ensino médio em Icém-SP. Trabalhou no corte de cana com carteira assinada, no período de 7 h às 15h, nos anos de 2010 e 2011, em Icém-SP e sua renda mensal era de R\$ 1.300,00. Seu lazer preferido é jogar futebol e não participa de nenhum grupo. Utiliza internet três horas por dia, em *lan house* e casa dos colegas. Pretende concluir os estudos no ano de 2012. Chegou no Distrito Espraiado no início do mês de dezembro de 2011.

Pedro

Pedro (Pm) tem 25 anos, negro, casado, católico, natural do distrito Espraiado, tem um filho e sete irmãos/ãs, entre eles Ueliton. Mora com a esposa e o filho. Sua mãe (*in memorian*) nasceu na fazenda Muquém, era lavradora e não freqüentou a escola. Seu pai (*in memorian*) nasceu na fazenda Covão, lavrador e não freqüentou escola. Não informou a renda do pai. Os avós maternos e paternos são lavradores e não frequentaram a escola. Estudou o ensino fundamental e o 1º ano do ensino médio (no ano de 2009), no distrito Espraiado. Nos anos de 2006, 2007 e 2008 trabalhou no corte de cana, em Icém-SP. Em 2009 e 2010 morou no distrito Espraiado. Em 2011 trabalhou no corte cana com carteira assinada, no período de 7 h às 17h, em Icém-SP, renda mensal de R\$ 1.000,00. Nesse ano levou a esposa e o filho de um ano, para o corte de cana. Sua companheira tem o ensino fundamental completo e não trabalha. Seu lazer preferido é jogar futebol, não participa de nenhum grupo e não utiliza internet. Pretende trabalhar como motorista em Espraiado no ano de 2012. Chegou no distrito Espraiado em novembro de 2011. Pedro participou ainda de uma entrevista narrativa em novembro de 2011.

Educação escolar e trabalho nos cortes de cana

A importância do estudo para sair pelo meio do mundo

Conhecer os significados que os jovens trabalhadores atribuem à educação escolar permite compreender como elaboram a sua condição de jovem escolarizado, que ao pensar a “saída pro mundo”, destaca a apropriação da leitura e da escrita como importantes (Passagem Educação Escolar, linhas 1-35):

- 1 Y: Vocês poderiam falar sobre o significado da
2 educação escolar para vocês? Que significado tem
3 a educação escolar?
- 4 Nm: O significado da educação escolar é o seguinte
5 que a gente aprende a ler a escrever e isso é
6 muito importante prá gente sair pro mundo sabe a
7 gente tendo uma leitura e uma escrita qualquer
8 lugar que você chega você pode escrever você
9 pode falar você aprende a falar com a educação
10 você aprende a falar a escrever e a aprender
11 melhor sobre as coisas do mundo é muito
12 importante isso, porque o segundo colegial eu ia
13 fazer o terceiro mas esse ano não deu mas eu
14 pretendo terminar o terceiro né que é muito
15 importante o terceiro o terceiro colegial pra gente
- 16 Pm: É e hoje em dia também a gente sair pelo meio do
17 mundo e não tendo estudo você pode chegar aí
18 em qualquer firma que o pessoal não quer mais
19 pegar quer pegar mais quem tem o colegial tem
20 um grau a mais por causa que eles quer pessoa
21 prá escrever prá ler alguma coisa ali prá passar
22 um endereço assim sabe e a pessoa que não tem
23 não tem estudo ela não tem facilidade assim até
24 de fazer as perguntas pra pessoa dedicando mais
25 e a pessoa tendo o estudo ele tem mais uma
26 dedicação e é bem mais fácil de entender as coisa
- 27 Um: Também gente chega numa cidade assim tem
28 hora que tem uma placa ali a gente não sabe ler a
29 gente não sabe nem o que tá indicando ali eh a
30 gente chega numa rua eh indica uma rua pra
31 gente a gente chega lá e a gente não sabe ler a
32 gente não sabe qual é essa rua aí a gente fica
33 perdido a gente já sabendo ler eh:: já tem já mais
34 um entendimento prá gente saber aonde que a
35 gente vai né

Os jovens cortadores de cana atribuem um significado positivo à educação escolar, dada a importância desta para a sua condição de jovem que “sai pro mundo”. A proposição de Ney “a gente tendo uma leitura e uma escrita qualquer lugar que você chega você pode escrever, você pode falar”, destaca as habilidades de leitura, de escrita e de fala como necessárias para os jovens. A condição de jovem letrado certamente permite a inserção no mundo do trabalho, mas também possibilita “aprender melhor sobre as coisas do mundo”. Trata-se de um mundo organizado e constituído a partir de códigos e signos acessíveis aos ‘estudados’, e certamente para os jovens cortadores de cana uma inserção significativa nesse mundo parece ser possível quando se apropria das habilidades de leitura, escrita e fala, acessadas somente através da educação escolar.

O movimento de “sair pelo meio do mundo”, projetado por jovens trabalhadores pobres, negros e nordestinos, possivelmente passa a ser ressignificado quando adquire a condição de jovem “estudado”. Novos sentidos são acrescentados aos deslocamentos feitos por estes jovens, em direção às grandes cidades do centro do país. Se em épocas passadas, os jovens rapazes que ‘saíam pelo meio do mundo’, dispunham de poucos anos de estudo, no momento presente observa-se que a busca pela ampliação da escolaridade faz parte das projeções desses jovens.

Talvez por isso os jovens rapazes não restrinjam o significado da educação escolar às habilidades de leitura e escrita, cuja apropriação ocorre nos anos iniciais do ensino fundamental, mas reivindica a continuidade do ensino médio, conforme explica Ney “eu ia fazer o terceiro mas esse ano não deu mas eu pretendo terminar o terceiro”. Parece que a condição de jovens desistentes gera um certo desconforto.

A certificação escolar dos trabalhadores constitui-se em requisito básico para a inserção nas fábricas, conforme a elaboração de Pedro “você pode chegar aí em qualquer firma que o pessoal não quer mais pegar, quer pegar mais quem tem o colegial, tem um grau a mais”. As transformações ocorridas nos postos de trabalho, especialmente na indústria, instituem e regulam cada vez mais, o nível de formação dos jovens trabalhadores,

fomentando nestes a busca pela continuidade dos estudos, ainda que conciliada com rotinas estafantes de trabalho. Trata-se de um movimento necessário, já que é preciso ter um “grau a mais”, para garantir o ingresso e conseqüentemente a permanência em “qualquer firma”.

Se por um lado os jovens sentem-se capazes de transitar nesse mundo codificado, já que tem estudo, por outro, especialmente no que se refere ao ingresso no mundo do trabalho, o cumprimento das exigências com a formação escolar, constitui-se em desafio a ser vencido pelos jovens.

Trabalhar e adquirir alguma coisa

Com o intuito de conhecer as vivências dos jovens nos canaviais, a entrevistadora apresenta uma pergunta que sugere a rememoração do período em que trabalharam nos cortes de cana. Embora instigue o relato sobre as vivências dos jovens numa perspectiva mais ampla ao perguntar “como é que é a vida lá”, observa-se que o grupo direciona a discussão para aspectos referentes ao vínculo trabalhista e às conquistas obtidas através do trabalho nos cortes de cana (Passagem O trabalho no corte de cana, linhas 392-438):

- 392 Y: E vocês poderiam falar sobre o período em que
 393 vocês trabalharam esse período que vocês
 394 trabalharam nos cortes de cana? Como que é a
 395 vida lá?
 396 Nm: Ah não é ruim mas também não é boa porque::
 397 ruim=ruim é né porque a gente trabalhar assim na
 398 zona rural assim não é muito bom né mas a
 399 gente:: no lado bom a gente tem um salário bom
 400 né um salário tem salário tem seguro desemprego
 401 tem fundo de garantia essas coisas aí é muito bom
 402 prá gente e a gente também ganha muito sabe a
 403 gente ganha não muito assim não mas que dá prá
 404 se manter pra fazer uma construção boa comprar
 405 um veículo bom é aquele emprego assim que:: dá
 406 prá viver
 407 Um: O trabalho lá é bom é melhor do que aqui também
 408 porque aqui a gente trabalha ah e a gente não
 409 ganha que nem lá lá a gente que nem a gente
 410 precisar fazer uma casa gente trabalhando lá

411 gente ganha dinheiro aqui prá chegar aqui e fazer
 412 uma casa ou comprar uma moto uma coisa que a
 413 gente precisa assim que todo mundo tem que ter
 414 uma coisa assim na vida
 415 Pm: L É
 416 Um: Porque gente pensa no futuro da vida da gente a
 417 gente fica aqui trabalhando a vida toda tem uns
 418 que:: que nem morre de velho e não tem nada e a
 419 gente sai prá fora a gente adquiri alguma coisa
 420 Pm: É e a diferença também que tem daqui gente ficar
 421 trabalhando aqui com de lá por causa que lá
 422 carteira assinada a gente não tem como falhar
 423 assim todo dia cê tem o seu serviço garantido
 424 agora aqui não cê vem trabalha um dia trabalha
 425 dois trabalha uma semana e já na outra cê não
 426 trabalha e lá não ou cê machuca ou não machuca
 427 cê tando registrado cê ta ganhando o seu a °usina
 428 é obrigada a pagar a vantagem é essa° e gente
 429 tem o contrato enquanto não terminar cê tem seu
 430 serviço garantido e aqui não cê trabalha uma
 431 semana a outra você já não trabalha hoje amanha
 432 já não trabalha e quando você trabalha um dia
 433 aqui☺você não sabe quando recebe☺(1) ☺e lá
 434 não cê trabalhou quinzena chega pode pagar até
 435 antes sabe porque não atrasa você pode fazer o
 436 seu compromisso aqui você trabalha e não tem
 437 nem como você fazer um compromisso (1) tem
 438 muita diferença o trabalho daqui com o de lá.

A proposição de Ney sobre a vida nos canaviais “não é ruim mas também não é boa” apresenta o aspecto dual do trabalho no corte de cana. A experiência de trabalhar na zona rural é considerada “ruim”, ao mesmo tempo em que tem o “lado bom”, representado pela possibilidade de acessar direitos trabalhistas como salário, seguro desemprego e fundo de garantia, e conquistas como “fazer uma construção boa”, “comprar um veículo bom”, desejados pelos jovens.

A penosidade do trabalho rural nos canaviais, bem como as condições oferecidas fazem com que a experiência de trabalhar na zona rural, seja apresentada como algo “não muito bom” pelo jovem Ney. Os jovens rapazes saem do distrito rural de origem para trabalhar nos canaviais, espaço que também é rural. É possível que o movimento de saída e ingresso em espaços de trabalho rurais, torne a experiência laboral “ruim”, uma vez que não ocorre o rompimento com o trabalho rural e consequentemente com a condição de trabalhador rural.

A organização do mundo do trabalho no meio rural, historicamente marcada pela usurpação de direitos trabalhistas, é visibilizada como negativa pelos jovens cortadores de cana. A ausência de vínculos empregatícios que contemplem a garantia de um “bom salário”, seguro desemprego e fundo de garantia parece constituir-se em fator decisivo para “sair para fora”.

Mas para os jovens, ainda que trabalhar na zona rural não seja “muito bom”, como propõe Ney, a elaboração feita por Ueliton “o trabalho lá é bom, é melhor do que aqui” ao se referir ao trabalho nos canaviais, orienta a discussão sobre o trabalho numa perspectiva comparativa, positivando o trabalho rural nos canaviais, em relação ao trabalho rural no distrito de origem. A experiência dos jovens com o trabalho rural, inicialmente no distrito, e posteriormente nos canaviais possibilita a estes estabelecer uma comparação entre mundos rurais distintos.

Os jovens rapazes são inseridos, num primeiro momento no contexto das “lidas da roça”⁵⁴, junto aos irmãos, pais e avós, em atividades de “ajuda” e quando mais crescidos prestam serviço para os fazendeiros da região, em condições de trabalho instáveis e irregulares. A insegurança nas relações de trabalho enfrentada pelos jovens do distrito Espreado, mediante a legitimação histórica de vínculos trabalhistas expropriadores, favorecem a ressignificação do trabalho nos canaviais.

A argumentação feita por Ueliton “aqui a gente trabalha e a gente não ganha que nem lá” sugere que a intensificação dos fluxos de jovens que “saem pra fora” anualmente, não necessariamente são motivados pela ausência de trabalho no distrito, mas pela inexistência de condições de trabalho decente, que contemplem o pagamento de um salário justo para os jovens⁵⁵ e o vínculo com carteira assinada.

⁵⁴ Na pesquisa de campo realizada no distrito em 2008, com estudantes do ensino fundamental, os jovens rapazes destacaram nas entrevistas e diários o trabalho que realizavam na roça como “ajuda” prestada à família, desde os anos iniciais (Relatório de campo, 2008).

⁵⁵ Sobre esse aspecto é interessante destacar as comparações feitas pelo senhor Teotônio entre o trabalho realizado nas fazendas e o trabalho como marceneiro em São Paulo, nos anos 1970 (Cf entrevista narrativa com Sr Teotônio, 2008).

O acesso a bens materiais a partir do trabalho nos canaviais é positivado pelos jovens rapazes, dado o significado que tais conquistas tem para o grupo. A possibilidade de “chegar aqui e fazer uma casa ou comprar uma moto” fortalece a simbologia que caracteriza a “saída” e o “retorno” dos jovens cortadores de cana. Trata-se de um empreendimento ancorado na experiência de “sair pelo meio do mundo”. Os jovens retornam ao distrito portando símbolos que os distinguem positivamente daqueles que permanecem. A circulação diária de motos conduzidas por jovens rapazes e moças, ao mesmo tempo em que portam óculos escuros, cortes de ‘cabelo da moda’ e outros adereços, redimensiona a vida social do distrito e confere destaque à presença do jovem cortador de cana.

Incentivo dos pais e avós para sair

Saber o que os pais e avós pensam sobre as ‘saídas’ dos jovens para trabalhar nos cortes de cana é importante para compreender os sentidos atribuídos pela família ao movimento de ‘saída’ do distrito, empreendido pelos jovens rapazes (Passagem O trabalho no corte de cana, linhas 558-587):

- 558 Y: E o que os pais e os avós de vocês pensam sobre
559 a ida para os cortes de cana? O que eles pensam?
560 Nm: Ah eles pensam bem apesar da saudade mas eles
561 pensam bem porque lá eles sabe que a gente tá
562 construindo um futuro
563 Pm: L ☺ É
564 Nm: Eles mesmo que incentiva a gente a ir
565 Pm: L É
566 Nm: Às vezes eles nem gosta mas eles incentiva
567 Pm: L É mesmo
568 Nm: porque eles sabe que a gente lá ta construindo um
569 futuro
570 Pm: E também os avós os pais da gente não tem
571 condições prá ajudar nós assim em alguma coisa
572 dar nós alguma coisa aí a gente tem que sair
573 mesmo não tem jeito
574 Um: Ninguém sabe se é de gosto deles ou não
575 Pm: L ☺ (1) ☺
576 Um: Tem que sair porque tem uns aí que não tem nem

577 como eles manter eles como é que pode dar
 578 alguma coisa prá nós né a gente precisa de uma
 579 moto ou então de roupa mesmo
 580 Pm: L Eles não tem condição
 581 Um: Aí eles não tem condições aí já incentiva prá poder
 582 ir né poder ganhar né que eles também precisa
 583 também gente até manda dinheiro prá eles porque
 584 eles não tem condições aí incentiva a gente prá ir
 585 trabalhar e ver que a gente adquiri algum futuro na
 586 vida né?
 587 Nm: Isso mesmo

A ida dos jovens para o corte de cana é vista como positiva e é incentivada pelos pais e avós, ainda que marcada por sentimentos como a saudade, conforme propõe Ney “eles pensam bem, apesar da saudade”. O incentivo oferecido aos jovens rapazes é justificado por Ney através da explicação de que “lá eles sabe que a gente tá construindo um futuro”. A crença de que o trabalho nos cortes de cana possibilita construir um futuro não é compartilhada apenas pelos jovens. A família, ao incentivar a saída destes, ainda que “às vezes nem gosta”, certamente o faz para que filhos e netos construam ‘destinos’ mais promissores. A aposta e a positividade da construção do futuro passa a ser um empreendimento também dos pais e avós, o que sugere pensar que nesse contexto a mobilidade dos jovens rapazes não sofre nenhum tipo de interdição.

O incentivo dos pais e avós para os jovens ‘saírem’ do distrito pode ser compreendido ainda, a partir da elaboração feita por Pedro “e também os avós, os pais da gente não tem condição de ajudar nós”. A permanência dos jovens no distrito e conseqüentemente na casa paterna, não apenas inviabiliza a construção do futuro como também torna visível a falta de “condição da família”. A insuficiência de recursos materiais necessários para ‘manter’ a família, mas também para ‘ajudar’ sobretudo os jovens rapazes que “precisam de uma moto ou então de roupa mesmo”, conforme explica Ueliton, faz com que a ‘saída’ seja imperativa.

A saída dos jovens configura-se como um movimento necessário e inadiável, o que permite pensar que não contam com a possibilidade de

'ficar' no distrito. Se em momentos anteriores⁵⁶ podiam pensar a construção do futuro a partir da escolha entre ficar ou sair, atualmente a 'saida' parece ser a única alternativa existente para os jovens, tal como conclui Pedro "a gente tem que sair mesmo, não tem jeito". Trata-se de um projeto ancorado na posituação do futuro como dimensão temporal possível de ser construída, na satisfação de necessidades que caracterizam a condição juvenil, mas também pelo compromisso de 'ajudar' os pais e avós desprovidos de condições.

Elaborações sobre ser jovem

Ser jovem é trabalhar e construir um futuro

Os canaviais constituem-se em espaços que demandam a inserção de homens jovens, cuja vitalidade física representada pela força, resistência e disciplina, é reivindicada como indispensável para a realização do trabalho. Considerando que estes espaços marcam a biografia pessoal dos jovens do distrito, a entrevistadora se dirige ao grupo com o intuito de compreender a experiência de ser jovem e trabalhar nos cortes de cana (Passagem Ser jovem e trabalhar no corte de cana, linhas 621-652):

621	Y:	E vocês poderiam falar sobre ser jovem e trabalhar
622		nos cortes de cana como é que é essa experiência
623		prá vocês ser jovem e trabalhar nos cortes?
624	Nm:	Experiência boa porque você sendo jovem
625		construindo um futuro quando você tiver mais de
626		idade você vai saber que você tá numa condição

⁵⁶ No estudo desenvolvido com jovens estudantes do ensino fundamental em 2008, os mesmos projetavam o futuro a partir das possibilidades tanto de permanência como de saída do distrito de origem (SILVA, 2009).

627 de vida né que você:: trabalhou prá construir
628 aquilo né então no futuro você for uma pessoa que
629 tem juízo que sabe administrar as coisas você vai
630 saber que você vamos supor você hoje tá com
631 trinta quarenta anos aí você vai pensar quando eu
632 fui jovem eu trabalhei prá construir isso e hoje eu
633 tô aqui e graças a Deus tenho a minha casa e tal o
634 meu carro alguma coisa você vai saber que se eu
635 tivesse ficado aqui dificilmente eu ia construir isso
636 e hoje e eu saí pro mundo quando eu fui jovem
637 trabalhei e hoje eu tenho isso por isso que é muito
638 bom
639 Um: É o jovem eh que nós eh nós jovem nós tem que
640 pensar no futuro nosso eh:: mais prá frente nossa
641 vida né nós tem trabalho enquanto nós tá novo
642 enquanto nós güenta porque depois de velho que
643 já tiver idade não vai guentar trabalhar então tem
644 trabalho enquanto é jovem pensar em ir prá fora e
645 fazer algum objetivo na vida eh trabalhar prá
646 ganhar dinheiro fazer a nossa casa construir a
647 nossa família que aí quando o que será de nós
648 depois que nós tiver velho nós tiver nossos filhos
649 nós não guentar trabalhar e não tiver dinheiro prá
650 manter a nossa família? Aí fica ruim prá nós tem
651 que trabalhar enquanto é jovem e tem que sair e
652 trabalhar prá construir alguma coisa na vida.

Os rapazes positivam a experiência de ser jovem e trabalhar nos cortes de cana, dada a possibilidade que o trabalho oferece ao jovem para a construção do futuro, tal como propõe Ney “você sendo jovem construindo um futuro”. A condição de jovem trabalhador permite que num momento posterior “quando você tiver mais de idade” se constate que está “numa condição de vida”, certamente favorável.

Para o grupo a condição de ser jovem está atrelada a uma imagem positiva do futuro, que se constitui como dimensão temporal possível e desejada, haja vista que representa a concretização das conquistas, alcançadas através do trabalho num momento anterior, representado pelo tempo presente. Os significados atribuídos pelos jovens ao tempo presente estão associados à sua condição de jovem trabalhador. Para os jovens o tempo presente tem sua centralidade apoiada na possibilidade de trabalhar, experiência vista como capaz de garantir o acesso a bens como a construção da casa e a compra do carro, mas também permite ser reconhecido positivamente pela comunidade, quando adulto.

A imagem dos homens que já estão “mais de idade” sem trabalho e sem família no distrito figura como uma ‘sina’ a não ser seguida pelos jovens rapazes. O momento em que o homem já está “mais de idade” possibilita saber qual foi a postura assumida em relação ao trabalho, quando jovem. Nesse sentido, a condição de jovem trabalhador certamente reivindica a assunção de comportamentos e habilidades percebidos como importantes pelos jovens rapazes. Ser “uma pessoa que tem juízo, que sabe administrar as coisas” passa a ser decisivo para alcançar o êxito no futuro.

Os jovens rapazes concebem o trabalho como experiência necessária e possível, crença ancorada no fato de que são homens jovens que estão no auge da força vital, e projetam a sua inserção em atividades laborais que impulsionam a saída “pra fora”. O distrito de origem parece não apresentar ofertas de trabalho que compensem o dispêndio de energia de que dispõem para ser utilizado. Já o trabalho realizado nos cortes de cana tem na sua gênese a predileção por um biótipo, que somente os corpos de homens fortes, resistentes e saudáveis podem concorrer. Trata-se de um tipo de trabalho possível de ser executado quando se é jovem, “enquanto nós tá novo”, “enquanto nós guenta”, e que certamente estimula os jovens rapazes a sair pra fora, dada as chances que tem de serem inseridos.

Relações familiares

Convivência familiar: sentidos atribuídos pelos jovens

A relação estabelecida entre os jovens que “saem pelo meio do mundo” e a família é marcada pelos deslocamentos feitos pelos rapazes, sendo que os tempos de ‘partida’ e ‘chegada’ parecem reconfigurar a convivência no grupo familiar (Passagem Família, linhas 1004-1018):

- 1004 Y: Falando em família poderiam falar um pouco sobre
 1005 a relação com a família de vocês, com os pais e
 1006 com os avós? Como que é essa relação?
 1007 Nm: Ah a relação com a família é boa é muito legal
 1008 porque a gente quase não:: apesar da gente ficar
 1009 mais jovem mais maduro e não conviver muito
 1010 com eles é boa porque:: sempre você não vai tá
 1011 muito perto deles você tá viajando e trabalhando e
 1012 quando você chega né (.) sempre vai ter aquele
 1013 carinho de mãe carinho de pai carinho de vó por
 1014 isso que é se você vivesse junto com eles assim
 1015 sempre direto assim né aí não seria muito bom né
 1016 assim sabe você ficar longe da família assim é-
 1017 não tanto mas:: de vez em quando é bom.
 1018 Pm: Ah ☺(1)☺

A pergunta sobre a relação estabelecida com os pais e avós parece não motivar a discussão entre os jovens rapazes. Uma explicação pode ser o fato de que os jovens permanecem junto aos familiares em períodos curtos, dada a sua condição de jovens viajantes.

Conforme propõe Ney “a relação com a família é boa, é legal” apesar de tanto na juventude como na idade adulta “mais jovem, mais maduro”, a convivência ser escassa. Para os rapazes a experiência de “não conviver muito com eles” está atrelada à sua condição de jovens que estão sempre “viajando e trabalhando”. Mas a pouca convivência com os pais e avós pode ser compensada com a chegada marcada pelo “carinho de mãe, carinho de pai, carinho de vó”, o que torna o distanciamento temporário da família uma experiência positiva, tal como conclui Ney “ficar longe da família, não tanto, mas de vez em quando é bom”.

A pouca convivência com os pais e avós tanto na juventude como na idade adulta parece ser ressignificada pelos jovens rapazes. Trata-se de um convívio somente possível em períodos específicos, na entressafra da cana, entre os meses de dezembro a abril, quando os jovens retornam dos cortes de cana, e marcado por demonstrações de carinho pelos pais e avós. O movimento constante de viajar e trabalhar parece isentá-los da vivência de situações inerentes ao “viver junto com eles sempre”. Nesse sentido, os jovens atribuem um significado positivo à relação com a família, dada a possibilidade que tem de se ausentar por um tempo.

Considerando que os jovens rapazes tem uma convivência temporária com a família, a entrevistadora lança uma pergunta sobre os assuntos que os jovens gostariam de conversar com os pais e avós (Passagem Família, linhas 1032-1076):

- 1032 Y: E que assuntos vocês gostariam de conversar com
 1033 eles? Que tipo de assuntos de conversa vocês
 1034 gostariam de ter?
 1035 Nm: Sobre?
 1036 Y: Com seus pais e avós que assuntos conversa
 1037 você gostaria de ter com eles?
 1038 (5)
 1039 Nm: Mas sobre alguma coisa assim e tal sobre família
 1040 ou sobre emprego?
 1041 Y: É um assunto que você queria qualquer assunto
 1042 Nm: Ah (3) essa resposta ☺ essa pergunta ☺
 1043 Pm: ☺(1)☺ Ah eu acharia assim que prá mim eles foi
 1044 uma família muito gente boa não tenho o que falar
 1045 deles até hoje me deu carinho e tudo não deixou
 1046 faltar carinho prá mim e eu agradeço muito pelo
 1047 que eles ter feito por mim sabe e hoje em dia eu tô
 1048 aí prá contribuir se precisar de ajuda eu estou aí
 1049 prá ajudar
 1050 Um: E eu acho assim que tipo assim eh (1) falar com
 1051 eles prá eles não jogar o que eles tem fora e
 1052 também ajudar sempre quando a gente precisar
 1053 também né e eles ajudar a gente assim e:: tipo eh
 1054 (.) né prá ter mais coisa na vida e não jogar fora né
 1055 e tem muito pai aí que pega aí ele pensa que já tá
 1056 velho já tá no fim da idade pega as coisas tudo e
 1057 joga fora e não deixa nada pros filho
 1058 Nm: O assunto que eu converso com ela assim ela fala
 1059 meu filho estuda porque na minha época não era
 1060 bem fácil como hoje eu falo prá ela assim mãe
 1061 pode ficar despreocupada comigo eu saio pelo
 1062 mundo mas não esqueço da senhora não ☺(1)☺
 1063 o assunto que eu tenho prá falar prá ela é só isso
 1064 ☺(1)☺ e sempre que eu puder eu ajudo a senhora
 1065 eu agradeço muito e o estudo que a senhora me
 1066 deu apesar de não ter concluído mas (.) não
 1067 esqueço da senhora não o assunto que eu falo prá
 1068 ela é esse
 1069 Pm: E uma também que a família nossa foi muito assim
 1070 bem dolorosa assim sabe nós não tem pai e eh e
 1071 não tem pai não tem mãe não tem avô também só
 1072 tem avó ☺(1)☺
 1073 Nm: Identidade
 1074 Pm: É o que?
 1075 Nm: Identidade
 1076 Pm: Identidade ☺(1)☺

O início da discussão é marcado pelo questionamento feito por Ney à entrevistadora sobre o assunto a ser discutido. É possível que a questão “que assuntos vocês gostariam de conversar com eles” tenha sido compreendida como muito ampla, motivando o jovem a apresentar um direcionamento para a discussão, a partir da pergunta “sobre família ou sobre emprego?”. A entrevistadora ignora o direcionamento proposto por Ney e mantém a pergunta inicial “assunto que você queira, qualquer assunto”.

Os jovens rapazes referenciam a família de forma positiva, dada a sua capacidade de garantir um ambiente afetivo, marcado pelas demonstrações de carinho, mas também pelo apoio concedido aos mesmos. Essas concessões são reconhecidas pelos jovens através das demonstrações de gratidão, expressas não apenas pelo agradecimento e pela lembrança, mas também pela disponibilidade para ‘ajudar’, traduzida como contribuição.

A possibilidade da família ‘ajudar’ os jovens, especialmente no período em que dependem dos adultos, está atrelada a uma postura responsável assumida pelos pais e avós, e que é reivindicada pelos jovens. A elaboração de Ueliton “falar com eles pra eles não jogar o que eles tem fora”, constitui-se em alerta para que as possíveis ajudas a serem concedidas pela família possam ser concretizadas. A ajuda recebida pelos jovens pode ser retribuída através da contribuição àqueles que permanecem no distrito. A expressão do sentimento de gratidão ganha significado na ação concreta da ajuda, haja vista que no momento presente os jovens sentem-se capazes de retribuir.

4.4 Análise comparativa dos grupos de jovens que cursam o ensino médio, jovens mulheres que concluíram o ensino médio e jovens que interromperam o ensino médio

A presente análise retoma as temáticas apresentadas nos grupos de discussão, a saber, educação escolar, relações familiares e ser jovem no distrito. Nesse capítulo, buscou-se reconstruir as orientações coletivas dos

grupos “Os/as jovens que vivem no distrito”, “Jovens mulheres que concluíram o ensino médio” e “Jovens homens que interromperam o ensino médio e saíram pelo meio do mundo”, bem como as interações produzidas pelos jovens sobre esses assuntos, numa tentativa de compreender as divergências, aproximações e singularidades que marcaram as experiências escolar, migratória e familiar destes sujeitos, e que foram apresentadas pelos grupos que analisamos em profundidade.

É importante ressaltar que o GD “Jovens homens que interromperam o ensino médio e saíram pelo meio do mundo”, dada a sua característica de grupo desistente, não realizou a discussão sobre temas como a desistência escolar e o retorno dos adultos para a escola. A discussão do grupo priorizou a experiência migratória, especialmente os aspectos concernentes ao trabalho nos canaviais.

Elaborações sobre a educação escolar

A discussão sobre os significados da educação escolar realizada pelo GD “Os/as jovens que vivem no distrito” destaca a importância desta para as vivências diárias, bem como para a apropriação de uma determinada postura na vida, o que não restringe sua importância apenas à apropriação do conhecimento científico, mas à sua capacidade de prepará-los para serem educados, e conseqüentemente bem tratados. Dessa forma, a condição de jovens estudados possibilita que sejam vistos como pessoas educadas nos espaços em que circulam.

No que concerne ao GD “Jovens mulheres que concluíram o ensino médio”, a posituação do ensino médio e conseqüentemente da educação escolar estão atreladas à possibilidade de continuar os estudos, haja vista que o término do ensino médio possibilita projetar o ingresso na faculdade. As jovens também destacam a história escolar de suas famílias, que impedidas de estudar, são formadas por membros com poucos anos de

estudo. Para as jovens, a interrupção dos estudos de alguns parentes, bem como a ausência da escola no distrito por longos anos, conferem destaque àqueles que têm mais anos de estudo na casa.

O GD *“Jovens homens que interromperam o ensino médio e saíram pelo meio do mundo”* constrói sua orientação sobre os significados da educação escolar, considerando sua condição de jovens que “saem pelo meio do mundo”. Nesse sentido, positivam a educação escolar, uma vez que esta promove a aquisição de habilidades de leitura, de escrita e de fala, necessárias para a mobilidade dos rapazes. A condição de jovem letrado certamente permite a inserção no mundo do trabalho, mas também possibilita transitar em um mundo organizado e constituído a partir de códigos e signos acessíveis somente àqueles que dispõem de estudo.

A desistência escolar no distrito: o que pensam os/as jovens

Para o GD *“Os/as jovens que vivem no distrito”* a desistência dos jovens configura como a derrota de uma batalha apenas iniciada, já que no mundo atual, o acesso a um emprego, mas também o convívio na sociedade prescindem de um “bom estudo”, que somente a escola pode assegurar. O grupo atribui a desistência dos jovens homens à ida para o corte de cana, e ressalta que a interrupção do vínculo com a escola e com o ensino médio para trabalhar impede a preparação do futuro. O empreendimento de desistir da escola para trabalhar, feito pelos jovens cortadores de cana, estimula o grupo a apresentar a preparação do futuro como justificativa para a permanência.

As *“Jovens mulheres que concluíram o ensino médio”* também destacam a ida para os cortes de cana como motivo para a interrupção dos estudos pelos jovens homens do distrito. Para o grupo, os jovens empreendem a saída porque não acreditam na possibilidade de acessar,

através do estudo, um trabalho que garanta a aquisição de bens materiais, tal como possibilita o trabalho no corte de cana. Tal concepção ancora nos exemplos de familiares “formados” que estão sem trabalho.

O retorno dos adultos para a escola

O GD “*Os/as jovens que vivem no distrito*” compartilham da ideia de que a presença dos adultos na sala constitui-se em “exemplo” de ancoragem segura para os mesmos. A inserção e permanência dos adultos nas turmas do ensino médio, constituída por jovens que constroem um percurso linear, ao contrário dos adultos que retornaram para os bancos da escola, são destacadas como fonte de apoio e incentivo para os jovens. Para o grupo, a condição de estudante do ensino médio constitui-se como jornada de luta que demanda força, e que pode ser fortalecida com a presença dos adultos na escola.

O GD “*Jovens mulheres que concluíram o ensino médio*” positivam a rememoração da experiência escolar narrada pelos adultos, destacando a experiência do passado, como um saber significativo, cuja escuta é desejada e valorizada. O retorno dos adultos aos bancos escolares é fortalecido ainda pelo entendimento de que a aprendizagem é uma experiência possível em qualquer fase da vida, o que torna a experiência escolar de pais e avós positiva.

Relações entre pais e filhos: os conselhos

O GD “*Os/as jovens que vivem no distrito*” positiva os conselhos dados pela família, e assume uma postura de escuta aos pais, o que sugere pensar que os princípios que garantem a disponibilidade da escuta são

reconhecidos como importantes pelos jovens. Para o grupo, a família está autorizada não apenas para aconselhá-los como também para participar dos espaços destinados à sua circulação, especialmente na escola.

Já o GD *“Jovens mulheres que concluíram o ensino médio”* destaca a disponibilidade da mãe para sentar e conversar com os filhos e estabelecer o diálogo, numa perspectiva horizontal entre os membros da casa. A possibilidade de dialogar com a família sobre os problemas e consequentemente buscar uma solução juntos demanda a escuta de todos, o que certamente constitui-se em apoio para as jovens.

No que concerne aos *“Jovens homens que interromperam o ensino médio e saíram pelo meio do mundo”*, dada a sua condição de jovens viajantes, a discussão destacou o convívio estabelecido apenas em períodos específicos, quando os jovens retornam dos canaviais, e que é marcado por demonstrações de carinho pelos pais e avós. O movimento constante de viajar e trabalhar parece isentá-los da vivência de situações inerentes a convivência diária. Nesse sentido, os jovens atribuem um significado positivo à relação com a família, dada a possibilidade que tem de se ausentar por um tempo.

Conversa entre pais e filhos

As *“Jovens mulheres que concluíram o ensino médio”* destacam que os pais incentivam os filhos para alcançar os sonhos, atingir os objetivos relativos à profissão, ao que desejam ser. Existe uma atmosfera familiar que positiva a conversa tanto sobre assuntos específicos como a continuidade dos estudos, como sobre os problemas diários que envolvem pais e filhos. A conversa estabelecida entre pais e filhos é desejada pelos filhos, que positivam a experiência de vida dos pais. O grupo apresenta os pais como

referências importantes e acessíveis para auxiliá-las no posicionamento frente aos desafios interpostos pelo estudo, a vida sentimental e o trabalho.

Já o GD *“Jovens homens que interromperam o ensino médio e saíram pelo meio do mundo* referencia a família de forma positiva, dada a sua capacidade de garantir um ambiente afetivo, marcado pelas demonstrações de carinho, mas também pelo apoio concedido aos mesmos. Essas concessões são reconhecidas pelos jovens através das demonstrações de gratidão, expressas não apenas pelo agradecimento e pela lembrança, mas também pela disponibilidade para ajudar, quando necessário.

Significados sobre Ser jovem

O GD *“Os/as jovens que vivem no distrito”* destaca a má remuneração dos trabalhos prestados pelos jovens como aspecto que torna a experiência de ser jovem no distrito como algo complicado, desmotivante. Para os jovens, a possibilidade de acessar um trabalho que não “pague mal” configura-se como necessária para positivar a experiência de ser jovem no distrito. Somente o trabalho possibilita a aquisição de roupas, calçados e a ida a locais específicos como uma “churrascaria”. Esses aspectos são vistos como necessários para compor o status de jovem.

Já o GD *“Jovens mulheres que concluíram o ensino médio”* reconhece a vida sossegada em Espriado, marcada pela tranquilidade tão desejada pelos conhecidos que estão fora, e que também é positivada pelas jovens. No entanto, a ausência de lugares que garantam a diversão, bem como a não oferta de trabalho no distrito constituem-se em aspectos que incomodam as jovens, e que as instigam a assumir um posicionamento sobre a permanência ou saída do distrito.

O GD *“Jovens homens que interromperam o ensino médio e saíram pelo meio do mundo”* positivam a experiência de ser jovem e trabalhar nos

cortes de cana, dada a possibilidade que o trabalho oferece ao jovem para a construção do futuro. Para o grupo a condição de ser jovem está atrelada a uma imagem positiva do futuro, que se constitui como dimensão temporal possível e desejada, haja vista que representa a concretização das conquistas, alcançadas através do trabalho num momento anterior, representado pelo tempo presente. Os jovens rapazes concebem o trabalho como experiência necessária e possível, crença ancorada no fato de que são homens jovens que estão no auge da força vital, e projetam a sua inserção em atividades laborais que impulsionam a saída “pra fora”.

5. SIGNIFICADOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA PARA ADULTOS DO DISTRITO ESPRAIADO QUE VOLTARAM PARA A ESCOLA

Este capítulo dedica-se à descrição do processo de realização e análise de dois grupos de discussão “Estudantes do ensino médio: convívio entre três gerações” e “Estudantes da Eja”, o perfil dos entrevistados(as), a divisão temática do grupo e a análise de alguns segmentos, que tratam dos eixos: Educação escolar, Convivência com os jovens na sala de aula e Relações familiares. Primeiramente, os grupos se reportam aos sentidos da educação escolar, destacando os significados atribuídos à continuidade dos estudos, bem como o convívio com os jovens na escola.

São analisadas ainda as elaborações dos adultos sobre seu retorno aos bancos da escola e a implicação deste para o diálogo intergeracional no distrito Espraiado. Em seguida, os grupos discorrem sobre as relações familiares e sobre o convívio com os filhos no distrito.

5.1 Estudantes do ensino médio: convívio entre três gerações

Sobre o grupo de discussão

Na sala de aula do colégio municipal Wilson Lins, às 19h, em 04 de novembro de 2011.

O grupo de discussão estava marcado para o início da primeira aula com os/as estudantes do 1º ano do ensino médio noturno. São adultos egressos da EJA, exceto Robson, que é egresso do ensino fundamental regular. Desde a semana anterior que o senhor Mauro, estudante do ensino

médio, perguntava quando seria possível entrevistá-los. No dia 04 de novembro a turma do 1º ano estava com “aula vaga” e eu os abordei, convidando-os para ir até a sala de aula para realizarmos o grupo de discussão. Os estudantes adultos se agruparam e incluíram Robson, que aceitou participar. Robson é filho de senhor Mauro e ambos estudam na mesma sala. Quando os localizei na sala, disse a Robson que conversaria com ele em um outro momento. No entanto, ele reafirmou o desejo de participar deste grupo. Pretendia realizar o grupo apenas com os adultos, mas Robson demonstrou interesse e considerei sensato permitir a sua participação.

Antes de iniciar a entrevista, expus ao grupo a pesquisa que estou realizando no distrito. Iniciamos a entrevista às 19:10 apresentando uma questão sobre a escola. Os integrantes deste grupo não interromperam as falas dos colegas, mantendo uma ordem nas falas. Outro aspecto recorrente é que durante a entrevista Robson e senhor Mauro observavam atentamente os cartazes produzidos pelas crianças do distrito fixados na parede (no turno matutino funciona uma classe do ensino fundamental nesta sala). Em alguns momentos ocorreram algumas interrupções, a exemplo da entrada de funcionários na sala, e barulho de motos. O grupo interagiu bastante ao discutir sobre as diferenças existentes entre a educação no passado e no presente, bem como no âmbito familiar.

No momento em que iniciei o bloco de questões sobre a convivência e participação na comunidade (período em que se aproxima o horário do intervalo, às 21h), senhor Mauro começou a olhar para o relógio com frequência. Em alguns momentos como na discussão sobre escola e família, o grupo manteve uma interação. Ao término perguntei ao grupo se gostariam de falar algo, e alguns membros apresentam as melhorias a serem feitas na escola e no distrito.

QUADRO 8

Divisão temática: GD Estudantes do ensino médio: convívio entre três gerações
Tempo geral do GD: 01:37:36

	Controle do tempo	Tempo	Temas	Passagem⁵⁷
1.	00:00:44- 00:05:35	5min	“Quando achei a escola agarrei com as duas mãos”	Passagem inicial
2.	00:05:36- 00:08:22 00:08:23- 00:16:07 00:16:08- 00:21:50	16min	A desistência dos jovens da escola (tema trazido pelo grupo) Significados do retorno para a escola “Conviver com os jovens é bom demais”	Ensino médio
3.	00:21:53- 00:25:34 00:25:37- 00:33:42 00:33:45- 00:38:47	17min	Boa convivência na escola Relação entre alunos e professores A desistência dos jovens da escola: os prejuízos	Escola
4.	00:38:49- 00:43:22 00:43:30- 00:46:20 00:46:27- 00:54:35 00:54:40- 00:59:52 00:59:55- 01:05:14	26min	A união entre a família e a escola O legado dos pais A educação dos filhos antigamente e hoje A experiência dos pais Conversa com os filhos	Família
5.	01:05:16- 01:10:50 01:10:51- 01:14:52 01:14:54- 01:18:30 01:18:32- 01:21:42	16min	O conforto da moradia e a boa convivência A sede do município Trabalho e convivência na comunidade Participação nos grupos	Morar no meio rural
6.	01:21:46- 01:26:27 01:26:30- 01:28:55	7min	Dificuldades para permanecer longe do distrito A saída das famílias	Migração
7.	01:29:00- 01:33:35 01:33:37- 01:34:42	5min	O trabalho na roça Projetos para o futuro	Trabalho e futuro
	01:35:07- 01:37:37		As melhorias a serem feitas na escola e no distrito	

Fonte: Pesquisa em tela

⁵⁷ As **passagens** em negrito foram transcritas.

Perfil dos entrevistados/as

Márcia

Márcia (Mf) tem 34 anos, parda, católica, natural de Palmas de Monte Alto-BA. Mora no distrito Espraiado há 23 anos, com o companheiro. Tem duas filhas e cinco irmãs. Sua mãe nasceu em Palmas de Monte Alto-BA, lavradora, tem a primeira etapa do ensino fundamental completo, participa da igreja e do sindicato. Não informou a renda da mãe. Seu pai, *in memorian*, era lavrador e não sabia ler nem escrever. Os avós maternos e paternos são lavradores e não frequentaram a escola. Márcia estudou a primeira etapa do ensino fundamental na fazenda Mari, localizada no município de Palmas de Monte Alto. No momento atual, cursa o 1º ano do ensino médio no distrito e desloca-se para a escola, a pé. Trabalha como agricultora e gasta seus rendimentos com alimento, remédio e energia elétrica. Seu lazer preferido é passear. Frequenta a associação de trabalhadores rurais na sede do município, uma vez por mês. Não utiliza internet.

Claúdio

Claúdio (Cm) tem 30 anos, negro, católico, natural de Palmas de Monte Alto-BA. Mora na fazenda Mari, com os pais e a companheira, que cursa o ensino fundamental. Tem seis irmãos/ãs e não tem filhos. Sua mãe nasceu em Palmas de Monte Alto-BA, doméstica, tem a primeira etapa do ensino fundamental completo, participa da igreja e da associação. Não informou a renda da mãe. Seu pai, *in memorian*, não sabia ler nem escrever. Os avós maternos e paternos são lavradores e não frequentaram a escola. Claúdio estudou a primeira etapa do ensino fundamental na fazenda Mari e a segunda etapa no distrito. Morou em São Paulo durante seis meses, período em que trabalhou no corte de cana. No momento atual, cursa o 1º ano do ensino médio no distrito e desloca-se para a escola, no transporte escolar. Trabalha como cabeleireiro, renda mensal R\$ 545,00 e gasta a maior parte de seus rendimentos com alimentação. Seu lazer preferido é ir aos

encontros religiosos. Frequenta a associação de trabalhadores rurais, desde 2007, na sede da associação. Não utiliza internet.

Joaquim

Joaquim (Jm) tem 43 anos, negro, casado, evangélico, natural de Palmas de Monte Alto-BA. Mora na fazenda Angico há 35 anos. Tem quatro filhos e nove irmãos/ãs. Mora sozinho, enquanto sua família reside na sede do município. Sua mãe nasceu no Estado da Bahia, lavradora, não frequentou a escola. Seu pai nasceu em Palmas de Monte Alto-BA, lavrador, não frequentou a escola. Os avós maternos e paternos são lavradores. Morou em São Paulo durante sete meses, período em que trabalhou no corte de cana. Joaquim é egresso da EJA e no momento atual, cursa o 1º ano do ensino médio no distrito. Desloca-se para a escola, no transporte escolar. Trabalha como lavrador, renda mensal R\$ 250,00 e gasta com as despesas da casa. Não informou o lazer. Frequenta a associação de trabalhadores rurais, desde 2003, na sede da associação, uma vez por mês. Não utiliza internet.

Mauro

Mauro (Mm) tem 61 anos, pardo, casado, evangélico, natural de Palmas de Monte Alto-BA. Mora no sítio Alagadiço, desde que nasceu. Tem cinco filhos e sete irmãos/ãs. Mora com a companheira, que é aposentada e tem renda mensal de R\$ 545,00. Tem quatro netos, sendo que um destes está estudando. Seus pais nasceram em Palmas de Monte Alto e são lavradores. A mãe não frequentou a escola e o pai “sabia ler e escrever”. Os avós maternos e paternos não frequentaram a escola e são lavradores. Mauro é egresso da EJA e no momento atual, cursa o 1º ano do ensino médio no distrito e desloca-se para a escola, em uma motocicleta. Trabalha como lavrador, renda mensal R\$ 545,00 e gasta com as despesas da casa. Seu lazer preferido é pescar. Participa da associação de trabalhadores rurais, na sede da associação, uma vez por mês. Realizam reuniões e discutem assuntos de interesse da associação. Não utiliza internet.

Robson

Robson (Rm) tem 16 anos, pardo, solteiro, católico, natural de Palmas de Monte Alto-BA. Mora no distrito Espiraiado, há um ano na companhia da irmã. Tem quatro irmãos/ãs. Seus pais nasceram em Palmas de Monte Alto-BA e são lavradores. Seu pai cursa o 1º ano do ensino médio no distrito e tem renda mensal de R\$ 545,00. Sua mãe não frequentou a escola, aposentada e tem renda mensal de R\$ 545,00. Não informou a escolaridade e profissão dos avós paternos e maternos. Robson estudou o ensino fundamental no distrito. No momento atual, cursa o 1º ano do ensino médio no distrito e desloca-se para a escola, numa motocicleta. Sua renda é oriunda da ajuda dos pais. Seu lazer preferido é jogar futebol. Pretende jogar futebol e estudar no período de recesso escolar 2011/2012. Não utiliza internet.

Significados da educação escolar para adultos

No decorrer do andar da carruagem... necessita mais conhecimento

A oferta do ensino médio no distrito Espiraiado a partir de 2005 reconfigurou o espaço escolar, que passou a ser constituído pela presença de jovens e adultos nas salas de aula. A partilha da condição de estudante do ensino médio instigou a entrevistadora a interrogar o grupo sobre os significados da educação escolar e da escola, numa perspectiva mais ampla, associando os sentidos da experiência à vida dos jovens e adultos (Passagem Educação escolar, linhas 1-54):

- 1 Y: Eh vocês poderiam falar sobre o significado da
- 2 Educação escolar:: da escola na vida de vocês?
- 3 Cm: Eu acho que na minha opinião a escola eu acho o

- 4 seguinte é o conhecimento sem a escola você fica
 5 sem conhecimento nenhum, tudo hoje na vida eu
 6 acho que a escola é em primeiro lugar
- 7 Rm: No meu ponto de vista a escola é o ponto principal
 8 dos jovens e do adulto que hoje em dia prá você
 9 fazer um=um curso você precisa ter um bom
 10 estudo
- 11 Jm: Também do meu ponto de vista a escola é:: é
 12 assim:: é fundamental no=no nosso viver porque
 13 sem ela eh a dificuldade chega hoje as vagas de
 14 emprego eh tá pedindo o segundo grau completo
 15 e aí tem várias pessoas desempregada por isso
 16 que hoje as escolas tá cheia de jovens e adultos
 17 porque a necessidade está aí
 18 (1)
- 19 Mm: Ah a escola ela ((pigarro)) não existe lugar para o
 20 saber. Todo dia a gente tá aprendendo porque (1)
 21 é necessário que gente estuda. No decorrer do
 22 andar da carruagem cada dia que se aproxima
 23 necessita mais conhecimento então não tem idade
 24 prá escola, o saber não tem idade, eh cada dia
 25 que você passa é vivendo e aprendendo, e a
 26 escola faz parte do desenvolvimento nosso
 27 (2)
- 28 Mf: É, devido vai surgindo novas tecnologias assim
 29 formas de viver diferentes eu acho que é muito
 30 bom a gente aprender, ir na escola aprender,
 31 adquirir mais conhecimento porque depois da-
 32 o pessoal vai ver o conhecimento que cada dia que
 33 passa surge novas coisas a tecnologia tá bem
 34 avançada e tudo e eu acho bom eu sei que
 35 estudar é muito bom
 36 (4)
- 37 Jm: E hoje eh não só as vagas de emprego também
 38 como prá viajar hoje né a pessoa que não tem
 39 hoje um estudo que seja ele até imagina viajar
 40 porque as coisas hoje tá tudo modificado eh a
 41 gente não pode tá perguntando as pessoas e até
 42 mesmo prá sacar o dinheiro ninguém pode tá
 43 apresentando a sua senha prá todo mundo porque
 44 a coisa hoje não tá fácil e por isso é que aqueles
 45 que pensam no amanhã acaba deixando tudo e
 46 vindo prá escola porque não tá fácil prá enfrentar
 47 esse mundo lá fora não, lá fora também assim, a
 48 pessoa que tem estudo acha um emprego melhor
 49 do que os que não tem, os que não tem vai pro
 50 corte de cana enfrentar pesado quem tem o
 51 estudo melhor chega lá já passa pra medidor
 52 tratorista e assim por diante. Então a escola é::
- 53 Cm: É necessário
- 54 Jm: É necessário

Ao iniciar a discussão com a proposição de que “sem a escola você fica sem conhecimento nenhum”, Cláudio destaca a centralidade da escola,

em razão da sua capacidade de garantir o acesso ao conhecimento, tornando-a imprescindível para a vida. O conhecimento reivindicado pelo grupo, somente possível de ser atestado pela escola, possibilita acessar empregos que exigem a certificação, tal como exemplifica Joaquim “hoje as vagas de emprego tá pedindo o segundo grau completo”, o que possibilita pensar que o retorno dos adultos e a permanência dos jovens na escola, podem estar atrelados à exigência do acesso ao diploma para a inserção no mundo do trabalho.

Embora o grupo não faça a explanação sobre quais são os conhecimentos demandados para a inserção nas vagas de emprego, observa-se que o alcance dos níveis mais elevados de ensino fazem parte das aspirações dos adultos. Trata-se de um contexto de exigências não apenas restritos aos espaços de circulação no distrito e nas cidades vizinhas, mas sobretudo ao “mundo lá fora”.

Os constantes percursos migratórios dos jovens e adultos possibilitam a partilha das dificuldades enfrentadas em razão do pouco ‘tempo de escola’. Os retornos daqueles que viveram a experiência da migração são marcados pela conquista de bens simbólicos e materiais, mas também pelo reconhecimento de que o enfrentamento do “mundo lá fora” constitui-se em tarefa cada vez mais difícil, dada as exigências concernentes à certificação escolar.

A complementação feita por Mauro “cada dia que se aproxima necessita mais conhecimento, então não tem idade pra a escola”, ressalta a ‘necessidade’ do acesso ao estudo como experiência inesgotável, e que demanda a permanência na escola independente da idade. Para os adultos, o ‘avançar da idade’ não se constitui em impedimento para estar na escola. As críticas recebidas em alguns espaços sociais no distrito⁵⁸ por estarem frequentando a escola, não são suficientes para desanimá-los, haja vista que

⁵⁸ Durante as conversas que mantive com adultos estudantes sobre a experiência do retorno para a escola, muitos demonstravam insatisfação com as críticas recebidas. A expressão “o que que cavalo velho vai aprender mais”, é ilustrativa da discriminação sofrida pelos adultos.

a possibilidade de se apropriar de conhecimentos nunca acessados, fortalece o projeto da permanência.

Conviver com os jovens é bom demais

O cotidiano escolar noturno no distrito é marcado pela presença de jovens e adultos que compartilham os espaços intra e extra-escolares⁵⁹. Considerando que a sala de aula configura-se como espaço destinado à mediação do conhecimento, bem como da partilha de outras experiências, a entrevistadora se dirige ao grupo com o objetivo de saber como se estrutura a relação entre os sujeitos de distintas gerações (Passagem Educação escolar, linhas 249-338):

- 249 Y: E como é a relação entre vocês e os jovens na
250 sala de aula? No caso de Robson né, você pode
251 falar da sua relação com os adultos, mas vocês
252 adultos, como é que vocês se relacionam com os
253 jovens?
254 Cm: A minha relação é boa demais tanto faz com os
255 jovens como com os adultos e eu procuro assim
256 eh brincar com todo mundo, aceitar cada um deles
257 acho muito boa a relação com eles, não só da
258 minha sala mas como toda sala, a gente respeita e
259 recebe o respeito também
260 Jm: A minha relação com os jovens na sala é assim eu
261 acho muito importante, até porque que esses
262 meus colega né eu tenho eles assim igualmente
263 como filhos porque nós foi criado aqui minha
264 família eu fiquei aqui nós morou ali três anos
265 depois foi prá Monte Alto, levei meu pessoal prá lá
266 eu fico mais é aqui no Espreado ☺ que eu gosto
267 muito daqui ☺ e::: e eu sempre gosto de todos
268 eles, dos jovens gosto de todos os adultos
269 também mas os adultos já é assim eu deixo de
270 lado porque você sabe a juventude de hoje brinca,
271 bate a mão na cadeira coisa e tal ou até dá
272 aqueles gritos na hora que quiser alguma coisa

⁵⁹ Um dos espaços descrito como importante pelos jovens do distrito é a viagem feita no transporte escolar_casa-escola/escola-casa (Apêndice E). A pesquisadora realizou o itinerário junto com os/as jovens dos últimos anos do ensino fundamental, no diurno, com o intuito de conhecer os espaços de sociabilidade extra-escolares, bem como compreender os sentidos atribuídos aos mesmos (cf. SILVA, 2009).

273 importante né e gente fica ali quieto ali. Agora uma
 274 coisa que eu mais aproximo é quando eu vejo
 275 discórdia, assim uma discordância que vem a ter
 276 agressão, aí eu aproximo prá dar conselho né?
 277 Quando eu vejo que alguma coisa que ☺ vai vai
 278 ter um=uma diferença aí eu chego perto deles e
 279 falo não faça isso não faça isso são nossos
 280 colegas, nós quer sair daqui de mãos dadas no
 281 final coisa e tal, e:: e eu fico alegre porque eles me
 282 atende, eu fico alegre mesmo porque eles me
 283 atende outro dia teve uns probleminhas aí eu
 284 tentei apaziguar e eu vi que tava acrescentando e
 285 chamei um e falei que eu não quero isso que é
 286 nossos colegas e nós quer sair daqui de mãos
 287 dadas no final do ano, e eu acho muito bom e
 288 minha sala lá eu dou nota dez para os meus
 289 colegas e se eu ver uma coisa diferente eu ☺ tô lá
 290 prá apaziguar ☺(.) com certeza
 291 Mm: Também a convivência eu acho que é boa porque
 292 eu conheço todo mundo e todo mundo me
 293 conhece e:: a aproximação não tenho a dizer nada
 294 nem deles eu acho que nem eles de mim é muito
 295 é bonito demais, porque eu acho que desde que o
 296 EJA misturou o pessoal do EJA o:: o:: a turma do
 297 EJA com os outros foi como diz uma união perfeita
 298 porque tem jovem tem idade média tem adulto tem
 299 pessoa de idade, nós no ano passado mesmo
 300 estudava no EJA e tinha aluno de sessenta oitenta
 301 e seis anos aí eh todo mundo é=é uma
 302 convivência::: sobre a sala aqui eu não critico
 303 nada, às vezes existe alguma discordiazinha mas
 304 nem tanto assim que nem eles falam, ah esse
 305 colégio aqui tem muito os alunos são muito
 306 comportados tem aquelas algazarra porque são
 307 muitos tem umas duzentas ideias tem um bocado
 308 mas eu acho que é muito bom a convivência com
 309 os alunos e a minha mesmo com os alunos eu
 310 acho boa eu já sou adulto e idade media hoje a
 311 terceira idade são boas o relacionamento entre
 312 alunos jovens e pessoas de idade e terceira idade
 313 são boas. Eles não criticam não dizem que tinha
 314 aqueles dois senhores um de setenta e oito anos
 315 outro de oitenta e seis não criticavam de jeito
 316 nenhum, respeitavam muito bem, sobre isso aí os
 317 alunos não tenho o que queixar deles não até
 318 agora até hoje eu dou nota dez prá eles
 319 Rm: A minha convivência com os adultos na sala de
 320 aula é muito importante porque nos traz um pouco
 321 de experiência sobre a vida, que eles já é mais
 322 veterano né no mundo já, já rodou uma boa parte
 323 do mundo e traz mais experiência prá dentro do
 324 conhecimento sobre o que é tratado na escola
 325 (4)
 326 Mm: Os jovens eles tem mais desinteresse eu observo
 327 uma parte são mais desinteressados, outra de
 328 interessados não sei se porque confiam muito no
 329 conhecimento que na juventude mas aí sobre isso
 330 aí na sala pode ver que às vezes você vê no início

331 das aulas uns não estudam porque não quer é
 332 desinteresse aí já é outra parte, mas prá frente vai
 333 fazer mais
 334 Rm: └ Falta
 335 Mm: └ Mais falta prá eles mas eles
 336 acham que não aí é difícil discutir isso porque as
 337 mentes nossa não são iguais cada um pensa de
 338 uma forma.

O grupo positiva a relação existente entre os jovens e adultos na sala de aula, tal como propõe Cláudio “a minha relação é boa demais, tanto faz com os jovens como com os adultos”, e reconhece o ‘brincar com todo mundo’, a aceitação de ‘cada um deles’ e o respeito como atitudes necessárias para o convívio no grupo.

A exemplificação feita por Joaquim “esses meus colegas, eu tenho eles igualmente como filhos” destaca o viés familiar da relação estabelecida entre os jovens e adultos. O convívio marcado pela familiaridade possibilita a intervenção do adulto em situações de conflito protagonizadas pelos jovens “uma coisa que eu mais aproximo é quando eu vejo discórdia”, através do aconselhamento consentido, conforme elabora Joaquim “eu fico alegre porque eles me atende”.

A relação estabelecida entre os jovens e adultos no distrito constitui-se em experiência longa e coletiva “nós foi criado aqui”. Os vínculos constituídos desde a tenra idade junto a ‘uma família só’⁶⁰, adentram os portões da escola e orientam as relações, que ganham uma matiz familiar.

Nesse sentido, os adultos tutelam algumas situações vivenciadas na sala de aula, se dirigem de forma conciliadora aos jovens através dos ‘conselhos’ para evitar a discórdia e garantir que todos saiam de “mãos dadas no final”. A extensão de uma experiência vivenciada no âmbito familiar, a prática do aconselhamento para o espaço da sala de aula é respaldada pelos jovens que ‘atendem’ aos chamamentos apaziguadores dos adultos.

⁶⁰ A expressão ‘uma família só’ foi cunhada por senhor Benedito, ao se referir ao processo de organização da vida social nas fazendas (Entrevista concedida em julho de 2008, Viagem à fazenda Mari, cf. SILVA, 2009).

A positivação da relação entre jovens e adultos na sala de aula também pode ser constatada a partir da complementação enfática feita por Mauro “é bonito demais, desde que misturou a turma da Eja com os outros foi uma união perfeita”, que destaca a constituição do perfil da turma do ensino médio.

Inicialmente, os adultos e idosos do distrito Espreado e fazendas vizinhas retornaram aos bancos escolares, a partir da oferta da Eja no noturno em meados da década de 1990. Mais recentemente passaram a cursar o ensino médio noturno ofertado no distrito desde 2005. A ‘chegada’ dessa modalidade de ensino oportuniza pela primeira vez o encontro entre os egressos da Eja, cujos percursos escolares e faixa etária são bastante diversificados e os egressos do ensino fundamental regular, com percursos escolares constituídos num tempo linear, ou com algumas distorções de idade/série em função de reprovações.

A referência à ‘mistura’ de sujeitos pertencentes a distintos tempos na mesma sala de aula como uma ‘união perfeita’, parece celebrar a possibilidade que têm de juntamente com os ‘conhecidos’ acessar a educação formal, direito negado durante anos à população adulta.

Para o jovem Robson, a convivência com os adultos é muito importante porque “traz um pouco de experiência sobre a vida”. O reconhecimento da experiência dos adultos está atrelado ao fato de serem “veteranos no mundo, já rodou uma boa parte do mundo”. A elaboração sobre a experiência de vida como dimensão pertencente aos adultos, não se restringe ao tempo cronológico representado pela idade, mas ancora-se nas experiências adquiridas pelos adultos que participaram dos fluxos migratórios que marcam as saídas e retornos desde os anos 1970, especialmente dos jovens do sexo masculino.

A experiência dos adultos ‘veteranos’ que ‘rodou boa parte do mundo’⁶¹ é valorizada pelos jovens moradores do distrito, uma vez que contribui para a apropriação do conhecimento que é mediado na escola.

⁶¹ A experiência da migração protagonizada por homens jovens do distrito é nomeada como ‘saída para o mundo’, conforme elabora o GD “Jovens homens que interromperam o ensino médio e saíram pelo meio do mundo”, capítulo 4.3 da presente tese.

Tratam-se de experiências adquiridas em contextos sociais mais amplos e distintos daquelas vivências compartilhadas no distrito. Os adultos são identificados como portadores de uma experiência que somente a migração pode possibilitar.

Continuidade dos estudos

A pergunta apresentada pela entrevistadora sobre a possibilidade de continuar os estudos, proporcionou uma breve discussão, talvez porque a condição de estudante adulto do ensino médio não suscita elaborações mais consistentes sobre o acesso a outros níveis de ensino (Passagem Educação escolar, linhas 546-564):

546	Y:	Eh:: vocês pensam em continuar os estudos?
547	Jm:	Eh eu pelo menos, eu penso concluir até o terceiro
548		ano. Aí dai por diante se Deus preparar a gente
549		pode tá investindo mais prá frente, mas pelo
550		menos agora no momento eu penso concluir até o
551		terceiro, e daí por diante a gente pode, de acordo
552		o tempo, a gente pode resolver mais prá frente
553	Mf:	Eu também penso em continuar
554	Cm:	Eu quero concluir também, eu não sei ai prá frente
555		depois que eu concluir se eu achar a oportunidade
556		de fazer uma faculdade eu quero tentar, mas eu
557		quero concluir
558	Rm:	E eu penso em concluir e penso em arrumar um
559		emprego prá ajudar a me manter no curso ou na
560		faculdade, (2) é muito importante o estudo, não
561		pode deixar de lado não
562	Mm:	Eu também quero ir prá frente, não sinto nada, eu
563		tô com saúde ☺
564	Jm:	☺(.) ☺

A proposição feita por Joaquim “eu penso concluir até o terceiro ano” é compartilhada pelo grupo, que elabora a continuidade do estudo, a partir da disposição assumida para concluir o ensino médio. A condição de estudantes do ensino médio constitui-se em experiência recente, cursam o 1º ano, e tal aspecto certamente faz com que os esforços para a continuidade do estudo estejam circunscritos à conclusão do ensino médio.

Talvez porque essa modalidade de ensino representa um diploma passível de ser conquistado no contexto e idade em que se encontram. As experiências relacionadas a cursos técnicos, denominados de pós-médio, ainda são pouco conhecidas e tão inacessíveis quanto um curso superior, que depende de um emprego formal para que possa ser financiado.

Relações familiares

A união entre a família e a escola

A presença da família na escola, a partir do retorno de pais e avós, pode redimensionar as relações entre pais e filhos tanto no âmbito da casa como no âmbito da escola. A entrevistadora dirige-se ao grupo e apresenta uma questão sobre a família e a relação estabelecida com os filhos. Em consideração à presença de Robson, a entrevistadora sugere que o jovem fale sobre a relação com os pais (Passagem Família, linhas 566-634):

- 566 Y: Eh:: falando um pouco sobre a família, vocês
 567 poderiam falar um pouco sobre a família de
 568 vocês? Como é a relação com os filhos, no caso
 569 de eh Robson pode falar como é a relação com os
 570 pais né?
 571 Rm: A minha relação com meus pais é boa, tem hora
 572 assim que dá assim uma desequilibrada assim
 573 mas faz parte da vida
 574 Mm: Ele pede muita coisa
 575 (7)
 576 Jm: A minha relação com a minha família é muito
 577 importante, até porque que desde o início que nós
 578 conversou iniciou a reunião foi eu falando o
 579 quanto a gente tem lutado mudemos prá aqui
 580 fomos prá Palmas de Monte Alto e que eu ouvi
 581 falar no jornal nacional que a maior riqueza era a
 582 escola e eu não tinha outra coisa mesmo prá
 583 deixar ☺pros meus filhos ☺eu falei vamos investir
 584 na escola. E a minha esposa também ela é uma
 585 pessoa que é muito dedicada aos filhos dela né e

- 586 também a minha pessoa, o nosso trabalho é
 587 assim, é lado a lado com os filhos, graças a Deus
 588 até aqui eu não tenho o que falar, só não faz mais
 589 porque não pode mas o que a gente pode a gente
 590 faz
- 591 Cm: A minha relação com a minha família também é
 592 muito boa, eu acho que família é a base a
 593 estrutura se eu tô aqui hoje é porque eu tive ela e
 594 dependendo dela também. É muito bom demais o
 595 meu dia a dia em casa com a minha mãe, com a
 596 minha esposa também, a família é a base, é
 597 acima de tudo
 598 (4)
- 599 Mm: Lá, nós lá discutimos mais ou menos existe
 600 proibição pra alguma coisa mas pra escola
 601 ninguém é indisposto não é escola é então vai
 602 ninguém ☺ diz não deve ir pra escola ☺ não tem
 603 discussão. Eu mesmo já tomei as rédeas e falei
 604 não mulher o primeiro a ir pra escola é eu, aí a
 605 mãe deles fala esse é o mais velho puxou a guia
 606 vão tudo pra escola é bom a escola é a escola se
 607 torna uma grande família quando tem um grupo
 608 unido na sala nossa ali mesmo, já começa dali.
 609 Bem assim é na casa. Vem esse aqui tem a outra
 610 menina que faz o terceiro ano os outros lá todo
 611 mundo a prioridade nossa é a escola. A escola
 612 traz novas visões pra gente e muito conhecimento
- 613 Cm: E sem a família é complicado né? A pessoa sem a
 614 família fica ruim de sobreviver a família é a base
 615 de tudo
- 616 Mm: É porque quando um contraria o outro mas se
 617 todo mundo é a favor a escola começa daí, se
 618 todo mundo for de acordo vai tudo se não for não
 619 segue bem é assim é por isso que vem a
 620 desistência é isso aí
- 621 Cm: L Que a família não orienta
- 622 Mm: Vem o desânimo e no final termina desistindo, eu
 623 acho que deve ser isso se você viu o professor
 624 nervoso ou alguma coisa trouxe o problema de lá
 625 os alunos também trazem os problemas de lá de
 626 fora da casa dele. Se viu o aluno lá na escola
 627 insatisfeito é porque já vem desde casa
- 628 Rm: O que faz o comportamento do aluno na sala é a
 629 base da família. Se tem uma família eh mal
- 630 Mm: L Desunida
- 631 Rm: mal organizada aí vai trazer problema para
 632 escola
- 633 Cm: Tem o ditado quando o pau é torto até a cinza é
 634 torta né? ☺ (1) ☺

O direcionamento feito pela entrevistadora ao jovem Robson faz com que o mesmo inicie a discussão falando sobre a relação estabelecida com os pais “a minha relação com meus pais é boa, tem hora que dá uma

desequilibrada, mas faz parte da vida”, justificada em seguida por seu pai Mauro “ele pede muita coisa”. É possível que a presença do pai no grupo não tenha permitido Robson elaborar sua proposição de forma detalhada, levando-o a positivar a relação com a família, mas destacando a existência de alguns desequilíbrios.

Somente após os risos desconcertados de Robson e a pausa de sete segundos, o grupo faz um novo direcionamento para a discussão, mediante a proposição de Joaquim “eu ouvi no jornal que a maior riqueza era a escola, e eu não tinha outra coisa mesmo pra deixar ☺ pros meus filhos ☺ eu falei ☺ vamos investir na escola”, o que destaca o compromisso dos pais com os filhos, a partir da concessão de um legado, de uma riqueza. O compromisso ganha força quando o jornal nacional informa que a maior riqueza é a escola, o que sugere não apenas a internalização da mensagem ouvida, mas demanda uma ação, traduzida aqui como investimento.

A presença dos adultos na escola certamente fortalece o investimento feito para a garantia da permanência dos filhos na escola na idade certa como pode-se observar na experiência de Mauro e Robson. Trata-se de um projeto que envolve toda a família, não apenas com a oferta de incentivos, mas também com a partilha da experiência de ir para a escola junto com os filhos. A elaboração de Mauro “a escola se torna uma grande família”, torna possível uma fusão entre os âmbitos da casa e da escola, estruturado e fortalecido pela valorização do conhecimento.

Conversar sobre o cotidiano, o dia a dia

O prolongamento do convívio entre pais, filhos e netos possibilita o diálogo acerca do cotidiano familiar e escolar. A entrevistadora se dirige ao grupo com o intuito de conhecer os assuntos que os pais gostariam de conversar com os filhos no espaço da casa (Passagem Família, linhas 936-980):

- 936 Y: Eh:: e que assunto vocês gostariam de conversar
 937 com os filhos, com os pais, em casa?
 938 (4)
- 939 Mm: Eu não tenho assunto é o cotidiano o dia a dia que
 940 nós conversa, esse aqui só me pede as coisas eu
 941 falo que não tenho
- 942 Rm: L ☺(1)☺
- 943 Mm: Eu converso muito hoje em dia a liberdade tomou
 944 conta ah pai o que que vai me dar hoje eu não
 945 tenho nada prá dar prá ninguém não, não tô
 946 recebendo ☺(.)☺
- 947 Rm: L ☺(.)☺
- 948 Mm: L Leva tudo na brincadeira
 949 eu antigamente não tinha intimidade na minha
 950 época era sim sim e não não e hoje em dia não
- 951 Cm: Eu não tenho nenhum assunto definido não
- 952 Mm: L Os
 953 filhos hoje tem mais aproximação com o pai mais
 954 que antigamente
- 955 Cm: Eu não tenho nenhum assunto definido não mas
 956 acho que (.) a pessoa tem muita coisa prá tratar.
 957 Eu acho que a paz é em primeiro lugar estando
 958 com a família é bom a gente dialogar, às vezes
 959 tem uma família sofrendo e a gente pode ajudar,
 960 eu acho que nesse mundo que a gente vive eu
 961 acho que a paz é em primeiro lugar, tratar sobre a
 962 paz nas igrejas também é muito bom a pessoa
 963 qualquer religião que seja acho que é bom a
 964 pessoa tá (.) sempre com Deus pra mim
- 965 Mf: Falar pra eles que é preciso ser paciente, educado,
 966 é uma coisa muito importante prá eles
 967 (2)
- 968 Jm: Eh::: o convívio com meus filhos é muito bom, no
 969 dia que a gente pode estar junto ☺(1)☺ porque
 970 nem todo dia pode estar junto, devido a distância::
 971 mas sempre quando a gente pode tá junto e a
 972 gente convive muito bem, eh:: a minha filha caçula
 973 sempre quando eu vejo ela ☺ sorrindo pra mim ☺
 974 eu sei que ela quer me pedir um real e é uma
 975 graça ☺(2)☺
- 976 Rm: Um real!
- 977 Jm: E a gente fica alegre também quando pode
 978 atender né a gente fica sem graça quando pede e
 979 não pode atender mas quando a gente pode
 980 atender é bom demais

Após uma pausa de quatro segundos, Mauro inicia a discussão enfatizando não ter assunto e afirma que é sobre “o cotidiano, o dia a dia que conversam”. Ao se dirigir ao filho Robson que sorri bastante diante da fala do pai, destaca a relação de intimidade existente entre ambos, conforme sua exemplificação “hoje em dia, a liberdade tomou conta”. A inexistência de

um assunto definido para a mediação da ‘conversa’ entre pais e filhos torna o diálogo entre ambos menos ritualístico, haja vista que o convívio em épocas passadas, muitas vezes restringia-se à conversas sobre assuntos específicos, geralmente de cunho disciplinante e corretivo.

O reconhecimento do cotidiano como momento que propicia a conversa reconfigurou o convívio familiar, atualmente marcado pela experiência da intimidade e da aproximação existentes entre pais e filhos. A rememoração da convivência, em épocas passadas, é marcado pelo destaque conferido especialmente à figura paterna, que através da imposição do ‘sim e do não’ instituíu o distanciamento como princípio estruturante da relação na família.

5.2 Estudantes da Eja

Sobre o grupo de discussão com os adultos da Eja, na sala de aula do colégio municipal Wilson Lins, em 03 de novembro de 2011, às 19:25.

O grupo de discussão estava previsto para ser realizado na segunda quinzena do mês de novembro. Mas a ausência de duas turmas de ensino médio no dia 03 de novembro de 2011, devido a problemas com o transporte escolar, fez com que eu mudasse de planos. Me dirigi à sala de aula e solicitei ao professor a dispensa dos alunos Carlos, Tiago, Osmar, Naldo, Roberto e Jonas. O professor dispensou-os e seguimos para a sala de aula. Os alunos sentaram-se e eu apresentei informações sobre a minha pesquisa. Este grupo fez muitas perguntas sobre a pesquisa demonstrando interesse em compreendê-la. Uma questão recorrente quando apresentei a

pesquisa aos adultos, foi a vinculação desta com projetos do governo, especialmente no que se refere às possíveis melhorias para a comunidade.

Após responder às curiosidades dos participantes, iniciei o grupo de discussão com uma pergunta sobre os significados da escola. Observei que Naldo se direcionou para Carlos, que a partir deste momento inicia a discussão. O grupo participou seguindo a ordem como estavam sentados. Outro aspecto importante é que Naldo se dirigiu a um colega que ‘falava bastante’ dizendo: “passa a palavra para ele”, sinalizando que se deveria seguir a “ordem das falas”. Este ritual foi mantido durante a discussão do tema educação escolar. Em alguns momentos os participantes burlaram esta regra, tornando a discussão mais “interativa”. Foram momentos onde se interromperam, complementando a fala dos colegas, consentindo com o balançar da cabeça, risos.

QUADRO 9

Divisão temática: GD Estudantes da Eja

Tempo geral do GD: 03:10:19

	Controle do tempo	Tempo	Temas	Passagem ⁶²
1.	00:01:24-00:07:01	6min	“A escola faz parte da vida da gente”	Passagem inicial
2.	00:07:03-00:13:54	6min	Os professores auxiliam bastante	Conhecimento escolar
3.	00:13:55- 00:27:50 00:27:52- 00:34:19	20min	Os jovens não aproveitam as oportunidades Os professores ‘ajudam’ os alunos	Vida escolar
4.	00:34:20- 00:39:18 00:39:20- 00:43:12	9min	“Os professores são da escola e da igreja” As ‘promessas’ não cumpridas pela escola (tema trazido pelo grupo)	Escola e comunidade
5.	00:43:13- 00:50:33	7min	“O estudo não tem fim”	Continuidade dos estudos

⁶² As **passagens** em negrito foram transcritas.

6.	00:50:35- 01:05:41	15min	Filhos na escola, obediência e família unida	Família
7.	01:05:43- 01:11:27	11min	Origem dos pais	Origem familiar
	01:11:30- 00:16:36		A experiência dos pais e avós	
8.	01:16:37- 01:27:38	11min	A interferência das leis de proteção da infância e adolescência na educação familiar (tema trazido pelo grupo)	Leis e família
9.	01:27:39- 01:31:18 01:31:19- 01:43:40	16min	“Logo que os ‘velhos’ acabou, a experiência acabou” Violência na família: experiências de ontem e hoje	Memória familiar
10.	01:43:42- 01:49:08 01:49:09- 01:55:01	12min	Conversa com os filhos Tratamento diferenciado para rapazes e moças	Vida familiar
11.	01:55:02- 02:01:38 02:01:39- 02:06:22	11min	Lugar bom e confortável para viver Escola e educação dos filhos	Viver em Espraiado
12.	02:06:24- 02:15:41	9min	Convivência amigável com os jovens na comunidade	Jovens e comunidade
13.	02:15:43- 02:19:23 02:19:25- 02:26:34	11min	Pouco contato com a sede do município Convivência familiar e religiosa no fim de semana	A sede do município
14.	02:26:35- 02:36:23 02:36:25- 02:44:49	18min	Vida sofrida na infância As dificuldades para sobreviver na cidade grande	Migração
15.	02:44:51- 02:55:07	11min	Sobrevivência, degradação ambiental e trabalho (tema trazido pelo grupo)	Trabalho
16.	02:55:09- 02:57:39 02:57:40- 03:02:06	7min	Parentes que moram em São Paulo Apoio para a saída dos filhos para a cidade	Migração
17.	03:02:08- 03:06:52 03:06:53- 03:10:19	8min	Trabalho na roça e estudo Concluir e ter um novo conhecimento	Projetos p o futuro

Fonte: Pesquisa em tela

Perfil dos entrevistados

Naldo

Naldo (Nm) tem 48 anos, pardo, casado, católico, natural de Mutans-BA. Mora no distrito Espraiado há 22 anos, com os/as filhos e a companheira. Tem sete irmãos/ãs e três filhos que cursam o ensino médio. Sua companheira é lavradora e concluiu o ensino médio em 2011. Seus pais nasceram em Mutans-BA, são lavradores e não frequentaram a escola. Naldo estudou no Mobral e atualmente cursa a Eja (5° e 6° ano) no distrito.

Desloca-se para a escola, a pé. É trabalhador rural e ganha R\$ 25,00 por dia. Seu lazer preferido é assistir ao futebol. Frequenta a associação de trabalhadores rurais da fazenda Paus Pretos, desde 2004, uma vez por mês. Não utiliza internet.

Carlos

Carlos (Cm) tem 43 anos, negro, casado, católico, natural de Palmas de Monte Alto-BA. Mora no distrito Espraiado há 18 anos. Tem três filhos/as, uma neta e cinco irmãos/ãs. Mora com a companheira e filhos/as. Sua companheira trabalha como merendeira, tem o ensino médio completo e ganha um salário mínimo. Sua mãe nasceu no Estado da Bahia e seu pai nasceu no Estado de São Paulo. Carlos frequentou a escola regular no Grupo Escolar Gercino Coelho, no ano de 1978, no município de Guanambi_BA. No momento atual, cursa a 5° e 6° ano (EJA) no distrito. Desloca-se para a escola, a pé. Trabalha como lavrador 8h por dia, renda mensal R\$ 400,00 e gasta com as despesas da casa. Seu lazer preferido é jogar bola. Frequenta a associação de trabalhadores rurais, uma vez por mês. Não utiliza internet.

Tiago

Tiago (Tm) tem 36 anos, pardo, casado, evangélico, natural do Estado da Bahia. Mora na fazenda Muquém com a companheira e filhos. Tem dois filhos/as e dois irmãos/ãs. Sua companheira trabalha como merendeira e tem o ensino fundamental incompleto. No momento atual, cursa a 5° e 6° ano (EJA) no distrito. Desloca-se para a escola, de bicicleta. Trabalha e tem renda mensal de R\$ 200,00, mas não informou a atividade que desenvolve. Seu lazer preferido é jogar bola, além de frequentar grupo religioso. Utiliza internet.

Osmar

Osmar (Om) tem 42 anos, negro, casado, católico, natural de Palmas de Monte Alto-BA. Mora no distrito Espraiado há 18 anos. Tem dois filhos/as

que estão na escola e cinco irmãos/ãs. Mora com a companheira e filhos/as. Sua companheira trabalha no setor de serviços gerais, tem o ensino médio completo e ganha um salário mínimo. Sua mãe nasceu no Estado da Bahia e seu pai nasceu no Estado de São Paulo. Osmar frequentou a escola regular no Grupo Escolar Gercino Coelho, no município de Guanambi-BA. No momento atual, cursa a 5° e 6° ano (EJA) no distrito. Desloca-se para a escola, a pé. Trabalha como lavrador 8h por dia e tem renda mensal R\$ 400,00. Seu lazer preferido é jogar bola. Frequenta a associação de trabalhadores rurais, uma vez por mês na sede do distrito. Não utiliza internet.

Roberto

Roberto (Rm) tem 38 anos, branco, solteiro, católico, natural do Estado da Bahia. Mora na fazenda Mari desde que nasceu com os pais e avós. Tem sete irmãos/ãs e não tem filhos/as. No momento atual, cursa a 5° e 6° ano (EJA) no distrito. Desloca-se para a escola, de ônibus. Trabalha como lavrador 8h por dia. Não informou a renda. Seu lazer preferido é jogar bola. Frequenta a associação de trabalhadores rurais da fazenda Mari, uma vez por mês. Não utiliza internet.

Jonas

Jonas (Jm) tem 17 anos, negro, solteiro, católico, natural da cidade de Palmas de Monte Alto-BA. Mora na fazenda Juá desde que nasceu com a mãe. Tem quatro irmãos/ãs. Sua mãe é lavradora e pensionista. Cursa a EJA. Jonas cursou a escola regular no distrito Espreado, mas no momento atual, cursa a 5° e 6° ano (EJA) no distrito. Desloca-se para a escola, de ônibus. Não trabalha. Seu lazer preferido é jogar bola. Não utiliza internet.

Educação escolar para adultos

Todo tanto que a pessoa aprender é bom: significados da escola para os estudantes da Eja

A escola no distrito Espirado constitui-se em instituição marcada pela presença de jovens e adultos, que juntos compartilham um espaço até então frequentado por crianças e jovens. Com o objetivo de saber quais os significados atribuídos pelos adultos à escola, a entrevistadora se dirige ao grupo (Passagem Educação escolar, linhas 1-87):

- 1 Y: Eh:: Poderiam falar sobre o significado da
2 escola pra vocês?
- 3 Cm: Bom prá mim posso falar sobre o conhecimento
4 assim que a escola é muito importante né eh
5 sabemos que é a casa de cada um de nós né ali é
6 onde a gente pode aprender alguma coisa o
7 melhor e pensar em todos nós né cada vez mais é
8 aprender o que não sabe desenvolver né ter o
9 melhor e viver (3) é onde nossa família convive
10 tudo junto a escola a escola é a casa de todos
11 (4)
- 12 Nm: ° Passa a palavra pra ele°
- 13 Tm: A escola faz parte da vida da gente a gente
14 quando vem aprender principalmente eu fiquei
15 vinte anos sem=sem escola e faz parte da vida da
16 gente depois agora precisou voltar a estudar por
17 causa que cada vez mais a gente aprende (.) e faz
18 parte da vida da gente a gente trabalha e as coisa
19 vai mudando agora pra cada vez mais diferente
20 cada vez mais que vem no estudo porque agora
21 nós achou oportunidade de estudar tem que
22 enfrentar e estudar
- 23 Nm: Então igual eles tá falando aí mesmo prá mim é::
24 seguinte eh aonde eu andei eu vi que o
25 fundamento de todas as pessoas é ter um bom
26 estudo que se a pessoa hoje não tiver um bom
27 estudo (.) a pessoa:: passa muito (.) batido sobre
28 algum serviço porque tem bastante emprego bom
29 muitas horas você arruma um emprego e na hora
30 que pergunta qual é a série que você que a gente
31 tem qual é a escolaridade que a pessoa tem a
32 pessoa não sabe nem muitas hora dizer porque
33 não teve a oportunidade de estudar então a gente
34 anda assim vai a vários lugar na região de São
35 Paulo interior vai mais pro corte de cana porque o

- 36 corte de cana não exige estudo agora outras
37 empresas de preferência tem que ter um bom
38 estudo então a gente já tá um pouco meio com a
39 idade avançada mas o estudo é muito importante
40 (1) °passo a palavra prá você°
- 41 Om: Tem hora que a pessoa vai prá um local chega lá
42 tudo que a pessoa faz é dentro do estudo se a
43 pessoa não tiver uma leitura a pessoa tem muitos
44 emprego que a pessoa não consegue aí mesmo
45 assim prá qualquer lugar que a pessoa for se a
46 pessoa não tiver estudo prá saber prá onde tá
47 indo o local o endereço sem=sem estudo se a
48 pessoa não saber de nada fica muito difícil prá
49 pessoa então por isso que é bom a pessoa
50 estudar ter oportunidade e estudar estudar é bom
51 porque sem estudo hoje a pessoa não é mais
52 ninguém (2) eu mesmo quase- eu não tinha eu
53 não sabia de nada no mundo o meu estudo foi
54 pouco estudei pouco porque:: a pessoa que
55 trabalhava assim muito longe prá ir prá escola era
56 meio distante era meio difícil quando a pessoa
57 chegava em casa já chegava cansado não tinha
58 como ir pro estudo e agora tem essa oportunidade
59 de morar mais perto da escola e poder ter a
60 oportunidade prá estudar (1) prá poder melhorar
61 ao menos ler um pouquinho porque todo tanto que
62 a pessoa aprender é bom
63 (4)
- 64 Rm: Você fala sobre a vida na escola prá mim foi muito
65 importante porque eu a minha tarefa foi trabalhar
66 desde criança, agora teve essa oportunidade da
67 escola aí eu resolvi aproveitar e=e prá ter um
68 conhecimento sei que nós precisamos de
69 educação, educação vem da=da escola, aí eu
70 resolvi aproveitar essa chance e tô gostando,
71 juntamente com os meus professores os meus
72 amigos tudo da sala, apesar de- ser assim eu sou
73 uma pessoa que tive muito amigo na infância e
74 até hoje não tenho inimigo, então eu agradeço
75 muito a escola e- vou conquistando mais amigo e
76 aproveitando alguma coisa que a escola tá
77 oferecendo e minhas palavras é só isso
- 78 Jm: É, como todos aí falou aí da escola né, prá mim a
79 escola é importante na minha vida de todos
80 porque a escola faz muita falta prá gente pro dia
81 de amanhã a pessoa sai prá um lugar fora e você
82 aprende a respeitar as pessoas mais com outra
83 educação e também prá arrumar um emprego a
84 pessoa já sabe como é que chega como é que
85 não chega aí já tem outra experiência aí a escola
86 prá mim foi muito importante a maior amiga de
87 todas.

Carlos inicia a discussão falando sobre o conhecimento mas em seguida positiva a escola e a define como a “casa de cada um nós”, onde é possível “aprender alguma coisa”. A definição da escola como casa traz em seu bojo a representação do espaço escolar como lugar destinado às famílias do distrito, haja vista que é frequentado não apenas pelos jovens mas também pelos pais e avós que retornaram para a escola.

A pausa de quatro segundos incita Naldo, em voz baixa, a solicitar que Carlos “passe a palavra para Tiago”. A discussão do grupo passa a ser organizada, a partir do princípio de que todos precisam falar, tal como sugere Naldo.

A complementação feita por Tiago “a escola faz parte da vida da gente” ancora-se na proposição elaborada por Carlos. A escola compreendida como a casa de cada um sugere pensar que os significados atribuídos a este espaço não se restringem apenas à apropriação do conhecimento escolar, mas constitui-se como lugar que faz parte da vida dos adultos, que não tiveram a oportunidade de estudar, em razão da inexistência de escolas em diversas localidades rurais. Os longos anos ‘sem escola’ marcaram negativamente a experiência biográfica dos adultos, uma vez que o reconhecimento de ser ‘alguém na vida’ é destinado àqueles que se apropriaram dos códigos disseminados pela escola.

A escola configura-se como lugar onde é possível desenvolver-se e aprender, haja vista que as exigências concernentes aos espaços de vida, a exemplo do trabalho, cada vez mais demandam um “bom estudo”, conforme complementa Naldo. Os adultos reconhecem a escola, a casa de todos, como espaço que ainda pode auxiliá-los na inserção e permanência no trabalho, especialmente fora do distrito.

O não acesso à escola, quando jovens, não se constitui em impedimento para aprender, uma vez que circulam num mundo que demanda um aprendizado, que somente a escola pode proporcionar. Para os adultos, o acesso a um bom estudo traduz a busca por um conhecimento a que somente na escola se pode ter acesso, ao mesmo tempo em que esta tem condições de distribuí-lo eficaz e coletivamente.

Nem todos tem aquele esforço que deveria ter: visão sobre os jovens com quem dividem a sala de aula

A turma da Eja é constituída por jovens e adultos, cujo percurso escolar foi construído de forma não linear, em tempos distintos. A entrevistadora busca conhecer a relação estabelecida entre os jovens e adultos na sala de aula, a partir da elaboração feita sobre a convivência entre ambos (Passagem Educação escolar, linhas 212-316):

- 212 Y: E vocês poderiam falar um pouco sobre a relação
 213 de vocês com os jovens na sala de aula? Os
 214 jovens que tem na sala, como é que é conviver
 215 com eles na sala de aula?
- 216 Cm: Ah é bom né, a gente conviver com eles é bom
 217 porque tem hora que não é nem cem por cento
 218 que nem todos é cem por cento mas a gente
 219 sabendo que a vida nem sempre é assim, a gente
 220 tem que ir aprendendo a conviver com o jeito de
 221 uns e de outros pelo menos aquele momento que
 222 a gente tá junto, pra mim é muito bom porque
 223 cada qual tem o maior máximo do seu tipo de
 224 comportamento, sabe que o comportamento na
 225 sala é uma coisa que depende de todos nós, mas
 226 nem todos tem o comportamento igual porque o
 227 ser humano ninguém não é igual mas dá prá
 228 relevar. Dá prá relevar sim. Quando a gente vê
 229 que não tá ficando legal reclama, chama o outro a
 230 atenção, conversa é o dever de cada um ser
 231 humano, e todo mundo tá ali é prá aprender né?
 232 as pessoas que estuda junto com a gente os
 233 colega é tudo conhecido a maioria é pessoas que
 234 a gente foi nascido e criado junto não tem como
 235 ser ruim né a gente tá cada vez mais renovando a
 236 amizade, é gostoso demais, tudo pai de família
 237 hoje a gente viu crescer e ver o povo brincando de
 238 novo. Tudo criança aí se torna tudo adulto, tudo
 239 pai de família né tudo junto vivendo com saúde as
 240 famílias da gente tudo conhecido é gostoso é bom
 241 demais. Os filhos da gente também estuda aí
 242 também né a gente estuda a noite os filho estuda
 243 de dia, é bom aqui é a casa de todo mundo, a
 244 casa de todo mundo, aí na bacia que um come
 245 todos comem
- 246 Tm: ☺(.)☺
- 247 Cm: Bom demais. Não tem nada ruim não, é bom
 248 demais
- 249 Tm: E sobre os jovens é por causa que, eles não tem

250 interesse talvez uma hora ele vai ver que vai
 251 precisar na frente o estudo por causa que cada
 252 vez mais as coisas vai mudando e eles tá
 253 achando a oportunidade e não tá aproveitando. E
 254 a gente vai ver que eles não entendem a gente
 255 acha que- principalmente eu acho lá na sala o
 256 interesse deles é pouco. Tem hora que eles
 257 empata a gente estudar, tem hora que eles não tá
 258 tendo o interesse prá aprender e eles vai precisar
 259 na frente aí a gente fica a gente o professor e tudo
 260 fica
 261 Cm: L °Estressado°
 262 Tm: L Estressado porque eles fica
 263 tem hora que gente tá fazendo um trabalho e eles
 264 fica empatando aí eu acho um pouco meio- difícil,
 265 se fosse tudo igual a nós todo mundo prestasse
 266 atenção prá nós era muito melhor (1) pra eles o
 267 que eu acho só isso aí
 268 Cm: É como eu falei ninguém é igual
 269 Tm: L Ninguém é
 270 Cm: L A
 271 gente tem que ir né
 272 Tm: Não é igual mas só que a gente tem que enfrentar
 273 tudo
 274 Cm: L Certeza
 275 Tm: Um dia eles tá que nem nós e não interessa no
 276 dia de hoje prá amanhã quebrar com a cabeça vai
 277 criar interesse
 278 Cm: L Nós já é pai de família já sabe
 279 como é a vida sabe que é difícil né igual
 280 juventude na adolescência sabe como é que é
 281 não tem a preocupação que nós pai de família
 282 tem, eles não tem de jeito nenhum
 283 Om: L Talvez não pensa
 284 a gente sai cedo chega tarde, e não dá tempo de
 285 estudar. E eles não, eles não trabalha, tem tempo,
 286 mas quando chega na sala tumultua lá tem muitos
 287 deles que não vai olhar que nós tá trabalhando,
 288 não tem tempo de estudar e não quer ficar na sala
 289 com todo mundo atrapalhando né, porque nós-
 290 nós não tem tempo de estudar, nós faz as=as
 291 provas os assuntos de acordo com o que o
 292 professor explicou prá nós, porque nós não tem
 293 tempo
 294 Nm: É, sempre:: existe aquele dizer, o arrependimento
 295 só vem depois né e hoje o jovem pelo menos tá
 296 tendo um benefício e tá tendo as condições de
 297 estudar e aproveitar os seus estudos, e pensar no
 298 futuro no dia de amanhã. Só que nem todos tem
 299 aquele esforço que deveria ter, igual tem hora que
 300 a gente- eu sempre converso com eles, falo rapaz
 301 você não pensa você não sabe o que você tá
 302 perdendo por causa que você nunca saiu assim
 303 prá andar, não conhece nada mas se vocês daqui
 304 com 2 ou 3 anos tiver seus 20, 22 anos, e sair prá
 305 um lugar igual São Paulo e ver tanto tipo de
 306 emprego que às vezes se tivesse um interesse
 307 podia até arranjar uma posição daquela e chega lá

308 vocês vai enfrentar uma parada que eh capaz
 309 de=de pensar no que vocês teve a oportunidade e
 310 não aproveitou aí eles leva assim como
 311 brincadeira né e acha que não é nada, mas:: prá
 312 nós que nós eh a luta dia a dia trabalhando e nós
 313 tamo enfrentando nós vamos lutar pegar com
 314 Deus e ir em frente porque eu acho que nós só
 315 tem o que ganhar com isso, nós não tem nada a
 316 perder.

A convivência com os jovens na sala de aula é positivada pelo grupo “conviver com eles é bom”, conforme propõe Carlos, ao mesmo tempo em que explicita “tem hora que não é cem por cento”. A sala de aula configura-se como espaço constituído por pessoas que foram “nascidas e criadas junto”, e que buscam cada vez mais “renovar a amizade”. A atribuição de um significado positivo à convivência encontra ancoragem nos vínculos familiares existentes na sala de aula, já que todos pertencem à mesma rede de parentela.

A elaboração de Tiago “eles não tem interesse” exemplifica a proposição feita anteriormente por Carlos “tem hora que não é cem por cento”. O comportamento dos jovens na sala de aula é evidenciado como negativo, uma vez que estes ‘empata o estudo’, inviabilizam o aprendizado e ainda tornam o ambiente ‘estressado’. Para o grupo, o tempo destinado ao estudo é distinto para jovens e adultos, em razão da condição de ‘pai de família’ assumida pelos homens que estudam, e da condição de jovens que não tem preocupação atribuída à juventude.

O estudo não tem fim...: elaborações sobre a continuidade do estudo

Dada a importância conferida pelos adultos ao retorno para a escola, a entrevistadora questiona se gostariam de continuar os estudos, buscando compreender ainda as possíveis estratégias para a permanência na escola (Passagem Educação escolar, linhas 686-761):

741 nada hoje a gente já tá desenvolvendo um
 742 pouquinho né já sabe fazer o nome direitinho
 743 Tm: L Gente
 744 chegar num banco
 745 Cm: L É bom demais
 746 Tm: L E já saber
 747 usar o cartão não precisa da ajuda dos outros e
 748 digitar um cartão a gente chega numa fila e
 749 chegava a pedir prá alguém passar o cartão da
 750 gente daí chegava a roubar da gente e a gente
 751 nem sabe o que que era a pessoa tem que
 752 estudar prá aprender
 753 Om: E tem hora também que é feio a pessoa chegar
 754 assim no meio de tantos e pedir prá uma pessoa
 755 sacar um dinheiro prá gente e a pessoa já
 756 sabendo não tem essa necessidade de chegar
 757 Tm: L E o cara querendo roubar
 758 ele rouba ele pode sacar o dinheiro chegar lá tirar
 759 bastante dinheiro e pegar o seu dinheiro todinho,
 760 a pessoa tem=tem que aprender
 761 Cm: L O estudo é bom.

A continuidade dos estudos para os adultos está atrelada à ideia da oportunidade, aqui compreendida como aspecto determinante para a permanência na escola, tal como propõe Osmar “Se Deus quiser enquanto nós puder, enquanto tiver a oportunidade, tiver no nosso alcance”. A sensação de insegurança que permeia o desejo da continuidade pode estar relacionada ao fato de que a experiência escolar dos adultos constitui-se em fenômeno bastante recente, em razão da ausência de oportunidades para estudar no meio rural, o que faz com que as estratégias de permanência sejam apresentadas de forma vaga e imprecisa.

A argumentação de Tiago “a gente tem que ter fé e enfrentar, quem sabe a gente não alcança” direciona a discussão para a identificação de estratégias que fortaleçam o projeto de continuar os estudos. Os exemplos dos adultos “formados” parece dar sustentação à ideia da permanência, mas é a complementação enfática de Carlos “o estudo não tem fim”, que parece estimular o grupo a vislumbrar a possibilidade da permanência na escola.

A elaboração de que o “o estudo não tem fim” pode estar assentada na longevidade escolar experienciada pelos moradores do distrito. A experiência é reafirmada tanto pela oportunidade de retornar para a escola quanto pelos exemplos de tantos adultos “formados”.

Relações familiares

Filhos na escola, obediência e família unida

A ampliação da escolaridade dos filhos, bem como as transformações ocorridas no meio rural, favorecem a elaboração de novas interpretações sobre a relação com os filhos. Embora a entrevistadora proponha que o grupo fale “um pouquinho” sobre a família e a relação com os filhos, o grupo faz uma discussão marcada por longas narrativas pessoais (Passagem Família, linhas 829-895):

829 Y: Falando um pouquinho em família eh vocês
 830 poderiam falar sobre a família de vocês? Como é
 831 a relação com a família, com os filhos? Quem tem
 832 filho, como é o relacionamento?
 833 Cm: Bom hoje o conhecimento sobre a relação de pai
 834 com filho hoje em vista da forma assim que eu fui
 835 criado hoje é diferente. Eu não tive assim um bom
 836 senso sobre a minha família que nem minha mãe
 837 passava prá gente assim sobre educação foi que
 838 essa juventude hoje nem tudo nem todos eles
 839 obedecem os pais igualmente, não tem jeito de
 840 gente dar a educação que a gente teve prá eles
 841 porque a adolescência hoje a coisa virou é muito
 842 diferente. Hoje se o pai vai ensinar o filho explicar
 843 alguma coisa prá ele através do estudo ele já tá
 844 sabendo mais que o pai, ele fala não:: não é
 845 assim não meu pai é assim, mas sobre a relação
 846 meus filhos, minha família, meus filhos prá mim
 847 tem sido muito obediente graças a Deus eu não
 848 tenho o que reclamar dos meus filhos, me
 849 obedece bastante, entendeu, faço por eles
 850 também só não faço o que eu não posso mas eu
 851 desejo a eles o melhor faço o melhor também
 852 meus filhos prá mim graças a Deus e filhos de
 853 todos que eu vejo não é assim igual o meu sobre
 854 o relacionamento meu com eles né de pai com
 855 filho, toda família acontece de vez em quando
 856 tem uns probleminhas mas isso é coisa da vida
 857 né, não tem família assim santa assim né, ainda
 858 mais na era de hoje, mas eu e a minha família
 859 vive bem graças a Deus né, eu acho que meu
 860 modo de pensar meu modo de eu fazer eu acho
 861 que não tem diferença de eu não ser um bom pai,

862 eu sou um bom pai, trato eles tudo bem trato
863 como posso dou o que eu posso entendeu ofereço
864 o melhor prá eles, eh é a escola, tudo estuda,
865 todos os três, eles já tá tudo ajeitadinho na escola
866 um tá na sétima serie o outro tá fazendo a
867 primeira a outra faz o segundo e aí a vida
868 continua, ser forte ali né a família de um lado é
869 mais força, que nem gente conveve tudo juntinho
870 na casa, não tem problema nenhum graças a
871 Deus, mulher do lado os filho tudo junto, pronto,
872 eu tô completo tem a minha mãe que mora em
873 Guanambi também, eh:: é o:: é a minha vida, já
874 não falo assim um pedaço que eu é que sou um
875 pedaço dela, e aí::vai levando a vida aí eu vivo
876 bem prá mim é bom demais o que eu mais
877 pensava na vida era ter uma família digna eu
878 tenho, eu tenho meus filho né, eu tenho muito
879 orgulho assim de olhar prá meus filho, já tá tudo
880 grandão, tudo do meu tamanho, eu no meio deles
881 eu já tô ☺ parecendo um menino ☺ já tá tudo criado
882 já
883 Tm: ☺ (1) ☺
884 (2)
885 Tm: A minha família eh:: meus filhos é novo ainda tá
886 começando a estudar agora um tem sete anos o
887 outro tem onze, e tá começando a vida agora eu
888 espero que um dia vai ser alguém na vida, vai
889 estudar, ter interesse em estudar prá ajudar a
890 gente, família. Prá mim a mãe e toda a família prá
891 ser uma pessoa que prá ajudar a comunidade
892 toda. E tenho meu pai minha família é tudo em
893 paz:: moro com eles, tudo em paz, e é bom aí
894 espero que um dia meus filhos vai ajudar nós
895 todos.

Carlos inicia a discussão estabelecendo uma comparação entre o tempo em que foi criado e o momento atual “hoje o conhecimento sobre a relação de pai com filho, hoje em vista da forma que eu fui criado, hoje é diferente”, destacando as possíveis mudanças que reconfiguraram as relações entre pais e filhos “estudados”. Conforme elabora em seguida “hoje se o pai vai ensinar o filho, explicar alguma coisa pra ele, através do estudo ele já tá sabendo mais que o pai”.

A referência à relação estabelecida com os filhos “estudados”, detentores de outros conhecimentos, sustenta-se no principio da obediência que nesse contexto pode ser redimensionada. Embora os adultos destaquem que o ambiente familiar mantém-se seguro dada a obediência

dos filhos, a referência ao conhecimento dos filhos, ganha centralidade na discussão, dada a possibilidade de trazer a discordância, elemento que possivelmente não tinha força na relação estabelecida entre pais e filhos em tempos passados.

Os novos contextos de convivência entre pais e filhos são marcados pela condição de estudante tanto dos filhos como dos pais. É a partir do acesso à escola que outras possibilidades de diálogo passam a ser consideradas, uma vez que incorpora conhecimentos distintos daqueles até então disseminados pelos pais.

A referência à família como força capaz de auxiliar no enfrentamento das batalhas, pressupõe a assunção de uma postura que garanta o êxito dessa instituição, conforme elabora Naldo a seguir:

896 Nm: É, com relação a família também graças a Deus
 897 tenho a minha família já:: criada já, tenho meus
 898 filhos já, tá tudo grande, o mais novo tem quatorze
 899 anos, e graças a Deus no ano passado foi um
 900 pouco assim meio difícil mas Deus ajudou que
 901 consegui eh vencer essa batalha aí essa barra
 902 pesada, sempre o negócio não é fácil mesmo prá
 903 levantar uma família, mas Deus dá um jeito prá
 904 tudo né e:: gente vai levando e sempre o que a
 905 gente pede a Deus é saúde e tranqüilidade paz
 906 né, e família tem que ter paz, se não tiver paz é:: é
 907 um grande problema né e a gente procurar
 908 conversar quase sempre quase todos os dias com
 909 os filhos prá não entrar em mau caminho porque
 910 se entrar em mau caminho eh perde a noção da
 911 vida, aí sempre a gente tem que estar
 912 aconselhando até o ano passado nessa época
 913 que eles já sabe mesmo que quem anda pelos
 914 maus caminhos só é problema na vida mesmo, aí
 915 tem hora que a pessoa passa por essas idades
 916 assim aí já tem juízo e não vai entrar mais ni
 917 certos tipo de coisa que não adianta né, tem a
 918 minha mãe também que é uma boa mãe graças a
 919 Deus, me ensinou eh muito na vida desde
 920 pequeno, e eu graças a Deus não entrei em mau
 921 caminho e também fiz a mesma coisa coloquei
 922 meus filhos também para não entrar em mau
 923 caminho porque se entrar em mau caminho é
 924 problema. Então graças a Deus até agora as
 925 coisas tem sido tudo em paz, e eu peço a Deus
 926 prá sempre a paz reinar ao meu lado e ao lado de
 927 quem tem a fé também
 928 Om: Eh sobre família graças a Deus até hoje eu nunca
 929 tive o que falar dos meus filhos, porque meus

930 filhos é muito obediente (1) apesar de ser novo
 931 mas sempre eu respeito meus meninos sempre
 932 eles me respeita não é um menino que se eu falo
 933 prá fazer uma coisa ele não faz se eu falar prá
 934 fazer uma coisa que eu quero ele faz, se for prá ir
 935 prá um lugar eu pedir prá não ir ele não vai, e tem
 936 o mais novo, esse mais novo é um pouco meio (1)
 937 meio assim ele estuda mas gosta mais da
 938 brincadeira, porque criança sabe como é que é, o
 939 outro é mais um pouquinho mais ajuizado né só
 940 na escola saiu da escola é com um caderno prá
 941 igreja. Não dá trabalho, ele agora tá estudando lá
 942 em Guanambi na Agrotécnica eu vou buscar ele
 943 amanhã mesmo eu vou buscar ele. Meus meninos
 944 é muito obediente comigo e tudo, convive bem,
 945 apesar que hoje não tem uma família que fala
 946 assim eu não tenho problema com a família,
 947 sempre dentro de casa todos eles tem um
 948 probleminha, seja pouco mas tem, mas graças a
 949 Deus eu não tenho o que falar. Apesar que os
 950 meus filhos acontece que eles já tem coisa que
 951 tem oportunidade que eu não tive porque meu
 952 filho o mais velho tem 15 anos, tem a
 953 oportunidade de conhecer o pai, chegar e chamar
 954 meu pai eu não tive essa oportunidade porque
 955 quando o meu pai morreu eu tinha três anos de
 956 idade e não cheguei a conhecer (1) eu agradeço
 957 muito a Deus hoje o respeito pelo o que eu tenho,
 958 a convivência através de minha mãe que dava
 959 conselho prá nós, pedia a nós prá seguir um bom
 960 caminho, não fazer coisa errada, até hoje graças a
 961 Deus, nunca desobedeci minha mãe, eu tenho ela
 962 que é a única coisa que eu tenho na vida, e
 963 oportunidade que eu tive ela deu muita educação
 964 prá nós, eu agradeço muito a Deus por ter a
 965 minha mãe pela educação que deu prá nós. Fui
 966 criado sem pai mas até hoje graças a Deus eu
 967 agradeço a Deus que essa educação que ela deu
 968 prá nós eu faço tudo pros meus filhos também a
 969 mesma coisa
 970 (3)
 971 Rm: Prá relação sobre a família assim como os
 972 meninos tem família tem filho e eu não tenho,
 973 minha convivência é com meu pai e com a minha
 974 mãe, mas são muito boa graças a Deus, apesar
 975 que a: uns probleminhas que tem é que meu pai
 976 bebe muito né, aí gente tem hora que reclama ele
 977 mas depois eu volto a agradecer que nós somos
 978 oito irmãos, nenhum eh viciado em bebida, todos
 979 eles trabalham fora não tem esses vícios assim
 980 meu pai mais minha mãe nunca levou uma
 981 reclamação de nenhum deles, por tá malinando
 982 em coisa dos outros ou fez alguma coisa errada, e
 983 graças a Deus e com a fé de Deus isso é de
 984 continuar, nossa relação é muito boa, eu agradeço
 985 é muito boa a nossa relação
 986 Jm: Então sobre a família também a minha família
 987 meu pai mais minha mãe lá também até hoje não

988 tenho o que falar de mim prá eles eu acho na
989 minha opinião não tenho o que falar prá eles, e::
990 como só tem eu de homem mesmo e quatro
991 mulher aí- aí a mãe fica fora e eu tô dentro de
992 casa que algum tempo tenho que sair também
993 não pode ficar só dentro de casa, aí eu tô por aí, a
994 minha relação com eles é muito boa::

A constituição de uma família é vista como experiência relevante, dada a sua capacidade de garantir aos seus membros o pertencimento a um espaço de convivência marcado pela dignidade e decência. Esses princípios passam a ser perseguidos pelos adultos como representação do êxito obtido pelos mesmos na preservação de uma ética familiar pautada por valores. Uma família digna e forte garante o encaminhamento seguro dos filhos através da conversa, e os desviam dos ‘maus caminhos’ que comprometem a paz familiar.

Para o grupo, a experiência da conversa diária entre pais e filhos se dá num viés positivo, e é marcada pela centralidade da figura paterna no espaço familiar, responsável pelo enfrentamento das batalhas e pela garantia da obediência, necessária para estruturar a relação entre pais e filhos.

Tem que aprender a respeitar...: conversas entre pais e filhos

Para os adultos a conversa em família constitui-se em experiência importante para a educação dos filhos, haja vista que através da conversa os princípios que estruturam a convivência familiar podem ser fortalecidos. Com o intuito de conhecer quais assuntos os pais gostariam de conversar com os filhos, a entrevistadora se dirige ao grupo (Passagem Família, linhas 1001-1087):

1059 com os amigos, não desagradar os amigos, ter
 1060 respeito, a família e todos que a pessoa tiver
 1061 reunido em qualquer lugar a pessoa ter um pouco
 1062 de educação prá poder conversar com o outro e
 1063 não arrumar malquerência com ninguém
 1064 Rm: Sobre isso que ele falou sobre a convivência prá
 1065 explicar pros filhos eu acho que é muito
 1066 importante o pai fica muito feliz quando tem uma
 1067 criança que ele ensina a educação e o filho pratica
 1068 eu acho que é muito importante ele fica feliz é o
 1069 caso que os colegas falou o pai só fica feliz com
 1070 aquilo que passa pros filhos sobre uma educação
 1071 e um conhecimento, respeitar os colegas e
 1072 quando ele tá respeitando os colegas ele tá
 1073 conquistando mais amigo
 1074 Cm: E hoje é tudo diferente né mais:: vai levando a
 1075 vida assim como o viver dos pais já ajuda muito
 1076 né e ajuda porque os pais já é mais vivido tá
 1077 entendendo e é mais fundado na coisa e aí tem
 1078 como passar pros filhos prá que eles vá seguindo
 1079 a regra de acordo os pais mesmo que as coisas é
 1080 muito diferente mas os pais todos nós pais tem
 1081 direito de aconselhar os filhos né prá viver o
 1082 melhor prá que gente dando conselho e eles
 1083 obedecendo o conselho é uma facilidade que não
 1084 vem porque os problema vem sempre é pro pais
 1085 entendeu e a gente já vive melhor, a
 1086 consequência vem para os pais então é direito da
 1087 gente estar passando prá eles prá evitar.

A proposição de Carlos “os assuntos que eu gostaria de passar prá eles é a base de acordo como a gente foi vivido” destaca a transmissão da experiência vivenciada no passado. A conversa na família é concebida como um momento que presume a preponderância da fala dos pais em direção aos filhos. Trata-se de uma relação que é construída de forma unilateral, haja vista que a expressão ‘passar pra eles’ destina aos filhos a assunção de uma postura receptiva.

A experiência adquirida no passado, bem como as aprendizagens “ser bom companheiro, respeitar os amigo, saber tratar os “mais véi”, possibilitam relacionar-se de forma respeitosa na comunidade, e configuram-se como legado a ser destinado aos filhos no momento atual. O tempo passado constitui-se como horizonte positivo que os orienta na educação familiar, a partir dos ensinamentos ofertados pelos mais velhos. O respeito aos adultos

configura-se como princípio necessário para a garantia do êxito da educação paterna, responsável pela preservação da dignidade da família.

5.3 Análise comparativa dos grupos de estudantes adultos do distrito espraído que voltaram para a escola

A presente análise retoma as temáticas apresentadas nos grupos de discussão, a saber, educação escolar, convívio com os jovens e relações familiares. Nesse capítulo, buscou-se reconstruir as orientações coletivas dos grupos “Estudantes do ensino médio: convívio entre três gerações” e “Estudantes da Eja,” bem como as interações produzidas pelos adultos sobre esses assuntos, numa tentativa de compreender as divergências, aproximações e singularidades que marcam a experiência escolar e familiar destes sujeitos e que foram apresentadas pelos grupos que analisamos em profundidade neste capítulo.

Os significados atribuídos à escola

O GD “*Estudantes do ensino médio: convívio entre três gerações*” destaca a centralidade da escola, a partir da sua capacidade de garantir o acesso ao conhecimento, tornando-a imprescindível para a vida. A possibilidade de acessar empregos através da ampliação da escolaridade certamente motiva o retorno e a permanência dos adultos na escola. Embora o GD “*Estudantes da Eja*” também reconheça a centralidade do conhecimento para a inserção no mundo do trabalho, o grupo positiva a escola e a define como a “casa de cada um nós”. A definição da escola como casa traz em seu bojo a representação do espaço escolar como lugar destinado às famílias do distrito. Nessa perspectiva, a escola para o grupo

não é concebida apenas como espaço destinado à apropriação do conhecimento, mas constitui-se como lugar que faz parte da vida dos adultos. Tal orientação amplia o significado da escola para os adultos que não tiveram a oportunidade de estudar, em razão da inexistência de escolas em diversas localidades rurais.

A convivência com os jovens na sala de aula

O GD *“Estudantes do ensino médio: convívio entre três gerações”* destaca o viés familiar da relação estabelecida entre os jovens e adultos. O convívio marcado pela familiaridade possibilita a intervenção do adulto em situações de conflito protagonizadas pelos jovens, através do aconselhamento consentido. A extensão de uma experiência vivenciada no âmbito familiar, a prática do aconselhamento, para o espaço da sala de aula é respaldada pelos jovens que ‘atendem’ aos chamamentos apaziguadores dos adultos.

No que concerne ao GD *“Estudantes da Eja”*, embora a sala de aula seja concebida como espaço constituído por pessoas que foram “nascidas e criadas junto”, o que também positiva os vínculos familiares, o comportamento dos jovens na sala de aula é evidenciado como negativo, uma vez que estes ‘empata o estudo’, inviabilizam o aprendizado e ainda tornam o ambiente ‘estressado’. Os adultos da Eja não assumem a postura ‘conciliadora’ e ‘interventiva’ defendida pelo GD *“Estudantes do ensino médio: convívio entre três gerações”*, concentrando a fala nos incômodos causados pelos jovens.

Relação estabelecida entre pais e filhos no distrito

Para o GD *“Estudantes do ensino médio: convívio entre três gerações”*, a compreensão de que o investimento no estudo dos filhos deve envolver toda a família, encontra ancoragem na partilha da experiência de ir para a escola junto com os filhos. O grupo destaca a importância da convivência com os filhos a partir da experiência escolar, uma vez que ambos podem estar juntos no mesmo tempo escolar, embora pertençam a tempos de vida distintos.

A orientação do GD *“Estudantes da Eja”* destaca a relação estabelecida com os filhos “estudados”, detentores de outros conhecimentos. Embora os adultos destaquem que o ambiente familiar mantém-se seguro dada a obediência dos filhos, a referência ao conhecimento dos filhos parece preocupar os pais, haja vista que aspectos como a discordância e questionamento passaram a fazer parte do convívio entre pais e filhos.

A ‘conversa’ entre pais e filhos

Para o GD *“Estudantes do ensino médio: convívio entre três gerações”*, o reconhecimento do cotidiano como momento que propicia a conversa é positivado, dada a sua capacidade de propiciar a experiência da intimidade e da aproximação entre pais e filhos. O grupo não parece disposto a adotar o modelo da imposição do ‘sim e do não’, que instituíra o distanciamento no convívio familiar.

Já no GD *“Estudantes da Eja”*, a partir da proposição de Carlos “os assuntos que eu gostaria de passar pra eles é a base de acordo como a gente foi vivido” destaca a transmissão da experiência vivenciada no

passado. O grupo destaca a relevância da experiência adquirida, bem como o valor das aprendizagens “ser bom companheiro, respeitar os amigos, saber tratar os mais véi”, rememorando o passado como horizonte positivo que os orienta na educação familiar. Ao contrário do GD *“Estudantes do ensino médio: convívio entre três gerações”*, que destaca o cotidiano como eixo que estrutura o diálogo com os filhos, os *“Adultos da Eja”* propõe a estruturação do convívio familiar, a partir da experiência do passado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O momento atual configura-se como promissor para o rompimento do ciclo de invisibilidade que historicamente marca a juventude rural no Brasil, tanto do ponto de vista público, político e das pesquisas. O surgimento de um número significativo de estudos que se propõe a investigar esse grupo social, nas universidades e instituições de pesquisa, fortalece o desenvolvimento de ações em prol do reconhecimento e a valorização social da juventude rural.

Para Stropasolas (2007), faz-se necessário qualificar as questões vinculadas aos jovens rurais, considerando a atualidade dos contextos em que estes estão inseridos, os aspectos comuns e específicos que marcam as experiências cotidianas em distintas regiões, bem como as mudanças na relação entre homens e mulheres, e entre as gerações. Outra questão apontada, a partir das reivindicações dos movimentos sociais, diz respeito à relevância do estudo das necessidades e interesses dos jovens, bem como a assunção por parte do Estado e dos atores sociais destas demandas, numa vertente propositiva.

Nesse sentido, o presente trabalho se propôs a compreender as relações intergeracionais construídas no meio rural, considerando as mudanças relacionadas à elevação do nível de escolaridade da população jovem e adulta, bem como o impacto dos processos migratórios. A inserção nos contextos social, educacional e cultural dos moradores do distrito Espreado e fazendas vizinhas possibilitou o reconhecimento dos aspectos que organizam a escolarização no distrito, as bases constitutivas das relações entre pais e filhos, bem como as especificidades dos percursos migratórios dos jovens homens e mulheres.

No que concerne à história escolar do distrito, a oferta do ensino médio constitui-se em aspecto inovador, dado o longo período sem a presença da escola, fator este que redimensionou as relações entre os moradores tanto no âmbito escolar como familiar. Embora os jovens tanto do

sexo masculino como feminino reconheçam a crise existente na relação estudo/acesso a emprego estável e bom salário, trata-se da conclusão da educação básica obrigatória, etapa conquistada tanto por eles/as como pelos adultos do distrito. Esta nova configuração educacional das áreas rurais dos pequenos municípios demanda a formulação de políticas públicas que garantam o acesso e permanência dos estudantes egressos do ensino médio no ensino superior e ensino médio profissionalizante ou pós-médio.

Outro aspecto que caracteriza o contexto educacional no distrito Espiraiado diz respeito ao empenho tanto dos jovens como dos adultos em romper com a condição de iletrado, que marca a trajetória biográfica dos “não estudados”. O retorno dos adultos e a positivação desta experiência pelos jovens simboliza o reconhecimento do direito de acesso dos adultos aos bancos escolares. Vale destacar que embora haja um movimento por parte da comunidade para a superação da exclusão, através do retorno para a escola, os jovens e adultos não conseguem reconhecer que a não oferta de escolas no distrito, traduzida por eles como “falta de oportunidade”, constitui-se como negação do acesso à educação escolar como um direito humano, historicamente negligenciado pelas administrações municipais, estaduais e federais.

O retorno dos adultos para a escola é positivado pelos jovens que reconhecem a experiência dos adultos como necessária para apoiá-los na continuidade da batalha, aqui representada pelo ensino médio, o que sugere pensar que a partilha da sala de aula por distintas gerações configura-se como experiência desejada tanto pelos jovens como pelos adultos. Estes destacam a escuta e o companheirismo dos jovens tanto no cotidiano da sala de aula como no trajeto da casa até a escola. A relação entre jovens e adultos estudantes é constituída tanto no âmbito da casa como da escola, dada a familiaridade que marca os encontros ocorridos entre estes.

No que diz respeito ao retorno dos adultos, bem como a garantia da permanência dos filhos na escola, vale destacar que a difusão das tecnologias de comunicação no distrito e fazendas vem ocorrendo de forma rápida, e impacta na formação de opinião dos moradores, especialmente

sobre a centralidade da educação escolar. Embora o acesso ao celular e à internet façam parte do cotidiano dos jovens, a televisão constitui-se como meio de comunicação primordial para a difusão de informações concernentes ao País e ao mundo.

A cena composta por adultos, crianças e jovens ao redor da TV para assistir ao jornal, compõe o cotidiano do distrito. A legitimidade concedida ao jornal para emitir opinião sobre diversos assuntos, a exemplo da escola, confirma a centralidade da tv como veículo formador nesses contextos. A proposição de Joaquim “eu ouvi no jornal nacional que a escola constitui-se em riqueza a ser deixada para os filhos” responsabiliza a família pela garantia do acesso, traduzida como investimento a ser feito.

No que concerne à relação estabelecida entre os jovens e a família, a disponibilidade dos pais para o diálogo constitui-se como elemento marcante no convívio. O cotidiano das famílias rurais ganha uma atmosfera quase lúdica, haja vista que é destinado para a conversa entre pais e filhos, favorecendo a intimidade e a aproximação entre estes. Os jovens reivindicam o diálogo, o aconselhamento sobre assuntos como estudo, vida sentimental e trabalho, redimensionando as relações no interior da família. Se em épocas passadas, a escuta obediente por parte dos filhos simbolizava a legitimação do pátrio poder, no momento presente o diálogo na família surge como experiência ressignificada para ambos.

O redimensionamento das relações no interior da família encontra ancoragem na nova configuração da família rural, que reconhece as vozes dos membros mais jovens em caráter de reciprocidade. Afinal, nesse contexto os jovens e adultos compartilham não apenas o espaço da casa, mas da sala de aula. A solidariedade entre ambos é fortalecida pelo reconhecimento de que através do diálogo podem alcançar o entendimento acerca de questões que interessam tanto aos jovens como aos adultos estudantes.

A condição juvenil no meio rural constitui-se em aspecto discutido tanto no âmbito das pesquisas como dos movimentos sociais. Dada a diversidade que marca a vivência dos jovens rurais no Brasil, o termo jovem

rural traz à tona distintas possibilidades de ser jovem no meio rural, considerando as dimensões de trabalho, estado civil, região, gênero, migração, entre outros. Tal aspecto deve integrar a pauta das pesquisas sobre a juventude rural, com o intuito de reconhecer e positivar outras formas de se viver a juventude.

Embora a organização sócio-espacial das áreas rurais de pequenos municípios tenha sido reconfigurada, em virtude da disseminação das tecnologias de informação e comunicação, a ausência de equipamentos de cultura e lazer figuram como reivindicações mais destacadas pelos jovens. Estas ausências os incomodam bastante, haja vista que na falta deste, os jovens passam a viver confinados em casa. A impossibilidade de usufruir de bens culturais destinados ao público jovem coloca em destaque as condições restritivas que marcam a mobilidade dos jovens no distrito.

Além do acesso à cultura e ao lazer os jovens projetam a inserção no mercado de trabalho, como aspecto decisivo para a permanência ou não no distrito. Diante da oferta precária de trabalho no distrito, marcada por relações de trabalho desiguais, os jovens homens antecipam a saída antes de concluir o ensino médio. As jovens mulheres por sua vez tendem a projetar a saída após a conclusão do ensino médio. Os percursos migratórios no distrito são marcados pela dimensão de gênero, haja vista que anualmente os jovens homens migram temporariamente em direção aos canaviais, tornando o fenômeno da migração um movimento masculino.

A saída dos jovens homens e mulheres encontra sustentação na família, que reconhece a impossibilidade dos jovens alcançar trabalho no distrito. Nesse sentido, os jovens não vivenciam a experiência do conflito da saída de casa, dado o apoio conferido pelos pais. É interessante observar ainda que os jovens permanecem menos tempo em casa, o que permite afirmar que o fenômeno do alongamento da permanência dos jovens com a família, não pode ser atribuído a todos os jovens. Em regiões marcadas pela pobreza e escassas oportunidades de trabalho, a projeção da saída passa a ser contemplada tanto pelos pais como pelos filhos, numa perspectiva de superação e busca por oportunidades.

O estudo desenvolvido destaca a migração como experiência bastante atual, especialmente para os jovens homens, cujo destino legitimado são os canaviais da região sudeste. A constatação de que cada morador do distrito conhece ou é parente de alguém que trabalha no corte de cana é reveladora do quanto a “saída pelo meio do mundo” é imperativa. A ida para os canaviais tem uma motivação. O desejo de comprar uma moto, pôr um “negócio pra viver,” usufruir de bens de consumo ou guardar um dinheiro, são razões muito significativas para os jovens que “saem pelo meio do mundo”.

O desvendamento das condições de trabalho nos canaviais, marcadas pela ocorrência de acidentes, insalubridade e riscos de vida constituem-se em aspectos que são escamoteados pelos jovens, em razão da oferta de vínculo empregatício, seguro desemprego e carteira assinada, concedida pelas usinas. A formalização do vínculo empregatício não garante o acesso dos jovens a condições decentes de trabalho, o que aprofunda a exploração e a invisibilidade dos corpos jovens homens das áreas rurais.

Por fim, a pesquisa desenvolvida no distrito Espirado destaca a importância de estudos que contemplem as dimensões de geração, percursos migratórios, escolaridade, entre outros, como fundantes para a compreensão das novas relações estabelecidas entre jovens e adultos estudantes, que vivem em áreas rurais de pequenos municípios brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5-6, p. 25-36, 1997.

_____. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.

ABRAMOVAY, Ricardo *et al.* Dilemas e estratégias dos jovens rurais: ficar ou partir. *Estudos Sociedade e Agricultura*, vol.12, n.1, p. 236-271, 2004.

_____. (Coord.). *Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios*. Brasília: Unesco, 1998.

AGUIAR, Vilênia P.; STROPASOLAS, Valmir Luiz. A problemática de gênero e geração nas comunidades rurais de Santa Catarina. In: SCOTT, Parry Russel; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda Aparecida (Orgs). *Gênero e geração em contextos rurais*. Ilha de Santa Catarina: Ed Mulheres, 2010, p.159-183.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. *Etnografia da prática escolar*. São Paulo: Papyrus, 1995.

APPEL, Michael: La entrevista autobiográfica narrativa: Fundamentos teóricos y la praxis del análisis mostrada a partir del estudio de caso sobre el cambio cultural de los Otomíes en México. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum Qualitative Social Research [On-line Journal]*, 6(2), Art. 16.[<http://www.qualitativerecherche.net/fqs-texte/2-05/05-2-16-s.htm>]

ARAÚJO, Jonas; MARTINS, Marivaldo Prado. *Paternalismo ou política de domínio: estudo das cartas de alforria em Palmas de Monte Alto na segunda metade do século XIX*. Monografia de conclusão de curso.UNEB, 2003. 34 p.

AUGUSTO, Maria Helena O. Retomada de um legado intelectual – Marialice Foracchi e a Sociologia da Juventude. In: *Tempo Social*, Revista Sociologia da USP, vol.17, n.2, p.11-33 2005.

BAUER, Martin & JOVCHELOVITCH, Sandra. Entrevista narrativa. In: _____; GASKELL, Georges. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 5ª edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.p.90-113.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOHNSACK, Ralf; PFAFF, Nicolle; WELLER, Wivian (Orgs.). *Qualitative Analysis and documentary method: in international educational research*. Opladen & Farmington Hills, MI: Barbara Budrich Publishers, 2010, p. 99-124.

_____. A interpretação de imagens segundo o método documentário. In:WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação:teoria e prática*. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b. p.114-134.

_____;WELLER, Wivian. O método documentário na análise de grupos de discussão. In:_____; PFAFF, Nicolle (Orgs.). *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação:teoria e prática*. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b. p.67-86.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Migração interna no Brasil. *Comunicados do Ipea*. nº 61. Brasília, Ago.2010. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/100817_comunicadoipea61.pdf. Acesso em setembro de 2011.

BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. IN: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Orgs). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.35-51.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. In: *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 15, nº 2, p. 45-66, jul/dez. 1998.

CANGAS, Yanko González. Juventud rural: trayectorias teóricas y dilemas identitários. In: *Revista Nueva Antropología*, México, v. XIX, nº 63, p.153-175, 2003.

CAPUTO, Luis. Estudios sobre juventud rural en América Latina: limitaciones y desafíos para una agenda de investigación sobre juventud rural. In: *Seminario Internacional: Investigación sobre juventud y políticas públicas de juventud*. FLACSO, Argentina, p. 1-15, 2006.

CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. (Orgs). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, H. W.;BRANCO, P.P.M (Orgs). *Retrato da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p.243-261.

_____. O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais: In: SILVA, Francisco Teixeira da *et al* (Org.). *Mundo rural e política*. Rio de Janeiro: Campos/Pronex, 1998. p. 95-117.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. *Os jovens e a cidade: Identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2002.

CASTRO, Elisa Guaraná de *et al*. *Os jovens estão indo embora?: Juventude rural e a construção de um ator político*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

_____. As jovens rurais e a reprodução social das hierarquias. IN: WOORTMANN, Ellen F; MENACHE, Renata; HEREDIA, Beatriz (Orgs). *Margarida Alves:coletânea sobre estudos rurais e gênero*. Brasília: MDA, IICA, 2006. p. 245-277.

CAVALLI, Alessandro; DE LILLO, Antonio. *Giovani* : quinto rapporto lard sulla condizione giovanile in Itália. Bologna: Il Mulino, 2002.

_____; GALLAND, Olivier (a cura di). *Senza fretta de crescere: l'ingresso difficile nella vita adulta*. Napoli: Liguori Editore, 1996.

COMEFORD, John C. *Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.

DAYRELL, Juarez. Um olhar sobre a juventude. In: *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 21-44.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.15-41.

DIÓGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip-hop*. São Paulo; Fortaleza: Annablume, 1998.

DURHAN, Eunice Ribeiro. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

DURSTON, John. Juventude rural, modernidade e democracia. In: TAVARES, Doraci; LEMOS, Nelson (Comp.). *Juventude e desenvolvimento rural no Cone Sul Latino-Americano*. Santiago do Chile: Procader-Emater/RS – IICA, 1994.

FEIXA, Carles. Generación XX. Teorías sobre la juventud en la era contemporânea. In: *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, Colômbia, vol. 4, n.2, p. 2-18, jul./dez.2006. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/773/77340202.pdf>

FLICK, UWE. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FLITNER, Andreas. Os problemas sociológicos nas primeiras pesquisas sobre a juventude. In: BRITTO, Sulamita (Org.). *Sociologia da Juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, v. I, p. 37-67.

FORACCHI, Marialice M. *Juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.

GRAZIANO DA SILVA et al, José. O que há de realmente novo no rural brasileiro. In: *Cadernos de Ciência e Tecnologia*, Brasília, v. 19, n. 1, p. 37-67, jan./abr. 2002.

GROPPO, Luis Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUIGOU, Jacques. Problemas de uma Sociologia da juventude rural. In: BRITTO, Sulamita de. *Sociologia da Juventude*, II_para uma Sociologia diferencial. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, p.73-88.

IBGE. *Municípios brasileiros*. Disponível: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 15/04/2010.

INEP. *Consulta a matrícula escolar*. Fonte: www.portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-matricula. Acesso em 21/03/2011.

LECCARDI, Carmen. La juventud, el cambio social y la familia: de una cultura “de protección” a uma cultura “de negociación”. In: *Revista de Estudios de Juventud* (Dossiê: Juventud y familia desde una perspectiva comparada europea), n. 90, p. 33-42, sep. 2010.

_____. *Sociologie del tempo: soggetti e tempo nella società dell'accelerazione*. Roma-Bari: Laterza, 2009.

_____. I tempi di vita tra accelerazione e lentezza. In: CRESPI, Franco (a cura di). *Tempo vola: l'esperienza del tempo nella società contemporanea*. Bologna: Il Mulino, 2005.

_____. *Tra i generi*: Rileggendo le differenze di genere, di generazione, di orientamento sessuale. Milano, Guerini (a cura di), 2002.

_____. *Futuro breve*: le giovani donne e il futuro. Torino: Rosenberg e Sellier, 1996.

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. In: _____. *Diagnóstico do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1961, p. 36-61.

_____. El problema de las generaciones (tradução: Ignácio Sanchez de la Yncera) *REIS – Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, n. 62, p. 193-242, abr./jun.1993.

[http://www.reis.cis.es/REISWeb/PDF/REIS_062_12.pdf]

MARGULIS, Mario. Juventud: una aproximación conceptual. In: BURAK, Solum D. (Org.). *Adolescencia y juventud en América Latina*. Costa Rica: LUR, 2001.p. 41-56.

_____.URRESTI, Marcelo. “La juventud es más que una palabra”. In: _____ (editor). *La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud*. Buenos Ayres: Biblos, 1996, p. 13-30.

MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. A construção social da juventude rural latino-americana. In: VIII CONGRESO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL NA AMÉRICA LATINA: realineamientos políticos y proyectos en disputa, *Anais*. Porto de Galinhas: 2010. p. 1-20.

MATTOS, Carmen Lúcia G. de. Estudos etnográficos da educação: uma revisão de tendências no Brasil. In: *Educação em foco*. Juiz de Fora, vol.11, n.1, p.39-57, mar./ago.2006.

MENEZES, Marilda Aparecida; SILVA, Marcelo Saturnino da. Homens que migram, mulheres que ficam: o cotidiano das esposas, , mães e namoradas dos migrantes sazonais do município de Tavares_PB. In: SCOTT, Russel Parry; CORDEIRO, Rosineide; _____.(Orgs.). *Gênero e geração em contextos rurais*. Ilha de Santa Catarina: Ed Mulheres, 2010. p. 281-311.

_____. *Migrações no Brasil: o peregrinar de um povo sem terra*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

NOHL, Arnd-Michael. The documentary interpretation of narrative interviews. In: BOHNSACK, Ralf; WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Eds.). *Qualitative analysis and documentary method: in international educational research*. Opladen & Farmington Hills, MI: Barbara Budrich Publishers, 2010, p.195-217.

NOGUEIRA E NOGUEIRA. *Bourdieu e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena. W.; BRANCO, Paulo. P. M. (Orgs). *Retrato da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 263-290.

YNCERA, Ignacio Sánchez de la. La sociología ante el problema generacional. Anotaciones al trabajo de Karl Mannheim. *REIS*, n. 62, p. 147-192, abr/jun. 1993. [http://www.reis.cis.es/REISWeb/PDF/REIS_062_11.pdf].

ORELLANA, Luis Pezo. Aproximación a la trayectoria de intervenciones e investigaciones sobre juventud rural en Chile (1948-2008). In: *Última Década*, nº 29, p. 159-188, CIDPA Valparaíso, Dez. 2008.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. 2ª edição. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2003.

PEREGRINO, Mônica. Desigualdade numa escola em mudança: trajetórias e embates na escolarização pública de jovens pobres. 2006. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, 2006.

PÉREZ ISLAS, José Antonio. Juventude: um conceito em disputa. In: GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin; SOUSA, Sônia M. Gomes (Orgs.).

Juventude e contemporaneidade: desafios e perspectivas. Brasília: SEDH-PR; Goiânia: Editora UFG: Cãnone Editorial, 2009.p. 17-46.

_____. Trazos para un mapa de la investigación sobre juventud en América Latina.In: *Papers*, nº 79, p. 145-170, Universidade Autònoma de Barcelona, 2006.

PFÄFF, Nicolle. Etnografia em contextos escolares: pressupostos gerais e experiências interculturais no Brasil e Alemanha. In: WELLER, Wivian;____ (Orgs.). *Metodologias da Pesquisa qualitativa em educaçãõ: teoria e prática*. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b.p.254-270.

QUAPPER, Klaudio Duarte. Juventud o juventudes?: acerca de cómo mirar y remirar a lãs juventudes de nuestro continente. In: BURAK, Solum D. (Org.). *Adolescencia y juventud en América Latina*. Costa Rica: LUR, 2001.p. 57-73.

SCOTT, Parry Russel. Gênero e geração em contextos rurais: algumas considerações. In:____; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda Aparecida (Orgs). *Gênero e geração em contextos rurais*. Ilha de Santa Catarina: Ed Mulheres, 2010.p. 17-35.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In:WELLER, Wivian; PFÄFF, Nicolle (Orgs.). *Metodologias da Pesquisa qualitativa em educaçãõ: teoria e prática*. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b. p.210-222.

SILVA, Catarina Malheiros. Pelos caminhos da pesquisa de campo: educaçãõ, relações intergeracionais e de gênero no distrito Espreado. *Relatório de Pesquisa*. 2012.175 p.

_____. A pesquisa de campo: juventude, cotidiano e escola no distrito Espreado. *Relatório de Pesquisa*. 2008.120p.

_____. Socialização e modos de ser jovem em área rural na Bahia. In: *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 2, nº 2, p. 47-56, ago./dez. 2011.

_____. “Não ser só um carregador de livro”: elaborações de jovens rurais sobre a escola. In: *Revista FAEEBA*, Salvador, v. 20, nº 36, p. 137-149, set./dez. 2011.

_____. Escola, saberes e cotidiano no meio rural: um estudo sobre os/as jovens do sertão da Bahia. *Dissertação* (Mestrado em Educação) Universidade de Brasília. 2009.

SILVA, Joaquim Perfeito; SOARES FILHO, Avaldo; SANCHES, Andréia. *Levantamento e Diagnóstico da Serra de Monte Alto*: subsídios para a criação da unidade de conservação arqueológica e natural da serra de Monte Alto. Relatório. 2007.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Unesp, 1999.

_____. Expropriação da terra, violência e migração: camponeses maranhenses no corte de cana de açúcar. In: *Cadernos CERU*, São Paulo, v. 19, n. 1, p.165-180, jun.2008.

SOUSA, Janice T. P. *Reinvenções da Utopia: A Militância Política de Jovens dos Anos 90*. 1ª edição. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). *O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)*. Volume II. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

_____. *Juventude e escolarização*. Brasília: COMPED/INEP/MEC, 2002.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. *O mundo rural no horizonte dos jovens*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

_____. Um marco reflexivo para a inserção social da juventude rural. In: CASTRO, Elisa Guaraná de. ;CARNEIRO, Maria José (Orgs.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.279-293.

SUSTAITA, Edmundo. A juventude rural nos países desenvolvidos e em via de desenvolvimento. In: BRITTO, Sulamita de. *Sociologia da Juventude, I_da Europa de Marx à América Latina de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, p.205-224.

TAVARES, Breitner L. Na quebrada a parceria é mais forte: juventude hip hop: relacionamento e estratégias contra a discriminação na periferia do Distrito Federal. 2009. *Tese* (Doutorado em Sociologia), Brasília: UnB, 2009.

VEIGA, José Eli da. *Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula*. 2ª edição. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A ruralidade no Brasil moderno: por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACCA, Norma. *Una nueva ruralidad en América Latina?*. Buenos Aires: CLACSO, 2001. p.31-44.

_____.(Coord.). *Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro*. Recife, 2006. Relatório de Pesquisa.

WEISHEIMER, Nilson. *Juventudes rurais: mapa de estudos recentes*. Brasília: MDA, 2005.

_____. Jovens agricultores: intersecções entre relações sociais de gênero e projetos profissionais. *Anais do VII Seminário Fazendo Gênero*, Santa Catarina: UFSC, p. 1-7, 2006.

WELLER, Wivian. *Minha voz é tudo o que eu tenho: manifestações juvenis em Berlim e São Paulo*. Belo Horizonte: UFMG, 2011a.

_____;PFAFF, Nicolle. Pesquisa qualitativa em educação: origens e desenvolvimentos. In:_____ (Orgs.). *Metodologias da Pesquisa qualitativa*

em educação: teoria e prática. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b, p.12-28.

_____. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. In: _____. PFAFF, Nicolle (Orgs.). *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática*. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b, p.54-66.

_____. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. *Educação e Pesquisa. Revista de Educação da USP*. São Paulo, vol.32, no.2, p. 241-260, maio/ago. 2006. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a03v32n2.pdf>. Acesso em: 30/11/2009.

_____. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 13, p. 260-300, jan./jun. 2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/soc/n13/23564.pdf>. Acesso em: 30/11/2009.

_____. Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa: a análise de narrativas segundo Fritz Schütze. In: *ANAIS da 32ª Reunião Anual da Anped*, 2009, Caxambu, p. 1-16.

_____; SILVA, Catarina Malheiros. Documentary Method and Participatory Research: Some Interfaces. *International Journal of Action Research*, v. 7, Issue 3, p. 294-318, 2011c.

_____ *et al.* Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: Uma forma de análise das visões de mundo. *Sociedade e Estado* [Dossiê Temático: Inovações no Campo da Metodologia das Ciências Sociais], Brasília, v. 17, n. 2, p. 375-396, jul./dez. 2002.

WHYTE, William F. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

WOORTMANN, Ellen F. Prefácio. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda Aparecida (Orgs). *Gênero e geração em contextos rurais*. Ilha de Santa Catarina: Ed Mulheres, 2010.p. 11-16.

_____; LOPES, Adriana L. ; BUTTO, Andréa; MOLINA, Caroline (Orgs.). *Prêmio Margarida Alves: II coletânea sobre estudos rurais*. Brasília: MDA, 2007.

_____. *Herdeiros, parentes e compadres*. São Paulo: Brasília: Hucitec, 1995.

ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita Amélia T. (Orgs.). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE “A”



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação

Grupo de pesquisa: GERAJU (Gerações e Juventude)

Encontro de tempos na escola: um estudo sobre gerações de estudantes no meio rural baiano

Roteiro - Grupos de discussão com jovens

BLOCO I: ENSINO MÉDIO

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): **Vocês poderiam falar sobre os significados da educação escolar para vocês?**

Outras questões:

- Vocês poderiam falar sobre como é ser estudante do ensino médio?
- Quais os temas/assuntos que vocês consideram mais importantes?
- Como vocês vêem a desistência dos jovens do ensino médio?

BLOCO II: ENSINO MÉDIO PARA JOVENS NO MEIO RURAL

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): **Vocês poderiam falar sobre como é ser jovem e estudante do ensino médio, aqui em Espraiado?**

Outras questões:

- Poderiam falar um pouco sobre o dia a dia de vocês na escola?
- Como está sendo a experiência com a escola?
- Como é a relação entre alunos/as e professores/as na escola em que estudam?
- Vocês acham que existe uma relação diferenciada entre rapazes e moças na escola? Existe um tratamento diferente por parte dos/as professores/as?
- Vocês poderiam falar sobre a relação estabelecida entre a escola e a comunidade? A escola desenvolve algum tipo de trabalho com a comunidade?
- Vocês pensam em continuar os estudos?

O que se espera: Que os entrevistados falem sobre:

- *Experiências escolares. Relação escola-comunidade. Relação entre professores e alunos/as.*

BLOCO III: ENSINO MÉDIO PARA OS ADULTOS

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): **Como vocês vêem a presença de pais e avós no ensino médio?**

Outras questões:

- Como é a relação entre vocês e os pais e avós na sala de aula?
- Como é a participação dos seus pais e avós nos eventos promovidos pela escola?

BLOCO IV: FAMÍLIA

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): **Vocês poderiam falar sobre a família de vocês e de como é a relação com os pais e avós?**

Outras questões:

- Vocês poderiam falar sobre a origem de seus pais? Eles nasceram aqui ou vieram de outro lugar?
- O que pensam sobre a experiência de vida de seus pais e avós? Como é transmitida essa experiência?
- Sobre quais assuntos gostariam de “conversar” com seus pais e avós?
- Como é a relação de vocês com os irmãos e irmãs?
- Vocês acham que existe uma relação diferenciada entre filhos e filhas, netos e netas? Como os pais e avós tratam as moças e rapazes?
-

O que se espera: Que os entrevistados falem sobre:

Relacionamento com a família. Diálogo intergeracional. Papel de filhos e filhas/netos e netas.

BLOCO V: SER JOVEM E MORAR EM ESPRAIADO

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): **Vocês poderiam falar sobre ser jovem e viver em Espraiado?**

Outras questões:

- Existe diferença entre jovens do sexo feminino e masculino que vivem no meio rural?
- Como é ser jovem e mulher aqui em Espiraiado [ou jovem e homem?]
- Como é namorar aqui em Espiraiado?
- Como é a convivência de vocês com as pessoas da comunidade? Como vocês se relacionam com as pessoas 'mais velhas'⁶³ de Espiraiado?
- Poderiam falar sobre a sede do município de Palmas de Monte Alto ou sobre outras cidades que vocês conhecem?

O que se espera: *Que os/as entrevistados/as falem sobre:*

Ser jovem no meio rural. Relações de gênero. Convivência no meio rural. Cidades

BLOCO VI: CONVIVÊNCIA E PARTICIPAÇÃO NA COMUNIDADE

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): **o que vocês costumam fazer nos fins de semana ou no tempo livre de vocês?**

Outras questões:

- Neste distrito são realizadas festas, gincanas, torneios esportivos? Poderiam falar um pouco sobre o que é realizado?
- Vocês têm muitos amigos/as? Poderiam falar sobre a amizade?
- Vocês têm alguma religião e costumam freqüentar a igreja?
- Além dos grupos de igreja, vocês participam de algum outro grupo? Poderiam falar um pouco sobre esse grupo

O que se espera: *Que os entrevistados falem sobre:*

- *Convivência na comunidade. Convivência com os amigos. Interação em outros grupos sociais.*

BLOCO VII: MIGRAÇÃO

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): **Vocês já pensaram em sair do meio rural?**

Outras questões:

- Como vocês imaginam que é morar numa cidade grande?

⁶³ A expressão "os mais velhos" é muito recorrente no distrito, usada tanto pelos/as jovens como pelos adultos para se referir aos idosos/as.

- Na opinião de vocês, o que leva muitos/as jovens a sair do meio rural?
- O que pensam os pais e avós de vocês sobre a ida para as cidades?
- Vocês tem parentes, familiares próximos morando fora de Espiraiado? Vocês ou a família ainda tem contato com esses parentes que moram fora?
- Como vocês vêem a saída dos/das jovens daqui para trabalhar nos canaviais e 'casas de família'?

O que se espera: *Que os entrevistados falem sobre:*

- *Experiências migratórias. Cidades. Contato com familiares*

BLOCO VIII: TRABALHO

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): **Além de estudar, vocês também trabalham? O que vocês fazem?**

Outras questões:

- Como vocês vêem a relação entre estudar e trabalhar?
- O que pensam sobre o trabalho no meio rural?

O que se espera: *Que os entrevistados falem sobre:*

BLOCO IX: PERSPECTIVAS DE FUTURO

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): **Poderiam falar sobre os seus projetos para o futuro? O que vocês gostariam de fazer depois de concluírem o ensino médio?**

Outras questões:

- Com relação ao trabalho, vocês poderiam falar sobre o que pensam fazer no futuro?
- Vocês pensam em casar e ter filhos?

O que se espera: *Que os entrevistados falem sobre:*

- *Perspectivas de ascensão pessoal, profissional.*

BLOCO X: OUTROS

- Não tenho mais perguntas. Vocês gostariam de falar ainda sobre algum assunto que a gente não conversou ainda?



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Grupo de pesquisa: GERAJU (Gerações e Juventude)

Encontro de tempos na escola: um estudo sobre gerações de estudantes no meio rural baiano

Lista de perguntas– Entrevista Narrativa com jovens

Pergunta inicial (igual para todos/as os jovens): Gostaria de conhecer a sua história de vida. Poderia me contar a sua história? Não precisa ter pressa e pode falar tudo que for importante para você.

Outras questões:

BLOCO I: ENSINO MÉDIO

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): **Você poderia falar sobre os significados da educação escolar para você?**

Outras questões:

- Você poderia falar sobre como é ser jovem e estudante do ensino médio, aqui em Espiraiado?
- Poderia falar um pouco sobre o seu dia a dia na escola?
- Quais os temas/assuntos que você considera mais importantes?
- Você pensa em continuar os estudos?

BLOCO II: FAMÍLIA

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): **Você poderia falar sobre a sua família e de como é a relação com os pais e avós?**

Outras questões:

- Você poderia falar sobre a origem de seus pais? Eles nasceram aqui ou vieram de outro lugar?
- O que pensa sobre a experiência de vida de seus pais e avós? Como é transmitida essa experiência?
- Sobre quais assuntos gostaria de “conversar” com seus pais e avós?

- Como é a sua relação com os irmãos e irmãs?
- Você acha que existe uma relação diferenciada entre filhos e filhas, netos e netas? Como os pais e avós tratam as moças e rapazes?

BLOCO V: SER JOVEM E MORAR EM ESPRAIADO

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): **Você poderia falar sobre ser jovem e viver em Espraiado?**

Outras questões:

- Como é ser jovem e mulher aqui em Espraiado [ou jovem e homem?]
- Como é namorar aqui em Espraiado?
- Como é a sua convivência com as pessoas da comunidade? Como você se relaciona com as pessoas 'mais velhas'⁶⁴ de Espraiado?
- Poderia falar sobre a sede do município de Palmas de Monte Alto ou sobre outras cidades que você conhece?

BLOCO VI: CONVIVÊNCIA E PARTICIPAÇÃO NA COMUNIDADE

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): **o que você costuma fazer nos fins de semana ou no seu tempo livre?**

Outras questões:

- Você têm muitos amigos/as? Poderia falar sobre a amizade?
- Você tem alguma religião e costuma freqüentar a igreja?
- Além dos grupos de igreja, você participa de algum outro grupo? Poderia falar um pouco sobre esse grupo

BLOCO VII: MIGRAÇÃO

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): **Você já pensou em sair do meio rural?**

Outras questões:

- Como você imagina que é morar numa cidade grande?

⁶⁴ A expressão "os mais velhos" é muito recorrente no distrito, usada tanto pelos/as jovens como pelos adultos para se referir aos idosos/as.

- Na sua opinião, o que leva muitos/as jovens a sair do meio rural?
- O que pensa os pais e avós de vocês sobre a ida para as cidades?
- Como você vê a saída dos/das jovens daqui para trabalhar nos canaviais e 'casas de família'?

BLOCO VIII: TRABALHO

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): Como você vê a relação entre estudar e trabalhar?

Outras questões:

- O que pensa sobre o trabalho no meio rural?

BLOCO IX: PERSPECTIVAS DE FUTURO

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): **Poderia falar sobre seus projetos para o futuro? O que você gostaria de fazer depois de concluir o ensino médio?**

Outras questões:

Você pensa em casar e ter filhos?

BLOCO X: OUTROS

- Não tenho mais perguntas. Você gostaria de falar ainda sobre algum assunto que a gente não conversou ainda?



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Grupo de pesquisa: GERAJU (Gerações e Juventude)

Encontro de tempos na escola: um estudo sobre gerações de estudantes no meio rural baiano

Roteiro - Grupos de discussão com adultos

BLOCO I: EDUCAÇÃO ESCOLAR

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): **Vocês poderiam falar sobre os significados da educação escolar para vocês?**

Outras questões:

- Como é a relação entre vocês e os/as jovens na sala de aula?
- Quais os temas/assuntos que vocês consideram mais importantes?
- Poderiam falar um pouco sobre o dia a dia de vocês na escola?
- Como é a relação entre alunos/as e professores/as na escola em que estudam?
- Vocês acham que existe uma relação diferenciada entre rapazes e moças na escola? Existe um tratamento diferente por parte dos/as professores/as?
- Vocês poderiam falar sobre a relação estabelecida entre a escola e a comunidade? A escola desenvolve algum tipo de trabalho com a comunidade?
- Poderiam falar sobre a educação de seus/suas filhos/as e netos/as e a escola?
- Como vocês vêem a desistência dos jovens da escola?
- Vocês pensam em continuar os estudos?

O que se espera: *Que os entrevistados falem sobre:*

- *Experiências escolares. Relação escola-comunidade. Relação entre professores e alunos/as.*

BLOCO II: FAMÍLIA

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): **Vocês poderiam falar sobre a família de vocês e de como é a relação com os filhos/as e netos/as?**

Outras questões:

- Vocês poderiam falar sobre a origem de seus pais? Eles nasceram aqui ou vieram de outro lugar?
- Como era a relação de vocês com os pais?
- O que pensam sobre a experiência de vida de seus pais e avós? Como era transmitida essa experiência?
- Vocês são casados/as? Poderiam falar sobre a relação com seu companheiro/a?
- Sobre quais assuntos gostariam de “conversar” com seus filhos/as e netos/as ?
- Vocês acham que existe uma relação diferenciada entre filhos e filhas, netos e netas? Como vocês tratam as moças e rapazes?

O que se espera: *Que os entrevistados falem sobre:*

Relacionamento com a família. Diálogo intergeracional. Papel de filhos e filhas/netos e netas.

BLOCO III: MORAR EM ESPRAIADO

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): **Vocês poderiam falar sobre a vida em Espraiado?**

Outras questões:

- Que pensam sobre a educação dos filhos/as netos/as no momento atual (sobre a perda da “autoridade paterna”) ?
- Como é morar e educar os/as filhos/as e netos/as em Espraiado?
- Como é a convivência de vocês com os/as jovens na comunidade?
- Poderiam falar sobre a sede do município de Palmas de Monte Alto ou sobre outras cidades que vocês conhecem?

O que se espera: *Que os/as entrevistados/as falem sobre:*

Ser morador em Espraiado. Relações de gênero. Convivência no meio rural. Cidades

BLOCO IV: CONVIVÊNCIA E PARTICIPAÇÃO NA COMUNIDADE

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): **o que vocês costumam fazer nos fins de semana ou no tempo livre de vocês?**

Outras questões:

- Neste distrito são realizadas festas, gincanas, torneios esportivos? Poderiam falar um pouco sobre o que é realizado?
- Vocês têm alguma religião e costumam freqüentar a igreja?
- Além dos grupos de igreja, vocês participam de algum outro grupo? Poderiam falar um pouco sobre esse grupo

O que se espera: Que os entrevistados falem sobre:

- *Convivência na comunidade. Interação em outros grupos sociais.*

BLOCO V: MIGRAÇÃO

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): **Vocês já moraram fora de Espiraiado? Como foi esse período?**

Outras questões:

- Como vocês imaginam que é morar numa cidade grande?
- Na opinião de vocês, o que leva as famílias a sair do meio rural?
- Vocês tem parentes, familiares próximos morando fora de Espiraiado? Vocês ou a família ainda tem contato com esses parentes que moram fora?
 - Que pensa sobre a saída de seus filhos/as ou netos/as para a cidade?

O que se espera: Que os entrevistados falem sobre:

- *Experiências migratórias.*

BLOCO VI: TRABALHO

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): **Além de estudar, vocês também trabalham? O que vocês fazem?**

Outras questões:

- Como vocês vêem a relação entre estudar e trabalhar?
- O que pensam sobre o trabalho no meio rural?

O que se espera: Que os entrevistados falem sobre:

BLOCO IX: PERSPECTIVAS DE FUTURO

Pergunta inicial (igual para todos os grupos): **Poderiam falar sobre os seus projetos para o futuro? O que vocês gostariam de fazer depois de concluírem o ensino médio/EJA?**

BLOCO X: OUTROS

- Não tenho mais perguntas. Vocês gostariam de falar ainda sobre algum assunto que a gente não conversou ainda?



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação

Grupo de pesquisa: GERAJU (Gerações e Juventude)

Encontro de tempos na escola: um estudo sobre gerações de estudantes no meio rural baiano

Lista de perguntas– Entrevista Narrativa com pais e avós

Pergunta inicial (igual para todos/as os moradores/as): Gostaria de conhecer a sua história de vida. Poderia me contar a sua história? Não precisa ter pressa e pode falar tudo que for importante para o/a senhor/a.

Outras questões:

COMUNIDADE

- Como era a vida em Espraiado naquela época?
- Como é morar e educar os/as filhos/as e netos/as em Espraiado?
- Como é sua convivência com os/as jovens na comunidade?

MIGRAÇÃO

- Que pensa sobre a saída de seus filhos/as ou netos/as para a cidade?
- Gostaria que falasse sobre o período em que viveu fora de Espraiado.

EDUCAÇÃO ESCOLAR

- O/a senhor/a pode falar sobre a educação escolar em Espraiado?
- Poderia falar sobre a educação de seus/suas filhos/as e netos/as e a escola?
- Poderia falar sobre o período em que freqüentou a escola?
- O/a senhor/a está estudando? Como é estar freqüentando a escola?
- Como é a relação entre homens e mulheres na escola? Existe um tratamento diferente por parte dos/as professores/as?

FAMILIA

- O/a senhor/a poderia falar um pouco sobre a origem dos seus pais? Eles nasceram aqui ou vieram de outro lugar?
- Como era sua relação com seus pais?
- Que pensa sobre a educação dos filhos/as netos/as no momento atual (sobre a perda da “autoridade paterna”) ?
- O/a senhor/a tem alguma religião e costuma freqüentar a igreja?
- O senhor/a é casado/a? Poderia falar sobre a relação com seu companheiro/a?
- Não tenho mais perguntas. O/a senhor/a gostaria de falar ainda sobre algum assunto que a gente não conversou?

ESTE QUADRO DEVE SER PREENCHIDO PELO (A) PESQUISADOR (A)

Data da entrevista: ____/____/____ Local: _____
 Duração da entrevista: início _____ término: _____ Tipo: GD () EN () Código: _____
 Nome da(s) entrevistadora(s): _____

APÊNDICE "B"

Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

Projeto: Encontro de tempos na escola: um estudo sobre gerações de estudantes no meio rural baiano

Aluna: Catarina Malheiros da Silva

Orientadora: Profª. Dra. Wivian Weller

Formulário de Identificação**TODAS AS INFORMAÇÕES SERÃO TRATADAS COM RIGOR E SIGILO. NOMES NÃO SERÃO DIVULGADOS****Identificação**

Nome:

Nome fictício - como gostaria de ser chamado(a):

Idade: Sexo: feminino () masculino ()

Cor/etnia: Branco () Preto () Pardo () Outra:

Estado civil: solteiro/a () casado/a () separado/a () viúvo/a () mora com companheiro/a () outros

Tem filhos? sim () não () número de filhos:

Tem irmãos/ãs? sim () não () número de irmãos/ãs:

Tem netos/as? sim () não () número de netos/as:

Religião:

Estado em que nasceu:Cidade/Localidade:

Estado de nascimento da mãe:Cidade/Localidade:..... () não sabe

Estado de nascimento do pai: Cidade/Localidade.....() não sabe

Moradia

Local em que vive atualmente:

Há quanto tempo mora neste local?

Como mora? Com os pais () com avós () com pais e avós () com parentes () com amigos () com o companheiro/a () sozinho/a ()

Outros:

Escola

Descreva o nome, local e tipo de escola que freqüentou em cada período:

Período (fique à vontade para corrigir, caso a classificação não esteja de acordo):

a) Educação Infantil:.....

Local:

Escola pública () Escola particular ()

Escola rural () Escola urbana ()

b) Ensino Fundamental:

Local:

Escola pública () Escola particular ()

Escola rural () Escola urbana ()

Concluído () Em andamento ()

Caso ainda esteja cursando o Ensino Fundamental, em que ano se encontra?

c) Ensino Médio:

Local:

Escola pública () Escola particular ()

Escola rural () Escola urbana ()

Concluído () Em andamento ()

Caso ainda esteja cursando o Ensino Médio, em que ano se encontra?

1. () 2. () 3. ()

d) Como vai para a escola?

() a pé () bicicleta () ônibus () moto () carro de familiares () outros

Situação atual:

Somente estuda () Estuda e trabalha ()

Sua renda mensal é oriunda de: Trabalho com carteira assinada () Ajuda dos pais/familiares ()

Trabalho informal () Outra:

Qual é o valor da sua renda mensal?

Em que você gasta a sua renda mensal?

Caso esteja trabalhando, qual profissão/atividade que está exercendo?

Caso esteja trabalhando, tem dedicação de quantas horas semanais?

Dados sobre a mãe:

Não sabe ler nem escrever () Não sei informar ()

Ensino Fundamental: Até a 4ª série () Até a 8ª série ()

Ensino Médio: Completo () Incompleto ()

Curso técnico: Sim () Não () qual:

Profissão da mãe: Renda mensal: () não sabe

Dados sobre o pai:

Não sabe ler nem escrever () Não sei informar ()

Ensino Fundamental: Até a 4ª série () Até a 8ª série ()

Ensino Médio: Completo () Incompleto ()

Curso técnico: Sim () Não () qual:

Profissão do pai: Renda mensal: () não sabe

Dados dos avós maternos:

Escolaridade da avó: Escolaridade do avô:

Profissão da avó:.....Profissão do avô:.....

Dados dos avós paternos:

Escolaridade da avó:.....Escolaridade do avô:.....

Profissão da avó:.....Profissão do avô:.....

Escolaridade do companheiro/a (somente se vivem juntos)

Ensino Fundamental: completo () incompleto ()

Ensino Médio: completo () incompleto ()

Curso técnico: sim () não () qual:.....

Profissão do companheiro:Renda mensal:

Vida religiosa /participação /lazer:

Você faz parte de algum grupo dentro ou fora da comunidade?

- () Esportivo (time de futebol)
 () Religioso (grupo de jovens de igreja/organizações religiosas)
 () Outros
 () Não participo de nenhum grupo

Lazer preferido:

Você utiliza internet? () sim () não

Quanto tempo e onde costuma acessar a internet?

Ingressou em algum grupo ou associação? sim () não () Quando?

Se sim, quais são as principais atividades realizadas pelo grupo ou associação do qual participa?

Quantas vezes na semana costumam se encontrar?

Onde costumam se encontrar?

O que pretende fazer nesse período de férias 2011 / 2012?

Participação dos pais:

Seus pais participam de alguma organização:

- () Igreja
 () Associação
 () Sindicato
 () Outros

Você estaria disposto (a) a continuar concedendo informações no futuro? sim () não ()

Telefones para contato:

Endereço:.....

e-mail:

Muito obrigada!

APÊNDICE “C”

Códigos utilizados na transcrição de grupos de discussão e entrevistas narrativas⁶⁵

Y:	Abreviação para entrevistador (quando realizada por mais de um entrevistador, utiliza-se Y1 e Y2).
Am / Bf:	Abreviação para entrevistado/entrevistada. Utiliza-se "m" para entrevistados do sexo masculino e "f" para pessoas do sexo feminino. Num grupo de discussão com duas mulheres e dois homens, por exemplo, utiliza-se: Af, Bf, Cm, Dm e dá-se um nome fictício ao grupo. Essa codificação será mantida em todos os levantamentos subseqüentes com as mesmas pessoas. Na realização de uma entrevista narrativa-biográfica com um integrante do grupo entrevistado anteriormente, costuma-se utilizar um nome fictício que inicie com a letra que a pessoa recebeu na codificação anterior (por ex.: Cm = <i>Carlos</i>).
?m ou ?f:	Utiliza-se quando não houve possibilidade de identificar a pessoa que falou (acontece algumas vezes em discussões de grupo quando mais pessoas falam ao mesmo tempo).
(.)	Pausa curta (menos de um segundo).
(2)	Pausa (o número entre parêntesis expressa o tempo de duração da mesma).
L	Utilizado para marcar falas iniciadas antes da conclusão da fala de outra pessoa ou que seguiram logo após uma colocação (ver: Inserir símbolo no programa MS-Word).
;	Ponto e vírgula: leve diminuição do tom da voz.
.	Ponto: forte diminuição do tom da voz.
,	Vírgula: leve aumento do tom da voz.
?	Ponto de interrogação: forte aumento do tom da voz.
-tava	Submissão de parte inicial da palavra (estava = -tava).

⁶⁵ Modelo desenvolvido por Ralf Bohnsack e outros pesquisadores da Freie Universität Berlin, Alemanha e adaptações para a língua portuguesa desenvolvidas pelo grupo de pesquisa GERAJU (FE/UnB). Publicado em: WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. *Educação e Pesquisa. Revista de Educação da USP*. São Paulo, vol.32, no.2, p. 241-260, maio/ago. 2006. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a03v32n2.pdf>.

exem-	Submissão de parte final da palavra.
assim=assim	Palavras pronunciadas de forma emendada.
<u>exemplo</u>	Palavra pronunciada de forma enfática.
exe:::mplo	Palavra pronunciada de forma esticada (a quantidade de ::: equivale ao tempo de pronúncia de uma determinada letra).
°exemplo°	Palavra ou frase pronunciada em voz baixa.
exemplo	Palavra ou frase pronunciada em voz alta.
(exemplo)	Palavras que não foram compreendidas totalmente são colocadas entre parêntesis.
()	Parêntesis vazios expressam a omissão de uma palavra ou frase que não foi compreendida (o tamanho do espaço vazio entre parêntesis varia de acordo com o tamanho da palavra ou frase).
☺ exemplo ☺	Palavras ou frases pronunciadas entre risos são colocadas entre sinais de arroba (pode-se utilizar também símbolos smiles).
☺(2)☺	Número entre sinais de arroba expressa a duração de risos assim como a interrupção da fala.
©exemplo©	Palavras ou frases pronunciadas entre choro (pode-se utilizar também símbolos smiles).
©(5)©	Número entre sinais expressa a duração de um momento de choro e interrupção da fala (pode-se utilizar também símbolos smiles).
((barulho))	Expressões não-verbais ou comentários sobre acontecimentos externos, por exemplo: ((ruídos externos)), ((atendimento do celular e breve interrupção)), ((risos)).

Sinais de feedback afirmativo: “mhm” ou “ahã”

Vícios de linguagem: “eh” ou né:

Obs.: Os sinais de *feedback* afirmativo devem ser transcritos pois fazem parte da interação existente durante uma entrevista narrativa ou grupo de discussão. Nas entrevistas também é comum as pessoas empregarem o “eh” como uma espécie de pausa entre a frase anterior e a seguinte ou ainda o “né” ao final de uma frase. Esses elementos também devem ser transcritos.

APÊNDICE “D”



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Grupo de pesquisa: GERAJU (Gerações e Juventude)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Catarina Malheiros da Silva – matrícula UnB 10/0044425, doutoranda do Programa de pós-graduação em educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB, linha de pesquisa Políticas Públicas e Gestão da Educação, venho por meio deste informar-lhe a realização do projeto de tese intitulado “Encontro de tempos na escola: um estudo sobre gerações de estudantes no meio rural baiano”, sob a orientação da professora Dr^a. Wivian Weller.

Este projeto tem como objetivo analisar as relações intergeracionais e de gênero construídas no meio rural, considerando as mudanças surgidas a partir da elevação do nível de escolaridade da população jovem e adulta, bem como o impacto dos processos migratórios.

Informo que a atividade será desenvolvida considerando os princípios éticos da pesquisa científica conforme resolução Nº 12/2009 do PPGE/FE/UnB que dispõe sobre a ética na pesquisa em educação (disponível para download em: http://ppge.fe.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=26&Itemid=27).

Os/as participantes desta pesquisa serão convidados/as a participar de grupos de discussão e entrevista individual, baseada em roteiro temático e também a responder um formulário de identificação, para a pesquisa em profundidade, contendo questões acerca de assuntos referentes a educação escolar, relações intergeracionais no meio rural, além de questões pessoais.

O/a entrevistado/a será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar, sendo livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua

participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

As entrevistas serão realizadas em locais fechados sem a presença de outras pessoas. Será assegurada aos/às participantes a liberdade de não aceitar participar da pesquisa. Serão informados, também, que lhes será garantido o sigilo das informações e que suas falas gravadas serão identificadas por números e os formulários conterão nome e não sobrenome.

Todos/as os/as participantes que aceitarem participar da pesquisa poderão, a seu critério, assinar um termo de consentimento livre e esclarecido. A opção reside no fato de que a questão do anonimato é um direito, nesse caso, a entrevista sob a responsabilidade única da entrevistadora.

Por fim, eu _____, ciente do que me foi exposto acima, concordo com os procedimentos que serão realizados, participarei da pesquisa, bem como autorizo que sejam feitas entrevistas para a coleta de dados, não permitindo a minha identificação.

Palmas de Monte Alto, ____ de _____ de 2011.

Assinatura do sujeito da pesquisa

Catarina Malheiros da Silva
Doutoranda do PPGE – FE/UnB
Matrícula 10/0044425

APÊNDICE "E"

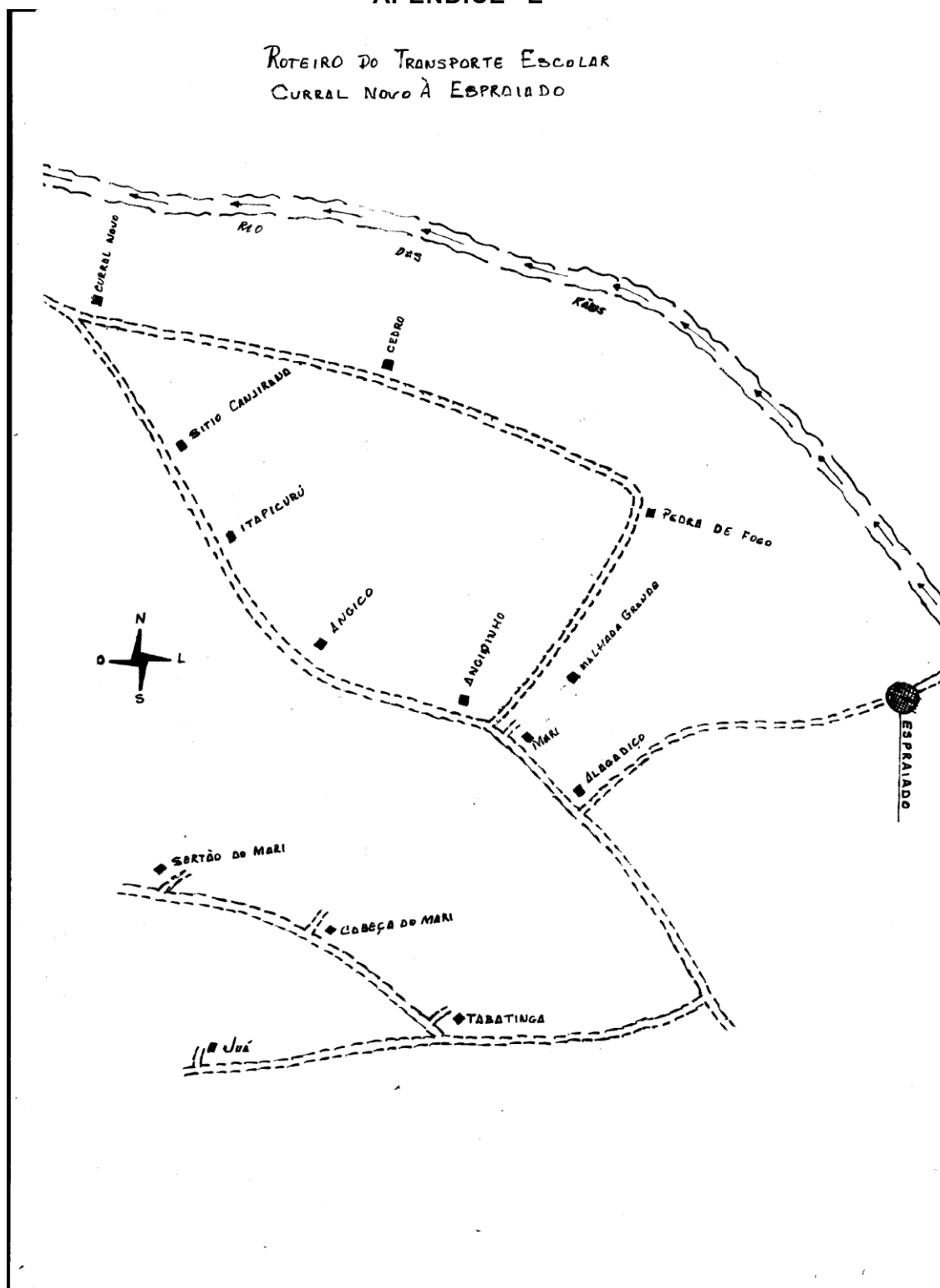
ROTEIRO DO TRANSPORTE ESCOLAR
CURRAL NOVO À ESPRAIADO

Figura Itinerário do transporte escolar rural:fazenda Curral Novo ao distrito Espiraiado.
Autores: aluno Valdinei e o professor Helton Ramos.

APÊNDICE “F”**Universidade de Brasília**Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Grupo de pesquisa: GERAJU (Gerações e Juventude)**Carta de apresentação à escola**

Eu, Catarina Malheiros da Silva – matrícula UnB 10/0044425, doutoranda do Programa de pós-graduação em educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB, linha de pesquisa Políticas Públicas e Gestão da Educação, venho por meio deste informar-lhe a realização do projeto de tese intitulado “Encontro de tempos na escola: um estudo sobre gerações de estudantes no meio rural baiano”, sob orientação da professora Dr^a. Wivian Weller.

Este projeto tem como objetivo analisar as relações intergeracionais e de gênero construídas no meio rural, considerando as mudanças surgidas a partir da elevação do nível de escolaridade da população jovem e adulta, bem como o impacto dos processos migratórios. Informo que a atividade será desenvolvida considerando os princípios éticos da pesquisa científica conforme resolução N^o 12/2009 do PPGE/FE/UnB que dispõe sobre a ética na pesquisa em educação (disponível para download em: http://ppge.fe.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=26&Itemid=27).

O trabalho de campo consiste na realização de grupos de discussão e entrevista individual com os/as jovens, pais e avós, além de observações nos espaços de circulação social, no distrito Espraiado e fazendas. Solicitamos, assim, a autorização e o apoio dessa instituição para realizarmos a coleta de dados. Os/as participantes desta pesquisa serão convidados/as a participar de grupos de discussão e entrevista individual, baseada em roteiro temático e também a responder um formulário de identificação, para a pesquisa em profundidade, contendo questões acerca de assuntos referentes a educação escolar, relações intergeracionais no meio rural, além de questões pessoais.

O contato com a pesquisadora poderá ser feito pelo telefone (77) 662-2169 ou pelo seguinte e-mail: catems14@yahoo.com.br. Agradecemos a colaboração dessa instituição.

Atenciosamente,

Catarina Malheiros da Silva
Doutoranda do PPGE – FE/UnB/Mat. 10/0044425

Profa. Dra. Wivian Weller
PPGE – FE/UnB/Mat.1010212

APÊNDICE “G”

Vocabulário de Espraiado e fazendas

Ao andar pelas ruas, nas viagens que fiz pelo Distrito, ao ouvir contar as histórias do “lugar”, os moradores do Distrito e fazendas nos apresentam algumas expressões e nomes que estão inscritos no dia-a-dia da comunidade:

Palavras:

Acreditadora	-	aquela que acredita
Adoada	-	doadada, doação
Afundador	-	Fundador
Altiou	-	Aumentou
Atinar os braços	-	levantar os braços
Carinhando	-	fazendo carinho
Casaiada	-	muitas casas
Casaronas	-	Casarão
Cidadão de cor	-	homem negro
Cidadão de qualidade	-	pessoa honesta, decente
Combão	-	cômodo grande
Combinho	-	cômodo pequeno
Contrarea	-	Contraria
Dar copa	-	dar conta de tudo
Deu a testa	-	Contestar
Desculturado	-	sem cultura, sem educação
Digitorar	-	auxiliar, prestar ajuda
Drogeiro	-	usuário de droga
Eleitoro	-	Eleitorado

Excluso	- Excluído
Falatório	- conversação, fofoca
Fazer soletração	- soletrar as letras
Ficar familiarizado	- casar, dedicar-se à família
Furador de dedos	- profissional de saúde que aplicava vacinas
Gracista	- pessoa engraçada, que faz graça
Grumento	- argumento, sabatina
Indiniplente	- Inadimplente
Irimandade	- Irmandade
Lugar social	- onde existe educação, bom tratamento
Lumiar	- Iluminar
Luxeza	- Luxo
Malandrado	- Malandro
Mandigas da noite	- Madrugada
Polêndica	- Polêmica
Procuradeira de festa	- organizadora de festa
Propagandaiada	- muita propaganda
Rebelidade	- Rebeldia
Roubador de vida	- assassino, homicida
Russiano	- Russo
Supitou	- Precipitou

Expressões:

- “Entra um aço contrário” - uma tentação.
- “Quem faz o bem sempre prepara a cabeça que recebe”.
- “Moreno é costa que aguenta”.
- “O ser humano por um momento de carne e sangue tem uma falha”.
- “As marcação que Deus prepara”.
- “Certos tipos de estudo prefiro meu ABC”.
- “Carregador de livro” - aluno que apenas frequenta a escola.
- “Entra no meio do mundo só Deus sabe aonde você vai”.

APÊNDICE “H”

Modelo de interpretação formulada e refletida do Método Documentário

GD Jovens homens que interromperam o ensino médio e saíram pelo meio do mundo

621 Y:E vocês poderiam falar sobre ser jovem e trabalhar nos
 622 cortes de cana como é que é essa experiência prá vocês
 623 ser jovem e trabalhar nos cortes?
 624 Nm: Experiência boa porque você sendo jovem
 625 construindo um futuro quando você tiver mais de idade
 626 você vai saber que você tá numa condição de vida né que
 627 você:: trabalhou prá construir aquilo né então no futuro
 628 você for uma pessoa que tem juízo que sabe administrar
 629 as coisas você vai saber que você vamos supor você hoje
 630 tá com trinta quarenta anos aí você vai pensar quando eu
 631 fui jovem eu trabalhei prá construir isso e hoje eu tô aqui e
 632 graças a Deus tenho a minha casa e tal o meu carro
 633 alguma coisa você vai saber que se eu tivesse ficado aqui
 634 dificilmente eu ia construir isso e hoje e eu saí pro mundo
 635 quando eu fui jovem trabalhei e hoje eu tenho isso por
 636 isso que é muito bom
 637 Um: É o jovem eh que nós eh nós jovem nós tem que
 638 pensar no futuro nosso eh:: mais prá frente nossa vida né
 639 nós tem trabalho enquanto nós tá novo enquanto nós
 640 güenta porque depois de velho que já tiver idade não vai
 641 guentar trabalhar então tem trabalho enquanto é jovem
 642 pensar em ir prá fora e fazer algum objetivo na vida eh
 643 trabalhar prá ganhar dinheiro fazer a nossa casa construir
 644 a nossa família que aí quando o que será de nós depois
 645 que nós tiver velho nós tiver nossos filhos nós não guentar
 646 trabalhar e não tiver dinheiro prá manter a nossa família?
 647 Aí fica ruim prá nós tem que trabalhar enquanto é jovem e
 648 tem que sair e trabalhar prá construir alguma coisa na
 649 vida.

Interpretação formulada

Os canaviais constituem-se em espaços que demandam a inserção de homens jovens, cuja vitalidade física representada pela força, resistência e disciplina, é reivindicada como indispensável para a realização do trabalho. Considerando que estes espaços marcam a biografia pessoal dos jovens do distrito, a entrevistadora se dirige ao grupo com o intuito de compreender a experiência de ser jovem e trabalhar nos cortes de cana.

Os rapazes positivam a experiência de ser jovem e trabalhar nos cortes de cana, dada a possibilidade que o trabalho oferece ao jovem para a construção do futuro, tal como propõe Ney “você sendo jovem construindo um futuro”. A condição de jovem trabalhador permite que num momento posterior “quando você tiver mais de idade” se constate que está “numa condição de vida”, certamente favorável.

Interpretação refletida

Para o grupo a condição de ser jovem está atrelada a uma imagem positiva do futuro, que se constitui como dimensão temporal possível e desejada, haja vista que representa a concretização das conquistas, alcançadas através do trabalho num momento anterior, representado pelo tempo presente. Os significados atribuídos pelos jovens ao tempo presente estão associados à sua condição de jovem trabalhador. Para os jovens o tempo presente tem sua centralidade apoiada na possibilidade de trabalhar, experiência vista como capaz de garantir o acesso a bens como a construção da casa e a compra do carro, mas também permite ser reconhecido positivamente pela comunidade, quando adulto.

A imagem dos homens que já estão “mais de idade” sem trabalho e sem família no distrito figura como uma ‘sina’ a não ser seguida pelos jovens rapazes. O momento em que o homem já está “mais de idade” possibilita saber qual foi a postura assumida em relação ao trabalho, quando jovem. Nesse sentido, a condição de jovem trabalhador certamente reivindica a assunção de comportamentos e habilidades percebidos como importantes pelos jovens rapazes. Ser “uma pessoa que tem juízo, que sabe administrar as coisas” passa a ser decisivo para alcançar o êxito no futuro.

Os jovens rapazes concebem o trabalho como experiência necessária e possível, crença ancorada no fato de que são homens jovens que estão no auge da força vital, e projetam a sua inserção em atividades laborais que impulsionam a saída “pra fora”. O distrito de origem parece não apresentar ofertas de trabalho que compensem o dispêndio de energia de que dispõem para ser utilizado. Já o trabalho realizado nos cortes de cana tem na sua gênese a predileção por um biótipo, que somente os corpos de homens fortes, resistentes e saudáveis podem concorrer. Trata-se de um tipo de trabalho possível de ser executado quando se é jovem, “enquanto nós tá novo”, “enquanto nós guenta”, e que certamente estimula os jovens rapazes a sair pra fora, dada as chances que tem de serem inseridos.